

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Rhuan Targino Zaleski Trindade

***UM CIENTISTA ENTRE COLONOS: CESLAU BIEZANKO,
EDUCAÇÃO, ASSOCIAÇÃO RURAL E O CULTIVO DA SOJA NO
RIO GRANDE DO SUL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1930.***

Mestrado em História

Porto Alegre, agosto de 2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Rhuan Targino Zaleski Trindade

***UM CIENTISTA ENTRE COLONOS: CESLAU BIEZANKO,
EDUCAÇÃO, ASSOCIAÇÃO RURAL E O CULTIVO DA SOJA NO
RIO GRANDE DO SUL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1930.***

Mestrado em História

Dissertação apresentada como requisito parcial para o recebimento do título de mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Regina Weber

Porto Alegre, agosto de 2015

CIP - Catalogação na Publicação

Trindade, Rhuan Targino Zaleski
UM CIENTISTA ENTRE COLONOS: CESLAU BIEZANKO,
EDUCAÇÃO, ASSOCIAÇÃO RURAL E O CULTIVO DA SOJA NO
RIO GRANDE DO SUL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1930 / Rhuan
Targino Zaleski Trindade. -- 2015.
289 f.

Orientadora: Regina Weber.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2015.

1. Imigração polonesa. 2. Ceslau Biezanko. 3.
Soja. 4. História Rural. 5. Guarani das Missões. I.
Weber, Regina , orient. II. Título.

Dedico a presente dissertação *in memoriam* de
minha amada tia Geni Parahyba Szalanski 22/04/1945 – 02/05/2015.

AGRADECIMENTOS

Não é tarefa fácil lembrar e agradecer todas as pessoas que ajudaram nestes mais de dois anos de instigante processo de construção do trabalho-dissertação, numa profícua atividade de ensino e aprendizagem que envolveu Porto Alegre, Curitiba e Guarani das Missões, além de múltiplas entidades e indivíduos.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao apoio da minha família, nomeadamente minha mãe Marli, meu pai Antonio, minha irmã Cássia e minha companheira Letícia, sem os quais a realização desta tarefa seria impensável, foram a base que manteve as estruturas psicossociais para o desenvolvimento da dissertação. Além disso, agradeço também pela empatia na temática da imigração polonesa, estímulo oferecido através da minha família materna de origem migrante.

Um agradecimento especial para o querido professor Leonardo Kolesny, que com imensa camaradagem, foi fundamental nas traduções do idioma polonês e no conseguimento de diversas citações que aparecem ao longo dos nossos capítulos.

Gostaria de dedicar agradecimentos também: Ao PPGH/UFRGS e seu corpo docente, especialmente à professora Dra. Regina Weber, pela orientação rigorosa, leituras profiláticas desta pesquisa, pelos textos e Palestras que ofereceram novas perspectivas e, enfim, pela atenção que a mim dedicou.

A CAPES, pela bolsa de estudos fundamental para a realização da pesquisa.

A todos os entrevistados descendentes ou não de poloneses, especialmente de Guarani das Missões, pela solicitude em me receber em suas casas e permitir que me apropriasse das suas considerações e valiosas memórias. Dedico agradecimento especial à Gisela Kaminski, que foi minha cicerone pela cidade de Guarani e a sua mãe, Zélia, pessoa de interesse formidável pelas questões da polonidade e cujas informações foram fundamentais para este trabalho.

Ao padre Lourenço Biernaski da Congregação da Missão de Curitiba, pela recepção e ajuda na pesquisa do Acervo dos Padres Vicentinos, importantíssimo na consecução de nossos objetivos. Ao caro Derly Pavulack, assistente de administração do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter da UFPEL em Pelotas, pelo atendimento e ajuda na pesquisa do Acervo Ceslau Biezanko.

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS, em nome de seus funcionários, em especial Francisco Carvalho, pelo acesso à documentação do Acervo Edmundo Gardolinski.

A Sociedade Polônia de Porto Alegre e seus sócios, Sidnei Ordakowski, Wilson Rodycz, cônsul honorário da República da Polônia em Porto Alegre, Ademir Grzeszczak e Estácio Nievinski, pelo interesse na pesquisa e apoio nas atividades com envolvimento da comunidade Polônica.

Ao prof. Dr. Jonas das Neves, pela solicitude em atender meus pedidos de bibliografia exigentes e constantes e ao prof. Dr. Tiago Gil por me oferecer auxílio com os dados por ele pesquisados sobre a colônia Guarany.

Ao caro colega Paulo Sérgio de Souza de Azevedo pela amizade, apoio e convívio extra-acadêmico.

Em suma, seriam necessárias muitas páginas para incluir os que de alguma maneira fizeram parte desta jornada, mas mesmo assim, espero que aqueles que contribuíram comigo nestes anos, sintam-se abraçados. A todos, meu MUITO OBRIGADO! Rhuan Targino Zaleski Trindade

“Os historiadores, conquanto microcósmicos, devem se posicionar em favor do universalismo, não por fidelidade a um ideal ao qual muitos de nós permanecemos vinculados, mas porque essa é a condição necessária para o entendimento da história da humanidade, inclusive a de qualquer fração específica da humanidade.”

Eric Hobsbawm

"meu coração de polaco voltou coração que meu avô trouxe de longe pra mim um coração esmagado um coração pisoteado um coração de poeta"

Paulo Leminski

“O mundo é uma geóide, uma esfera achatada, uma elipsóide e não uma bola de futebol: o mundo não se conquista com os pés, mas sim com a cabeça!”

Ceslau Biezanko

RESUMO

A proposta desta dissertação é apresentar um estudo sobre a relação entre o agrônomo polonês Ceslau Biezanko, imigrante que chegou ao Brasil na década de 1930, e os colonos poloneses da atual cidade de Guarani das Missões, que, segundo as fontes, teriam sido incentivados por Biezanko a cultivar soja, muito antes do “boom” deste produto no Rio Grande do Sul. As relações entre o cientista e os colonos, mediadas por párocos poloneses, se inserem num quadro em que atuam relações étnicas e projetos de modernização agrícola e industrial, os quais não deixaram de encontrar resistências. As fontes utilizadas na pesquisa são bem diversificadas: entrevistas, documentos pessoais, dados oficiais e produção intelectual, e os aportes teóricos são também diversos, destacando-se a noção de redes sociais e liderança étnica.

Palavras-chave: Biezanko, poloneses, colonos, soja.

ABSTRACT

The proposal for this master thesis it's to present a study about the relation between the polish agronomist Czesław Biezanko, an immigrant arrived in Brazil by the 1930s, and the polish colonists from actual town of Guarani das Missões, that according to the sources, have been encouraged by Biezanko to grow soybeans, long before the product's "boom" in Rio Grande do Sul. The relations between the scientist and the colonists, mediated by polish parish priests, are inserted in a frame where it actes ethnic relations and agricultural and industrial modernization projects, which it don't let to encounter resistances. The research used sources are very diversified: interviews, private documents, official data and intellectual production, and the theoric contribution are as well diverse, highlightening the notion of social networks and ethnic leadership.

Key-words: Biezanko, polish, colonists, soybeans.

LISTA DE SIGLAS

PPS - *Polska Partia Socjalistyczna* – Partido Socialista Polonês

CTR - *Centralne Towarzystwo Rolnicze* - Sociedade Central Agrícola

ZZP - *Związku Zrzeszeń Polskich* - União das Associações Polonesas de Porto Alegre

CZP - *Centralny Związek Polaków w Brazylii* - União Central dos Poloneses no Brasil

PRL – *Polska Rzeczpospolita Ludowa* - República Popular da Polônia

ZZRP - *Związek Zawodowy Rolników Polskich w Brazylii* - União dos agricultores poloneses do Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FENASOJA - Feira Nacional da Soja

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

NPH- Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Polônia e suas divisões no século XVIII	40
Figura 2- Foto do jovem Biežanko então com 22 anos de idade.....	54
Figura 3- Foto de leitura pública do <i>Lud</i> em uma região colonial.	147
Figura 4 - Ceslau Biežanko Aluno da Universidade Jagiellônica em Cracóvia (1920).	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Demonstrativo da imigração polonesa para o Brasil – período 1871-1914 ...	43
Tabela 2 - Número de Poloneses frente à população total dos estados do sul do Brasil em 1920	44
Tabela 3- Poloneses e descendentes no Brasil em 1937.....	44
Tabela 4 - Quadro da população colonial do Rio Grande do Sul em 1928.....	46
Tabela 5 - Área colhida, quantidade produzida e valor da produção de soja — 1952-1987	118

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO 1 - Localização atual do município de Guarani das Missões no Estado do Rio Grande do Sul	281
ANEXO 2 - Mapa de Guarani das Missões atual 2015	282
ANEXO 3 - Mapa da sede da cidade de Guarani das Missões, 2013.....	284
ANEXO 4- Ceslau Biezanko em 1912. Kielce.....	285
ANEXO 5 - Gabinete de Ceslau Biezanko, 1º assistente de química da Universidade de Poznan.	285
APÊNDICE 1- Síntese Cronológica da História da Soja no Brasil.....	288
APÊNDICE 2 - Imagem da Rua Ceslau Biezanko em Guarani das Missões.....	289
APÊNDICE 3- Tabelas de plantas introduzidas por Biezanko em Guarani das Missões	290

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. <i>KIELCZANIN Z BRAZYLII</i> : A trajetória intelectual de Ceslau Bieżanko e a imigração polonesa no Brasil	37
1.1. Um cientista polonês na América do Sul.....	37
1.2. A Imigração Polonesa no Brasil e no Rio Grande do Sul: entre colonos e intelectuais	38
1.2.1. A Polônia pré-imigração: um breve panorama.....	38
1.2.2. Fluxos migratórios.....	41
1.2.3. Os primórdios de Guarani das Missões	47
1.3. Da imigração massiva à qualificada: Ceslau Bieżanko, caminho científico e a chegada ao Brasil	50
1.4. A experiência polonesa em Misiones	57
1.5. A chegada de Bieżanko ao Brasil: um imigrante com “concurso útil” para o país	68
2. <i>CHŁOPI</i> : Camponeses, Colonos, Poloneses e a Economia Gaúcha	86
2.1. Teorias do campesinato: Que(m) são os camponeses?.....	87
2.2. O <i>camponês</i> polonês no Brasil: os <i>colonos</i> em Guarani das Missões	96
2.3. A Zona Colonial gaúcha e a agricultura/economia colonial.....	107
2.4. Uma breve história da Soja no Brasil	126
2.5. A “Paternidade da Soja” e a relação Polônia, imigrantes poloneses, soja: Bieżanko e outros personagens.....	131
2.6. A agricultura nos periódicos polono-brasileiros.....	146
3. <i>MOTYLARZ</i> - “O HOMEM DAS BORBOLETAS”: Processo de Introdução da Soja e a atuação de Bieżanko na organização e educação colonial em Guarani das Missões	155
3.1. Bieżanko em Guarani das Missões	155
3.2. O incentivo à produção das novas variedades de soja.....	158
3.3. Vínculos pessoais e liderança: conformando a rede	175
3.3.1. O Padre polonês	178
3.3.2. A Liderança/dirigência e seus aspectos étnicos	188

3.3.3. As instituições agrícolas e educacionais: o CTR, a Escola Agrícola e o <i>Kolegium</i>	191
3.4. Pożegnanie: a saída de Guarani e o rumo a Pelotas	228
CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	248
FONTES CONSULTADAS.....	269
ANEXOS	280
APÊNCIDES	287

INTRODUÇÃO

Nunca mais um homem deixará para trás a sua pátria de forma tão irreversível como os poloneses deixaram a Polônia no século XIX e no começo do século XX.

Leticia Wierzchowski¹

Vale a pena perguntar: Quem lançou os fundamentos da riqueza de hoje do Rio Grande do Sul que é o cultivo da soja em larga escala? Já em 1932, justamente o polonês Biezanko contribuiu para a introdução do cultivo da soja no estado, tendo realizado o seu trabalho pioneiro juntamente com imigrantes poloneses em Guarani das Missões. Além de muitas distinções e diplomas, recebidos de diversos países, foi honrado com a condecoração máxima do Brasil, a “Ordem do Cruzeiro do Sul”.

Zdzisław Malczewski SChr²

“Aquele velinho é doido varrido. Aquele velhinho é louco, bêbado, um monstro, uma raridade, um gênio”. Eis as primeiras linhas de uma reportagem de 1976³, reproduzindo declarações de um entrevistado remetendo à vida de aposentado de uma figura incomum e muito pouco conhecida da história do Rio Grande do Sul, o cientista Ceslau Biezanko.

Antes de perfazermos quem é este personagem algumas considerações iniciais são necessárias. Primeiramente, a imigração e colonização europeia no Rio Grande do Sul tem sido por muito tempo objeto de pesquisas englobando uma grande variedade de temáticas, não obstante, como um fator gerador de estudos, está longe de esgotar-se, visto que, por exemplo, um dos grupos de europeus que fizeram parte desse fenômeno tem estado na penumbra dos trabalhos acadêmicos, os poloneses. Este elemento constituinte da sociedade gaúcha tem uma grande importância numérica para o estado, no entanto, isto não está refletido no seu estudo, resumido a alguns trabalhos pontuais. A historiografia tem feito menção à relativamente pequena produção sobre imigração

¹ Trecho do livro “Uma ponte para Terebin”.

² Trecho do artigo: “Algumas considerações sobre o livro de Isabel Rosa Gritti a respeito de preconceito em relação à imigração polonesa no Rio Grande do Sul”.

³ Agricultura & Cooperativismo, Porto Alegre, julho de 1976.

polonesa, sempre comparada à extensa bibliografia sobre imigração italiana e alemã. Este enfoque comparativo foi questionado por Regina Weber e Thaís Janaína Wenczenovicz (2012), que apontaram uma série de argumentos sobre as dificuldades de se trabalhar com a temática da comunidade polonesa, bem como buscaram explicar o pequeno desenvolvimento de pesquisas sobre os poloneses no âmbito acadêmico.

Uma possibilidade para enfrentar a questão é a investigação da documentação do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS (NPH), o qual possui o Acervo Edmundo Gardolinski⁴, este contém muitas fontes sobre o grupo polonês, especialmente para o Rio Grande do Sul. Foi a partir da pesquisa neste espaço e financiado pelo projeto “*A Imigração polonesa no Sul do país: novas fontes e temas de pesquisa*”⁵, que se originou o desenvolvimento deste trabalho.

Baseado, então, na documentação do NPH e na busca por outras fontes de pesquisa, pensamos em trabalhar com aquele personagem, importante para o grupo polonês, ainda que comparado com os estudos existentes sobre Edmundo Gardolinski (WENCZENOVICZ, 2011), apesar de mencionado, é pouco conhecido. O fato deste intelectual, num sentido estrito do termo (intelectual acadêmico), ter escrito para um público mais acadêmico, certamente contribui para sua pouca visibilidade fora dos círculos científicos.

Ceslau Mario Biezanko (em polonês Czesław Mariusz Bieżanko⁶) foi um imigrante polonês nascido em 22 de setembro de 1895, em Kielce⁷, que depois de se formar Engenheiro Agrônomo e trabalhar na Europa, foi enviado pelo governo polonês (WACHOWICZ, SCHR, 2000, p. 37) para a América do Sul e o Brasil⁸, onde se fixaria e morreria no ano de 1986, como apresentado na reportagem acima, com uma pequena

⁴ O Núcleo de pesquisa em História da UFRGS possui o Acervo Edmundo Gardolinski, o qual conta com uma série de documentos recolhidas pelo engenheiro de origem polonesa, que foi um dos primeiros a estudar a etnia ao longo de sua trajetória de vida. A descrição do acervo está disponível de modo virtual: <http://www.ufrgs.br/nph/arquivo-edmundo-gardolinski/apresentacao-do-arquivo-edmundo-gardolinski>.

⁵ Com a orientação da professora Dra. Regina Weber do PPGH da UFRGS.

⁶ Pronuncia-se “Tchesuav Mariush Biejanko”.

⁷ Cidade localizada no centro-sul da Polônia, na província (Voivodia) de Świętokrzyskie.

⁸ Ao chegar na década de 1930, Biezanko pode ser considerado um imigrante tardio. É interessante observar se existe alguma diferença entre os imigrantes poloneses de contextos diversos e de fases distintas da imigração. Para os alemães, Seyferth (2000: 99) aponta que os “chegados” nas décadas de 1920-1930 eram designados *Neudeutscher*, ou “alemães novos”, que apesar de não causarem clivagens internas na comunidade étnica, tinham estilo de vida e concepções de mundo diferentes.

aposentadoria e visto como “louco”. Durante sua estada no país, foi professor de agronomia e um pesquisador colecionador da área de entomologia⁹, principalmente lepidópteros.

O assunto desta pesquisa, entretanto, não é a atuação de Biezanko no campo no qual teve mais destaque, o científico-acadêmico, mas suas relações com os colonos e letrados poloneses do interior do estado do Rio Grande do Sul pelo fato de o entomólogo ter permanecido, no início da década de 1930, por aproximadamente dois anos na colônia polonesa de Guarani das Missões, localizada naquele estado, chamada nas fontes e no discurso popular apenas de Guarani, forma que usaremos correntemente ao longo do texto. Como cientista, Ceslau Biezanko tinha ideias de modernização, de industrialização, mais especificamente, de produção e beneficiamento de produtos agrícolas, em especial, a introdução da soja, mas não apenas, posto que outras sementes foram utilizadas e, inclusive, o desenvolvimento da cultura dos bichos-da-seda naquela colônia polonesa. Tal projeto dependia da mudança de práticas agrícolas dos produtores da matéria-prima. As práticas agrícolas se constituem em práticas culturais e sua mudança pode, em curto prazo, encontrar resistências (CHAYANOV, 1974).

Como professor, Biezanko exerceu forte influência no ramo educacional e organizacional da colônia, dando aulas de diferentes disciplinas em instituições educacionais existentes, trabalhando na construção de escolas e associações, as quais serviram para expandir os seus vínculos pessoais, conduzir a introdução de variedades de soja e outros produtos, elaborar e divulgar pesquisas e conhecimento sobre o meio rural em periódicos polono-brasileiros, principalmente de Curitiba e, assim, permitir a consecução de atividades de um intelectual junto aos seus patrícios colonos.

Uma hipótese desta pesquisa é que a condição étnica foi um propiciador da inserção de Biezanko entre os poloneses, tendo esta inserção do intelectual junto aos camponeses sido mediada por párocos igualmente poloneses como Jan Wróbel e autoridades laicas. Muitos autores concordam com a proeminência dos sacerdotes entre os colonos (MARMILICZ, 1996; WACHOWICZ, 1974; SEYFERTH, 2000), segundo

⁹ Parte da sua coleção está no Museu Entomológico Ceslau Biezanko, o qual faz parte do Museu Carlos Ritter. Localizado em Pelotas, tutelado pela UFPEL (Universidade Federal de Pelotas).

Wachowicz (1974), os padres eram uma liderança natural dos imigrantes provindos da Polônia, pelo fato de o elemento religioso ser um agregador étnico deste grupo¹⁰. Wróbel e outros padres, os quais contribuíram com Biezanko pertenciam à Congregação da Missão¹¹, eram vicentinos, missionários que desde 1903 começaram a chegar a Curitiba, e fortemente ligados aos poloneses principalmente com a Vice-Província Polonesa no Brasil instalada em 1921, a qual se irradiou por outros Estados do país, nomeadamente Rio Grande do Sul e Santa Catarina, promovendo o caráter e identidade étnica polonesa, bem como tentativas de desenvolvimento econômico (WEBER, 2015).

Nesse contexto, a atuação deste entomólogo em Guarani das Missões resultou no seu reconhecimento oficial¹² como introdutor da soja no estado durante o regime militar no Brasil e justamente num período de grande investimento na soja, singularmente na região sul, com a “modernização conservadora” da agricultura (BRUM, 1988)¹³, este reconhecimento confere, para além da sua posição de intelectual, uma postura de liderança, a qual teria a composição de elementos de caráter étnico. Baseado nestes dados, o estudo deste indivíduo se faz premente para contribuir com a produção acadêmica sobre lideranças étnicas como os trabalhos de Silva (2006), especialmente do elemento polonês e, também, para ampliar este campo de estudos¹⁴.

Apesar de Biezanko ser um dos introdutores de variedades de soja no Brasil e no Rio Grande do Sul, particularmente dentro da comunidade polonesa há divisões quanto ao seu pioneirismo, as quais criaram uma polêmica, da qual trataremos no capítulo 2, incluindo outros personagens e lideranças étnicas polonesas no próprio

¹⁰ Ceva (2006) aponta que os sacerdotes funcionavam como líderes étnicos tendo diversos papéis na comunidade. Entretanto, tal preponderância do clero é fruto da falta de autoridades laicas letradas capazes de exercer liderança entre os colonos poloneses pelo menos num período inicial.

¹¹ Fundada em Paris em 1625 por São Vicente de Paulo (1581-1660).

¹² Em 1963, foi-lhe concedido a Ordem do Cruzeiro do Sul, como o introdutor da soja no Brasil.

¹³ Apesar de um reconhecimento oficial, a soja muito provavelmente tem introduções anteriores. Já em 1882 aparecem as primeiras experiências com ela no Brasil com o agrônomo D’Utra. Já com relação à dispersão entre os agricultores Christiansen aponta 1914 como chegada de algumas sementes na própria região de Santa Rosa, próxima a Guarani, ligado a colonização alemã. Ainda há referências a japoneses no início do século XX em São Paulo, entre outras versões. O fato é que Biezanko pode ser assumido como alguém que introduziu variedades distintas daquele produto e os distribuiu aos agricultores tirando dos laboratórios.

¹⁴ Existem trabalhos sobre personagens de destaque da imigração alemã, dentre eles, destaco o de Silva (2006), “*Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*”, há também estudos para a Argentina, Bernasconi e Frid (2004) “*De Europa a las Américas. Dirigentes y liderazgos (1860-1960)*”.

noroeste do Estado e no Paraná, que reforçam a vinculação da produção da soja pelos poloneses, no entanto, não é nosso objeto resolver a polêmica, mas apenas apontar a complexidade que rodeia o nome de Biezanko com relação aos produtos por ele introduzidos e estimulados. Com o foco na figura do cientista polonês pretendemos explorar o princípio da produção da soja no Rio Grande do Sul nas colônias polonesas do noroeste gaúcho, no início da década de 1930, bem como a contribuição de Biezanko em tentativas com outras atividades e artigos (sorgo, bichos-da-seda, etc.), na fundação de instituições com objetivos de desenvolver as condições agrícolas e materiais dos colonos.

A atuação de Biezanko, como intelectual enquadrado em um momento específico da história polonesa, a Segunda República (1918-1939), estabelecida no entreguerras, e na sua vinculação com a comunidade emigrada no Brasil, permite analisar os impactos da clivagem *clericalis x anticlericalis* entre as lideranças intelectuais e religiosas polonesas nas colônias, com reverberações nas ações do cientista e nos seus vínculos pessoais, além de expor a presença dos instrutores poloneses (*instruktorów*)¹⁵, uma ação étnica do Estado polonês da Segunda República, que funcionava através de emissários enviados pelo governo às comunidades polônicas, muitas das quais ocuparam as barricadas anticlericais conformando vários conflitos.

Nesse sentido, a atuação de Biezanko, que compõe um capítulo da história econômica do Rio Grande do Sul, seria impensável sem sua inserção em *redes* de imigração polonesa, religiosas ou laicas, conformadas antes da chegada do cientista, nas quais ele se insere, e depois, com sua atuação e criação de associações, as expande, envolvendo padres, anticlericais, colonos, intelectuais (professores, engenheiros, médicos, etc.) construindo um trabalho amplo, econômico e social, que sobressai sobre as atividades de outros interessados na soja, ademais de estabelecer relações que vão além de Guarani, constituindo redes de sociabilidade com a sociedade majoritária, em especial, com os poloneses de Curitiba e Porto Alegre, sendo fortemente reconhecido

¹⁵ *Instruktorów*, intelectuais providos da Polônia, os quais vão ocupar em geral cargos em instituições educacionais, muitos dos quais estavam vinculados ao governo polonês de forma direta através de um emprego ou de forma mais indireta a partir de relações pessoais. Todos com objetivos específicos de aproveitar os poloneses nas colônias fruto da diáspora.

oficialmente quando do *boom* da soja nas décadas posteriores a 1960, tanto por seu trabalho como pela sua condição posterior de intelectual estabelecido no campo acadêmico brasileiro.

Ao pensar as questões de introdução, produção e beneficiamento da soja a partir de um espaço social particular, uma colônia polonesa, trazemos a tona elementos da história agrária, ambiental (pois foi a planta mais impactante no meio ambiente da região do Planalto gaúcho) e econômica, com o fito de ampliar a análise encontrando novos caminhos para o campo dos estudos imigratórios, o qual, segundo Levi (2009) parece estar envelhecido, “ficando muito descritivo e estandardizado”.

De acordo com estes apontamentos, refletimos a história temática de vida de Ceslau Biezanko como um ponto de partida para evidenciar o contexto mais amplo, o qual presume o movimento migratório polonês, caracterizado pelo cultivo da terra, via de regra, em pequenas propriedades rurais. O cientista se destaca, uma vez que não faz parte deste grupo camponês, é um intelectual, operando mais como uma liderança diante dos colonos, mediada por outros líderes, notadamente, da esfera religiosa, uma relação que compreende características próprias de conteúdo étnico (BARTH, 1998, STREIFF, POUTIGNAT, 1998, WEBER, 2009). A partir destas considerações, levando em conta o campo dos estudos de imigração, biografia, etnicidade e história cultural, e, de modo secundário, o campo da história intelectual e econômica, propomos as seguintes questões a serem respondidas:

1. Que elementos da trajetória intelectual de Biezanko auxiliam a compreender a sua chegada na região de Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul, durante início da década de trinta, no contexto da imigração polonesa para o Brasil e o Rio Grande do Sul?
2. Qual o contexto econômico rural gaúcho da década de 1930, principalmente, as condições da zona colonial, da utilização de produtos coloniais e da soja, enfocando a economia camponesa dos chamados “colonos”, europeus dedicados à agricultura?
3. De que forma sucedeu a atuação de Biezanko no ramo educacional e associativo da colônia polonesa e como ocorreu o processo que levou ao cultivo do soja e outros produtos naquele município do interior do Rio Grande do Sul, dando

ênfase ao papel da liderança e das relações entre Biezanko, os colonos, letrados e os padres poloneses?

A espacialidade do trabalho predomina sobre a região de Guarani das Missões¹⁶ no noroeste gaúcho, fazendo parte da unidade morfológica do Planalto¹⁷, a cidade é conhecida pelo título de Capital Polonesa dos Gaúchos¹⁸, uma vez que aproximadamente 80% da população é de origem dessa etnia (GUIMARÃES, 2007). Até hoje, sua economia é baseada no cultivo de soja¹⁹, produto que ganhou notabilidade a partir do final dos anos 1960 dentro da economia brasileira (BRUM, 1988). É justamente a partir deste período que Biezanko passa a ter maior reconhecimento por parte do âmbito público, dos órgãos de imprensa e da própria comunidade polonesa de Guarani das Missões.

No Rio Grande do Sul, a soja foi por muitos anos um motor econômico, especialmente a partir da produção mecanizada na região do Planalto gaúcho, a qual envolveu um processo de transformação da produção capitalista no setor agrário (RÜCKERT, 2003), de maneira que, com a decadência da agricultura tradicional e a modernização incentivada pelo Estado Brasileiro no pós-Segunda Guerra, esta cultura passou a se desenvolver atingindo resultados muito importantes para a economia nacional (BRUM, 1988).

O recorte cronológico tem um foco mais veemente no momento da introdução do produto, no início da década de 1930, mais especificamente do final de 1931, quando

¹⁶ “O Município foi criado pela Lei Estadual nº 3.699 de 31 de janeiro de 1.959 e a instalação ocorreu, no dia 27 de maio do mesmo ano, com a posse do primeiro Prefeito e da Câmara de Vereadores, data em que se comemora o Dia do Município” (GUARANI DAS MISSÕES. Histórico Disponível em <http://www.guaranidasmissoes.rs.cnm.org.br/portal1/municipio/historia.asp?idMun=100143176>) Acessado em 06/08/2012. Segundo o censo do IBGE de 2010, conta com 8.115 habitantes.

¹⁷ Esta região para além de critérios fisiográficos, também é definido por condições históricas (RÜCKERT, 2003: 16): “a leste, os campos de cima da serra; ao norte o Alto Uruguai; a oeste, as Missões e o planalto médio ao centro.”. Paulo Zarth (1997: 18) define que “o planalto é limitado ao sul por uma escarpa acentuada que consiste em grande obstáculo às comunicações [...] ao norte e ao oeste. Nesses lados corre o rio Uruguai, de difícil transposição [...] na margem oposta estavam a província de Santa Catarina ou a República Argentina.

¹⁸ Título esse adquirido em 1996 após a patente de “Capital polonesa do Brasil” pelo município de Áurea, também no Rio Grande do Sul.

¹⁹ De acordo com o IBGE, a agropecuária é responsável por, pelo menos, um terço da economia do município. A produção da soja junto com a do trigo são as mais exploradas no meio rural. A soja conta com mais de 17.000 hectares plantados, produzindo quase 41.000 toneladas.

Biezanko chega ao Brasil²⁰ a 1934, quando o entomólogo polonês teoriza sobre a experiência com o soja na colônia polonesa e publica os resultados no periódico *Lud* (O povo), de Curitiba. Depois, expande-se na questão do *boom* da soja dos anos 1960/70 e o reconhecimento público da figura de Biezanko, bem como evidenciando a (re)construção da memória dos dias atuais existente sobre este evento.

Definimos a trajetória de Biezanko resumida em poucos anos, na sua vinculação com os colonos e a produção da soja, isto é, sua atuação mais direta entre seus patrícios, mas é importante ressaltar que o agrônomo foi um intelectual que adquiriu importância no universo acadêmico escrevendo artigos, palestrando e pesquisando em diferentes ciências, sendo ativo com a comunidade polonesa de Pelotas e gaúcha em geral, mas nunca mais agindo diretamente na introdução de novidades entre agricultores.

A imigração polonesa, como já supracitado nas seções acima, ainda não tem uma grande quantidade de bibliografia, particularmente acadêmica, desenvolvida. A maioria dos trabalhos são de historiadores não profissionais, em grande medida, permeados de noções laudatórias, apologéticas ou miserabilistas. Ainda assim, estes estudos proporcionam, ao menos, informações baseadas em pesquisas empíricas muitas delas de grande fôlego, buscando documentações em paróquias, arquivos privados, arquivos públicos e, quiçá, na própria Polônia. Ademais, há também traduções de cartas, entrevistas com personagens já falecidos, incluindo imigrantes e outros documentos.

Em nível de Rio Grande do Sul, as primeiras obras importantes sobre a imigração e colonização polonesa são da década de 1950, antes dessa data há apenas alguns relatos²¹. Em 1958, o já mencionado Edmundo Gardolinski, engenheiro paranaense descendente de poloneses, desenvolve um artigo intitulado *Imigração e*

²⁰ Passaporte polonês de 1931.

²¹ Dentre eles, gostaria de destacar o do Pe. Antonio Cuber que é especialmente importante e rico, feito na contemporaneidade da instalação dos imigrantes poloneses na colônia Ijuí.

colonização polonesa para a Enciclopédia Rio-Grandense, organizada por Klaus Becker.

Em meados da década de 1970 a Universidade de Caxias do Sul (UCS) lança uma série de trabalhos comemorativos ao centenário da Imigração Polonesa, um deles é do frei Alberto Stawinski²² (1975), chamado *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul*, o qual inclui entrevistas com colonos e imigrantes, bem como transcrição de cartas enviadas para a Polônia de emigrados que se instalavam no Rio Grande do Sul.

O início do desenvolvimento de trabalhos científicos e acadêmicos sobre os poloneses no Brasil se dá com Octávio Ianni. Embora não prevesse tratar deste grupo em *Raças e Classes Sociais no Brasil* (1966) constata o preconceito presente junto ao elemento polonês na região de Curitiba através de expressões e associações estereotipadas de indivíduos de outros grupos étnicos, os quais identificavam o polonês como “polaco”, termo então de conotação pejorativa²³.

No início dos anos 1970, em Curitiba, são publicados os *Anais da Comunidade Brasileira-Polonesa*, nos quais uma série de intelectuais desenvolvem estudos sobre a comunidade polônica paranaense. Nestes há diversas traduções de cartas²⁴, textos, livros e outros, sendo importantes como fonte histórica. Ainda no Paraná, o primeiro historiador acadêmico de origem polonesa com notabilidade foi Ruy Wachowicz, gerador de um material muito importante, principalmente a obra *O camponês polonês no Brasil: raízes medievais da mentalidade emergente* (1974).

Mais recentemente, no Rio Grande do Sul, no início dos anos 2000, começam a aparecer as primeiras dissertações de mestrado e teses de doutoramento defendidas com a temática em voga. A primeira tese é da pesquisadora Isabel Rosa Gritti (2004), *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul. A emergência de um*

²² Foi um frei de origem polonesa e também escritor, historiador e jornalista (WACHOWICZ & SCHR, 2000: 362).

²³ O termo, externamente, hoje ainda possui esta conotação, contudo, de acordo com Iarochinski (2000), há um contexto histórico por trás da agregação de valores negativos ao “polaco” e a criação do termo galicista, polonês. Assim sendo, por vezes utilizaremos a denominação polaco como sinônimo de polonês sem juízos valorativos.

²⁴ Cartas arquivadas pelo governo russo para impedir onda imigratória. Elas também estão disponíveis com outros documentos dos Anais, de forma on-line Cf.: <http://www.polonesesnobrasil.com.br/historialink.html>.

preconceito. Thaís Janaína Wenczenovicz, por sua vez, em sua dissertação de mestrado intitulada *Montanhas que furam as Nuvens: a Imigração polonesa em Áurea (1910-1945)* (2002) delimita um ponto de observação homoganeamente polonês, que se constitui como representação do movimento migratório desse grupo populacional para as “colônias novas” da região do Alto Uruguai. “Merece destaque que, conscientemente, a autora procura superar as narrativas apologéticas da historiografia étnica, sem desconhecer suas contribuições, sobretudo empíricas.” (MAESTRI, 2002, p. 11). Além disso, a historiadora escreveu tese de doutorado intitulada: *Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização de Imigração Polonesa (1910-1945)* em 2007.

Diante destes aspectos, dentre as colônias polonesas que se sobressaem encontra-se a de Guarani das Missões, a qual tem hoje sua população predominante de descendentes desta etnia. Quem mais trabalhou com essa região no campo da história foi Paulo Marmilicz (1996), ao analisar a formação da colônia e seu desenvolvimento. Outro notável estudo, principalmente por seu trabalho empírico, é *O Imigrante polonês e a colônia Guarany*, obra do engenheiro Antonio José Polanczyk (2010) e alude ao contexto mais geral da colônia Guarany, que engloba a concentração polonesa. Já num âmbito acadêmico, a pesquisadora Lilian Wendling escreve: *O imigrante polonês no Rio Grande do Sul* (1971), texto que apesar do título amplo, trata da cidade de Guarani das Missões, analisando desde as casas da região até os casamentos e relações interétnicas.

Foi neste município, onde Biezanko teve a sua inicial proeminência, ele por sua vez, não tem até o momento nenhuma obra acadêmica dedicada exclusivamente a sua biografia e/ou trabalho. É mencionado nos principais estudos sobre a imigração e colonização polonesa, como Stawinski e Gardolinski (este escreveu uma biografia sobre o entomólogo) e em alguns sobre Guarani das Missões (POLANCZYK, 2010, WENDLING, 1971). Tem algumas breves biografias e, inclusive, um verbete no livro *Perfis Polônicos* (2000), obra de Malczewski e Wachowicz que, como o nome adverte, traz uma série de perfis de “vultos” e personagens de destaque da colonização polonesa, incluindo o cientista e a sua dedicação junto à questão da soja.

Com relação à soja, esta vem sendo trabalhada mais sob a ótica da modernização da agricultura (BRUM, 1988, RÜCKERT, 2003, WILLIANS, THOMPSON, 1988),

processo posterior à década de 1960, mesmo assim, há algum enfoque no planalto e noroeste gaúcho onde este cultivo tem destaque (RUCKERT, 2003). Em suma, praticamente não existem estudos históricos acerca da temática, da mesma forma, tampouco sobre a atuação específica com este produto por parte de Biezanko.

Quanto aos referenciais teóricos, a despeito de concentrarmos nosso enfoque num momento bem específico da vida de Ceslau Biezanko, ao escolher um indivíduo particular, esse trabalho se constitui, em parte, numa biografia²⁵. O objetivo deste gênero historiográfico é reduzir a escala de análise; partindo do específico para o mais amplo, do indivíduo para as redes mais complexas; inserindo-o no contexto e, a partir disto, evidenciando determinações e brechas as quais modelariam a atuação individual, entendendo que o sujeito não é totalmente singular em relação à sociedade, nem destacado do seu meio, sendo deste modo, amarrado a ele pela norma²⁶; e também não é totalmente representativo, em todos os aspectos, da classe, acontecimento, comunidade ou grupo, do qual pertence, tendo algumas escolhas e liberdades.

Delineado os questionamentos com relação ao trabalho da trajetória temática de vida pretendido neste trabalho, salientamos que como supramencionado, boa parte das fontes de pesquisa foram obtidas no Acervo Edmundo Gardolinski do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS, no qual encontramos grande quantidade de periódicos, cartas, documentos oficiais, diplomas, trabalhos intelectuais, premiações e outros pertences de Biezanko, porquanto este tinha grande amizade com o engenheiro Gardolinski²⁷. Os dois eram correspondentes assíduos, responsáveis por discutir questões referentes à comunidade polônica.

Com base nestas definições, compreendemos que os estudos sobre intelectuais tiveram um impulso a partir da segunda metade dos anos 1970, acompanhando a

²⁵ Cf. Schmidt (2000), Levi (1996), Bourdieu (1996), Dosse (2009).

²⁶ “amarras que ligam o indivíduo no conjunto da sociedade” (SILVA, 2006: 129).

²⁷ Não podemos esquecer que os arquivos pessoais são responsáveis por trazer a tona memórias individuais, ou seja, possibilita a produção de pesquisa sobre o indivíduo e sua relação com a sociedade (HEYMANN, 1997). Contudo, os silêncios, as subjetividades pelas quais passam os arquivos pessoais tornam-se menos pertinentes, uma vez que lidamos com os vestígios de um terceiro e fica patente que estes foram selecionados pelo próprio engenheiro. Este, reconhecido memorialista da comunidade polônica e quem, inclusive, escreveu uma pequena biografia de Biezanko.

reabilitação da história recente e situado na confluência da história política, social e cultural (SIRINELLI, 2003), no caso de Biezanko, pode ser destacado conjuntamente a noção, ainda pouco debatida, de “intelectual étnico”, empregada por Gans na década de 1970 (WEBER, 2014). Uma série de debates foi gerada em torno da abrangência do termo intelectual, sendo suscitadas duas definições desta acepção, uma mais restrita, “baseada na noção de engajamento” e “pela notoriedade eventual ou especialização, reconhecida pela sociedade em que vive” e outra mais ampla e abrangente, englobando “tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 2003, p. 242). Para o caso de Ceslau Biezanko, esta classificação mais extensiva é melhor operativa, uma vez que a intelectualidade com a qual estabeleceu contato variava de lideranças religiosas a comunitárias, até membros do meio científico e acadêmico. Importante frisar que um intelectual étnico raramente tem o espaço acadêmico como locus de ação, somente quando o grupo já está assentado socialmente permitindo a formação de intelectuais internamente e que tenham expressão “fora” dele.

Ao evidenciar estas primeiras características, as quais compõe, mais ou menos, o caráter social deste cientista polonês, podemos especificar a maneira pela qual identificamo-lo, para além de um intelectual, como um líder, adjetivado do termo étnico. A fim de desenvolver estas questões, há que demarcar as dinâmicas impostas para a delimitação do grupo étnico e, logo, a constituição de uma identidade étnica, para tanto cabe basear-nos nas obras de Barth (1998), Weber (2009) e Streiff e Poutignat (1998), percebendo a constante dialética de pertencimento e diferenciação.

Segundo Barth, a definição de um grupo étnico se dá na interação social, geradora de processos de inclusão e exclusão, tendo como resultado a delimitação de fronteiras. Para a constituição destas, são escolhidos ou modificados traços que servem como elementos de distinção e de diferenciação social (STREIFF, POUTIGNAT, 1998), características compartilhadas, estabelecidas como símbolos identitários, as quais instituem a crença em uma origem comum, podendo ser reforçadas e/ou modificadas. Esta origem é buscada no passado (por exemplo, lembranças da colonização e imigração) a fim de estabelecer uma identidade de grupo, no caso, com predicados étnicos.

Max Weber já definia que a crença na procedência comum era elemento fundamental para o pertencimento a uma comunidade. A essa acepção, somava que a distinção era ingrediente para o estabelecimento dos grupos e a instauração de elementos culturais, os quais alimentavam sentimentos de “honra étnica” e “dignidade”, sustentáculos, na visão dele, da identidade grupal.

A identidade polono-brasileira, nesse sentido, enquanto identidade étnica caracteriza-se pela seleção, por parte de um grupo, de uma série de elementos culturais os quais dão base, ao mesmo tempo, à identificação daqueles que o integram e à diferenciação daqueles que estão de fora, os “outros”. Língua, hábitos, estilo de vida, religiosidade²⁸ são traços ressaltados com a finalidade de remeterem a uma proveniência comum. Alguns destes ingredientes são notoriamente destacados ora mais ora menos de acordo com a dinâmica histórica e o contexto de relação social interétnico nas diferentes regiões do Brasil, ou seja, a identidade étnica é elaborada a partir da origem nacional comum e da experiência colonial, sendo o sentimento de pertencimento construído como uma auto-representação: ser “polônês”.

Este processo de idealização de si mesmo, feito por um grupo, estabelecendo fronteiras, é influenciado por diversos outros âmbitos sociais, políticos e institucionais. Governos do país de origem, religião, instituições étnicas, considerando-se aqui também as escolas, intelectuais e líderes, são algumas destas influências contribuintes para o desenvolvimento e estabelecimento do caráter identitário através, por exemplo, do trabalho no ramo educacional.

Desde sua chegada ao final do século XIX, a população imigrante “de origem” polonesa procurou constituir-se como um grupo étnico, ao passo que as diferenças existentes na Europa eram suprimidas, assim como diversas distinções internas ao grupo como momento de chegada, região, entre outros traços componentes da heterogeneidade dos poloneses na América, fruto de processos anteriores de identificação e afirmação de fronteiras.

²⁸ A religiosidade polonesa católica é fundamental para entender a vinculação étnica, ou melhor, a identidade étnica construída pelos poloneses no Rio Grande do Sul, de maneira específica e no Brasil, de maneira geral (GARDOLINSKI, 1958; STAWINSKI, 1975; WACHOWICZ, 1974).

Ponderadas estas problemáticas e ao especificar a constituição das características adjetivas étnicas, as quais envolvem uma gama complexa de processos, o momento é propício para refletir sobre as noções de liderança. Em primeiro lugar, via de regra, os intelectuais eram elevados à categoria de líder (SEIXAS, 2006), na medida em que podiam exercer determinados papéis. Se pensarmos a coletividade de imigrantes, segundo Devoto (2006, p. 10), como microssociedades, podemos ver uma relação dupla vinculativa da liderança, uma com esta microssociedade e outra com a sociedade em geral. De acordo com estes aspectos, o líder exerce, portanto, com a primeira, o papel de “estabelecedor” da coesão do grupo, sendo eficaz na constituição da identidade; com a outra, o caráter de mediador. Assim, sabemos que para as décadas posteriores, quando em Pelotas principalmente, Biezanko desempenha aparentemente estes papéis, enquanto membro ativo do grupo e de instituições étnicas, recebendo autoridades polonesas e se comunicando com outras lideranças polônicas. Sua passagem em Guarani das Missões, de acordo com as informações prévias, destaca a sua notoriedade intelectual (sua posição social)²⁹ (SEIXAS, 2006) e, quiçá, a partir disto, seu capital social e cultural (BOURDIEU, 1979 e 1980), sendo capaz de impor, em certa medida, suas ideias³⁰ e o estabelecimento de relações pessoais com outros membros “proeminentes”.

Por último, Seixas define uma tipologia das lideranças étnicas: 1) o líder recebido, aquele procedente da Europa; 2) o interno, um imigrante que ascende socialmente, nascido no seio do grupo; e, enfim, 3) o de projeção, o qual eleva-se em relação ao seu grupo. Com base nestas definições, entendemos Ceslau Biezanko para o período e contexto analisado como um líder *recebido*, posto que a exemplo dos padres poloneses (SEIXAS, 2006, p. 21), vem da Europa com certa bagagem cultural colocando-se imediatamente em posição superior a dos colonos. Tem, portanto, subsídios adquiridos, os quais podem elevá-lo ao caráter de líder em meio ao grupo étnico, configurando, desta maneira, uma liderança étnica, mediada por religiosos e notáveis.

²⁹ Para Seixas (2006) a posição social é um dos conformadores da liderança, juntamente com o carisma.

³⁰ Bjerg e Otero (2006) apontam que as diferenças sociais e econômicas refletem no peso de cada imigrante de tomar decisões e impor sua vontade.

Tais considerações relacionadas à etnicidade e à identidade étnica são capazes de suscitar uma série de elementos, dentre eles muitos vinculados às tramas da memória. Especialmente quando evocamos um aspecto constituinte da ideia de pertencimento dos indivíduos a determinado grupo já que ela opera no sentido de “manusear” o passado, a partir do lembrar e do esquecer. A noção de “memória coletiva”, expressada com bastante destaque pelo sociólogo Maurice Halbwachs (2006), tem sido referência para diferentes estudos atrelados com esta temática, pois para o autor a recordação é um fenômeno social.

Diante destes aspectos, entendemos a memória como constituída de lugares, acontecimentos e pessoas, sendo a relação ao passado um ingrediente premente, apesar de não ser único, para a coesão interna de um grupo e para reforçar os seus sentimentos de pertença. Nesta acepção, segundo Pollak (1992: 5), a memória colabora na definição da identidade “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” e, mais do que isso, define “o que é comum a um grupo e o que os diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLAK, 1989, p. 3). Ceslau Biezanko enquanto um personagem histórico da memória do coletivo polonês do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil é lembrado como a imagem de um intelectual “que contribuiu para o país”, “aquele que trouxe a soja” e é “reconhecido” no mundo todo por seus trabalhos científicos, sendo responsável, portanto, em certa medida, para o fortalecimento da identidade e do pertencimento grupal. No entanto, alguns outros aspectos da sua passagem entre os camponeses são deixadas de lado, ou até mesmo, esquecidas, uma vez que não promovem a mesma imagem “honrosa” de seu personagem.

Para compreender a força do vínculo étnico, cabe destacar a constituição dos colonos europeus, enquanto camponeses no Brasil, a fim de entender a forma como a inovação pode ou não ser aceita dentro deste grupo, sobressaindo diferentes elementos constituintes da categoria “camponês”.

Marx (1969), Chayanov (1974), Mendras (1978), Wolf (1976), Woortmann (1995), Ploeg (2009) e Schneider (1994) ajudam a compreender a delimitação do termo

camponês na sua relação com a sociedade envolvente e entendê-lo enquanto elemento de conservação do *status quo* da sua produção e modo de vida.

Marx trata do conservadorismo camponês a partir das noções políticas. Já Chayanov enfatiza o equilíbrio entre autoexploração e satisfação de demandas da família como elemento de refração a qualquer trabalho “a mais”, acima do necessário, ou “a menos”. Mendras e Wolf destacam os elementos culturais que ajudam a conformar uma sociedade camponesa, onde a inovação pode ser aceita diante de garantias e de acordo com a cultura (religião e etnia) das diferentes comunidades, bem como a influência de “notáveis”. Woortmann abrange a importância dos laços parentais definidos de acordo com a etnia e, por fim, Ploeg e Schneider compreendem os períodos mais recentes, enfocando em que medida o camponês continua enquanto tal ou em que medida se transforma em outra “coisa” a partir da desconstrução da sociedade camponesa. Dos autores acima citados, alguns (Wolf, 2003, Woortmann, 1995, Schneider, 1994) tiveram por objeto grupos camponeses do sul do Brasil, o que nos aponta a viabilidade de utilizar tais noções, pois enfocaram sociedades semelhantes as quais estudamos, ainda que em períodos diferentes.

Quanto às fontes e métodos aplicados, em primeiro lugar localizamos no Acervo Edmundo Gardolinski, cartas, trabalhos, biografias, documentos oficiais, recortes de periódicos, diplomas, currículos, entre outros materiais relacionados a Cezlau Biezanko, conquanto ele e Gardolinski fossem amigos e este último recolhia documentação relacionada à imigração polonesa mantendo um arquivo e constituindo-se num memorialista. Temos claro que trabalhar com tamanha variedade documental prescinde diferentes tipos de metodologias, ainda que, boa parte das fontes seja para obtenção de informação, cabe o efetivo questionamento e problematização, a fim de evitar anacronismos ou a condução do nosso trabalho ao factualismo. Tal conjunto documental está tanto em português como em polonês, sendo a tradução feita em parte pelo autor, já que tem o conhecimento da língua, depois de mais de dois anos concluídos de curso de Língua Polonesa na Sociedade Polônia de Porto Alegre; e outra pelo professor da mesma instituição, Leonardo Kolesny o qual tem contribuído na revisão e tradução dos textos do arquivo. Além disso, às citações em língua estrangeira (inglês, francês e espanhol), coube a tradução do autor deste trabalho e para os textos

em português do período englobado na pesquisa caberá a respectiva atualização da grafia a fim de mantermos a coesão textual.

Encontramos outras fontes importantes em Guarani das Missões através de um material pesquisado em 1996, financiado pela prefeitura local, pelo professor José Rodolfi composto de uma série de recortes de jornais, revistas, discursos, etc., sobre Ceslau Biezanko ao qual tivemos acesso.

Em Pelotas, visitamos o museu Carlos Ritter, onde está localizado parte o Museu Entomológico Ceslau Biezanko mantido pela Universidade Federal de Pelotas, no qual constam fontes sobre o cientista, documentos profissionais e oficiais, publicações diversas, documentos de identificação e afiliações a instituições, fotos e muitos recortes de notícias, além de sua coleção de insetos.

Em Curitiba, encontramos outra grande quantidade de material sobre a vida de Biezanko, no arquivo da Paróquia São Vicente de Paulo, mantida pela Congregação da Missão, onde existe um grande acervo sobre a comunidade e imigração polonesa conservado pelo Pe. Lourenço Biernaski, quem também contribuiu com seus depoimentos.

O fundo Imigração, Terras e Colonização do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul foi examinado para analisarmos a situação da colônia Guarany, o processo de ocupação das terras onde hoje se encontra o município de Guarani das Missões, seu desenvolvimento e contexto diante da chegada de Biezanko, bem como a análise dos Relatórios da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul e Relatórios da Repartição de Estatística, os quais somados, a censos estatísticos do Rio Grande do Sul, a censos agropecuários e demográficos do IBGE e documentos do projeto de pesquisa Industrialização no Rio Grande do Sul do NPH da UFRGS, permitiram nossa análise panorâmica sobre a questão econômica do estado na década de 1930. Estes documentos oficiais devem ser devidamente questionados, tanto na sua funcionalidade informativa, como no caráter de serem instrumentos do poder público, o qual seleciona o que e como deve ser pesquisado.

Para obter maiormente informações, mas também versões acerca deste momento recente da história do Rio Grande do Sul, as pequenas biografias sobre Biezanko, seus discursos e entrevistas, além dos depoimentos orais serão fontes fundamentais. Todos

são construídos e constroem a memória bem como são também permeados pelo lembrar e o esquecer. As biografias, notadamente as não acadêmicas, são construídas com alguns objetivos, principalmente para sobressair modelos e exemplos a serem seguidos e/ou exaltados, portanto, podem ser analisadas como elementos de reforço de identidades e pertencimentos, exemplo claro nas biografias de lideranças polonesas como Gardolinski e Wójcik, mas também para os casos de Eliézer Rios, químico ex-aluno de Biezanko e os que o queriam destacar como grande cientista e entomólogo.

Para o outro grupo de fontes, os depoimentos, nos valemos da História Oral, método de pesquisa (ALBERTI, 2005, p. 29) que desde 1960 vem ganhando importância entre os historiadores. Esta metodologia é entendida aqui em conformidade com Alberti (2005), na sua possibilidade “método-fonte-técnica” e com o intuito de examinar a “construção, desconstrução e reconstrução da memória” (POLLAK, 1989, p. 13). Somado aos discursos e entrevistas, pretendemos averiguar informações, testemunhos, versões e interpretações de determinados indivíduos sobre um tema específico. Sabendo da existência de dois modos de proceder, um “conferindo maior importância à precisão factual e à informação e outro mais preocupado com o que revelam os interstícios do discurso” (VOLDMAN, 1998, p. 35), assim, o primeiro modo de proceder nos interessa mais, entretanto, não descuidamos a constituição dos discursos muito baseados na construção de uma memória positiva de Biezanko ao longo dos anos 1960 em diante como representante da etnia polonesa no Brasil.

Nesse sentido, premente se faz a entrevista temática, a qual tem como objetivo obter subsídios de algo não necessariamente vivido pelo indivíduo, mas do qual sabe ou participou de alguma maneira. Uma série de entrevistas foram promovidas, e a escolha dos entrevistados foi feita a partir de interesses e proximidade de determinados indivíduos com a temática³¹, alguns que conviveram com o cientista nos anos 1930; parentes de pessoas próximas a Biezanko em Guarani das Missões; estudiosos da etnia polonesa, além de outros indivíduos que foram chamados a prestarem seus depoimentos para nossa pesquisa, constituindo um *corpus* documental através de entrevistas que

³¹ Infelizmente, devido ao período recuado da nossa temporalidade em destaque, não existem muitas testemunhas vivas dos acontecimentos aqui relatados.

permitiam ao depoente falar sobre Biezanko, soja, Polônia, entre outros assuntos a partir de questionamentos amplos, omitindo os nomes ao longo do texto.

Os debates sobre a ética no uso das fontes orais são polêmicos e existem várias indicações e manuais, de maneira que seguimos a perspectiva da carta da Associação Nacional de História - Brasil (ANPUH) sobre os princípios éticos (2015), privilegiando o anonimato dos depoentes citados ao longo do texto e que tiveram as informações transcritas neste trabalho.

Segundo Alberti (2005, p. 29), “sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um *meio* de conhecimento”, influenciados por esta forma de pensar, pretendemos articular os depoimentos orais com outras fontes como os periódicos, as cartas, documentação e demais materiais identificados.

Para completar as tramas que levaram a introdução e cultivo da soja em Guarani das Missões, bem como a importância do elemento étnico polonês neste processo, nos favorecemos também da noção de redes sociais, as quais surgiram no campo da sociologia por volta dos anos 1960 e iremos tematizar posteriormente. Barnes, Mitchell, Bott e Boissevain são os pioneiros deste trabalho, inspirado na *network analysis* da antropologia social britânica dos anos 1950 e 1960 e da *structural analysis* norte-americano dos anos 1970 e 1980 (RAMELLA, 1995), o método foi sendo apropriado pelos estudos históricos com os mais diversos temas e para os mais diferentes períodos. Tal tipo de análise apareceu como alternativa e rechaço à história estrutural (MÍGUEZ, 1995, p. 23) e às categorias sociais agregativas sócio-econômicas, as quais não davam conta dos comportamentos dos indivíduos (RAMELLA, 1995; GIL, 2011). Nesse sentido, as redes sociais incidiriam o foco no individual, no micro (não apenas indivíduos, mas também instituições, empresas, cidades, palavras, etc.).

Os estudos migratórios são um dos focos possíveis da utilização da análise de redes sociais. Verificando a partir do(s) indivíduo(s): fluxos migratórios, inserção na sociedade receptora, mobilidade social, inserção profissional dos imigrantes, constituição de lideranças étnicas, discussões teóricas, entre outras. Os estudos neste sentido já estão mais avançados principalmente na Argentina (BJERG, OTERO, 1995).

Franco Ramella (1995, p. 9) asseverava por um uso forte e rigoroso do conceito de rede para os estudos imigratórios, uma vez que segundo ele “la metáfora de la red

social de los estudios migratorios se ha generalizado rápidamente en los últimos años”. Segundo o autor, a superação do paradigma do desenraizamento e da imigração como ação de desesperados, para uma visão do ponto de vista estratégico e eletivo dos indivíduos, levou a uma preocupação maior com os vínculos sociais tornando-se importante para se entender a ação social. Para Ramella, o conceito de rede tem muito a oferecer para a historiografia, ainda que não seja uma panaceia, sua utilização permitiria a confrontação interdisciplinar que evita o isolamento dos estudos sobre si mesmos.

Tiago Gil (2011, p. 83) aponta que “Este tipo de investigação [com redes sociais] é associado a pesquisas realizadas diretamente com os informantes, muitas vezes através de formulários padronizados e quantificáveis, ou seja, material empírico especificamente produzido para a pesquisa”, de modo que sem tais fontes não é possível analisar a constituição das redes sociais, muito menos sua medida, forma, intensidade, manutenção e coesão. Assim sendo, um uso como prega Míguez (1995) “metafórico”³² do conceito torna-se valioso com intuito de avaliar o impacto dos laços sociais nas vidas das pessoas, ou seja, diante da pobreza das fontes, opta-se por um uso mais brando do conceito de redes, posto que um uso forte, como o pregado por Ramella, seria possível apenas em casos excepcionais.

Como estamos diante de um período recuado de tempo, em que boa parte dos componentes da rede já não podem dar as informações, apenas os seus parentes e em virtude de as fontes documentais e correspondências serem poucas, pensamos em utilizar esta perspectiva mais metafórica, buscando, no entanto, não apenas apontar a existência dos vínculos relacionais e da rede, *per se*, mas demonstrar o modo como esta permite a divulgação e circulação de ideias, recursos e materiais (BERTRAND, 1999), que vão incorrer na tentativa de produção da soja numa colônia polonesa no noroeste do

³² Segundo Míguez “El agudo texto de Ramella muestra acabadamente la capacidad crítica del concepto de red al modelo estructural. El problema cómo hacer operativo el modelo de redes sociales em base a nuestras pobres fuentes históricas, em cambio, es algo que el texto no indica, y que no pudimos resolver [...]” mais tarde amplia a discussão avançando que “debo hacer una advertencia al lector: este texto no se propone como una aplicación rigurosa del modelo de redes, y sin embargo, la incorporación “metafórica” de la noción constituye un valioso elemento para una visión rica y compleja del proceso migratório.” Pregando um uso “blando” o “metafórico” do tema com vistas a apreender a importância dos vínculos sociais nos processos históricos.

Rio Grande do Sul, conformando neste sentido, uma rede social étnica (MÍGUEZ, 1995, p. 31).

Uma das principais fontes utilizadas foi o livro de memórias de Jan Krawczyk, editado em polonês em 2003 pelo *Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego*, o qual conta histórias referentes ao início do século XX em Guarani e enfoca situações e personagens específicos, os quais nos ajudam a compreender a presença de Biezanko na região. A fim de completar os referenciais teóricos e metodológicos designados diante das fontes acima mencionadas, mapeamos também os artigos “de” e “sobre” Biezanko em periódicos como o *Kalendarz Lud* e o *Lud*, de Curitiba, *Orędownik*, da Argentina, *Diário Popular*, de Pelotas, o *Diário de Notícias*, *Zero Hora*, *Correio do Povo*, de Porto Alegre, o *Cotrifatos*, de Santo Ângelo entre muitos outros, verificando a utilização dos jornais como de grande valia por conter uma série de textos feitos por Ceslau Biezanko, além de reportagens e notícias envolvendo o cientista. Existem menções em diversos outros jornais e revistas tanto em português como em polonês somando a existência de vários periódicos polono-brasileiros da década de 1930, os quais ajudam a delinear a passagem inicial do cientista no Brasil e Argentina (*Nasza Praca*, *Głos Nauczyciela*, *Orędownik*, *Odrodzenie-Rolnik*, *Codzienny Niezależny*, etc.).

Como Elmir (2007, p. 14) nos elucidar, existem duas maneiras de ler o jornal, uma “aparentemente mais simples, consiste em tomá-lo (1) como fonte de informação”. Outra, “aparentemente mais complexa, faz dele (2) objeto intelectual da pesquisa”. Evidentemente, nenhuma das duas exime o pesquisador de realizar a indispensável crítica do documento. Não podemos atribuir, “valor neutro”, como assevera Elmir, às informações apresentadas e narradas pelos jornais, desconsiderando sua carga subjetiva que aparece em qualquer tipo de fonte. A jornalística, especificamente, não deve ter uma leitura rápida ou tranquila, pois as notícias, claramente, são selecionadas pelos periódicos e posicionadas de acordo com sua “opinião”. No entanto, pensamos esta fonte sob um olhar duplo, a) como índice que auxilia a análise da projeção social das ideias do personagem estudado evidenciando a utilização dela por Biezanko ao longo de sua trajetória; b) como um elemento capaz de trazer informações sobre o personagem.

O trabalho se divide em três capítulos. O primeiro tratará de duas partes. Inicialmente delinear brevemente o fenômeno da imigração polonesa, com o objetivo de apresentar os motivos da onda imigratória dessa etnia, a partir do contexto europeu e polonês, o qual resultou na movimentação populacional rumo às Américas. Concentrando-nos na sua fase final, a partir da década de 1930 e enfocando a região missioneira, mais especificamente a cidade de Guarani das Missões, apresentando a colonização da cidade e o seu desenvolvimento. Depois, a trajetória de Ceslau Biezanko como intelectual, evidenciando os seus anos de estudo e dedicação à ciência, ao trabalho de pesquisa e docência na Polônia até a chegada ao Brasil, bem como as motivações de sua “imigração” que compõe o grupo de imigrantes com grande qualificação profissional.

No segundo capítulo procuramos descrever de modo contextual a situação econômica e principalmente a questão agrária do Rio Grande do Sul, mais especificamente, do planalto gaúcho e zona colonial na década de 1930. Delineando o modo como os imigrantes se inseriram neste contexto, além das mudanças estruturais da economia gaúcha, voltada no século XIX para a pecuária e que no XX vai desenvolver o seu caráter agrário, esclarecendo a importância posterior da soja no estado, seu *boom* dos anos 1960/70, que rendeu o processo de modernização da agricultura e revolução verde no Rio Grande do Sul, para compreender o impacto das inovações de Biezanko e como pode se inserir numa comunidade previamente constituída. Neste momento, as teorias do campesinato elucidam a conformação de uma sociedade camponesa e as relações dos colonos com a produção e a partir daí, a inserção de Biezanko em meio a eles. Neste capítulo desenvolvemos de maneira destacada uma tematização da equação soja/poloneses, a partir de tentativas ocorridas com lideranças polonesas também no noroeste gaúcho e no Paraná, as quais criaram polêmicas internas na comunidade polonesa no Brasil.

No terceiro momento, enfocaremos a trajetória de Biezanko e sua vinculação com a educação, associativismo e a soja no estado do Rio Grande do Sul. Procuraremos evidenciar como foi a relação do entomólogo com os colonos e padres poloneses, de que maneira se deu o desenvolvimento do cultivo de soja e outros produtos através das instituições fundadas pelo cientista, enfocando o papel da identidade étnica, das redes de

sociabilidade na atuação do intelectual junto aos colonos e na sua constituição enquanto líder.

KIELCZANIN Z BRAZYLII: A trajetória intelectual de Cezlau Bieżanko e a imigração polonesa no Brasil

1.1. Um cientista polonês na América do Sul

O título deste capítulo, que traduzido significa “Um kielcense³³ no Brasil”, do jornal polonês, *Słowo Ludu* (Palavra do Povo) de 16 de julho de 1973, se refere a uma notícia decorrente de uma viagem que Czesław Bieżanko fez a Polônia naquele período, onde explica os motivos de sua vinda para o Brasil, exaltando o seu conhecimento científico e o trabalho com os colonos poloneses, portanto, identificando pontos fundamentais da sua trajetória de vida. A partir disto, para entender este personagem e as condições que o trouxeram à América do Sul, as quais culminarão com o processo educacional e o cultivo da soja em Guarani das Missões, precisamos compreender duas questões básicas: a) A da imigração polonesa, a fim de conhecermos quem ocupa a região que será visitada por Bieżanko e como ocorreu a chegada dos poloneses no Brasil naquele momento; e b) quem foi e qual a formação do cientista, que chegou no início da década de 1930 e deixou marcas naquela pequena colônia do noroeste gaúcho.

Nosso foco é na formação de Bieżanko, tanto acadêmica como profissional, avaliando depois sua chegada à Argentina, antes de vir ao Brasil alguns meses depois. Assim, ao longo deste capítulo, discutiremos a formação de Bieżanko enquanto intelectual ligado às Ciências Naturais e vinculado às questões agrícolas, bem como a constituição da comunidade de poloneses que será a primeira a acolhê-lo no Brasil³⁴. Tratamos assim, da imigração deste intelectual no bojo do fluxo migratório de poloneses no Brasil demonstrando como chegou ao país, sendo o mote a imigração, seus tipos e processos, quem chegava, por onde, através de quais fatores, com quais objetivos para, a partir daí, especular sobre as motivações que levaram um “kielcense” a sair da sua terra natal e ir se juntar aos seus compatriotas imigrados.

³³ Habitante ou originário de Kielce (gentílico).

³⁴ Revista Agricultura & Cooperativismo, Porto Alegre, 1976.

1.2. A Imigração Polonesa no Brasil e no Rio Grande do Sul: entre colonos e intelectuais

1.2.1. A Polônia pré-imigração: um breve panorama

Antes de tratarmos do cientista Ceslau Bieżanko, é patente uma atenção especial sobre a contingência da imigração polonesa e a complexidade deste fenômeno, o qual até hoje, tem resultados nas questões das relações étnicas no Brasil, especialmente, seus estados sulinos, cujo conhecimento é imprescindível para entender o enredamento que é a imigração de Bieżanko, o quanto ele é ao mesmo tempo excepcional e normal em relação aos acontecimentos e possibilidades de sua época.

A fim de entender os componentes e a estruturação da sociedade camponesa corrente em Guarani das Missões no início da década de 1930 quando chega nosso biografado, cabe pensar os elementos dela, quais sejam os imigrantes estrangeiros no Brasil.

A Polônia, ocupando a região central/leste da Europa, aparece como nação unificada oficialmente em 966 sob o governo do príncipe Mieszko I que adota aquele ano o catolicismo e entra para a cristandade. Ao longo da Idade Média, o país foi sangrado por invasões, turcas, mongólicas e germânicas, resistindo e aproximando-se à fé de Roma para sua proteção.

A Idade Moderna polonesa foi marcada pelo seu momento de expansão máxima territorial, ao mesmo tempo em que condena o país ao desaparecimento. Neste período, a nobreza polonesa eleva-se como estamento dominante, não permitindo a ascensão de um rei absoluto, ao manter a monarquia eletiva, ao mesmo tempo em que poda as ações da burguesia local, delegando a função comercial maiormente aos judeus, mas também aos armênios e alemães. Os nobres concentram terras, alguns detendo milhões de hectares, mas não há uma hierarquia de títulos e encontramos dentro da nobreza alguns indivíduos em condição um pouco superior a de um simples camponês, este é o estamento explorado e condenado à servidão ou semi-servidão.

No final do século XVIII, com a ascensão de estados absolutistas nas nações vizinhas poderosas, a Polônia passa a ser presa do poder da nobreza, incapaz de

organizar um estado centralizado com um exército poderoso, estava a mercê da conquista estrangeira, completada em 1795, quando o país deixa de existir e ocorrem as primeiras migrações, inicialmente de intelectuais e aristocratas rumo à França.

A imigração polonesa está inserida no contexto das ondas imigratórias provindas da Europa rumo a América, principalmente do último quarto do século XIX até 1930, as quais estão no bojo de uma política imigratória em razão da oferta de trabalho e terras³⁵ que os países americanos dispunham, bem como da necessidade de garantir suas fronteiras e, de outro lado, do aumento demográfico e da pressão social nos países do “velho mundo” e do desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação ao longo do século XIX. Ou seja, do avanço do capitalismo tanto em nível europeu, quanto americano (LANDO, *et. al.*, 1996).

Como aponta Wachowicz (1974), na Polônia do século XIX a situação era extremamente particular, uma vez que oficialmente o país não existia, estando seu antigo território dividido entre os Impérios Prussiano, depois Alemão; Austríaco, depois Austro-Húngaro; e Russo, cada qual com diferentes maneiras de administrar a situação dos poloneses. Somado a isto, o fim da servidão e a instalação do modo de produção capitalista na região criaram uma série de dificuldades para o camponês polonês, a principal delas, a questão da falta de terra e da proletarização da mão de obra rural. As propriedades dos camponeses tornavam-se cada vez menores e/ou acabavam nas mãos dos grandes latifundiários que as compravam e, por conseguinte, contratavam a mão de obra do campesinato, logo, ao serem jogados na concorrência capitalista, os pequenos proprietários acabavam por proletarizar-se.

³⁵ Tal oferta tem sido discutida no caso brasileiro (ZARTH, 1997), posto que os lavradores nacionais, de origem portuguesa ou reconhecidos como “caboclos”, em geral foram expulsos de diversas porções de terras que viriam a ser ocupadas por imigrantes europeus, estes, em grande medida, favorecidos pela política nacional.

Figura 1- Polônia e suas divisões no século XVIII³⁶



Segundo Wachowicz, “O camponês polonês, tanto sob domínio prussiano como sob os outros domínios, vivia um sistema social altamente hierarquizado. Numa aldeia, as classes sociais eram nítidas e sua mobilidade muito reduzida” (1974, p. 86). Podemos definir, a partir disto, alguns grupos sociais do âmbito rural polonês: primeiro o dos *magnatas* ou grandes latifundiários e segundo, os grupos menores: a) o *Kmiec*: não chegava a ser um grande latifundiário, mas tinha até 50 ha de terra e poucos deles emigraram; b) *chalupniki*, também conhecido como *zagrodinik*: tinham até 10 ha, mas o grosso tinha cerca de 2 ha, sendo a grande maioria dos migrantes; c) *komorniki*: eram arrendatários sem terra, também constituíram a massa migrante; e d) *parobki*: os trabalhadores dos latifúndios, os quais por falta de condições, pouco emigraram. Este

³⁶ Os tons em azul representam as partes anexadas pela Prússia, em Vermelho para a Áustria e em verde para a Rússia. Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_2gKw5cSItaA/TI8VUJ6wtBI/AAAAAAAAAHE/XhGNgPEyW8o/s1600/skanowanie0002.jpg.

contexto rígido contribuía para piorar a situação do campesinato e aumentar a pressão social que funcionava como fator de expulsão.

Com base nesta conjuntura, uma das alternativas para evitar a proletarização e manter ou obter propriedades de terra foi a emigração, visto que a terra é condição fundamental para a reprodução do camponês e do seu modo de vida, por isso a emigração está ligada a desagregação do sistema interno camponês, tanto da pressão demográfica como dos modelos de organização familiar correntes na Europa e a tentativa da manutenção desta condição na América (WOORTMANN, 1995, p. 115-118). Para Woortmann, a explicação da emigração e depois da reemigração é definida também por esta lógica interna camponesa somada à importância do parentesco como fator de reprodução para o campesinato, desta maneira vão se conformar as cadeias migratórias as quais povoam o Novo Mundo.

a migração é a solução mais coerente com o que se poderia chamar uma identidade camponesa: ela permite a reprodução, enquanto camponeses, não só daqueles que migram, mas igualmente daqueles que ficam; ela significa a busca de novas terras, em outro lugar, e a preservação da terra no lugar de origem.

A emigração, portanto, não se aplica apenas por fatores que são externos ao campesinato [...] mas também a partir do próprio sistema camponês. Ela é, ao mesmo tempo, desencadeada por e organizada pelo sistema de parentesco: uma dimensão desse sistema, como o padrão de herança, expulsa pessoas; outra dimensão, o “espírito de parentesco”, faz com que a migração se faça através de grupos de parentes [...] que irão replicar o modelo em outro lugar – para, em seguida, recomeçar tudo de novo. (WOORTMANN, 1995, p. 116)

Confirmado isto, a emigração polonesa para o Novo Mundo ocorreu em duas vias principais: os Estados Unidos, que recebiam indivíduos, os quais na maioria das vezes emigravam sozinhos em busca de serviços urbanos; e o Brasil, que ofereceu lotes coloniais nos estados sulinos para famílias de camponeses ansiosos por melhorar sua condição de vida, todavia permanecendo no campo.

1.2.2. Fluxos migratórios

Para refletir sobre a chegada de Bieźanko, não devemos pensar a imigração polonesa apenas a luz do caso brasileiro, uma vez que o cientista viaja primeiro pela América Latina, antes de por último pisar em solo gaúcho. Necessitamos ampliar a

visão da imigração de poloneses para um caso mais territorialmente estendido e pensando a partir de etapas, as quais auxiliam na análise dos contextos imigratórios numa ampliação também temporal.

Segundo Dembicz e Smolana (1993, p. 22) “viéndolo desde el punto de las comunidades polacas establecidas ya en América Latina, dicha sistematización pudiera ser [...] distinta expresándose en ocho etapas”: 1) De princípios do XVI até 1867: etapa de imigração individual de missionários, militares e alguns profissionais como engenheiros e médicos que trabalharam no Peru, Chile, Venezuela e Brasil. 2) 1867-1914: etapa da emigração massiva, principalmente camponesa com fins de colonização rural. Esta etapa subdivide-se em duas fases: a) 1867-1889: na primeira os imigrantes provem principalmente da parte ocupada pela Prússia e é predominantemente voltada ao Brasil; b) 1889-1914: a segunda fase foi denominada comumente como “a febre brasileira” pela intensidade do fluxo imigratório ao Brasil, nela, juntos emigravam poloneses, lituanos, bielorrussos, ucranianos, alemães, judeus e russos, provindos das mesmas comarcas pluriétnicas e pluriculturais. Nesta mesma fase começou também a emigração para a Argentina, mas independentemente do destino seguia sendo uma emigração camponesa e familiar em busca de terra; 3) 1914-1918/20: etapa de suspenso provocado pela I Guerra Mundial e seus conflitos derivados³⁷, fase marcada principalmente pela reaparição da Polônia no mapa-múndi político. 4) 1918/20-1939: a segunda etapa da emigração massiva, desenvolvendo-se um período de uma “emigração dirigida”, patrocinada e inclusive organizada pelo Estado. Neste momento, houve uma mudança dos fluxos emigratórios sendo o principal destino a Argentina e, em segundo lugar, o Brasil, mudou também a estrutura social dos emigrados, que eram “obrerros en un buen porcentaje [...]. Además estas oleadas ya sintieron las primeras señales de la política inmigratoria restrictiva de algunos de los países receptores”.

³⁷ Guerra Polaco-Ucraniana (1918/19), a Guerra Polaco-Soviética (1918-20) e conflitos fronteiriços polaco-alemães e polaco-tcheco na mesma época.

As outras 4 etapas (1939-1949; 1949-1956; 1956-1988; 1988-em diante³⁸) destacam o decréscimo da emigração polonesa devido aos problemas políticos da Europa e do Brasil, existindo um fluxo de refugiados de guerra no pós-1945³⁹ e um reforço tímido após 1988. Destarte, com base nestas informações podemos posteriormente traçar um arcabouço mais conclusivo quanto a Biežanko, proveniente da quarta etapa citada, muito particular no seu contexto tanto na América como na Europa.

O Brasil, como vimos, é um dos principais destinos de poloneses, já na década de 1840 recebeu o médico Czernovicz, que trabalhou na Corte assim como diferentes poloneses que esporadicamente aportavam no país. Posteriormente, a data de 1869 marca a chegada de poloneses a colônia Príncipe Dom Pedro em Santa Catarina a partir da ação de Edmundo Saporski⁴⁰ e o início oficial da Imigração Polonesa. No Paraná, a partir de 1871 estes mesmos poloneses reimigraram instalando-se nas proximidades de Curitiba. Estas últimas datas, englobam as fases de imigração massiva, das quais vão formar-se as colônias polonesas, dentre elas, a que analisamos mais detidamente, que é Guarani das Missões.

Tabela 1- Demonstrativo da imigração polonesa para o Brasil – período 1871-1914

Local	Até 1889	1890-1894	1895-1900	1900-1914	Total
Paraná	6.530	14.286	6.100	14.730	41.646
Rio Grande do Sul	300	27.000	-	7.000	34.300
Santa Catarina	750	5.000	-	1.000	6.750
São Paulo	-	13.500	-	-	13.500
Outros Estados	500	5.000	500	2.000	8.000
Total	8.080	64.786	6.600	24.730	104.196

Fonte: GLUCHOWSKI, 2005: 45

³⁸ Seria interessante apontar uma periodização pós-1990, com o fim do regime comunista polonês e um “renascimento” da polonidade no Brasil, capaz de intensificar fluxos e conexões, mas muito dificilmente uma Imigração.

³⁹ Fim da Segunda Guerra Mundial, quando muitos judeus com qualificação profissional, imigram para o Brasil.

⁴⁰ Considerado o pai da imigração polonesa para o Brasil, imigrou em 1867 e seguindo o exemplo dos alemães (Blumenau) em Santa Catarina organizou junto com o padre Zielinski uma colonização com poloneses naquela província.

Com relação aos números, como fica claro na tabela acima, poucos são os poloneses que não tem os estados sulinos como destino, ou seja, a maioria dos imigrantes estão em busca de lotes coloniais e não serão trabalhadores nas fazendas de café paulistas⁴¹. Deve, portanto, ser manifesto que a imigração no Brasil será constituída destes dois modelos (PETRONE, 1984. DACANAL, 1996), a ocupação de terras no Sul, muitas vezes oficial (seja nível estadual ou nacional) ou por empresas privadas, e o trabalho agrícola nas fazendas do sudeste, privado, que em grande medida, busca a substituição da mão de obra escrava.

Apesar dos dados citados, em relação à imigração polonesa é difícil precisar o número de imigrantes, uma vez que muitos deles vieram com passaportes alemães, austríacos e russos até a independência do país em 1918, justamente o período em que seu número foi o mais elevado. A partir de 1914, o número de imigrantes diretos da Europa começa a retroceder, todavia os dados são mais claros. Temos abaixo o demonstrativo para 1920 e 1937:

Tabela 2- Número de Poloneses frente à população total dos estados do sul do Brasil em 1920

Estado	População total	População polonesa
Paraná	685.711	100.282
Santa Catarina	668.743	18.810
Rio Grande do Sul	2.182.713	61.200
Total	3.537.167	180.292

Fonte: GLUCHOWSKI, 2005: 118

Tabela 3- Poloneses e descendentes no Brasil em 1937

ESTADO	NÚMERO DE IMIGRANTES
Paraná	92.000
Santa Catarina	28.000
Rio Grande do Sul	83.000
Outros	14.000
Total	217.000

Fonte: Centralny Związek Polaków w Brazylii, 1937 *apud* GRITTI, 2002.

No primeiro caso, Gluchowski faz uma comparação com a população total dos estados em que aparece a importância dos poloneses na região sul do Brasil, muito

⁴¹ *Arquivo das Atas Novas de Varsóvia, seção MAE, pasta n° 9639, pp. 155-189. Perspectivas do desenvolvimento da emigração polonesa no estado de São Paulo.*

provavelmente este número registra também descendentes, pois aparecem discordâncias com relação ao censo brasileiro de 1920⁴² que registra aproximadamente 29 mil poloneses, contabilizando “estrangeiros”, ou seja, nascidos na Polônia. No segundo quadro, com relação ao número de imigrantes, confirmamos em alguma medida os dados apresentados anteriormente, com um crescimento da população polonesa total, mas podemos ver discrepâncias, como o caso paranaense, em que despontam números menores em 1937 que em 1920, resultado talvez de diferentes critérios de identificação, ou até mesmo, uma diminuição da população polonesa em razão de reemigração e/ou morte dos imigrantes. Entretanto, o que queremos demonstrar é que quando o cientista Ceslau Bieżanko chega ao Brasil, se depara com a região sul repleta de compatriotas e descendentes, deslocando-se ao encontro destes patrícios em diferentes situações ao longo do tempo.

Neste contexto, o Rio Grande do Sul foi um dos estados que mais recebeu imigrantes, os quais ocuparam os últimos lotes de colonização disponíveis na região. Apesar do marco da imigração ser 1875, com a chegada de alguns poloneses na Serra Gaúcha, são os anos de 1890 a 1894 os definitivos para a emigração polonesa, etapa conhecida como a “*gorączka brazylijska*” ou “febre brasileira”, quando milhares de poloneses, na sua grande maioria camponeses, espalharam-se pelo território gaúcho, alguns poucos nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre e outra parte no interior do estado, ganhando lotes que variavam de 12,5 ha até 25 ha (GARDOLINSKI, 1958; STAWINSKI, 1975).

Para os que ficaram no interior, inicialmente ocuparam as rebarbas de terra da Serra Gaúcha, pressionados entre os italianos, outros ocuparam regiões próximas a Porto Alegre como as atuais Mariana Pimentel e Dom Feliciano. Posteriormente, os poloneses da serra reemigraram para as regiões do Alto Uruguai e Missões, potencializados por uma imigração direta da Europa com o objetivo de fundar colônias de povoamento naquela região.

⁴² Fonte: BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio - Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brazil - População. Vol. 4, 1ª parte. Typ. da Estatística, Rio de Janeiro: 1926.

Quanto aos dados estatísticos para o Rio Grande do Sul, conforme apontam vários autores, ainda que seja muito difícil precisar o número de poloneses que ingressaram no estado, principalmente em função da usurpação do território da Polônia por seus vizinhos mais poderosos, pode-se tomar como parâmetro dados dos censos demográficos das primeiras décadas do século XX, que contabilizam “estrangeiros”, e, segundo os quais, os procedentes da Polônia ocupavam a quarta posição, vindo atrás de alemães, italianos e uruguaios (WEBER, WENCZENOVICZ, 2012, p. 160). Para o período da chegada de Biežanko, temos como dados mais próximos os de 1928 do Relatório da Secretaria de Obras Públicas, que contabiliza 80.000 poloneses, russos e descendentes⁴³ como verificamos no quadro abaixo:

Tabela 4- Quadro da população colonial do Rio Grande do Sul em 1928

NACIONALIDADE	NÚMERO DE PESSOAS
Luso-Brasileira	140.000
Alemã e descendência	400.000
Italiana e descendência	300.000
Polonesa, russa e descendência	80.000
Diversas	60.000
Total	980.000

Fonte: Relatório da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul de 1928. [Adaptado por Rhuan Trindade].

Se considerarmos o fato de a Polônia não existir até 1918 e que boa parte dos imigrantes veio do Reino da Polônia, parte pertencente ao Império Russo e outros da Alemanha, os números destacados no quadro devem ser relativizados. Muitos dos “russos” seriam também poloneses ou se identificariam enquanto tais, além disso, em alguma medida, parte dos “alemães” também poderia ser apontada como poloneses, aumentando consideravelmente o número em destaque no quadro.

Para chegarem ao Brasil estes imigrantes traçaram um caminho mais ou menos semelhante, denotando fatores de expulsão (*push*) do continente Europeu e, em especial, da Polônia ocupada pelas nações estrangeiras, e fatores de atração (*pull*): terras e

⁴³ Tais referências concordam com os dados do consulado registrados no *Arquivo das Atas Novas, Seção das Atas do Ministério dos Assuntos Estrangeiros, pasta 10 383, k. 23-27*. No Recenseamento da população polonesa, registrada para o Rio Grande do Sul como sendo de 80 mil pessoas, entre 1934 e 1938.

emprego na América. O governo brasileiro e as empresas colonizadoras investiram durante algum tempo no subsídio da passagem e no agenciamento de imigrantes através de indivíduos com a função de “divulgar” o país e suas “maravilhas”, levando muitas vezes a fantasias de uma terra de leite e mel⁴⁴, regada de ouro e joias.

Na Polônia, a expulsão em razão da superlotação do campo e exploração dos latifundiários encontrou na emigração o seu escape. Das aldeias ou cidades, os poloneses seguiam de trem, via Berlim, para o porto de Bremen, onde muitos eram roubados ou extorquidos pelos vendedores alemães. De lá, viajavam de navio por aproximadamente 18 dias até o Rio de Janeiro, onde então permaneciam nos barracões de imigrantes na Ilha das Flores, e quando definidos os destinos, alguns desciam para o Rio Grande do Sul. Do Rio, iam de vapor até Porto Alegre ou Rio Grande e depois de alguns dias de descanso definiam a região colonial, para onde deslocavam-se por via fluvial ou ferroviária até a cidade mais próxima e logo, de carreta, cavalo ou a pé para as colônias, onde poderiam aguardar meses até a demarcação e, enfim, a chegada ao lote.

1.2.3. Os primórdios de Guarani das Missões

A fundação e constituição de Guarani das Missões estão inseridas no bojo da ocupação do noroeste gaúcho que se efetua de maneira mais contundente e sistematizada no final do século XIX. Neste período são fundadas três colônias, a Jaguari (1899), a Ijuhy (1890) e a Guarany (1891), esta última foi implantada nas duas margens do rio Comandahy e sua área estava localizada em dois municípios: São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo, além de estar composta de dois núcleos coloniais: o Uruguai, também chamado Lucena, e o Comandahy.

A fim de evitar “quistos étnicos”, originalmente estas colônias deveriam ser “mistas”, para onde deslocaram-se tanto imigrantes como reemigrantes alemães,

⁴⁴ No transcorrer da febre brasileira, o nome do Paraná foi envolvido numa lenda criada pelas aldeias polonesas: Diz a lenda que o Paraná até então estava coberto por névoas e que ninguém sabia de sua existência. Era a terra em que corria leite e mel. Então a Virgem Maria, madrinha e protetora da Polônia, ouvindo os apelos que o sofrido camponês polonês lhe dirigia, dispersou o nevoeiro e predestinou-lhe o Paraná. (WACHOWICZ, 1971, p.45).

italianos, poloneses, suecos, franceses, russos, entre outros. No entanto, o que ocorreu foi o aglutinamento dos diferentes grupos em núcleos homogêneos, como é o caso do Comandahy, futura Guarani das Missões, de acordo com o que expõe no livro de relatos contemporâneos à ocupação daquelas colônias, *Nas Margens do Uruguai*, o Pe. Cuber ao afirmar que

a colônia de Guarani deverá tornar-se o ponto de convergência para todos os imigrantes poloneses que estão espalhados entre outros grupos étnicos, porque lá, entre estranhos, estão expostos ao perigo, muito natural, de perderem as características de sua nacionalidade; no entanto aqui, unidos por condições tão favoráveis, poderão fundar um núcleo permanente típico, tendo comunicações fáceis com as demais colônias do Estado do Paraná. (CUBER, 1975, p. 40)

Este centro polonês foi chamado de Comandai, Santa Teresa de Guarani, Colônia Guarani, Guaramano e, finalmente, Guarani das Missões (GRITTI, 2002, p. 97), sendo formado a partir da entrega de aproximadamente 2 mil lotes rurais de 250 x 1000 metros, ocupados por a) reemigrados da colônia Ijuí; b) de reemigrantes providos dos vales pedregosos de rios da serra gaúcha (chamadas colônias velhas), dominados pelos comerciantes italianos e, os quais eram muito difíceis de serem cultivados, ainda mais pelos poloneses acostumados com as planícies com séculos de agricultura da Europa Central; e c) de imigrantes oriundos da Europa, diretamente instalados na colônia, a partir de 1913. O processo denominado por Jean Roche de “enxamagem”⁴⁵ com a reemigração de estrangeiros e descendentes em busca de novas terras permitiu o início e o desenvolvimento da colônia, porquanto esta era a base para a manutenção do *status* de camponês por parte dos imigrantes.

O foco central desta ocupação teria ocorrido entre 1891 e 1914 (MARMILICZ, 1996), segundo Polanczyk (2010, p. 104) 2785 indivíduos entraram no núcleo colonial alegando serem poloneses, neste cálculo somando 1030 russos e 1120 austríacos, presumidamente poloneses, equivale dizer que aproximadamente 5000 imigrantes

⁴⁵ Jean Roche utilizou o termo para explicar a criação de novas colônias a partir das colônias velhas alemãs e se trata da saída de descendentes dos antigos imigrantes. Embora isto tenha ocorrido com os poloneses, a colonização do Alto Uruguai e Missões muitas vezes se deu a partir da ida do próprio imigrante de primeira geração que vende seu antigo lote e compra um outro na nova colônia.

poloneses chegaram entre as datas citadas, enquanto isso, Gardolinski (1958) trabalha com o número de 3500. Os colonos que passaram em Ijuí chegaram ao redor de 1890, depois os reemigrados da serra, entre 1897 e 1901, e somam-se aqueles que vieram diretamente da Polônia entre 1910-1914, este o grupo mais numeroso.

Ao analisar os Relatórios da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, com relação ao Departamento de Terras e Colonização, podemos obter grande número de informações sobre o crescimento da colônia Guarany, porém, é mais difícil isolar o núcleo que futuramente daria origem a Guarani das Missões. O relatório de 1895, 4 anos após a fundação da colônia, é o único que aponta a existência de 12 seções, com 45 linhas e 1402 lotes justamente na região majoritariamente polonesa, enquanto na sede, havia “253 casas, sendo 224 de colonos suecos, polacos e alemães e 29 de nacionais e bem assim um engenho de moer cana de açúcar”⁴⁶.

Podemos concluir que anos depois, ao redor da década de 1930, o núcleo dos poloneses da colônia Guarani já estava com algumas décadas de ocupação, bem como um bom número de camponeses instalados e uma pequena sede urbana com escolas e igreja. Segundo Gardolinski (1958, p. 54) dentre os poloneses

A maioria dedicou-se à agricultura. Houve, porém, regular número de poloneses industrialistas, comerciantes e professores, como comprova a estatística do ano de 1925. Havia, então, em Guarani das Missões: 25 indústrias leves, 5 moinhos hidráulicos, um moinho a vapor, 4 serrarias, um engenho de arroz, 5 ferrarias, uma fábrica de carroças, uma fábrica de refrigerantes, um curtume, 2 descascadores de cereais, uma olaria, 20 casas comerciais (das quais 3 atacadistas), uma cooperativa, um cine-teatro, uma escola de nível secundário, 20 escolas particulares de primeiro grau, uma paróquia bem organizada.

Gluchowski considera, em 1928, 12 mil pessoas vivendo na região da colônia⁴⁷ (2005, p. 102), já o ministro plenipotenciário da Polônia no Brasil, Sr. Embaixador Stanislaw Grabowski, afirma em entrevista a jornalistas em 1928⁴⁸ sobre o núcleo:

⁴⁶ Relatório da Secretaria de Obras Públicas do RS, Departamento de Terras e Colonização, 1895.

⁴⁷ Provavelmente incluía toda a Colônia Guarany. O recenseamento de 1934-1938 do consulado polonês, registra 9.000 poloneses em São Luiz Gonzaga e 5.000 em Santo Ângelo, corroborando os dados apresentados.

⁴⁸ Diário de Notícias, 3 de janeiro de 1928.

Achei-a a mais adiantada das Colônias que visitamos neste Estado, sob todos os pontos de vista. Quanto à situação econômica não estranho o bem-estar e o progresso dos colonos. As terras são fertilíssimas, as estradas de rodagem excelentes, com intenso movimento, as comunicações rápidas, os pontos principais da Colônia se acham ligados por linhas telefônicas e sua sede principal Comandã, com estação telegráfica, que muito favorece o comércio e a indústria e cujo maior desenvolvimento se poderia ainda trazer uma ligação ferroviária a esta Colônia.

Existiria, portanto, um grande grupo de indivíduos, certamente formando diferentes redes parentais, de negócios, de amizade, reciprocidade, Mateo (2001, p. 49), ao tratar da província de Lobos na Argentina do XVIII, aponta que

El campesino se organiza en familias y estas familias campesinas tienden a la estabilidad, a enraizarse en un territorio, y esto al margen de que algún miembro migre estacionalmente. Estabilidad que fomenta un comportamiento orientado a evitar los riesgos e incertidumbres que provocan tanto el intercambio con la naturaleza como con arrendadores, comerciantes, el estado o alguna otra forma de manifestación del poder, como los representantes de la Iglesia, etc.

Em Guarani das Missões e dentro deste contexto imigratório Biežanko ingressará em 1931 e se alojará por alguns anos encontrando os colonos poloneses e desenvolvendo uma série de laços e vínculos sociais com eles e seus líderes.

1.3. Da imigração massiva à qualificada: Ceslau Biežanko, caminho científico e a chegada ao Brasil

Eis agora o momento de delinearmos a constituição intelectual e profissional-acadêmica deste imigrante, a fim de entendermos o porquê de suas escolhas, tanto da própria imigração como da opção pelo trabalho no desenvolvimento educacional e econômico dos seus compatriotas nas colônias. O termo imigração “qualificada” é utilizado aqui em referência ao cientista polonês e remete ao caráter de qualificação profissional (RUGGIERO, 2011) dos imigrantes que chegaram ao Brasil, muitos dos quais sem necessariamente acompanhar fluxos massivos.

Ceslau Mario Biežanko (em polonês Czesław Mariusz Biežanko) era filho de Romão Eugenio Biežanko e Sofia Maria Borzecki Stancaro. Seu pai inclusive poderia ser identificado como um “nacionalista polonês”, uma vez que participou do famoso

levante de 1863 contra os russos⁴⁹, com o objetivo de recuperar a independência polonesa⁵⁰ e foi ferido em Małogoszcz⁵¹. Por parte de mãe, era descendente da família italiana Stancaro, residente na Polônia desde o século XVI e que ocuparam cargos em universidades polonesas (BIEZANKO, 1963).

Nasceu em Kielce em 22 de setembro de 1895⁵² em uma casa que tinha duas frentes: uma para a praça *Partisan*, o outro para a rua *Wesola*⁵³, às 6 horas da manhã, duas horas depois teria sido colocado em cima numa pilha de volumes da Enciclopédia Universal de Orgelbrand, segundo costume das famílias intelectuais polonesas para lhe garantir uma carreira científica⁵⁴ e foi batizado católico com o nome em língua russa Czeslaw Mario Romanowicz Bieżanko⁵⁵. O nome Ceslau, segundo Bieżanko, provém de *Odrowaz Czeslaw*, santo polonês nascido em 1175 e morto em 1242 combatendo os mongóis quando da invasão da Polônia por aquele povo. Era comum entre os poloneses agradecerem seus filhos com nomes de santos e neste caso, em especial, um santo que representaria a defesa da cristandade pela Polônia⁵⁶.

Ceslau Bieżanko nasceu numa nação que não existia como país livre desde 1795, dividida pelos vizinhos, impérios poderosos e permeada por diversas revoltas independentistas⁵⁷. A cidade natal de Bieżanko, Kielce, ficava na região conhecida como Reino do Congresso (*Królestwo*) até 1864 e depois “território do Vístula”, parte administrada pelo Império Russo e de onde provieram diversos imigrantes para o Brasil, justamente na época em que nascia o futuro cientista. Após a rebelião de 1863 cujo pai de Bieżanko participou, a elite polonesa se dedicou ao pan-eslavismo, sob a liderança

⁴⁹ Revolta ocorrida em 1863 conhecida também como “Levante de Janeiro”, que colocou o Reino do Congresso contra o domínio Russo. O resultado foi uma forte repressão por parte do Império Russo e a supressão da autonomia e liberdades polonesas em justaposição a uma intensificação da russificação.

⁵⁰ Biografia escrita por Edmundo Gardolinski.

⁵¹ Cf.: <http://powstanie1863.zsi.kielce.pl/index.php?id=m08>

⁵² Carteira profissional, 1941

⁵³ *Przemiany*, 1974

⁵⁴ *ibden*.

⁵⁵ Discurso na comemoração do seu septuagésimo aniversário no conservatório de música em Pelotas, 1965.

⁵⁶ *Odrowaz Ceslau* (nota histórica) escrito por Bieżanko.

⁵⁷ Uma sequência de lutas em diferentes contextos com objetivo de restituir a Polônia como nação independente. 1795, 1806, 1830, 1848, 1863 e 1918. Durante o período Napoleônico e logo após ele, existiram de maneira efêmera, estados poloneses, como o Ducado de Varsóvia e após o Congresso de Viena, a Cidade-Livre de Cracóvia.

do Czar, estando o nacionalismo polonês resguardado sob a ótica dos chamados “positivistas”⁵⁸ de Varsóvia, quando houve um trauma com a supressão da revolta de 1863 e a “ação nacional” se desenvolveria no plano cultural, sendo a nação pensada como um dado existente e a independência não significando algo fundamental, de forma que “Enquanto a média nobreza se identificava e crescia com a burguesia nos centros urbanos, a alta nobreza e os latifundiários desenvolviam uma política de capitulação face a Rússia” (WACHOWICZ, 1974, p. 92).

Naquele momento, a parte russa tinha por volta de 8 milhões de habitantes, a grande maioria, pequenos agricultores com propriedades entre 2 e 5 hectares, existia também determinada industrialização, especialmente em Łódz, além de grandes propriedades agrícolas dos *magnatas*. A região acabou se tornando a expressão da Polônia partilhada, a parte mais desenvolvida, notadamente para a indústria e a burguesia, com centros urbanos como Kielce, onde se conformava a intelectualidade polonesa, “uma nova intelligência burguesa polonesa” (WACHOWICZ, 1974, p. 94). Contudo, no avançar do século XIX e o início do XX, graves crises econômicas e ambientais assolaram a região, incidindo tanto na indústria como na agricultura, fato que contribuía para a imigração, com força até o início da Primeira Guerra Mundial. Somado a isto, fortes políticas anti-polonesas e de russificação, limitavam o uso da língua e perseguiram a Igreja Católica desde as revoltas da metade do século XIX, o que levava a uma pressão sobre os poloneses desembocando na emigração massiva.

Em meio a este contexto, Bieżanko completou seus estudos secundários de 1905 a 1913 na Escola Municipal do Comércio em Kielce⁵⁹, onde o ensino era feito por vários cientistas renomados na época e com quem Bieżanko teve contato, como: o naturalista Józef Stankiewicz e o químico Stefan Borucki, fato que garantiu a Bieżanko uma boa formação intelectual e a base para seus estudos posteriores.

⁵⁸ Este nome não tem vinculação com a doutrina de Comte e foi uma categorização criada pelos russos a época da emergência do movimento varsoviano na segunda metade do século XIX. (PORTER, 1996: 1476).

⁵⁹ *Lud*, 9 de outubro de 1966.

Em 1914, Biezanko incorporou nas legiões polonesas⁶⁰, sob o comando de Piłsudski⁶¹ e chefiada pelo exército russo, durante dois meses, de setembro a novembro de 1914 como atirador em Cracóvia⁶², participando da Primeira Guerra Mundial e da libertação de seu país, coincidentemente, como seu pai fizera em 1863.

Depois, iniciou estudos superiores cursando Ciências Naturais e Matemáticas na Universidade de Varsóvia, na Faculdade de Filosofia de 1915 a 1917; entre 1913 e 1916 esteve na Escola Superior de Agricultura, na Faculdade de Agronomia, onde estudou concomitantemente Química e Ciências Naturais. Diplomado em Agronomia, posteriormente, em 1917 a 1920 cursou Faculdade de Filosofia (Ciências Naturais) na Universidade Jagellônica em Cracóvia; e por último, esteve na Universidade de Poznań cursando Química de 1920 a 1922, onde recebeu o grau de Engenheiro Agrônomo da Faculdade de Agro e Silvicultura⁶³ em 15 de junho de 1923, quando apresentou tese sobre entomologia agrícola, temática que vai acompanhá-lo por toda a carreira profissional. Ainda em 1923, serviu no Batalhão Químico de Varsóvia, com os escavadores do exército polonês⁶⁴.

Estudou mais quatro anos em Poznań na Faculdade de Filosofia, aperfeiçoando-se em Ciências Naturais cursando Química e se especializando em Zoologia e Entomologia⁶⁵, além de análise volumétrica sob a orientação de seu tio e professor Michał Mutniański para quem dedicou uma pequena biografia. A família de Biezanko parecia ter inserção nos meios intelectuais e nos círculos da alta sociedade kielcense e polonesa, fato comprovado pelas relações estabelecidas com cientistas, atores culturais e membros do alto clero⁶⁶.

⁶⁰ João Pedro da Costa, biografia no Diário Popular, Pelotas, 1981.

⁶¹ *Józef Piłsudski* foi um Marechal do exército polonês, participou da Primeira Guerra e depois tornou-se estadista, governou a Polônia renascida de 1918-1922 como chefe de estado e como ditador de 1926-1935.

⁶² *Ksiazeczki wojskowej* (caderneta militar), 1914;

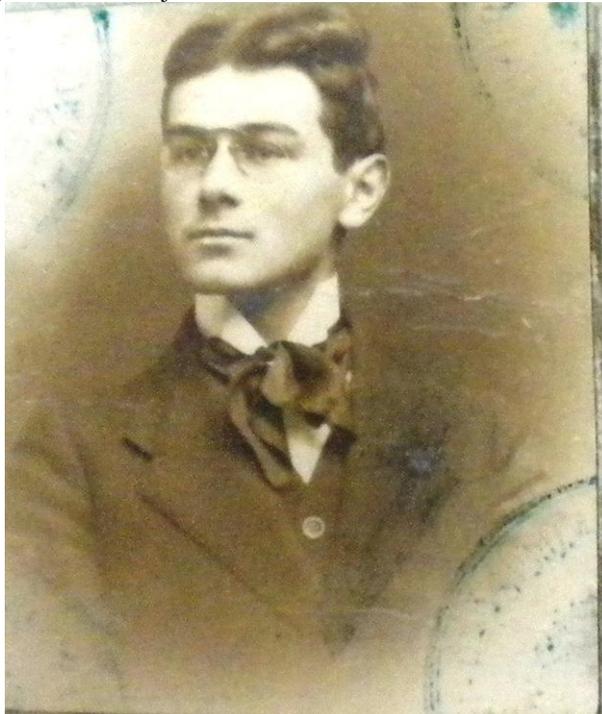
⁶³ Documento atestando o Diploma da Universidade de Poznan. 15 de junho de 1923.

⁶⁴ *Ksiazeczki wojskowej*, (caderneta militar), 1923;

⁶⁵ Biografia sobre Biezanko escrita por Gardolinski.

⁶⁶ Como fica claro em texto escrito por Biezanko destacando a amizade com o futuro bispo da Polônia, Marcei Glodewski, conhecido posteriormente por continuar a atuar em uma paróquia que ficou no gueto judeu de Varsóvia durante a Segunda Guerra Mundial, assistindo a população local. Além disso, segundo o Diário Popular de 23 de outubro de 1970, uma das tias de Biezanko foi uma poetisa de renome e sua

Figura 2- Foto do jovem Biezanko então com 22 anos de idade.



Fonte: Passaporte alemão de 1917.

Quanto à atuação profissional, Biezanko exerceu o cargo de professor em diversas escolas, respaldado pelo Ministério de Cultos Religiosos e de Educação que lhe entregaram o diploma para ensinar Ciências Naturais e Química em todos os colégios e escolas públicas ou particulares⁶⁷, lecionando, assim, entre os anos de 1916 e depois, 1924 a 1926⁶⁸. Nas férias escolares trabalhava em cursos de aperfeiçoamento para professores das escolas públicas a convite do próprio Ministério da Educação supramencionado, de maneira que ministrou cursos em Padom em 1918, Szczucin em 1919, Rawa em 1920 e Kalisz em 1921, ainda, de 1920 a 1923 foi assistente de química geral na Universidade de Poznań e nas férias estagiava em usinas.

De 1926 a 1927, em Grudziadz, lecionava gratuitamente na Escola de Construção de Máquinas e Tecnologia Agrícola, no inverno trabalhando com a

mãe, autora de uma Antologia Francesa. A provável poetisa é Maria Konopnicka, autora de *Pan Balcer w Barazylii*.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ Lecionou Ciências Naturais e Química em Varsóvia nas escolas M. Taniewska, J. Zaborowska, S. Kaczorowska, R. Kowalski, W. Posselt e no Primeiro Colégio de Varsóvia Currículo, 1931.

industrialização da beterraba açucareira e no verão, da batata, cereais e frutas. “Em 1927 organizou e dirigiu cursos suplementares e de aperfeiçoamento para soldados e sub-tenentes em Grudzaz [Grudziadz]”⁶⁹ e também exerceu o magistério na Escola Superior de Oficiais do Exército em Bydgoszcz, onde lecionou Química e Biologia, fato que lhe rendeu como condecoração a medalha de 10 anos da Independência da Polônia em 1928⁷⁰. Em Varsóvia, Biezanko ensinou Química Agrícola e Química Orgânica na Escola de Fruticultura e em Toruń e Grudziadz dirigia cursos para adultos e foi diretor e professor de Química Tecnológica nos cursos técnicos, e no de droguistas. Por fim, lecionou Ciências Naturais no Colégio Mickiewicz em Varsóvia⁷¹.

Além da extensa atividade docente, antes da sua chegada ao Brasil vinculou-se a diferentes sociedades científicas em distintos países, fruto do seu trabalho intelectual, por exemplo, a *Société Chimique de France* (1921), Sociedade de Química da Polônia (1922) e Sociedades de Entomologia da Polônia, Bélgica e Espanha (1923)⁷². Ao longo da sua vida, Biezanko recebeu uma série de denominações honoríficas entre elas a nomeação como colaborador da Comissão Fisiográfica em 1924 pela Faculdade de Ciências Matemáticas e Naturais da Academia de Ciências em Cracóvia, este seu primeiro título importante e o único até a chegada ao Brasil.

Biezanko, posteriormente, a trabalho como funcionário público⁷³, viajou pela Espanha, Itália, Alemanha e França, onde em 1928, em *Banlieu Sur-Mer*, na *Côte D’Azur*,⁷⁴ conheceu Joanna Dolrowolska, filha de José Dolrowolska (provavelmente Dolrowolski) e Maria Dolrowolska⁷⁵, ambos poloneses. Joanna era chamada pelo nome artístico de Lúcia Mantovani, cantora lírica com a qual Biezanko contraiu matrimônio⁷⁶ e que o acompanhara até o Brasil onde faleceria em 1968⁷⁷. Importante frisar que

⁶⁹ João Pedro da Costa, biografia no Diário Popular, Pelotas, 1981.

⁷⁰ Carta da Escola de sub-tenentes do exército, 1929.

⁷¹ João Pedro da Costa, biografia no Diário Popular, Pelotas, 1981.

⁷² Lista de afiliações de Biezanko feita por Gardolinski.

⁷³ João Pedro da Costa, biografia no Diário Popular, Pelotas, 1981.

⁷⁴ Biografia escrita por Eliézer Rios.

⁷⁵ O sufixo *ska* normalmente é utilizado no idioma polonês para mulheres, em geral, esposas e filhas. Por isso, Dolrowolska faz sentido para Joanna, mas não para o seu pai, resultado de uma provável má interpretação do escrevente, comum para os sobrenomes poloneses e europeus, em geral, no Brasil. Atestado de óbito, 19 de dezembro de 1968.

⁷⁶ Missiva em Francês da secretaria da prefeitura de *Banlieu-sur Mer*, 1936.

⁷⁷ Certificado de óbito de Joanna Dolrowolska Biezanko, de 19 de dezembro de 1968.

Bieżanko teria sido enviado pelo Ministério da Religião e da Educação Pública para lecionar nos cursos de aperfeiçoamento de professores poloneses na França⁷⁸, onde então conheceu a sua esposa.

Nesse ínterim, de sua formação profissional e científica, observamos que a ciência botânica seguidamente vai permeando a sua trajetória, apesar desta sempre estar mais atrelada a entomologia. Em 1926, quando trabalhando no Laboratório Industrial da Indústria Açucareira em Varsóvia em conjunto com J. Zaleski, escreve artigos como *Sprawozdanie ze Stacij Oceny Nasion buraków cukrowych Centralnego Laboratorjum Cukrowniczego za rok 1925* na Revista científica *Gazeta Cukrownicza*⁷⁹ relativo à beterraba para produção de açúcar, este cultivo também terá dedicação de Bieżanko no Brasil, quando passar por Osório (Rio Grande do Sul) com o intuito de desenvolver a cana-de-açúcar⁸⁰. Aliás, observamos que as experiências com diferentes cultivos serão preocupações de Bieżanko quando vier ao Brasil, posto que aqui produz em diversos idiomas textos sobre o cultivo de soja⁸¹, cebola⁸², coentro⁸³, plantas ornamentais, medicinais, além de várias outras⁸⁴ as quais destaca utilidades, métodos e em especial, os insetos e moléstias que as atacam.

Entre os anos de 1920 e 1928, proferiu gratuitamente, muitas conferências e palestras populares em: congressos, reuniões, festividades e comemorações, em diversas oportunidades, tais como: reuniões de fazendeiros, agricultores, técnicos e droguistas nas cidades de: Torun, Chemno, Tczew, Grudziadz, etc. [...] Os assuntos abordados, nestas palestras dependiam da categoria dos ouvintes e, então, versavam sobre: água potável, artigos de consumo e sua conservação, sobre o leite, sobre o açúcar e sua importância, ou então, insetos nocivos⁸⁵.

⁷⁸ Currículo, 1931 e carteira de identidade Para estrangeiros na França, 1930, Aleksandra Klasa 1974.

⁷⁹ [Relatório da Estação de semente de beterraba sacarina do Laboratório Central para o ano de 1925]. Lista de publicações efetuada por Gardolinski. Outro artigo de 1926 também escrito com Zaleski chama-se *Wskazówki do badania nasion buraków w cukrowniach*. [Dicas para estudar a beterraba açucareira].

⁸⁰ Acta de sessão solene: Concessão de Título de cidadão pelotense a Ceslau Bieżanko, 1971.

⁸¹ *O uprawie soi. Lud*, 1934; *O pożytkach z soi. Lud*, 1934;

⁸² A cebola. Cruzeiro do Sul, Rio Grande, 1935;

⁸³ O coentro, seu cultivo, propriedades e utilidades. Anais do II Congresso de Agronomia, Porto Alegre, 1940.

⁸⁴ Tanaceto (1952), plantas exóticas (1964), Nigelas (1957), Ciano (1941);

⁸⁵ João Pedro da Costa, biografia no Diário Popular, Pelotas, 1981.

O desenvolvimento da sua produção acadêmica e de suas ações na área do que podemos chamar de “desenvolvimento rural” serão discutidos no terceiro capítulo, mas ao longo de sua trajetória fica bem destacado o trabalho na pesquisa científica e a preocupação com a agricultura, mas também, notadamente, sua formação e atuação na área educacional. Dessa forma, entendemos o porquê de Bieżanko tentar a introdução de um produto novo em uma colônia agrícola, e quiçá, começamos a apreender quais motivos o levaram a este lugar.

Por último, cabe destacar algumas atividades que Bieżanko realizou para além da docente, ainda na Polônia, onde trabalhou de 1914-1917 no Laboratório Zoológico da Sociedade Científica de Varsóvia e ainda em 1914 na Estação Fisiográfica da Sociedade Científica de Ojców. Dos anos de 1920 a 1923 trabalhou no Instituto de Química Geral em Poznań, e de 1920 a 1926 no já citado Laboratório Industrial da Indústria Açucareira⁸⁶ em Varsóvia.

1.4. A experiência polonesa em Misiones

“Em 1929 Bieżanko foi enviado pelo Ministério de Religião e de Educação Pública para a França, para lecionar nas escolas da imigração polonesa. Em 1930 foi para a Argentina com a mesma missão” (MAZUREK, 2009, p. 22). Ceslau Bieżanko teria chegado à Argentina provavelmente em 21 de abril de 1931⁸⁷ inicialmente na província de Misiones, onde segundo ele, também tentou introduzir o cultivo da soja⁸⁸ entre os descendentes e imigrantes poloneses que lá viviam (PYZIK, 1966). O cientista ficou em território argentino até dezembro, quando imigrou definitivamente para o outro lado da fronteira.

Os poloneses, assim como os ucranianos, preferiram o Brasil como destino imigratório, no entanto, a Argentina também recebeu levas de imigrantes europeus no fim do século XIX e início do XX, imigração gerada através da vinda espontânea de estrangeiros ou, ora subsidiada pelo Estado, ora feita através de empresas colonizadoras,

⁸⁶ Alternativa europeia para produção de açúcar.

⁸⁷ Passaporte 1931.

⁸⁸ Texto de Bieżanko “Algumas observações sobre a soja e seu cultivo”, 1958.

sendo chamada pela historiografia local de imigração “masiva” (DE CRISTÓFORIS, 2007). Os poloneses começaram a chegar à Argentina por volta de 1897, com um grupo de galicianos⁸⁹ que se instalou justamente na província de Misiones, na colônia de Apóstoles (ZUBRZYCKI, 2001). Misiones será a região que receberá a maior parte dos imigrantes polacos que chegam à Argentina, somando o fato que de 1918 a 1939, segundo Dembicz e Smolana (1996), a Argentina se torna o principal destino dos poloneses que imigram para a América do Sul. A ocupação, majoritariamente rural, lembra muito a feita nos estados sulinos do Brasil (STEMPLOWSKI, 1985), de maneira que surgiram colônias mais ou menos homogêneas de agricultores, os quais recebiam terras do governo (KOJROWICZ, 2002), que tinha o objetivo estratégico de manter o território argentino⁹⁰ e produzir gêneros alimentícios.

Bieżanko, portanto, antes da experiência em território brasileiro, passa por uma região muito parecida, no lado oriental do rio Uruguai, onde encontra seus compatriotas e começa a se relacionar com eles, de maneira assaz próxima aquela ocorrida com os poloneses em Guarani das Missões.

Segundo Łukasz, naquele período, Misiones recebia vários representantes do estado polonês, os quais deveriam atuar na educação e animar a vida social e econômica dos colonos, assim como aconteceria no Brasil logo após a independência polonesa. Com esse objetivo, o governo polonês com tendências unificadoras e ambiciosos planos estratégicos cria o *Patronato Polaco en Posadas* em 1930, e também funda a *Unión Polaca de Misiones y Paraguay*, as quais deveriam concentrar as sociedades polonesas preexistentes num caráter federativo, com objetivo de “organización de cooperativas agrícolas [...] y la fundación de un nuevo periódico” além de manter contato com as organizações polonesas do vizinho Brasil (ŁUKASZ, 1981, p. 181-182). A tutela realizada pelos representantes poloneses com relação às comunidades agrícolas gerou conflitos

El período a partir del principio de la “acción escolar” en 1928 hasta el estallido de la Segunda Guerra Mundial es una época de lucha entre dos

⁸⁹ Da região da Galícia polonesa, então sob domínio Austro-Húngaro.

⁹⁰ Interesses estratégicos parecidos com os do Brasil, de povoar a fronteira para evitar contestações.

conceptos de la organización de la vida social de la comunidad polaca en Misiones: por un lado los representantes oficiales del estado polaco trataron de poner en práctica los conceptos de la política emigratoria polaca sobre como debían funcionar las comunidades polacas en el extranjero y, por otro, los colonos negaban a aceptar en todo el patronato oficial (ŁUKASZ, 1981: 178).

Estas agitações envolviam geralmente os representantes estatais, conhecidos como “oficiais” ou “oficialistas” e os do clero e suas instituições religiosas, chamadas “tradicionais” (ŁUKASZ, 1981), responsáveis até então pela organização dos colonos estabelecendo as instituições nos mais diferentes ramos (educacional, econômico, social, etc.). A mesma disputa vai ocorrer no Brasil, com a introdução dos instrutores (*Instruktorów*) mandados pelo governo, que entram num embate com as autoridades clericais e os seus aliados leigos pela hegemonia na administração das colônias polonesas.

Bieżanko pode ter vindo acompanhando ou sendo (ocorrência mais provável) um dos tais representantes do estado polonês, mas se igual fato não ocorrera, pelo menos com eles estabeleceu contatos que o levaram a um relacionamento com os colonos. Convém observar que ele já havia sido na Europa enviado a outros países como representante do governo, de qualquer forma, Bieżanko atuou como instrutor cultural (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000, p. 270) e inclusive teria tentado estimular a produção agrícola e o desenvolvimento de projetos na área educacional, cumprindo, portanto o papel designado aos oficialistas.

Em 1934, um jornal polono-brasileiro de Curitiba, conhecido por ser vinculado à Igreja, em especial aos vicentinos, pois em 1920, o anticlerical “*Polak w Brazylji é assumido pelos missionários vicentinos e ressurge, em 2 de outubro, com o nome Lud (povo)*”⁹¹, este periódico assinala seu ponto de vista sobre os acontecimentos de 1931 e 1932 em Misiones numa série de reportagens intituladas *Listy z Argentyny* (cartas para Argentina) em que o periódico lança luz sobre os conflitos entre igreja e “oficiais” pelas instituições locais

⁹¹ Site da revista Polonicus: Disponível em http://www.polonicus.com.br/site/biblioteca_interna.php?cod=29 Acessado em 04/06/2013.

Azara, 27 de maio de 1934.

Com a vinda de expoentes educadores da Polônia para a área de Misiones começou a se propagar uma luta pela escola católica polonesa, mas ao invés de cooperar com as escolas velhas, instituições que já adquiriram mérito ou ao invés de demonstrar-se favoráveis a elas, eles começaram um trabalho tortuoso, [...]. Até então todas as escolinhas polonesas estavam junto às igrejas e capelinhas e ao cuidado direto dos padres vigários; também a relação das sociedades polonesas existentes com a paróquia, era parecida. Isso visivelmente não agradava aos educadores que vieram da Polônia e por isso começaram um trabalho de desmanche da união católica e polonesa⁹².

O primeiro dos educadores foi Jan Sikorski, que fez das sociedades existentes em Apóstoles, a sociedade “Jedność” (unidade), tirando do controle do padre a situação anterior, “que não era de acordo com o seu espírito liberal”. Conforme o periódico, os educadores “conseguiram derrubar a existente unidade e concórdia, introduzindo discussões e querelas na colônia polonesa”, de fato, retirando do clero as escolas e sociedades. Assim, começou uma luta das sociedades liberais com as católicas, sendo que as escolas propagadas sob a tutela dos intelectuais enviados se encontravam melhores financeiramente porquanto tinham professores pagos pelo governo polonês, contrariamente as sociedades polonesas e as paróquias as quais conduziam as escolas por conta própria.

Relevante sopesar alguns aspectos deste embate entre a esfera clerical e uma esfera “anticlerical” e suas reverberações no Brasil, as quais aparecerão novamente quando Biezanko imigrar para Guarani das Missões e vão interferir no seu trabalho naquela comunidade. Primeiro, segundo Weber (2015) “Quando mais organizadas, lideranças religiosas poderão entrar em conflito entre si¹, ou com lideranças laicas politicamente motivadas”, assim teria ocorrido, por exemplo, em Curitiba, onde na visão do historiador vicentino Piton (1971, p. 82), o final da primeira década do século XX foi um período de “batalha pela hegemonia na colônia polonesa”, onde já existia

⁹² Z przybyciem bowlem referentów oświatowych z Polski, roznętała się na terenie Misiones walka o szkołę katolicko-polską. Oi bowiem, zamiast wspomagać stare, zasłużone instytucje, lub przynajmniej okazywać im przychylność, zaczęli krecią robotą, podkopywać [...]. Dotychczas wszystkie szkoły polski istniały przy kościołach i kapliczkach pod bezpośrednim dozerem księży proboszczów; także stosunek istniejących towarzystw polskich do parafji był podobny. Niepodobalo się to widocznie przybyłym referentom i dlatego rozpoczęli to osławione na tutejszym terenie rozbijanie jedności katolickiej i polskiej.

uma atividade dos padres desde os primórdios da imigração e são confrontadas posteriormente pela vinda da tutela do governo polonês.

As divergências ocorreram, sobretudo, no âmbito cultural e educacional, mas em alguns momentos transferiram-se para a política⁹³, iniciando antes mesmo da independência polonesa, mas recrudescendo após sua ocorrência, quando chegam os funcionários governamentais, representantes consulares⁹⁴ e instrutores (*instruktorów*), muitos dos quais vão tomar parte da rixa ao lado do bloco mais anticlerical, tal e qual ocorrido na Argentina. No Brasil, nos anos 1920, são criadas inclusive duas instituições rivais cada qual congregando um grande número de escolas, a *Oświata*, ligada à Igreja Católica e a *Kultura*, vinculada aos “anticlericais” e “liberais”. Esta disputa é fundamental para entender o relacionamento de Bieżanko com a comunidade polonesa, seja com as autoridades religiosas, seja com as laicas, as quais influem permanentemente no trabalho do cientista, especialmente nas instituições por ele fundadas ou nas que trabalha, já em Guarani das Missões.

Retomamos o caso argentino, onde o sucessor de Sikorski, foi Pawel Nikodem, um dos “oficiais” representante do partido do então governante da Polônia, Piłsudski (PPS⁹⁵), nascido em 1892 em Gród Ciszynski na Polônia, teria imigrado como funcionário diplomático na condição de conselheiro cultural em 1920 (MALCZEWSKI, WACHOWICZ, 2000, p. 268), inicialmente para o Brasil. Em 1930 foi nomeado primeiro diretor do patronato polonês em Posadas, e da sua filial em Apóstoles, ambas na Argentina, onde teria sido muito próximo de Bieżanko e migrado com ele para o

⁹³ Weber (2015), para um período anterior ao da Independência polonesa, afirma que “Simão Kossobudzki, um ex-militante em prol da independência da Polônia e participante de revolução de 1905, que engajou-se no grupo da *Kultura*, mesmo tendo organizado o Diretório Polono-Brasileiro do Partido Republicano de Araucária, teve inviabilizada sua candidatura a deputado pelo Partido Republicano, em virtude da rejeição de seu nome pelo clero polonês, que controlava o voto nas colônias (Wachowicz, Malczewski SChr, 2000, p. 195)”.

⁹⁴ Segundo Weber (2015): “Uma noção de “polonidade”⁹⁴ com conotações menos messiânicas e mais políticas permeava a atuação de Kazimierz Gluchowski, o primeiro cônsul polonês no Brasil após a independência política da Polônia (2ª República Polonesa), que chegou a Curitiba em 1920, o qual era aliado aos “progressistas” que se opunham ao ensino religioso [...], e aos promotores da Liga Marítima e Colonial, em geral militares, cujos sonhos de uma colônia marítima ultramarina tiveram fim com o regime nacionalista do Estado Novo brasileiro”.

⁹⁵ Criado em 1892 foi um dos mais importantes partidos da Polônia até sua dissolução em 1948. O Marechal Piłsudski, herói da Independência Polonesa em 1918, foi filiado e depois líder deste partido no início do século XX. Foi recriado em 1987 e continua ativo. Tinha um programa progressista e nacionalista.

Brasil quando “En los años 1932-1933 fueron retirados de Misiones los maestros de Polonia” (ŁUKASZ, 1981 , p.183) devido aos conflitos com as instituições religiosas, uma vez que Nikodem era subvencionado pela República Polonesa e tentava continuar o desenvolvimento de instituições laicas para tirar ao controle do clero, os colonos de Misiones. No início obteve certo sucesso, mas sem continuidade em razão das posteriores faltas de financiamento⁹⁶, o fato é que essas lutas entre as duas vertentes de pensamento foram intensas e levaram, pelo menos na visão dos membros da Igreja, a uma certa desorganização social dos poloneses em Misiones⁹⁷.

Para o *Lud*,

“O senhor Nikodem com astúcia de um sectário organizava os liberais, toda a ralé inimiga da igreja e elogiava-se publicamente: “até hoje os problemas sociais poloneses estavam nas mãos dos católicos e das paróquias, mas desde agora tem que passar para as mãos dos liberais”⁹⁸.

No texto, o autor soma que “Toda esta luta ocorria sob a prepotente tutela de triste lembrança do conselheiro de emigração Michal Pankiewicz.”. Michal Pankiewicz era um conselheiro de emigração na América do Sul, que chegou em Posadas em 24 de outubro de 1931⁹⁹, ou seja, alguns meses depois de Bieżanko, para substituir o mencionado Sikorski. Tinha uma série de objetivos para a colônia polonesa, desde a valorização dos periódicos locais, dos cursos de professores, planos para escolas, sociedades e com relação à instalação de um banco polonês, o P.K.O (*Polska Kasa Oszczędnościowa*),¹⁰⁰ não obstante, acabou sofrendo fortes críticas ao longo do seu trabalho, em especial pelos gastos e altos salários¹⁰¹, além do esforço para retirar o controle do clero polonês sobre as instituições polonesas em Misiones.

⁹⁶ *Ibden*

⁹⁷ *Ibden*. Segundo o *Orędownik* “A confusão, que foi introduzida aqui na vida social polonesa, é difícil eliminar e de desenraizar o mal. Incontestavelmente a responsabilidade cai sobre o ex-conselheiro emigratório e seus colaboradores”.

⁹⁸ Pan Nikodem z przebiegłością sekciarza organizował liberalnych, wszelkie wrogie kościołowi męty, chlubiąc się publicznie: „dotychczas sprawy społeczne polskie były w rękach katolików i parafij, ale od teraz muszą przejść w ręce liberalnych”.

⁹⁹ Wywiad z p. Radcą Michałem Pankiewiczem, *Orędownik*, 1 de novembro 1931

¹⁰⁰ *ibden*.

¹⁰¹ “Poco przyjeżdżał Radca Pankiewicz?” *Orędownik* 16 de setembro 1932.

“O seu posto de duas caras e insincero diante das escolas católicas no que se refere a toda luta trouxe um especial desarranjo na vida organizacional e escolar locais. E a luta entre os fatores governamentais poloneses na área das Misiones, a qual se desenvolveu no fim de 1931 por causa do problema do Nikodem e pelo apoio do ex-conselheiro de emigração, solapou a confiança da colônia local com relação aos instrutores, professores, vindos da Polônia, e com verdadeira tristeza deve-se dizer também com relação a Polônia.”¹⁰²

Diante desta crise, encontramos várias referências a Bieżanko no ano de 1931, justamente quando estive na região, no jornal mais lido pela comunidade polonesa de Misiones, o *Oređownik*, periódico fundado em 1924 e que durou até 1950 (ŁUKASZ, 1981, p. 177). Durante algum tempo bissemanal e depois semanal (STEMPŁOWSKI, 1985), estava vinculado a Igreja, principalmente à paróquia de Azara¹⁰³, sendo o inspirador para sua criação o padre Józef Bayerlein-Mariański (quem foi retirado de Misiones em razão das disputas citadas acima na reportagem do *Lud*), e seu redator, Jan Czajkowski quem escrevia a maioria dos artigos (ŁUKASZ, 1981, p. 177).

O periódico foi convidado a se juntar a *Unión Polaca*, mas em razão da negativa de Czajkowski, foi procurada uma alternativa. Posteriormente, talvez ao perceber as intenções dos oficialistas, o jornal abrirá fogo contra os representantes do governo polonês em Misiones, em favor da “velha ordem”, ou seja, da volta das instituições polonesas para as mãos do clero.

Ao concentrar-nos em alguns aspectos destacados nas fontes, ao longo da investigação do periódico, pudemos perceber grande influência de Bieżanko, numa fase inicial, junto ao ramo educacional em Misiones, quando fundou um curso de professores e ajudou a organizá-lo tendo neste sentido, o apoio do clero e do “seu” jornal, o *Oređownik*, ou seja, do seu redator, que inclusive participou do projeto do curso. Segundo artigo de 5 de outubro de 1931 de Antoni Czajkowski¹⁰⁴ é anunciado o

¹⁰² *Lud*, 11 de abril de 1934. Cartas para a argentina: Pe. Jan Wislinski Listy z Argentyny Azara, 27 maja 1934

Dwulicowe i nieszczerze jego stanowski wobec szkół katolickich i w odniesieniu do całej walki spowodziło istny bałagan w tutejsze dosyć zharmoniazowane życie organizacyjne i szkolne. A walka w wśród czynników rządowych polskich na terenie Misiones, jaka się wywiązała pod koniec r. 1931 za sprawą Nikodema i przy poparciu, byłego radcy emigracyjnego, podkopała zaufanie kolonji tutejszej do instruktorów oświatowych, nauczycieli przybyłych z Polski, a z prawdziwym smutkiem powiedzieć trzeba, także i do Polski.

¹⁰³ Colônia polonesa fundada na Argentina em 1897 próxima a Apóstoles e na fronteira com o Brasil.

¹⁰⁴ *Oređownik*, Dnia 5 października 1931 r, Wiadomości z Osad Polskich, Posadas.

“novo progresso no campo do trabalho da ciência em Misiones com iniciativa do sr eng. Czeslaw Bieżanko. Foram abertos em Posadas cursos de professores dos quais se sentia falta antes do seu início - junto a rua Santa Fé 209 [...].”¹⁰⁵. Para o curso diferentes professores vieram de Azara, Apóstoles, Corpus e Fram, dentre eles: Stanisław Czarniecki, Izabela e Klara Czajkowski de Azara; Kazmierz Rytzel e Józef Celmer de Apóstoles; Antoni Dęsol, Antoni Czajkowski, Franciszek, J. Kaczorowski e Florentyna Pelińska de Kazmierzowo em Corpus, Gustaw e Anna Krużolek de Fram no Paraguai, P. Nikodem, Chanciuk de Posadas, também Zygmunt Duszan Ciszek e Leopold Nowak de Buenos Aires.

Segundo o periódico, o curso foi bem organizado, com ótimas instalações e materiais de estudo, além da presença de símbolos religiosos e nacionais (quadros de Józef Piłsudski, primeiro Marechal da Polônia), então, congregando os interesses dos oficiais e dos membros do clero local para o desenvolvimento de uma atividade conjunta, expressa com presença, na abertura do curso, do diretor do patronato P. Nikodem, bem como Teodor Idzi presidente da Sociedade Krakus, Antoni Skupien, J. Tarnowski e Pawel Reszod da Sociedade União dos Atiradores, Jan Czajkowski redator do *Oređownik*, Jan Peliński presidente do Comitê da paróquia de Kazmierzowo com Rudolf Chrześcian.

Após um almoço coletivo o senhor eng. Bieżanko com um belo discurso abriu o curso e falou também o senhor Nikodem desejando o melhor sucesso, estava um ótimo clima entre os presentes e com o trabalho e para a ação não nos faltará forças cantado sob a direção do Sr. St. Czarniecki [...].¹⁰⁶

, Existia assim, certo afinamento entre as diferentes instituições, fato que se completa na lista de professores e respectivas disciplinas com Padre Ignacy Katrynski, religião e ética moral; Bieżanko anatomia, higiene e outras ciências afins; Nikodem

¹⁰⁵ Proszę zamieszczyć w swem poezytzem pismie tych parę słów, o nowym postępie na polu pracy oświatowej w Misiones.

Za inicjatywą p. Inż. Czesława Bieżanki, zostały otwarte w Posadas kursa nauczycielskie, których brak dawno odczuwać się dawał.

Przed rozpoczęciem kursów – przy ulicy Santa Fe 209

¹⁰⁶ Po wspólnym śniadaniu, p. inż Bieżanko pięknym przemówieniem otworzył kursa. Przemawiał też p. Nikodem życząc jak najlepszego powodzenia. Bardzo miły nastrój panował wśród zebranych, a pieśnią „Do pracy do czynu nie zbraknie nam sił”! odśpiewaną pod kierownictwem p. St. Czarnieckiego zakończono tę piękną uroczystą chwilę – otwarcia kursów.

sobre a emigração; Ciszek sobre literatura, matemática; Rytzel gramática, história e geografia polonesa, Nowak gramática da língua espanhola; Czarniecki, canto e música; Czajkowski jogos e brincadeiras. Conforme o periódico, “Por seis horas diárias os senhores conferencistas derramam dentro da aula dos ouvintes as sementes da ciência para o bem dos compatriotas e suas crianças. Que o fruto do seu trabalho traga cem vezes glória e honra para a Polônia.”¹⁰⁷. Em suma, podemos verificar que até aquele momento as disputas estavam incipientes, existindo uma coexistência pacífica e projetos conjuntos os quais alinhavam os pensamentos das vertentes “oficiais” e “tradicionais”.

Apesar de tudo, algum tempo depois, o curso sofreu com mal entendidos em relação aos colonos, os quais criaram querelas quanto à forma de ensino, levando muitos alunos a desistirem¹⁰⁸. No entanto, o *Orędownik* aprecia a ação de Bieżanko, quem teria buscado a união das escolas e não a existências de duas, uma sobre controle paroquial e outra laica, o que acabava dividindo poucos alunos¹⁰⁹. Não obstante, posteriormente o curso passou a amargar críticas, em razão principalmente dos gastos com seu financiamento e os salários dos professores. Como na reportagem *Kursa za 8.000 pezów* (Curso a 8.000 pesos) em que a redação do *Orędownik* aponta os excessivos salários de 610 dólares dos professores nos cursos *urządzone ostatniu w Posadas przez inż. Bieżankę* (organizados ultimamente em Posadas pelo engenheiro Bieżanko), no qual os valores das despesas totais em torno de 8.000 pesos argentinos são questionados em função dos resultados obtidos, assim fica claro que apenas alguns dias depois, o periódico muda de opinião e já contrapõe-se aos feitos de Bieżanko e dos outros oficialistas, excluindo o redator Czajkowski, um dos iniciadores do curso e sequer citando se teria algum salário na mesma medida que os outros, uma possível origem da mudança de perspectiva da redação.

As querelas que envolveram os oficialistas e os membros da Igreja (sejam do clero ou laicos) são bem representativas nas notícias divulgadas no periódico, tendo Bieżanko como ator envolvido em meio a esta trama. Outro exemplo com relação aos

¹⁰⁷ Przez sześć godzin dziennie panowie prelegenci wlewają w dusze słuchaczy cudne ziarna wiedzy dla dobra ziomków i ich dziatwy. Oby stokratny owoc ich praca przyniosła na chwałę i cześć Polski.

¹⁰⁸ *Orędownik*, n. 157

¹⁰⁹ *ibden*.

curso de professores e o ramo educacional segue na notícia de agosto de 1931, envolvendo outro membro da diplomacia polonesa, o professor Czarniecki:

Professor Czarniecki

Dia 19 de agosto do ano em curso, o padre vigário dispensou o professor Czarniecki do compromisso das funções dadas pelo eng. Bieżanko – liberou de ensinar na pré-escola - em consequência de não estar ajustado desde o início sob vários pontos do compromisso.¹¹⁰

Demonstramos assim, as dificuldades que o nosso biografado inicialmente passou em Misiones, fato que poderia contribuir para a experiência de Bieżanko e alertado para tentativas de aproximação com o clero local como fundamentais em comunidades polonesas, onde estes eram líderes. O catolicismo polonês era uma força entre os colonos, em virtude de estar vinculado ao nacionalismo (TRINDADE, 2013) desde a Europa e da inicial organização das comunidades feita pelo clero, tanto que uma maneira de atacar Nikodem e outros “oficiais” era justificar suas ações “anticlericais” acusando-o de luterano ou calvinista, visivelmente, buscando o apoio da maioria católica entre os colonos poloneses.

Por muito tempo não podíamos entender o seu procedimento, mas lentamente o problema se esclareceu. Nos escrevem do Brasil – pessoas que o conhecem da região de Curitiba – que o senhor Nikodem é luterano (e aí está um seguidor da religião do governo prussiano) então herege, assim que odeia o catolicismo.¹¹¹

Podemos dizer, confirmado tais acepções, que Bieżanko teve uma experiência prévia àquela que desenvolveria por mais tempo no Brasil, as quais podem ter lhe apontado a necessidade de promover conciliações com o clero emigrado. Além disso, as suposições sobre a sua vinda para a América vão ficando mais claras na medida em que podemos observar os interesses do governo polonês nos colonos que haviam imigrado e

¹¹⁰ “Nauczyciel Czarniecki

Dnia 19 sierpnia br. Ks. Proh zwolnił nauczyciela Czarnieckiego z obowiązku założonego nań przez inż. Bieżanko – uczenia w ochronę – wstunek niesto owania się tegoz od samego początku do wielu punktów ugody.” *Oredownik*, agosto 1931.

¹¹¹ “Długo nie mogliśmy zrozumieć jego postępowania, lecz powoli sprawa się wyjaśnia. Piszą nam z Brazyliji – osoby znające go na terenie kurtybskim – że p. Nikodem jest lutrem (wyznawcą urzędowej religji pruskiej) a więc heretykiem, nienawidzącym katolicyzmem.” *Oredownik*, n. 172..

seus descendentes, e as relações entre os poloneses dos dois lados do rio Uruguai. As Misiones da Argentina e as Missões brasileiras tinham um contato de longa data, desde a estadia dos jesuítas, no século XVII e XVIII, mas depois também no século XIX, com vários migrantes brasileiros adentrando o lado oriental (ZUBRZYCKI, 2001, WEBER, WENCZENOVICZ, 2012). A chegada dos europeus, muda as relações, mas a utilização dessa região fronteiriça como via de circulação de pessoas continua.

Os poloneses circulam de um lado a outro e com eles uma série de materiais. Bieżanko inclusive recebeu o *Orędownik* por algum tempo quando esteve em Guarani. Além disso, outras pessoas da região como o médico polonês Dr. Marjan Ziemianowski, chegado em agosto de 1932 no núcleo Comandahy¹¹², recebia o *Codzienny Niezależny Kurjer Polski w Argentynie* outro periódico polono-argentino vindo de Buenos Aires. Ou seja, havia relações entre os poloneses destas regiões, assim como existia com os outros estados sulinos do Brasil; o próprio periódico polono-brasileiro *Lud* de Curitiba, reportava-se seguidamente aos acontecimentos em Misiones, assim como o fazia o *Orędownik* sobre o lado brasileiro¹¹³.

A circulação entre as regiões e países pode ser exemplificada com o caso de Antonio Warpechowski, outro imigrante polonês que teria chegado em Guarani das Missões em 1925 (WENDLING, 1971), inicialmente, segundo seus filhos, veio da Polônia para Buenos Aires num navio italiano, o “Francesca” e, em seguida, para Apóstoles e de lá para o lado brasileiro, estabelecendo-se em Guarani das Missões através de contatos com parentes. Depois, este imigrante acabou investindo justamente na novidade introduzida por Bieżanko, através da exploração do óleo de soja e outros produtos¹¹⁴. Portanto, a entrada de Bieżanko no Brasil por Misiones não foi um caso raro, inclusive, no ano de 1913 a 1914, cerca de 2320 agricultores teriam chegado à colônia Guarany, sendo 1657 procedentes da Argentina e outros pontos do estado¹¹⁵,

¹¹² *Lud*, 12 março de 1932.

¹¹³ Até hoje, seguidamente na Polfest, festa polonesa em Guarani das Missões, existem apresentações de grupos folclóricos de Misiones e os polono-argentinos participam da comemoração. Cf.: <http://www.misionesonline.net/noticias/11/06/2011/polacos-de-la-region-se-encontraron-en-el-polfest-de-brasil>

¹¹⁴ Entrevista com C.W. (comerciante aposentado, 80 anos) e M.L. (dona de casa aposentada, 78 anos) 23/01/2014.

¹¹⁵ Relatório da Diretoria de Terras e Colonização 1914.

contudo, também não era o modo habitual pelo qual aportavam imigrantes estrangeiros no Rio Grande do Sul.

O padre Cuber, ao escrever sobre as “maravilhas” da colônia Guarani, assinala a proximidade e acesso a Argentina como ponto positivo reforçando nosso argumento. Escreve o padre: “possui comunicação fácil com a Argentina, eis que os barcos navegam até a cidade portuária, de San Javier, situada no território argentino, numa distancia de 6 léguas da futura sede da colônia de Guarani” estando “os colonos [...] ligados [...] através do rio Uruguai, com a Argentina, particularmente com Buenos Aires e outras cidades portuárias.” (CUBER, 1975, p. 39-40).

Antes da Argentina, Biezanko esteve no Paraguai, de onde partiu para Buenos Aires, e então para Posadas, até atravessar para as Missões no Brasil¹¹⁶, nestes lugares, dedicou-se à coleta de lepidópteros, além de outros insetos e plantas¹¹⁷, mas a interrogação pertinente é “o que levou Biezanko a viajar para a América do Sul e lá fixar-se?”.

1.5. A chegada de Biezanko ao Brasil: um imigrante com “curso útil” para o país

Atravessou o Atlântico fascinado pela tarde de um dia em que se abeirou no Báltico e viu o descambar do sol no horizonte do mar. Depois o crepúsculo coloriu as nuvens do céu sobre a imensidão das águas verdes, cedendo lugar para o cair da noite. Assim ele veio aportar no Brasil, o país que escolheu para sua segunda pátria.¹¹⁸

Em primeiro lugar, devemos explicar aquilo que entendemos por “imigrante”, posto que segundo Devoto existe “uma variedade de situações e ocupações e uma multiplicidade de motivos de imigração, incluindo os exilados, refugiados, profissionais liberais, artistas, especialistas, entre outros”.

Para Devoto, a noção de ser imigrante tanto no caráter jurídico, literário e sociológico modificou-se nos últimos anos. O autor considera que podem existir duas

¹¹⁶ Passaporte, 1931.

¹¹⁷ Currículo Ceslau Biezanko, 1931.

¹¹⁸ Diário Popular 26/01/1976.

definições que conceituam o imigrante: A) A primeira é uma definição restrita que situa o objeto de estudo em torno ao tipo humano mais frequente, que é composto por homens jovens de procedência rural com habilidades (*skills*) manuais. B) A segunda é uma definição mais ampla incluindo uma variedade de situações e ocupações destes personagens; uma multiplicidade de motivos que ocasionaram a imigração e que podem incorporar o caso dos exilados e os refugiados; e, por último, considera a inserção e participação dentro do mundo dos imigrantes e de sua comunidade étnica. São exemplos os engenheiros e empregados de empresas estrangeiras, os padres que se deslocam para assistir às suas comunidades, médicos e farmacêuticos interessados em uma clientela étnica, técnicos, artesãos e comerciantes (DEVOTO, 2006) Segundo o periódico polono-brasileiro *Kalendarz Ludu* de 1948¹¹⁹, a imigração polonesa se constituía em 95% de camponeses, 3,5% de operários e artesãos, 1% de comerciantes e 0,5% compondo a *intelligentsia*, sendo os últimos, imigrantes urbanos ou políticos provindos especialmente depois da Revolução na Rússia de 1905. Wachowicz (1974, p. 112-3) chega a afirmar que “Emigrava somente o povo miúdo” e que “A chamada “intellegência” não emigrava”, mas o fato de os números de imigrantes serem pequenos para essa parcela da sociedade não admite desconsiderá-la.

A noção ampla de imigrante seria mais útil por ajudar a perceber melhor a riqueza e a variedade do fenômeno, por exemplo, uma das diferenciações é com relação à importância do *status* jurídico do imigrante, muitas vezes identificado como o viajante estrangeiro de segunda ou terceira classe, noção justamente ampliada por Devoto, englobando aqueles que se viam e eram vistos como imigrantes.

Podemos perceber que para os estrangeiros que aportam no Brasil com alguma especialização ou recursos, a imigração pode ser mais espontânea e individual, não acompanhando os fluxos massivos de imigrantes subvencionados em busca de lotes rurais. Caso destacado por Letícia Wierzchowski no romance histórico *Uma Ponte para Terebin*, em que relata a história de Jan Wierzchowski, que vem da Polônia em 1936 com algum estudo e profissão voltada ao ramo da construção e chega em Guarani das

¹¹⁹ *Kalendarz Ludu*, 1948.

Missões ficando o tempo suficiente para vender seu lote colonial e casar-se, para depois migrar para uma cidade, Porto Alegre, e exercer uma ocupação urbana.

Muitas vezes, a emigração é por razões de emprego ou com objetivo de construir “negócios” num país em que existiriam “oportunidades”, caso dos comerciantes, como destaca Simmel (1986). Assim, pensamos em identificar os motivos que levaram Bieżanko a imigrar ao Brasil, de modo a compreender como ele próprio define sua imigração e em que contexto ela ocorre.

Apesar de não ser a maioria dos imigrantes e contrariando Gardolinski (1958) quem assevera que “os melhores filhos da Polônia”, ou seja, a elite letrada do país, não emigrou para o Brasil preferindo outras nações (o que definiria o caráter predominantemente agrário da colonização polonesa), vários intelectuais poloneses imigraram temporariamente ou definitivamente ao longo do tempo.

Para definir Bieżanko como integrante deste grupo seletivo de “melhores filhos da Polônia” devemos ter em conta sua extensa formação e tomarmos o entendimento de Le Goff (1984, p. 12), para quem o termo intelectual designa “um homem cuja profissão seja escrever e ensinar – e de preferência ambas as coisas ao mesmo tempo [...]”, já Sirinelli (2003) amplia incluindo desde o erudito até o professor secundário, assim, podemos considerar Bieżanko um intelectual e, portanto, compreendê-lo como um imigrante pouco usual diante do contexto global da imigração polonesa, ao mesmo tempo, em que é um caso com antecedentes.

Gluchowski (2005) já advertia sobre a emigração de alguns intelectuais como o já mencionado Saporski, assim como outros: Estanislau (Stanisław) Klobukowski¹²⁰, A. Hempel¹²¹, A. Dygasinski¹²², estes todos aportando nos anos finais do século XIX antes da independência da Polônia. A partir de 1918, alguns cientistas vem ao Brasil, o caso de Chrostowski e Jaczewski no Paraná¹²³, posteriormente próximo à década de 1930,

¹²⁰ Escritor e animador da social da comunidade polonesa, chegou ao Brasil em 1885. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 116)

¹²¹ Jornalista, que viajou ao Brasil e a Argentina em 1890, escreveu informes que se tornaram fontes preciosas sobre os primeiros tempos dos imigrantes poloneses. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 114)

¹²² Escritor e educador. Viajou ao Brasil em 1890 enviado como correspondente de um jornal polonês para conhecer a realidade dos imigrantes polacos. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 111).

¹²³ Chrostowski era um ornitólogo que fizera diversas viagens ao Paraná, como cientista e inclusive com uma tentativa de se tornar colono. Na sua terceira expedição, no início dos anos 1920 teve a companhia

determinados intelectuais também visitam o Brasil, quase juntos à Bieżanko, caso de Wojciech Breoniwicz¹²⁴, Odon Bujwid¹²⁵, Seweryn Hartman¹²⁶, Jerzy Kossowski¹²⁷ e a entomóloga Michalina Issakowa¹²⁸, que também recolheu insetos e esteve envolvida em atividades com a comunidade polonesa (DEMBICZ, SMOLANA, 1993, p. 108, 113, 114), além de vários outros cientistas exploradores que se lançaram a viajar pela América Latina e acabaram fixando-se no Brasil.

Esta imigração pode ser considerada tardia, pois abrangeria um dos períodos de fluxo imigratório desenvolvidos por Smolana e Dembicz (1993), após a fase massiva, conhecido como “emigração dirigida”, que compreenderia de 1918 a 1939, ou seja, do fim da Primeira Guerra Mundial ao início da Segunda, com especial intensificação nos anos 1924-1930 quando chegaram ao Brasil 26.326 poloneses (MAZUREK, 2009, p. 30), neste período começam a aportar, intelectuais e imigrantes com qualificação profissional; além da contínua maioria de camponeses. O fato é que neste período, a Polônia recuperara a sua independência após 123 anos sobre domínio estrangeiro e se reorganizava, inclusive com ideais nacionalistas, imperialistas e de aproveitamento do potencial populacional decorrente da diáspora das décadas anteriores. Ao mesmo tempo, continuava o fluxo de camponeses, avaliado inclusive como fundamental para sobrevivência do país, uma vez que se consideravam os campos lotados, de acordo com o que aponta o programa da *Liga Morska i Kolonialna* (Liga Marítima e Colonial) de 1931, quando existia uma concentração de 78 pessoas por km², gerando muitos proletários rurais e levando a expulsão de agricultores¹²⁹.

de Jaczewski, docente de zoologia na Universidade de Varsóvia (MALCZEWSKI, WACHOWICZ, 2000: 64-65).

¹²⁴ Escritor e poeta, que chegou ao Brasil em 1933 e foi ativo na vida comunitária polonesa. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 108).

¹²⁵ Médico e bacteriólogo, veio ao Brasil realizar investigações entre 1928-29, no Rio de Janeiro e em São Paulo. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 108).

¹²⁶ Jurista e escritor, visitou o Brasil em 1930 e ficou. Trabalhou em diversos periódicos poloneses. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 113).

¹²⁷ Jornalista, chegou ao Brasil em 1936 foi lutar na II Guerra e voltou ao Brasil em 1941. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 116).

¹²⁸ Entomóloga, entre 1926 e 1928 realizou investigações da sua área no Brasil. (DEMBICZ, SMOLANA, 1993: 114).

¹²⁹ Programa da *Liga Morska i Kolonialna* de 1931.

Antes mesmo da recuperação da independência polonesa, como mostra Wachowicz, havia estratégias de intelectuais poloneses de construir a “Nova Polônia” no Brasil. Segundo o historiador paranaense (2001, p. 52-53), o *Grupo de Lwów*, a Sociedade Comercial e Geográfica ocupada da emigração, utilizou como propaganda a ideia de “nova Polônia” de Alfredo Taunay¹³⁰ para divulgar os interesses de construir um território polonês na região do Contestado. Além disso, o Pe. Anusz, então religioso diocesano, que trataremos no capítulo 2, atuante na Sociedade Imigrantista Pró-Paraná, tinha a ideia de atrair o maior número de intelectuais para aquele estado a fim de manter a “polonidade”¹³¹.

Dmowski, líder do partido direitista *Narodowa Demokracja* (Democracia Nacional, popularmente conhecida como *Endecja*), esteve em 1900 em Curitiba e concluiu que não poderiam perder os milhares de imigrantes radicados no país. Para manter a polonidade incentivou a vinda de Leão Bielecki, jornalista que adquiriu o jornal *Gazeta Polska* e que lutou para obter padres poloneses para os imigrantes a fim de impedir o “abrasileiramento”.

Segundo Dembicz e Smolana (1993, p. 35), o advento da Primeira Guerra Mundial provocou mudanças tanto nos processos emigratórios como na vida da Comunidade Polonesa na América Latina, com a recuperação da independência polonesa, em 1918, as mudanças são mais sensíveis tanto para os imigrantes como para os que já estavam nas colônias. Desta forma, nos deteremos brevemente no quarto período identificado pelos autores, para especificar o quadro mais complexo da vinda de Bieżanko para o Brasil, pois

¹³⁰ Alfredo Escragnolle Taunay, então presidente do Paraná afirmou que os poloneses iriam construir uma nova Polônia no Brasil, a frase foi interpretada ao “pé da letra”, talvez deliberadamente, por uma série de intelectuais poloneses, que iniciaram planos para criar uma nação polonesa no Sul do Brasil e partes da Argentina e Paraguai. O próprio Nikodem, era um dos que muitos anos depois, ainda acreditava nesta ideia.

¹³¹ Termo que designaria tanto o sentimento nacional, como a identidade étnica polonesa no Brasil, a qual vai se modificando conforme uma série de conjunturas que iniciam com o processo imigratório, no final do século XIX até o início da década de 1930 e depois, se reconstroem na época das comemorações do milênio da Polônia Cristã em 1966 e dos centenários da imigração polonesa no Sul do Brasil na década de 1970 e se desenvolvem a partir dos anos 1990 com o fim do comunismo na Polônia e o surgimento da BRASPOL, instituição de âmbito nacional que congrega os poloneses e patrocina atividades culturais como apregoo Trindade (2013).

Cuando el flujo emigratorio fue interrumpido, las tierras polacas empezaron a ser teatro de los sucesivos frentes y operaciones militares, a pesar de que para el mundo la guerra había terminado en el noviembre de 1918, para Polonia se prolongó bastante más tiempo. [...]. Viajar al extranjero era bastante difícil. La guerra provocó inclusive un movimiento inverso. La Comunidad Polaca de Latinoamérica, y en especial la brasileña, campesina por naturaleza, en la mayoría de los casos allende el océano madurando su identidad adquiriendo conciencia nacional polaca, respondió al llamado de la Patria.

Muitos poloneses e descendentes foram lutar pela recuperação da independência polonesa, ainda que em facções de lutas diferentes¹³², neste período, Bieżanko está indo para Poznan completar seus estudos, participando da guerra, mas sem maiores prejuízos em decorrência dela¹³³, ou pelo menos não temos fontes que expressem o contrário, além disso, os conflitos que se seguiram no início da década de 1920¹³⁴ não parecem ter levado Bieżanko a uma trajetória diferente daquela que apontamos, ou seja, de uma sequência de estudos¹³⁵. No entanto, o estudante-cientista experimentava sua pátria livre pela primeira vez podendo fazer uso pleno de seu idioma e nacionalidade.

A Polônia independente, depois de alguns problemas para instalar representações nos países em que tinha comunidades, implanta em 1920 seu consulado no Brasil. Com a chegada do cônsul Kazmierz Głuchowski em 1922, o objetivo era “concentrar esforços, no sentido de isolá-los [os poloneses] culturalmente dos brasileiros e de indivíduos de outras correntes imigratórias. Estimulou então o surgimento de instituições culturais, esportivas, teatrais e educacionais as quais usassem somente a língua polonesa” (WACHOWICZ, 2000, p. 55). Os orquestradores da política foram os oficiais do exército polonês Apoloniusz Zarychta, Mieczysław B. Lepecki e Mieczysław Fularski¹³⁶. Por último, o general aposentado Stefan

¹³² Na primeira Guerra Mundial, os poloneses lutaram em várias frentes. Alguns pelo Império Alemão, outros pelo Império Russo, outros ainda pelo império Austro-Húngaro, caso do Marechal Piłsudski. Ainda, havia uma parte comandada pelo general Haller, que lutou pelo lado Francês. Esta facção e a de Piłsudski eram frentes opostas que lutavam pela independência polonesa e disputaram o alistamento de soldados no Brasil e na Europa. Cf. documentos do Arquivo Gardolinski sobre Primeira Guerra Mundial.

¹³³ Biografia escrita por Eliézer Rios.

¹³⁴ Guerra Polaco-Soviética, Polaco-Ucraniana e os conflitos fronteiriços da Polônia com a Tchecoslováquia.

¹³⁵ *Książeczka wojskowa* (caderneta militar), 1914.

¹³⁶ Zarychta foi, além de oficial do exército polonês, um geógrafo, topógrafo e especialista na emigração polonesa. Acompanhou visitas às colônias polonesas brasileiras e além do Brasil, visitou comunidades polonesas nos EUA. Lepecki capitão do exército polonês e esteve no Brasil para estudar possibilidades de colonização polonesa e com a ajuda de Fularski e Zarychta foi um dos organizadores da Companhia

Strzemianski, foi enviado para o Paraná em abril de 1933 a fim de fundar novas colônias no país, com o objetivo de estabelecer uma colônia ultramarina no Brasil através dos esforços da *Liga Morska i Kolonialna* (Liga Marítima e Colonial) criada na Polônia em 1930 com objetivo de se ocupar de colônias ultramarinas, e designar certa atenção aos imigrantes e à imigração de modo geral¹³⁷ (WACHOWICZ, 2000, p. 55-56).

Uma vez estabilizada a situação política, o Estado Polonês começou a preocupar-se com a questão emigratória concentrando-se sobre dois aspectos: a política oficial frente à Comunidade polonesa na América Latina, e o problema da emigração com o fim de “crear bases jurídicas y logísticas para el funcionamiento del fenómeno”. Até o ano de 1932 estes assuntos eram coordenados pelo Escritório de Emigração supervisionado pelo Ministério do Trabalho e Assistência Social. Depois “[...] se creó también la Sociedad de Colonización encargada de organizar el asentamiento polaco en América Latina, Francia y Africa.” (DEMBICZ, SMOLANA, p.38-39).

O processo que demonstramos na Argentina quando Biežanko esteve naquela região, é ótimo exemplo desta política oficial polonesa frente suas “colônias” na América, objetivando a manutenção da “polonidade” e a constituição de territórios ultramarinos. Portanto, do lado polonês, ideais colonizadores e de expansão faziam com que fossem estabelecidos em terras brasileiras, letrados a serviço do governo, provavelmente, Biežanko tenha sido um destes intelectuais “dirigidos”, uma vez que é atraído para um centro polonês, provindo de outro núcleo polônico do lado ocidental do

colonizadora Mercantil Paranaense S.A. Fularski era membro do exército polonês e depois agente imigratório, sendo um dos fundadores da *Liga Morska i Kolonialna*. (MALCZEWSKI, WACHOWICZ. *Perfis Polônicos*. Curitiba: Vicentina, 2000).

¹³⁷ “A Liga Marítima e Colonial era uma das mais importantes organizações que procurava áreas de colonização para os emigrantes poloneses. Quanto a America do Sul, a Liga almejava — através da colonização — dominar parte de seu território. Os planos de colonização que não tomavam em consideração as condições existentes nos Estados da America do Sul — e que não ultrapassaram o estágio de planos — desmoronaram-se nos fins dos anos trinta. Não se conseguiu ultrapassar as dificuldades que enfrentavam os colonos nas novas colônias. Faltou também apoio aos antigos, pouco desenvolvidos, centros da colonização polonesa. A política dos Estados da America do Sul que tinha como objetivo diminuir as diferenças entre os diversos grupos de emigrantes e a população local e, finalmente a eclosão da II Guerra Mundial puseram fim as tentativas polonesas de tornar-se uma potência colonial.” (ANUSZEWSKA, EWA. A colonização polonesa no Brasil nos meados dos anos trinta do século XX. In. *Estudios Latinoamericanos*, n. 7, Varsóvia, 1980. [traduzido por Krzysztof Smolana e M. Ignatowicz]. p. 197)

Rio Uruguai, Misiones, que “expulsou” os oficialistas em razão dos distúrbios com o clero (ŁUKASZ, 1981).

Outra possibilidade, no entanto, para deixar sua terra e imigrar, é a de vir em busca de emprego, posto que, diante dos fatores de expulsão e atração, este fosse um mote comum de muitos imigrantes com qualificação. O ensino agrônômico se desenvolvia no Brasil, a partir da década de 1930, existindo uma expansão para os setores menos privilegiados da sociedade, com reforço para o âmbito primário, em especial, mas também secundário. No início do século XX, pelo menos no centro do país, tanto docentes como discentes eram pertencentes à classe fundiária dominante, que procurava estabelecer relações saber-poder através do estudo, os chamados “agrônomos com terra”, pessoas que em geral desenvolviam a atividade em suas próprias fazendas e lecionavam nas Escolas Agrícolas. A partir de 1930 houve a necessidade de aproveitamento da mão de obra nacional, o setor foi expandido e o ensino passou a ocupar destaque na formação da mão de obra. Evidente que o setor superior e secundário continuou de certa forma na mão das elites, não sendo 1930 uma ruptura com o processo anterior. O estado de São Paulo era um exemplo disto, quando na Escola de Piracicaba, 85% dos formandos iriam trabalhar nas suas próprias terras, contudo, a partir daquele momento, algumas inferências e interferências estatais levaram a uma preocupação maior com o ensino técnico, em contraposição ao juridicismo da Primeira República, objetivando uma educação alfabetizadora e técnica com ensino agrícola (MENDONÇA, 2006).

A história da educação brasileira no período teve esta continuidade, consagrando a existência de um sistema de ensino dual no país, onde o nível primário era atribuição exclusiva dos governos estaduais/municipais, enquanto os ramos secundário e superior cabiam à União, fato que ampliava a separação do ensino alfabetizador primário o qual era destinado à massa da população e o ensino secundário e superior, cujo mote era atender aos grupos médios e dominantes. A “característica principal das Reformas do Ministro da Educação Gustavo Capanema, a despeito de sua retórica em contrário, consistiu em estabelecer o ensino secundário enquanto formador das “*elites condutoras do país*” e o ensino profissional como formador do “*povo conduzido*”.” Mendonça assoma que se tal dualidade continuou seccionando os níveis primário e

secundário/superior da educação após 1930, “mais grave ainda ela se verificaria com relação ao ensino profissional - abrangendo os ramos agrícola, industrial e comercial, estigmatizados pela “*marca de Caim*” do trabalho manual. [...]” (MENDONÇA, 2006, p. 7).

Bieżanko poderia vir com o intuito de ocupar as vagas de emprego as quais surgiam no setor do ensino, somando que nos anos de 1920, defendia-se a concepção de universidade “como o lugar da ciência, que a experiência sugeria não ser imprescindível quando se tratava apenas de formação profissional [...]”, essa definição incluía a pesquisa e indicava o seu fortalecimento com a contratação de professores estrangeiros, prática efetiva a partir dos anos 1930. (OTRANTO, 2003, p. 7).

O mesmo processo ocorria no Rio Grande do Sul, que embora com produtos coloniais em alta, como trigo, arroz, feijão, entre outros, inicia uma concorrência com outros países e com diferentes áreas do próprio Brasil. Assim, “o governo gaúcho passou a se preocupar com a concorrência nacional, efeito do desenvolvimento da policultura que se generalizava por todos os Estados da União” (MONTEIRO, 2011, p. 40), existindo a necessidade de fundar a Escola de Engenharia de Porto Alegre em 1896 e a contratação de muitos especialistas estrangeiros de diferentes nacionalidades para estabelecerem-se na cidade de Porto Alegre e formar o corpo docente da Escola, “De acordo com os diretores da instituição, a preferência por especialistas de outros países estava vinculada” ao “grau de desenvolvimento inteligente e progressista de cada ramo de atividade agrícola em cada um deles praticados” (MONTEIRO, 2011, p. 41), ou seja, a contratação destes profissionais tinha a intenção de organizar um ensino técnico profissional eficiente, como aludimos acima. Portanto, a “importação” de professores era prática comum e tinha o objetivo de qualificar o ensino.

De fato, Bieżanko segue esta alternativa, pelo menos quando assume como professor em diferentes estabelecimentos educacionais, porém, mesmo assim, tal assertiva não explica sua ida para Guarani logo que chega ao Brasil, apenas consideraria a sua estadia em Curitiba, quase no mesmo período, como professor da Universidade do Paraná, outra cidade com muitos poloneses.

Por último, uma hipótese quanto ao objetivo de sua imigração seria a curiosidade intelectual e as pesquisas na área da entomologia, que levava a cabo nas suas andanças

pela América do Sul, recolhendo lepidópteros os quais vão, mais tarde, conformar sua coleção. Deixemos que o ilustre professor, após mais de 30 anos no Brasil e então comemorando 70 anos de vida explique os motivos de sua viagem¹³⁸ num discurso proferido em comemoração ao seu aniversário e o qual terminou com uma apresentação de música da sua esposa. Biezanko começa perguntando “Por que emigrei, porque abandonei meu país, minha pátria, a minha terra natal; Sobravam intelectuais lá? – Não”.

As motivações que desembocaram no gosto de Biezanko pela ciência e na sua imigração para a América, segundo ele, têm inspirações na sua juventude, o autor no discurso faz uma longa digressão sobre a mocidade e os tempos de estudante em Kielce, relembrando a rígida disciplina imposta aos colegiais poloneses por pais e professores e inclusive a presença do esporte e da cultura no seu cotidiano. Para ele, parte desta disciplina devia ser apropriada também por seus alunos brasileiros demonstrando a preocupação educacional do cientista

Não sou contra o esporte, neste mesmo colégio aprendi e gosto muito de esgrima e outros esportes como o tênis, não há dúvida de que “*mens sana in corpore sano*”, porém, como fato, deixo aqui registrado que no Brasil exageramos, isto é, nossa mocidade exagera o futebol em vez de exagerar um pouco mais, antes de tudo, em matemática, química, física, ciências naturais e lógica.

O mundo é uma geoide, uma esfera achatada, uma elipsóide e não uma bola de futebol: o mundo não se conquista com os pés, mas sim com a cabeça!

Finalmente, depois de descrever os tempos de estudante, o autor narra a influência da literatura como inspiração para busca do conhecimento e conseqüentemente a saída a procura de “aventura”¹³⁹ em outro lugar, fato que o teria levado a imigrar

Ainda como aluno do colégio apaixonei-me pelos livros. E eis a minha leitura predileta: “A vida dos animais”, de K. Brehm, “A vida dos insetos”, “Maravilhas do instinto dos insetos e aranhas”, de Fabre, “Doutor

¹³⁸ Discurso comemoração do septuagésimo aniversário de Ceslau Biezanko, Pelotas, 1965.

¹³⁹ Regina Weber (2010) destaca que jovens galegos também consideravam a imigração uma “aventura” individual no início do século XIX no Rio Grande do Sul.

Caçamoscas”, de E. Majewski, “Mundos desconhecidos”, de Flamarion, “Como o de que se faz isso e aquilo”, de P Bert, etc.

Quando nos últimos anos de colégio, em Kielce, fiquei apaixonado pela leitura de “*Philosophie zoologique*”, de J. B. de Monnet de Lamarck, e logo comecei a ler obras do Baron George de Cuvier, de E. Geoffrey Saint Hilaire, e obras de Charles Darwin, então: “Origem das espécies”, “Origem do homem”, “Ilhas originadas pelos corais”, “Vida das orquídeas”, estas últimas como resultado da viagem de Darwin, no iate Beagle. E já naquele tempo perguntei a mim mesmo: E a minha viagem a América do Sul? Exalei um suspiro e lágrimas me correram pela face; recordar é viver! Como e quando me será possível ver estas orquídeas maravilhosas nos matos do imenso Brasil, e no Paraguai? Estes cipós dos matos tropicais? Estes colibris – beija-flores – não aqueles empalhados ou embalsamados que enfeitam os chapéus e vestidos das damas e das donzelas da alta-sociedade varsoviana e outras das minhas cidades. Juro que vou ver colibris vivos, parados-suspensos no ar, “beijando as flores”, alimentando-se com néctar das flores de extrema beleza exótica.

E estes macacos de rabo curto e aqueles de rabo comprido! – Não aqueles acorrentados. O! Sonhos meus sonhos....

E meu sonho realizou-se.

Um belo dia, quando em Gênova, na Itália, resolvi ver papagaios, macacos e orquídeas.

Sem vacilar comprei passagem no transatlântico “Conde¹⁴⁰ Verde” e aqui estou agora.

Passei, antes de estabelecer-me aqui definitivamente como professor, algum tempo no Paraguai; no Chile; Argentina; no sul da Bolívia; no Uruguai e nas Missões do nosso Estado.

Por que escolhi o Brasil e não qualquer outro país americano. Por que o Rio Grande do Sul. Porque Pelotas?

Quando existe a possibilidade de escolher, escolho o que há de melhor.

O texto datado 34 anos após a chegada do cientista na América do Sul nos permite destacar uma lembrança de Biežanko sobre seu passado, sobressaindo sua vida enquanto estudante e a maneira pela qual veio parar no Brasil. Indubitavelmente esta é uma reconstrução da sua memória, o cientista busca dar sentido à sua vida pregressa montando um todo coerente e pincelado do maravilhoso, vide a comparação com Darwin.

Jan Wójcik, em biografia sem data de Biežanko, destaca que ele era fascinado pela América do Sul e os países latinos, sendo sua migração produto do querer aprender

¹⁴⁰ Reportagem da revista Agricultura e Cooperativismo, Porto Alegre 1976. Transatlântico italiano com o qual Biežanko fez sua viagem até a América do Sul.

outras línguas, conhecer pessoas de outras nações, sua cultura e costumes, além de ir para a floresta tropical, observando sua fauna e flora, para ele rica e colorida¹⁴¹.

No sentido exposto por Biezanko, podemos pensar de acordo com o escritor Chatwin, que formulou a noção de “anatomia da inquietude” (anatomy of restlessness), onde teoriza a respeito de um impulso atávico à viagem que faria parte da humanidade, inscrito como uma tendência sazonal de errância e migração, sendo, portanto, a viagem um impulso humano pela curiosidade e a sedentariedade uma deformação (CARNEIRO, 2001), já Théodore de Bry, na *Historia Americae sive Novi Orbis* (M. Merian, 1634), “encontrou seis grandes forças subjacentes ao impulso de viajar: generositas, curiositas, voluptuositas, utilitas, necessitas e fatalitas”, que não resumiriam as motivações e o caráter do viajante, mas contribuem para entender o impulso de viajar do nosso cientista. (MORUJÃO, 2010, p. 10). O próprio Biezanko admite

Vejam só, meus distintos e estimados ouvintes: estas minhas estranhas maneiras, algumas atitudes que vos parecem estranhas, grotescas (não carnavalescas) são inapagáveis refletem recordações e reminiscências do ambiente da minha mocidade quando, com paixão, entregava-me à leitura de “Aventuras do Barão de Muenchausen”, de G. A. Burger; de “Don Quixote de la Mancha” do imortal M. Cervantes, de “Don Giovanni de Lorenzo” de L. Ponte, e outros¹⁴².

Sua viagem ganhou contornos de aventura, uma aventura em busca do exótico, do desconhecido, ou melhor, da procura pelo conhecimento em terras distantes tanto físico como culturalmente da sua Polônia, a qual não deixou de permanecer vinculado, indo visitá-la em diferentes ocasiões e sendo um representante ativo do grupo étnico na cidade que adotou como lar, Pelotas.

A descrição formulada por Biezanko acima remete ao que Bourdieu (1998) chamou de quadro de “ilusão biográfica” definido pela sua grande dedicação à entomologia. O autor afirma que “Desde a mocidade apaixonei-me pelo saber e,

¹⁴¹ “O Nosso Professor” de Jan Wojcik, Paris, s/d. [texto] Od młodych moich lat - odpowiedział - fascynowały mnie przede wszystkim kraje o kulturze łacińskiej i kraje południowo amerykańskie. Marzyłem zawsze o pobycie w lasach tropikalnych aby podziwiać ich bogatą i kolorową florę i faunę. Znałem tylko Polaków, Rosjan, Niemców i Żydów, a chciałem poznać inne narody, ich język, obyczaje, kulturę.

¹⁴² Discurso comemoração do septuagésimo aniversário de Ceslau Biezanko, Pelotas, 1965.

principalmente, pela química, ciências naturais e arte.”¹⁴³ ou então que “Desde os cinco anos que coleciono botânica e zoologia”¹⁴⁴. Sem dúvida, pode ser que tenha se interessado por recolher insetos e plantas, ainda mais egresso de uma família de intelectuais¹⁴⁵, portanto daí o direcionamento para o estudo, ou então que realmente tenha tido contato com os livros de Darwin na sua mocidade, contudo, isto não necessariamente é um caminho retilíneo para fazer de Biežanko um cientista, ou escolhesse aquela profissão, mas sim o trabalho de reconstrução da memória.

Como aponta a extensa passagem acima, seus pais foram fundamentais na sua educação, e dois outros autores reportam a presença deles como estimuladores para Biežanko: “estimulado por seus pais, cedo tornou-se apaixonado pelas Ciências Naturais e pela Química” mas “não deixando, no entanto, de dedicar-se as artes, tais como pintura, desenho e música”¹⁴⁶.

Outro biógrafo aponta que “A primeira influência naturalista do menino, veio de seu pai. Assim, o pequeno Biežanko cresceu brincando com peças de estudo, fazendo casinhas com cubos, prismas hexagonais e romboedros”¹⁴⁷. Portanto, estamos diante de um “desde sempre” que levará à constituição do cientista.

O ponto é que Biežanko aparece como um insaciável intelectual em busca de novos desafios, como exemplifica o biógrafo Eliézer Rios (1954), “Quando terminou o colégio e sua cidade natal já não lhe podia oferecer maiores conhecimentos, ele transferiu-se para Varsóvia, capital do país.”^{148,149}, ou seja, a curiosidade era, segundo as fontes, o alimento que o levava a movimentar-se, assim, a memória do intelectual se faz reconstruir sob tal eixo de ação, o qual também o teria levado ao Brasil.

Se assim for, Biežanko pode não ser membro do fluxo de poloneses pós-1930, os quais imigram devido a uma série de fatores sócio-econômicos, mas apesar disso, tal fato pode ser relativizado. Ao verificarmos os passageiros da embarcação italiana Conde Verde, utilizada pelo cientista para chegar ao Brasil, encontramos uma série de

¹⁴³ *Ibden*.

¹⁴⁴ O Globo, Porto Alegre, 1948.

¹⁴⁵ Discurso comemoração do septuagésimo aniversário de Ceslau Biežanko, Pelotas, 1965.

¹⁴⁶ O Globo, Porto Alegre, 1948.

¹⁴⁷ Biografia escrita por Eliézer Rios.

¹⁴⁸ Na verdade, aquela época a Polônia não existia como país, fato o qual atentamos anteriormente.

¹⁴⁹ Biografia escrita por Eliézer Rios.

agricultores poloneses viajando junto de Biezanko¹⁵⁰, dessa forma segundo o antropólogo Gilberto Velho “Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos.”, por isso os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes sendo o contexto que define sua pertinência e relevância (1999, p. 46).

Podemos entender a vinda de Biezanko como um projeto individual, mas inserido num contexto de possibilidades, as quais envolvem o seu trabalho e sua vida intelectual, mas também vínculos étnicos que o levam a locais de população polonesa tanto na Argentina como no Brasil. De acordo com o sociólogo Simmel (1986, p. 716)

El extranjero a quien vamos a referirnos [...] que viene hoy y se queda mañana, es, por decir-lo así, el emigrante en potencia, que, aunque se haya detenido, no se ha asentado completamente. Se ha fijado dentro de un determinado círculo espacial [...]; pero su posición dentro de él depende esencialmente de que no pertenece a él desde siempre, de que trae al círculo de cualidades que no proceden ni pueden proceder del círculo

O estrangeiro penetra como supernumerário num círculo em que os postos econômicos estão ocupados, por isso, supre os espaços possíveis utilizando as qualidades que tem. Deste modo, a mobilidade interna do cientista quando no Brasil, pode seguir os espaços e oportunidades de trabalho, que o levaram a Curitiba¹⁵¹, onde lecionaria Química Teórica na Universidade do Paraná¹⁵², Guarani das Missões, onde além da introdução da soja, trabalha em duas escolas uma de formação de professores e outra agrícola, depois Rio Grande e Pelotas, onde se volta para aulas relacionadas à agricultura e entomologia em cursos técnicos e universitários.

¹⁵⁰ El buque Conte Verde llegó por primera vez a Argentina en el año 1923. Su último arribo fue años más tarde, en 1932. Durante este período, y a lo largo de los 62 viajes que realizó a la Argentina, transportó a un total de 48722 pasajeros. Los puertos de embarque más utilizados en orden de importancia fueron: Genova, Barcelona, Santos, Villafranca, Rio de Janeiro, Montevideo, Coruña, Villagarcía, Buenos Aires. Disponível em <http://comunidad.dateas.com/francesco-rovida-1> acessado em 10/01/2014.

¹⁵¹ Há poucas referências ao trabalho de Biezanko em Curitiba, na verdade há uma referência na reportagem do *Lud* de 19 de outubro de 1932, que o apresenta como professor da Universidade de Curitiba, além de jornais do Arquivo Edmundo Gardolinski, endereçados a Biezanko em Curitiba. Muitos inclusive, o nome da cidade do Paraná aparece riscado e corrigido como Guarani, isto denotaria uma breve passagem de Biezanko pela cidade ou uma estadia não fixa.

¹⁵² *Lud*, 9/11/1966

Se considerarmos a notícia do *Orędownik* de 2 de abril de 1932 intitulada “2.000 inżynierów bez pracy” (2000 engenheiros sem trabalho) na parte “Novidades sobre a Polônia”¹⁵³, em que aponta: “De acordo com o cálculo de 2000 engenheiros já está fora do trabalho e o número está aumentando”¹⁵⁴, percebemos certa completude de uma área profissional, a qual estaria rejeitando especialistas, de maneira que talvez tais postos de trabalho estivessem preenchidos na Polônia. Tal assertiva poderia não se aplicar ao entomólogo e agrônomo, mas não deixa de ser uma pista importante, porquanto as possibilidades de trabalho podem ter sido um motivo o qual tenha se somado as intenções do Estado polonês que levaram Bieżanko a sair da Polônia, ou seja, voltamos ao clássico fatores de atração e repulsão (*push and pull*), os quais foram importantes, mas não únicos¹⁵⁵, para a chegada dos colonos europeus.

Para Tilly (*apud* TRUZZI, 2008, p. 200) as migrações sempre podem ser classificadas em:

- a) Locais: quando o indivíduo se desloca a um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja mesmo matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar.
- b) Circulares: quando o indivíduo se desloca a um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem.
- c) De carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce.
- d) Em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino.

A opção quanto à migração de carreira parece ser a que mais se encaixa com a história de Bieżanko, pois provavelmente escolheu dentro de um campo de

¹⁵³ Wieści z Polski.

¹⁵⁴ “Według obliczeń 2.000 inżynierów jest już bez pracy i liczba się zwiększa”. *Orędownik*, 2 de abril de 1931.

¹⁵⁵ A concatenação das ideias otimistas (*push*) e pessimistas (*pull*) dos pesquisadores da imigração permitiu aliar diferentes fatores econômicos capazes de efetivar a mobilidade populacional do velho para o novo mundo, contudo, esta perspectiva resume as ações humanas como repostas iguais a fatores iguais, sem levar em consideração as redes migratórias, a circulação de informação, os modelos camponeses e suas mudanças ao longo do tempo, a racionalidade relativa dos imigrantes e suas estratégias individuais, em suma, esta generalização exclui outros possíveis migrantes (refugiados, intelectuais, etc.). E apesar de ser uma teoria bastante importante, deve ser levada em consideração juntamente a outros fatores prementes na história da imigração.

possibilidades que se abriu para ele naquele período, sua imigração funcionou provavelmente como estratégia tanto econômica como intelectual e a América do Sul e o Brasil pareciam congregar estes seus interesses de maneira bastante completa. Diante destas hipóteses, sabemos que Biežanko chegou ao Brasil, por volta de 1931 e se estabeleceu definitivamente. No momento da sua chegada mudanças ocorriam após a crise de 1929 que afetou diferentes partes do mundo de maneiras variadas. No Brasil, a chamada República Velha tinha fim com o advento de Getúlio Vargas ao poder, apoiado pelas oligarquias periféricas e, portanto, embasada numa ideologia mais nacionalista, com maior preocupação a respeito da identidade nacional e sua manutenção, um evidente crescimento da xenofobia e do medo de possíveis “quistos étnicos”, nas colônias e entre estrangeiros, condizente com a falta de uma presumida “assimilação” dos migrantes. Estes fatores, a partir de 1930, redundam na mudança das regras para a imigração, segundo o decreto número 19.482 de 12 de dezembro de 1930,

Considerando [...] que uma das causas do desemprego [entre nacionais] se encontra na entrada desordenada de estrangeiros, que nem sempre trazem o **concurso útil** de quaisquer capacidades, mas frequentemente contribuem para o aumento da desordem econômica e da insegurança social (grifos meus).¹⁵⁶.

Limita, assim, a entrada no território nacional de “passageiros estrangeiros de terceira classe”¹⁵⁷, ou seja, promovendo a diminuição da imigração em massa para o Brasil potencializando tal redução com as legislações posteriores, de 1934 (lei de quotas) e 1937, em que a restrição aumentará sendo colocada na Constituição¹⁵⁸. Assim, salvo alguns casos excepcionais, não seria permitida no Brasil a estadia por mais de 30 dias dos estrangeiros “sem provar que possui, no mínimo, quantia correspondente, em moeda nacional, a dois e três contos de réis, tratando-se, respectivamente, de indivíduos até doze anos e maiores de doze anos de idade”¹⁵⁹. Ou então, aqueles que ocupassem

¹⁵⁶ Decreto 19.482 de 12 de dezembro de 1930, pg. 81.

¹⁵⁷ Ibidem. Pg. 82

¹⁵⁸ Apesar das restrições. A migração e ocupação do território nacional com “agricultores” continuou prioridade, ainda que num embate com o reforço do nacionalismo (SEYFERTH, 2002).

¹⁵⁹ Decreto pg. 83.

cargos “rigorosamente técnicos” na falta de brasileiros natos, possivelmente o papel no qual se encaixava o nosso cientista.

A ideia era regular e/ou evitar a entrada dos imigrantes estrangeiros, que não tivessem nem qualificação, nem recursos, bem como, não fossem constituídos de famílias “regulares” capazes de exercer a profissão de agricultor¹⁶⁰. Assim, o objetivo era dar guarida ao trabalhador nacional e “economizar” com menos subsídios à imigração e à colonização.

A redução da chegada de estrangeiros foi também potencializada, em decorrência de uma série de outros fatores. Em vários países de imigração apareceram medidas restritivas, como as de Vargas que apontamos acima, enquanto os países de emigração substituíram política de livre trânsito, como a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler, limitando a saída da população nativa, ainda assim, os números de imigrantes (PETRONE, 1984) são bastante expressivos, o mesmo valendo para os poloneses¹⁶¹. Existe no entreguerras, portanto, uma congruência de fatores políticos, econômicos e de caráter racial, os quais restringem a imigração nos anos 1930 (DEVOTO, 2009), ou seja, uma diminuição de elementos de atração e expulsão, com o fim da Primeira Guerra, crise de 1929, restrições nos países tanto de imigração como emigração, estabilização demográfica europeia, menos emprego na América, apesar da inclusão de novos migrantes como os refugiados políticos e de guerra, muitos dos quais com mão de obra qualificada.

Apesar de todos estes fatores, os constrangimentos a imigração talvez não se dirigissem a um estrangeiro como Ceslau Bieżanko, o qual apesar de polonês, e da carga

¹⁶⁰ Necessariamente, desde os primórdios da imigração, automaticamente existia um vínculo com agricultor europeu e a colonização em oposição aos imigrantes indesejáveis, definidos racial (asiáticos, africanos, etc.) e socialmente (prostitutas, desordeiros, criminosos, mendigos, vagabundos, portadores de doenças contagiosas, profissionais ilícitos, dementes, inválidos, velhos, ativistas políticos, apátridas, refugiados, etc.), os quais desde o início eram evitados. A verdade é que existia inclusive uma hierarquização dos europeus, com os alemães vistos como trabalhadores e bons agricultores, apesar de pouco assimiláveis, enquanto os “europeus do sul”, italianos e ibéricos, sendo latinos e católicos, adaptaram-se melhor, mas não eram tão morigerados e trabalhadores.

¹⁶¹ Os ideais nacionalistas brasileiros iam de encontro às manifestações étnicas dos imigrantes (principalmente a germanidade e a italianidade, finalmente, depois com os japoneses), em geral, desde o império, localizados “homogeneamente” em colônias mais ou menos “puras”. Surge a noção de “perigo”, alemão, amarelo, etc. Com a presença do *Deutschtum*, *italianità* e mesmo o *polskości* como antinomias à brasilidade.

negativa de sua nacionalidade¹⁶², não poderia ser considerado um estrangeiro de terceira classe, posto que formado e qualificado, poderia ter “concurso útil” para o país. Não sabemos se comprovava tal quantidade exigida de contos de réis, segundo W.L. (94 anos, caminhoneiro aposentado), ele teria vindo com cerca de US\$ 10 mil em uma mala, quantia a qual seria realmente muito considerável, uma vez que a cotação era de 0,11 de dólar por 1 mil-réis (HOLLOWAY, 1986, p. 268). Não obstante, tampouco sabemos se havia efetivo controle da entrada de imigrantes com base nesta variável, além disso, o cientista poderia estar vindo com o aval do governo polonês, como cogitamos. O fato é que até onde verificamos, não houve constrangimento a sua chegada e seu estabelecimento no Rio Grande do Sul, já que Biezanko parecia ser o “imigrante ideal” (KOIFMAN, 2012), diante desse contexto e somado às ideais de branqueamento¹⁶³ da população e da necessidade de mão de obra especializada no Brasil (LESSER, 1994, p. 174), em grande medida, provinda do estrangeiro¹⁶⁴.

Em resumo, ao mesmo tempo, que é um caso raro entre os imigrantes da sua nacionalidade posto que a imigração de Biezanko pode ser considerada como uma “imigração qualificada”, no sentido de qualificação profissional, e urbana já que apesar das experiências “coloniais” o resultado final é a fixação na cidade de Pelotas, de alguma forma, Biezanko provém de um fluxo existente de imigração europeia e polonesa para o Brasil, a qual contava com alguns intelectuais (notadamente em Curitiba), muitos a serviço do estado, a partir de um local onde existia tal movimento (fronteira argentina) instalando-se, ocupando espaços e atingindo oportunidades diante das possibilidades que encontrava no país receptor.

¹⁶² Sobre o preconceito anti-polonês no Brasil. Cf.: Gritti (2002), Ianni (1966) e Wachowicz (1974).

¹⁶³ Cf.: SEYFERTH, Giralda. "Colonização, Imigração e a Questão Racial no Brasil", in *Revista USP*, nº 53, São Paulo, 2002, pp. 117-48. A autora debate com os discursos de intelectuais brasileiros ao longo do século XIX até a primeira metade do XX sobre a necessidade de branquear a população brasileira, através da imigração europeia, ao mesmo tempo da necessidade de assimilação destes imigrantes aos valores latinos e católicos na medida que se observavam “enquistamentos” étnicos em oposição ao crescente nacionalismo brasileiro. A noção de caldeamento ou *melting pot* eram preponderantes, numa ideia de criação de um “tipo brasileiro”, mais claro e melhor agricultor/trabalhador, com base nos discursos dos intelectuais do país.

¹⁶⁴ Caso por exemplo de J. Aloys Fridrechs, o qual busca mão de obra para sua marmoraria na sua cidade natal, Merl, na Alemanha, mesmo assim guardado o fato de uma presumida necessidade de mão de obra especializada, existia nesse ato a valorização da “operosidade e capacidade do trabalho do imigrante alemão” (SILVA, 2006: 76).

CHŁOPI: Camponeses, Colonos, Poloneses e a Economia Gaúcha

Lavrando a Terra.

- Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! _ disse gravemente o camponês e, fazendo o sinal da cruz com devoção, empunhou a charrua. _

Eia! Vá devagar, mas trabalhe bem!

Estalou o chicote como hábito. A charrua, atrelada a uma vaca e três pessoas, cortou o solo e tirou uma talhada de terra preta e brilhante; terra pesada, de uma velha plantação de trevos usada até o último pé e trabalhada como uma eira, com os montículos espalhados em ponta, embora a charrua não cavasse fundo.

Uma velhinha, que mal tinha a aparência humana, desfazia os montículos maiores com uma enxada: algumas gralhas saltitavam atrás dela, apanhando no sulco minhocas brancas.

A lavra progredia com uma dificuldade e uma lentidão infinitas: a charrua era velha, de rodela, com uma junta miserável: o primeiro par que a puxava era uma mulher e uma vaca, ligadas uma à outra por uma canga de madeira comum; depois, atrelados a uma espécie de arreios, uma jovem forte e um rapaz. A vaca era apenas um esqueleto, pele e ossos, mas os seres humanos tampouco passavam de sombras. Brilhava-lhes nos olhos a mesma fome imensa e obstinada. Cobertos de andrajos, macilentos, pés descalços. Trabalham, no entanto, em paz, sem queixas nem recriminações, curvando-se para o chão num extraordinário esforço, com tal vigor que as cordas e a boleia estralavam (REYMONT, 1973, p. 181-2).

Em polonês, a palavra *Chłop* (no plural *Chłopi*), entre outras coisas, designa o camponês, personagem consagrado na obra do escritor Wladyslaw Reymont, o qual retrata, em diferentes títulos, os habitantes do campo polonês no século XIX. São os camponeses, os quais em geral, diante das inúmeras dificuldades de seus países, imigram para o Novo Mundo e o Brasil, e neste novo ambiente, constituem uma figura central da paisagem, notadamente sulina, e das modificações na prática agrícola da região.

O Rio Grande do Sul, pelo menos até 1970, era um estado de base rural, portanto, o cientista Ceslau Biezanko, ao chegar no estado, depara-se com uma condição agrária bem particular, a qual está marcada por duas zonas distintas: a) a zona colonial, de pequenas propriedades baseadas na subsistência na metade norte do Estado (mesmo que existissem alguns latifúndios), da qual faz parte Guarani das Missões; e b) os latifúndios da metade sul, com a decadência da produção pecuária e o início da introdução do arroz (ainda que existisse a presença de colônias de pequena propriedade como São Lourenço do Sul).

A fim de discriminar as condições do campo gaúcho e quem o ocupava com ênfase nas colônias, vamos estabelecer alguns apontamentos sobre o desenvolvimento da economia colonial, bem como a *condição camponesa* dos agricultores de origem europeia do estado, enfatizando os poloneses, as atividades de cunho estatal ou não com o objetivo de desenvolver a prática agrícola, seja por meio de novos produtos, seja a partir de mudanças na base produtiva ou ainda através de iniciativas geradas internamente às colônias. Nosso objetivo central é pensar o contexto no qual Biezanko se insere ao longo da sua estada no noroeste gaúcho e como as suas articulações futuras estão de acordo com as condições encontradas por ele.

A soja é elemento deste contexto de mudanças no âmbito rural, e da sua história, Biezanko é indubitavelmente parte contribuinte no processo de incremento e introdução de variedades e métodos, assim como ele, outros intelectuais também tiveram papel de difundir a cultura, especialmente nas comunidades polonesas no sul do Brasil, entretanto sem a mesma capacidade agregativa do cientista ou a complexidade de suas relações as quais aparecem nas fontes. Mesmo assim, sem ser nosso objeto macro, que é focado nas ações de Biezanko, e sem resolver uma possível polêmica quanto à “paternidade da soja”, pretendemos explicitar algumas experiências com a leguminosa na colônia Guarany e no Paraná entre os poloneses.

Por fim, pretendemos entender como a agricultura foi pensada pelos letrados poloneses e divulgada através dos periódicos polono-brasileiros no sul do país objetivando produzir uma literatura capaz de estimular a melhoria dos cultivos, das técnicas e a seleção de novas e melhores sementes entre os colonos.

2.1. Teorias do campesinato: Que(m) são os camponeses?

Quanto a quem habitava o espaço rural, precisamos estabelecer fronteiras categoriais, as quais vão ser elementos importantes para a sucessão dos acontecimentos da passagem de um cientista entre colonos. Van Young expressa bem a noção de camponês a partir da seguinte frase: “los campesinos son como el amor, uno no los puede definir cabalmente pero se los reconoce cuando se los ve” (VAN YOUNG *apud*

MATEO, 2001, p. 48). Nesse sentido, faremos uma breve especificação da condição camponesa segundo a bibliografia, a fim de especificar este termo tão controverso.

Em primeiro lugar, o termo camponês e campesinato

não é, em sua origem, um conceito cientificamente construído mas, sim, uma generalização oriunda do sentido comum que, a *posteriori*, os que pesquisam as sociedades humanas tentam transformar em conceito, é preciso sempre recordar que aquilo que é aparentemente dado ou evidente na noção de campesinato pode ser altamente ilusório (CARDOSO, 2002, p. 31).

Cardoso (2002) aponta para a utilização, pelo menos na História, do conceito para diferentes espaços e tempos, quais sejam, realidades históricas heterogêneas e, sendo assim, necessitariam de um esclarecimento. Portanto, é o “‘Campesinato’ [...] noção vaga, ampla demais, carregada de estereótipos e de lugares-comuns culturais e políticos; concomitantemente, é impossível abandonar tal noção, por ser idéia socialmente difundida desde muito antes do advento das ciências sociais” (2002, p. 35).

Marx, assim como boa parte dos seguidores de sua teoria, aponta que os camponeses seriam parte da primeira forma de divisão social do trabalho (MARX, 1969), mas do ponto de vista da inserção política, o camponês é conservador, um “saco de batatas” (MARX, 1969) incapaz de se representar, apesar de rever sua posição posteriormente segundo apresentado por Shanin (1983). As sociedades camponesas, segundo ele, estariam na lógica do capitalismo, mas o modo de vida camponês seria uma contradição, a qual com o desenvolvimento do modo de produção capitalista iria desaparecer. Seguida por muitos autores, principalmente no Brasil ao redor da década de 1970 (WANDERLEY, 2003), a perspectiva marxiana e marxista pode ser útil para explicar os camponeses numa sociedade em transição para o capitalismo, como era o Brasil no período dos grandes fluxos migratórios, contudo, podemos pensar o campesinato a partir de alguns outros aspectos que denotam completude maior da noção, uma vez que elementos como autonomia, comunidade, cultura [etnia e religião], família somados ao acesso à terra, são também elementos constituintes desta categoria.

Chayanov (1974) tenta refletir o modo de vida camponês sob uma lógica própria, diferente do capitalismo, baseada na família e num equilíbrio da satisfação das exigências da demanda familiar e a penosidade do trabalho. De maneira que o trabalho

“a mais” ou acima da necessidade da remuneração, não teria sentido. Segundo Abramovay (1998, p. 73)

A obra mais conhecida de Chayanov (1925/1986) começa relatando um episódio familiar a quem trabalha com a economia do desenvolvimento: a suposta resistência dos camponeses à adoção de inovações técnicas. Os agricultores da região de Perm recusavam-se a adotar uma inovação que, no entanto, lhes economizaria uma quantidade imensa de trabalho, a máquina de trilhar cereais. A razão dessa suposta aversão ao progresso estava no fato de que o trabalho deslocado pela máquina não poderia ser empregado produtivamente em qualquer outra atividade. Mais do que um teórico da economia camponesa, Chayanov elaborou uma teoria do funcionamento das unidades produtivas baseadas fundamentalmente no trabalho da família. Enquanto a renda dependesse fundamentalmente do trabalho familiar haveria um balanço entre a penosidade deste trabalho e as necessidades de consumo da família: uma vez preenchidas as necessidades, cada unidade adicional de trabalho passaria a ter, para a família, valor decrescente.

Vale ressaltar a importância do equilíbrio do “grau de autoexploração do trabalho da família” e o rigor do trabalho (PONTES, 2005, p. 36) como um dos definidores desta economia camponesa, de maneira que o objetivo do camponês é a satisfação das suas necessidades e não o lucro¹⁶⁵, sendo portanto, o limite da produção de bens a superexploração da força de trabalho familiar.

Alguns autores apoiam-se no pressuposto da existência de uma *sociedade camponesa*, relativamente autônoma. Wolf (1976) parte de uma perspectiva mais antropológica, buscando estabelecer modelos embasados pela análise de características comuns entre os camponeses, como por exemplo, a importância das estruturas externas identificando a vinculação da *sociedade camponesa* e sua lógica interna com a *sociedade envolvente* e as cidades, que os camponeses estabelecem ao longo do tempo, relações estas de subordinação, as quais implicam na conformação de estratégias de sobrevivência diferentes de acordo com sua lógica de inserção social. Dentro deste contexto, a cultura parece ser importante, uma vez que não há um resumo da produção às necessidades físicas da família, mas a constituição de fundos (de manutenção e cerimoniais), que dizem respeito a uma sociedade camponesa mais complexa. Estas

¹⁶⁵ Não que o camponês seja conservador ao ponto de não “querer ganhar dinheiro”, mas a sua reprodução não necessariamente pressupõe a espiral do modo de produção capitalista.

acepções permite-nos pensar os colonos poloneses também sob este viés, o cultural, o qual se mescla com o caráter étnico-religioso.

O sociólogo Mendras (1978), ponderando a relação dos camponeses com a sociedade envolvente atesta que o tradicionalismo e a refração às inovações e mudanças seriam uma defesa contra pressões externas, de maneira que se houvessem garantias, a mudança poderia ser bem aceita, isto é, não haveria uma rejeição para a inovação, mas uma incorporação com precaução: “sua rotina, resultado de séculos de experiência, é a maneira correta de viver, da qual pode se afastar, mas com precauções” (MENDRAS, 1978, p. 200).

Nesse sentido, devemos pensar como demonstrou Chayanov, que há uma lógica camponesa própria. O autor francês atenta para cinco traços que definem a sociedade camponesa: a autonomia relativa das coletividades camponesas; a importância estrutural do grupo doméstico; um sistema econômico de autarquia relativa, que não diferencia consumo e produção e tem relações com a economia envolvente; uma coletividade baseada no interconhecimento; relações com a sociedade envolvente mediadas por notáveis, permitindo uma autonomia relativa da comunidade camponesa (1978, p. 14-15), traços que serão visíveis nos nossos exemplos adiante.

Desta forma, dialogando pressupostos econômicos, culturais e sociais, entrevemos que as relações sociais devem ser pensadas como integrantes do *modus vivendi* camponês, principalmente o parentesco (WOORTAMNN, 2004). A partir destas especificações, tomamos a noção de Mendras, referente às “sociedades camponesas” para entender os colonos/camponeses como sociedades parciais com culturas parciais, que se relacionam com uma sociedade englobante também de modo parcial e incompleto nas suas pertinências econômicas e comerciais (SCHNEIDER, 1994, p. 34). Em resumo, os camponeses embora mantenham um modo tradicional de viver e cautelosos com relação às novidades/inovações, poderiam aceitar algo novo diante das relações sociais estabelecidas e da confiança adquirida por lideranças locais.

Confirmadas estas posições, cabe pensar, portanto algum “limite” analítico, posto que como Cardoso (2002) apontou, campesinato nomeia um processo cambiante ao longo do tempo. Os mercados são um bom argumento para se compreender o que(m) são os camponeses, porquanto segundo Abramoway, a relação da sociedade camponesa

com a sociedade englobante pode ser identificada de duas maneiras: uma pela venda de mercadorias, daí a importância dos mercados, e/ou por códigos da sociedade englobante incorrendo na vida cultural camponesa.

Conforme Schneider (2010) são a vinculação com o mercado, a intensificação e complexificação da divisão social do trabalho capazes de definir, por exemplo, a separação de *camponês* da categoria de *agricultor familiar*, este último aparece quando há “o maior envolvimento social, econômico, e mercantil que torna [o][...] mais integrado e mais dependente em relação à sociedade que o engloba” (SCHNEIDER, 2010, p. 40). Ellis alerta, que os camponeses são “apenas parcialmente integrados a mercados imperfeitos” (1988, p. 4), tendo algum grau de mercantilização, entretanto, Schneider deixa claro, que esta mercantilização não deve ser o índice primeiro da reprodução social do camponês, posto que se é este o caso, *agricultor familiar* seria o termo corrente. Ploeg (2009, p. 5) também assevera que o modo de produção camponês é mais autônomo e historicamente garantido, contudo, esta autonomia não elimina formas de subordinação e dependência, assim, este é um bom índice definidor, mas não único, desta categoria tão problemática. Em suma

o produtor familiar que utiliza os recursos técnicos e está altamente integrado ao mercado não é um camponês, mas sim um agricultor familiar. Desse modo, pode-se afirmar que a agricultura camponesa é familiar, mas nem toda a agricultura familiar é camponesa, ou que todo camponês é agricultor familiar, mas nem todo agricultor familiar é camponês. (FERNANDES, 2001, p. 29-30)

Ao longo da exposição tentaremos deixar claro qual a medida da vinculação a mercados que os colonos poloneses possuem de acordo com a bibliografia, identificando os graus de autonomia relativa deles. No entanto, Max Weber (1974) já afirmara que na América, ao contrário da Europa, o mercado foi anterior ao campesinato. Isso significa reconhecer que, mesmo através de uma economia de excedentes, o colono sempre produziu para o mercado, ao contrário do camponês, cuja característica é a produção para o autoconsumo. Adiantamos, não obstante, segundo o que destaca Woortmann, “o envolvimento com o mercado, que caracterizou os colonos do Brasil meridional, só muito recentemente afetou sua orientação holística” (1995, p. 58) não sendo fundamental para destituí-lo de sua característica camponesa na fase

inicial da colonização. Entendendo estas características centrais de acordo com a bibliografia, partimos para a especificação, pensando uma expressão regional, o *colono*.

O colono no Brasil refere-se a uma situação específica “no seu significado mais geral a categoria colono é usada como sinônimo de agricultor de origem européia, e sua gênese remonta ao processo histórico da colonização” (SEYFERTH, 2000 p. 38), além da condição camponesa, há um elemento étnico irreduzível, portanto, é também uma categoria étnica, alterada no momento quando o *imigrante* se torna efetivamente *colono*, apropriando-se da designação oficial como categoria definidora de uma identidade social (SEYFERTH, 2009).

Wolf (2003, p. 138) ao tratar dos *tipos de campesinato*, aponta a importância das mudanças tecnológicas introduzidas e a vinculação paulatina aos mercados, tema que veremos recorrentemente, um dos tipos que identifica é

representado pelos colonos estrangeiros que introduziram mudanças tecnológicas no sul do Brasil e do Chile. Essas áreas parecem mostrar certas semelhanças. Em ambas, os colonos escolheram a floresta, em vez do terreno plano, para se estabelecerem. Em ambas, a colonização foi promovida pelos governos centrais para criar amortecedores contra pressões militares de fora e movimentos locais de autonomia. Em ambas, os colonos viram-se instalados numa fronteira ecológica cultural. No sul do Brasil, enfrentaram pressões culturais do pampa [...] e da população vizinha de produtores casuais para o mercado [...]. Em ambas as áreas, a um período inicial de cultura e aculturação, seguiu-se uma integração crescente no mercado nacional por meio da venda de produtor para o mercado.

Destarte saber que esta categoria tem tais especificidades, devemos tratar de outra implicação que torna ainda mais intrincado a análise dos “colonos”, posto que, estamos diante de uma nomeação identitária, a qual pressupõe um trabalho de (re)criação de representações sobre o mundo. A partir disto, entendemos a identidade como “um processo ao mesmo tempo pessoal e coletivo, onde cada indivíduo se define com relação a um “nós”, que por sua vez, se diferencia dos ‘outros’”, conformando uma representação, não apenas dada e atribuída por uma ilusão do espírito e intencionalidade deliberada, mas também uma escolha correspondente a uma necessidade de reconhecimento e identificação presente no inconsciente coletivo. Este processo de atribuição de um significado social construído pressupõe abstrações refinadas, como a noção de um passado e um destino comum, em que se lida com história e memória

(PESAVENTO, 2001, p. 8-9), dentro de um contexto específico de “lutas de representações” ou “lutas simbólicas” para enunciação do real (BOURDIEU, 1990), nas quais os dominantes tem o privilégio reduzir sua verdade objetiva à sua intenção subjetiva, ou seja, controlar a produção de sua imagem, enquanto os dominados não. Para Bourdieu (1977, p. 4),

entre todos os grupos dominados, a classe camponesa, sem dúvidas porque ela nunca se deu ou nunca lhe deram o contra-discurso capaz de a constituir em sujeito de sua própria verdade, é o exemplo por excelência da classe objeto, constringida de formar sua própria subjetividade a partir da sua objetivação [...]¹⁶⁶.

Este fator na constituição grupal do camponês também pode delegar um comportamento de refração a mudanças, pois a dominação impediria de se apropriarem dos seus possíveis frutos.

Não podemos deixar de lado a importância da atribuição categorial interna dos camponeses poloneses enquanto colonos, autoafirmando-se desta maneira, ao mesmo tempo criando um “nós”, os colonos, atrelados a características abonadoras notadamente a noção de *pioneiro/civilizador*, e os “outros”, nomeadamente os caboclos ou nacionais¹⁶⁷ (SEYFERTH, 1991), os quais eram caracterizados negativamente, estabelecendo-se, portanto, fronteiras identitárias num contexto interacional específico, onde permeavam europeus e “nativos”¹⁶⁸.

¹⁶⁶ Entre tous les groupes domines, la classe paysanne, sans doute parce qu'elle ne s'est jamais donné ou qu'on ne lui a jamais donné le contre-discours capable de la constituer em sujet de sa propre vérité, est l'exemple par excellence de la classe objet, contrainte de former sa propre subjectivité à partir de son objectivation [...].

¹⁶⁷ Termo de definições escorregadias (SILVA, 2014) necessitando de análise nos seus respectivos contextos, pois tem ingerências raciais, econômicas e sociais. Serão entendidos como “brasileiros pobres do meio rural”, pois sua aplicação neste trabalho está intimamente ligada à interação imigrante/colono x caboclo, na região sul do Brasil.

¹⁶⁸ Cf.: ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Agricultores, camponeses e também colonos descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul. In: NEVES, Delma Pessanha. (Org.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. Formas dirigidas de constituição do campesinato. São Paulo; Brasília: UNESP; NEAD, 2008, v. 2, p. 89-108 e Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006. Segundo Seyferth (1991), a noção de colono está dialeticamente oposta ao caboclo, portador de características desabonadoras como atraso, agricultura rudimentar, desapego à terra, entre outros, portanto, a caboclicização, enquanto termo que exprimia a apropriação pelo colono daquelas características, deveria ser evitada. O colono também seria uma antinomia aos fazendeiros, assim sendo, trabalho árduo, produção de

Tendo tais assertivas claras, passamos a compreensão mais ampla que leva a constituição dos colonos. A literatura que aborda a temática da colonização associada à imigração, baseada numa política estatal planejada apoiada pela iniciativa privada, é bastante antiga, alguns autores que escreveram nas décadas de 1950-1960 foram relidos por pesquisadores mais recentes, dos quais existem congruências nas ideias propostas.

Conforme Waibel (1958, p. 206), a colonização europeia “são processos pelos quais durante 120 anos, uma classe de pequenos proprietários rurais de origem europeia está tomando posse de terras e estabelecendo comunidades próprias”, para ele, o Brasil precisava de pequenos proprietários livres que cultivassem terras de mata com apoio das suas famílias sem interesse no uso da mão de obra escrava ou criação (intensiva) de gado. Santos (1978) considera na colonização o objetivo de colocar “homens livres, proprietários e brancos para fornecer gêneros alimentícios e ocupar as terras não utilizadas pelo setor ganadeiro”.

Segundo Moure (1996, p. 95), é com a imigração alemã que surgiu “a formação social agrícola, também chamada de colonial, que desenvolveu características próprias e diferenciadas da pecuária rio-grandense”, quais sejam economia de subsistência; agricultura familiar¹⁶⁹; e venda de excedente. Para Lagemann (1996, p. 118), o colono imigrante cumpriu o papel do “desempenho de atividades agrícolas, com base na pequena propriedade, em regime de trabalho livre e por conta própria, sem acesso à escravatura.”. Dentro deste esquema, o imigrante com acesso à terra, seria o “colono”, personagem que, de acordo com Woortmann (2004), seria uma variante da categoria mais ampla de “camponês”, adaptado às características econômicas e naturais do país receptor.

Zarth (2008) e também Lando e Barros (1996) destacam que o Brasil passava por uma crise de produção de alimentos, sem condições de sustentar o mercado interno, em razão da monocultura e da escravidão. A agricultura para produção alimentícia teria sido conseqüentemente o foco estatal dos processos imigratórios, primeiro os açorianos no século XVIII e depois os imigrantes europeus, mandados para as matas com o

alimentos, cuidado da terra, pioneirismo/civilização, o enraizamento, a liberdade, entre outras virtudes caracterizariam o colono enquanto categoria social.

¹⁶⁹ Aqui não está afirmada enquanto categoria analítica.

objetivo de, para além de garantir as fronteiras, produzir para sua subsistência e para o mercado interno, tentando conformar a noção do *farmer* americano¹⁷⁰ e não exatamente o camponês.

Estes colonos, na conformação da adaptabilidade à nova situação e diante dos ideais estatais de ocupação e produção alimentícia, tinham de habitar no lote rural, cujo significado remete a “concessão preferencialmente familiar, lugar de moradia, destinado à lavoura e criação, supondo-se pela dimensão de 25 hectares o caráter familiar do trabalho” (SEYFERTH, 2013, p. 54). Desta forma, são as “linhas” que perpassavam os lotes, os espaços de sociabilidades dos agricultores (para construção de escolas, sociedades, etc.), diferentemente das vilas na Europa.

Apesar destas preocupações e condições de formação das “colônias”, a colonização europeia no Brasil meridional não foi acompanhada por uma infraestrutura de transporte e comercialização que garantisse a distribuição e abastecimento interno, isso ocorre apenas com o crescimento das colônias de modo que “a produção agrícola dos colonos deu origem a um mercado de gêneros agrícolas, contribuindo para abastecer as estâncias e estabelecer relações comerciais entre colonos e criadores de gado” (1997, p. 150). O próprio Waibel (1955) considera que os 25 hectares distribuídos foram insuficientes para criar uma produção para o mercado, pois “retardou (ou impediu) a implantação de um sistema agrícola de pequena escala de tipo capitalista”¹⁷¹ (SEYFERTH, 2013, p. 91).

Somente com as mudanças das décadas posteriores é que ocorre uma maior integração dos colonos aos mercados e conseqüentemente a desestruturação da sua configuração camponesa, apesar de existir de maneira incipiente a comercialização de excedentes, fator de enriquecimento principalmente dos comerciantes estabelecidos nas colônias.

¹⁷⁰ Segundo Seyferth (2013) a colonização produziu colonos mais remediados, mas não o *farmer*.

¹⁷¹ A noção de *Homestead*, uma propriedade rural e benfeitorias, não se completou nas colônias gaúchas. Waibel critica o tamanho do lote colonial ao tratar justamente do conceito de *minimale Ackernahrung*. O tamanho do lote, assim, deveria ser de 55 hectares em terra boa e de 80 a 105 hectares em terra ruim. Tanto a topografia como a condição do solo nas áreas de colonização europeia comprovariam que o tamanho de 25-30 hectares é pequeno demais (Waibel 1958: 240).

Entendidas estas definições mais gerais de camponês e colono, pensamos em aplicá-las num contexto específico, a fim de compreender do que tratamos quando nos referimos a tais denominações justamente no recorte espacial de atuação de Biezanko. O apoio centrado nas perspectivas tratadas será recorrente, de modo que busquemos chamar a atenção para as características fundamentais do caso apresentado.

2.2. O camponês polonês no Brasil: os colonos em Guarani das Missões

As análises acima foram feitas com o intuito de auxiliar a compreensão das atuações de Biezanko diante do tipo de sociedade que encontra e das possibilidades as quais aparecem. Por outro lado, as considerações seguintes não pretendem situar os camponeses poloneses de Guarany exatamente dentro dos parâmetros teóricos acima revistos, ainda que possam apontar vários enquadramentos.

Sabemos que a maioria dos imigrantes poloneses eram trabalhadores do campo, pequenos proprietários e/ou o que chamaríamos de proletários rurais, os quais procuraram no novo mundo a propriedade da terra e, geralmente, a conseguiram¹⁷². Grande parte dos poloneses foi para o Paraná e o Rio Grande do Sul, recebendo os lotes, comumente de matas virgens, onde praticaram a atividade que trouxeram consigo, de camponês, mas adaptada à situação da sua nova realidade.

Wachowicz (1974) considera o colono como sendo o camponês vindo da Europa, contudo sua preocupação não é em discutir o termo e apresentar os motivos pelos quais o utiliza, mas apenas nomear o fenômeno que está analisando. Para ele, no Paraná, os poloneses vão ser produtores de gêneros de subsistência e possuem uma

¹⁷² Wachowicz para o Paraná parece ter um pensamento menor com relação à adaptabilidade dos agricultores poloneses à nova sociedade, para ele, “Os poloneses transformaram as outrora incultas terras de matas, dos dois primeiros planaltos do Paraná, em celeiro do Estado, introduzindo e difundindo novas técnicas agrícolas, novos instrumentos, novos produtos e uma nova mentalidade agrícola. (WACHOWICZ, 1974, p 172). Comenta a introdução da carroça “polaca” no Paraná e o arado, grade, picador de palha, mangual, moinho manual, o “radnik” (utensílio utilizado para fazer sulcos no solo para a semeadura), tendo a partir disso, a comunidade polonesa seus méritos agrícolas reconhecidos. O autor parece destacar a noção de civilizador e pioneiro do migrante/colono polonês no sertão paranaense, balizando a característica do trabalho, muito difundida como elemento abanador da identidade do colono e diminuindo as mudanças ocorridas no processo de instalação e efetiva colonização, as quais veremos a partir das análises de Cybulski (1980), quanto aos processos de uma espécie de “caboclição”.

“mentalidade camponesa” baseada na religiosidade católica. Quanto ao Rio Grande do Sul, Stawinski ao escrever seu texto propõe que os colonos vinham atrás de terras, sendo segundo ele “pobres lavradores” (1976, p. 65), os quais chegavam em razão da política governamental de subvenção de passagens.

Quanto à propriedade e produção, a terra recebida era em torno de 25 ha, através da compra, onde os poloneses resolveram praticar o cultivo de uma série de produtos. Gluchowski (2005), cônsul polonês em Curitiba que escreveu em 1927 no bojo dos assentamentos dos imigrantes, afirma que eles inicialmente tentaram manter as técnicas europeias com a utilização do arado¹⁷³ e os produtos “europeus”¹⁷⁴, por exemplo, centeio, trigo e batata inglesa, contudo, segundo o autor, logo tiveram de se adaptar, pois tal tipo de produção exigia um grande dispêndio de trabalho para poucos rendimentos, dado que, diferentemente das planícies polonesas com séculos de cultivos, as matas brasileiras eram virgens, com araucárias e outra árvores centenárias com troncos grossos e raízes profundas.

Para poder cultivar suas novas propriedades, a técnica da queimada, utilizada há muito tempo pelos caboclos, foi desenvolvida pelos poloneses, que cortavam parte da mata, deixavam secar e, então, queimavam, restando apenas os tocos mais grossos, em torno dos quais fazia-se os cultivos. Além disso, plantaram batata doce, feijão e mandioca, produtos os quais desconheciam e que aprenderam com os caboclos a cultivar. Depois, ainda cultivaram uma série de produtos tropicais, tais como arroz, fumo, cana-de-açúcar, etc. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 289), todos já adaptados à temperatura e ao território brasileiro. Decorrido algum tempo de utilização e experimentação do solo, os poloneses conseguiram usar o arado e reproduzir suas culturas tradicionais.

¹⁷³ Em texto no *Odrodzenie* de 8/11/1931 Józef Kurylo reclama que a agricultura dos colonos poloneses era arcaica, pois não havia cultivo sistemático e seus métodos eram antigos. Um dos seus principais apontamentos é quanto ao uso do arado, que segundo ele, nas terras vermelhas da região, teria de ser mais hábil. De acordo com ele, os colonos que chegaram recentemente da Europa, mantinham um arado ordinário, enquanto aqueles que já moravam aqui se interessaram no modelo de agricultura com base nos colonos alemães e introduziram outro tipo de arado e uma nova prática de arar o solo.

¹⁷⁴ A batata tem origem nas Américas, mas é cultivada na Europa, sendo base alimentar de alguns países, desde o século XVI.

As práticas adaptadas dos caboclos, assim como entre os alemães, não foram sempre bem recebidas, a reclamação de que a queimada prejudicaria as colheitas, o desenvolvimento e reprodução dos colonos, também existe entre os poloneses, assim como no caso dos alemães analisados por Roche (1969). Destaca Teodor Cybulski, secretario da *Liga Morska i Kolonialna* (Liga Marítima e Colonial) em 1931¹⁷⁵

as propriedades que cultivam outros produtos tais como o milho, a mandioca, arroz, cereais europeus, etc, porque todos eles utilizam o velho sistema de queima das roças, sistema esse que era eficiente quando se tratava de florestas virgens — no início da colonização — quando a utilização do arado era impossível por causa dos troncos de árvores e destroços que encontravam-se na terra. Este método no entanto, deixa de ser eficiente quando a terra já está desgastada pelas sucessivas queimas e os agentes atmosféricos. Para dar uma imagem completa do estado atual nas propriedades agrárias desejo por em relevo o fato de que em muitas colônias, que existem há mais de vinte anos, o arado continua a não ser utilizado, mas a foíce para cortar os matos, que em seguida são queimados — e o acincho para limpar o milho. Por isto, nessas regiões é necessário fazer a propaganda da mecanização do cultivo (o arado e a grade), porque sem ela as colônias não se desenvolveram adequadamente (1980, p. 200).

Cybulski, ao queixar-se da agricultura “rudimentar” utilizada, já lança as bases para o esforço de letrados poloneses em modificar as técnicas de cultivo dos agricultores, sendo como ele assevera “necessário fazer a propaganda da mecanização do cultivo (o arado e a grade), porque sem ela as colônias não se desenvolveram adequadamente”, estas preocupações são a tônica das discussões e, propriamente, ações dos personagens analisadas no capítulo 3.

Num dos exemplos acima, Gluchowski trata de colonos e agricultores no Paraná, apontando alguns aspectos interessantes do modo de vida daquelas pessoas, como as tentativas de utilização de técnicas europeias, as quais devido ao excessivo trabalho em prol dos poucos resultados, foram praticamente abandonadas, o que tem semelhanças com os apontamentos de Roche para o caso dos alemães, os quais tiveram um período inicial de experimentação de produtos. Destacamos assim um enquadramento com as questões levantadas por Chayanov, para quem a autoexploração tem um limite em razão

¹⁷⁵ Teodor Cybulski nasceu em 1897. Terminou o ginásio em São Petersburgo e a escola de oficiais da aeronáutica de Toruń. Ao passar à reserva, assumiu o cargo de secretario da Liga Marítima e Colonial de 1931 a 1932. Em seguida passou para o serviço diplomático, com a função de vice-cônsul em Curitiba. Texto traduzido por Ewa Anuszevska em 1980 para o *Estudios Iberoamericanos*.

das necessidades. Se pensarmos segundo Ploeg (2009, p. 24), o modo de produção camponês tem necessidade de eficiência técnica e uma mudança técnica não material¹⁷⁶, daí a escolha de novos produtos, além do fato de que na América, os colonos não tinham uma estação sem atividade direta no campo, como no inverno europeu, dado complicador e que diminui o tempo de reprodução de outras atividades (a pluriatividade).

Quanto à relação com os mercados, primeiramente identificamos conforme Mendras, que um fator importante na definição do ser camponês é sua vinculação com a sociedade englobante, o que ocorre principalmente através da venda de mercadorias a importância. Nas comunidades camponesas verificamos a existência de relações comerciais, ainda que tênues, pois em geral a subsistência era o foco mais importante, com a comercialização dos excedentes sendo algo comum, desde que, com um mínimo acesso a meios de transporte (estradas carroçáveis e/ou ferrovias).

No Rio Grande do Sul, as estâncias (ZARTH, 1997) e as cidades (coloniais ou não) eram os mercados consumidores mais importantes de gêneros alimentícios, assim vale também para o Paraná, sendo Curitiba, um centro abastecido basicamente pelas colônias polonesas de seu entorno (GLUCHOWSKI, 2010), diferente de Porto Alegre, a qual contava com o abastecimento das colônias alemãs do vale dos Sinos e das italianas da Serra, sendo os poloneses do Alto Uruguai, secundários no fornecimento, bem como dependentes da ferrovia que chega somente no século XX, quando a necessidade de estradas era constante e um pedido dos poloneses, exemplificado no caso paranaense:

Se existisse um sistema de transporte rápido, uma estandardização e uma garantia de qualidade, seria possível desenvolver a produção de ovos, pois como nos ensina a experiência européia, a racionalização da produção e da comercialização permite exportar os ovos a grandes distâncias. A produção

¹⁷⁶ Quanto à participação dos agricultores em associação e caracterização do modo de produção camponês, afirma-se que “Está na base dos recursos serem limitada (eficiência técnica e mudança técnica não-material tornam-se centrais); composição quantitativa da base de recursos (trabalho abundante e objetos de trabalho escassos); a natureza qualitativa das inter-relações existentes no interior da base de recursos (recursos sociais e materiais representam uma unidade orgânica e são possuídos e controlados por aqueles diretamente envolvidos no processo de trabalho); a centralidade do trabalho (os níveis de intensidade, bem como seu desenvolvimento ulterior dependem da quantidade e da qualidade do trabalho); a especificidade das relações entre a unidade de produção camponesa e o mercado” (PLOEG. In. SCHNEIDER, 2006, p. 23).

de ovos aqui tem muitas possibilidades de desenvolvimento porque as aves põem ovos o ano inteiro e os custos de manutenção são mínimos. (CYBULSKI, 1980, p. 202).

“Esta exposição demonstra-nos que o principal problema relativo à comercialização dos produtos agrícolas é a falta de contato direto entre o colono e os grandes centros comerciais”. O secretário da *Liga Morska i Kolonialna* ainda adverte “Um dos problemas mais importantes relativo à venda dos produtos com o qual o colono tem que lutar é o problema do transporte”, pois para ele as “grandes distancias e as condições em que este transporte é efetuado e que são às vezes inconcebíveis para um europeu”, provavelmente fazendo referência ao pequeno tamanho dos países europeus em comparação com o Brasil, ou por um possível melhor sistemas de transportes no “Velho Continente” (CYBULSKI, 1980, p. 203).

Não existindo quase nenhuma manutenção de estradas, este fator seria um dificultante para a promoção da indústria e expansão dos mercados, portanto a solução para Cybulski seria

Como nos não temos nenhuma influência no sentido de melhorar as condições de transporte, a única forma de ultrapassarmos essa dificuldade é a de valorizar os produtos agrícolas o mais possível, isto é, transformar as matérias-primas em produtos semi acabados, que agüentariam as condições e os custos de transporte. (1980, p. 206)

Uma adaptação aos mercados, dentro dos quais os colonos poloneses começaram a se inserir, pode ser percebida segundo o cônsul polonês Gluchowski, ao ponderar que o milho também fora vendido, mas em regiões com pouco acesso físico aos mercados, onde acabou tornando-se ração para os porcos. A mesma situação pode ser encontrada na atuação dos colonos ervateiros do Paraná, que trocaram a agricultura por esta prática, segundo Gluchowski, mais rendosa, justamente por permitir a venda, contudo, com a caída do preço e a exploração por parte dos vendedores, diminuíram a produção ao longo dos anos. Para Cybulski (1980, p. 203)

A erva, graças ao seu preço elevado, às facilidades de venda, à ajuda concedida pelo governo e graças a existência de importantes firmas exportadoras — o que racionalizava a sua produção e proporcionava a estandardização do produto — proporcionava simultaneamente altos e fáceis

lucros aos produtores, já que a produção não requeria grande esforço e a sua venda era quase que garantida.

Os colonos, apesar das disposições acima mencionadas, acabavam ficando na mão dos “vendeiros”, assim como nas regiões pioneiras da imigração polonesa no Rio Grande do Sul, na serra, onde os colonos estavam sujeitos aos comerciantes italianos e descendentes, fator que contribuiu para os processos de reimigração dos poloneses (STAWINSKI, 1976), que os conduziram para o Alto Uruguai e Missões, nosso recorte espacial. A relação colono-vendeiros é outro elemento intrínseco ao modo camponês desenvolvido no sul do Brasil, mas apesar disso, a análise deste elemento demandaria uma explicação mais longa, a qual não se faz premente neste momento.

Quanto a Guarani das Missões, segundo Stawinski, as “terras férteis” da colônia foram ocupadas por lavradores, pois tinham na agricultura a principal renda, “a maioria dedicou-se à agricultura [...] notabilizaram-se pelo cultivo de trigo, milho, feijão, centeio, aveia, batatas e, sobretudo, soja” (1976, p. 50), esta última num período posterior. Segundo Gil (2003, p. 20)

Sobre a produção agrícola, as primeiras fontes que dispomos são de 1905 e 1906. Esta última marca a chegada de um lote de sementes para promover a atividade na colônia. O fato de que a maioria dos imigrantes chegados em Guarani fossem camponeses em busca de terras, já era um indicativo da vocação agrária da colônia. Este não era apenas o plano dos imigrantes, mas também do governo. A chegada daquelas sementes era uma evidência disso. Tais sementes eram de fava, lentilhas, ervilhas chilenas e francesas, todas remetidas entre março e maio de 1906 pela Cia. Franco e Ramos, por um pedido direto do Chefe da Comissão de Terras de Guarani, Clarimundo de Almeida Santos.

Certamente estas não eram as primeiras sementes que chegavam a Guarani. Mas isso denota um grande interesse do governo em incentivar a diversidade produtiva, provavelmente com a preocupação de transformar aquelas colônias em grandes centros produtores de alimentos.

Alguns autores dedicados ao estudo da cidade e colônia de Guarani das Missões como Paulo Marmilicz (1996) define que em Guarani são assentados camponeses, termo o qual Marmilicz conhece a discussão, mas define como “pequeno proprietário rural que utilizando-se basicamente da mão de obra familiar produz para o mercado” (1996, p. 77), tal assertiva está baseada na análise do período mais recente da cidade, mas contém um problema evidente, que é definir o camponês na medida de seu vínculo

com o mercado, pois o termo mais corrente deveria ser de *agricultor familiar*. A partir disto, pensamos em indicar alguns apontamentos que proponham uma definição mais clara, tendo nossa hipótese de que estes colonos poloneses são camponeses desde sua imigração e instalação, até pelo menos meados dos anos 1950. Como coloca Jurach (1978), ao estudar os colonos poloneses da região de Santa Rosa, na fase inicial de colonização o sistema produtivo e as relações de produção eram camponesas, sendo importante a produção como um modo de vida e não a comercialização.

Em primeiro lugar, é menos importante a dimensão da propriedade para a definição da condição camponesa, mas sim suas relações sociais, independente disso, destacar que a maior parte das colônias de Guarani tinham a dimensão comumente distribuída para os imigrantes chegados a partir do último cartel do século XIX, de 25 hectares permitem entender aqueles colonos, também, como pequenos proprietários.

Em segundo lugar destacamos a mão de obra. De acordo com as teorias supramencionadas, em especial Chayanov, a família deve ser central para camponês, isto é, sua unidade social básica (SCHNEIDER, 1994). O regime de trabalho em Guarani, como Wendling (1970) deixa claro, é justamente o familiar, igualmente como destaca Polanczyk (2010, p. 259), ao apontar que “a estrutura agrícola de Guarani das Missões é a pequena propriedade explorada por seus próprios donos”, ou seja, “o trabalho é realizado exclusivamente pela família, inclusive crianças, e com auxílio de animais de tração (2010, p. 260)”, situação que perdura por um bom tempo.

Em terceiro lugar, quanto à vinculação com mercados, consideramos que até, possivelmente 1960, quando do *boom* da soja (BRUM, 1988) e do projeto de “modernização conservadora” da agricultura (GRAZIANO DA SILVA, 1981), não havia grande investimento em negócios externos à fazenda, pois “não se buscava de forma agressiva a produção de bens para a venda. Distantes dos mercados aos quais estavam ligados por precários meios de transporte, contentaram-se [os poloneses] em satisfazer suas necessidades básicas” (POLANCZYK, 2010, p. 262). Segundo Wendling, “entre os grandes problemas [...] encontrados, merece menção a falta de estradas e meios de comunicação”. Primeiro caminho para venda e abastecimento era Cruz Alta, depois com o crescimento das cidades coloniais de Santo Ângelo e Ijuí, as distâncias decresceram.

Embasado no relato de um colono, nos primeiros anos da colonização da região eram produzidos 90 sacos de 60 kg de trigo, “porém para isso não havia comércio” (WENDLING, 1971, p. 10), a viagem para o moinho em São Borja demorava cerca de 30 dias ficando claro que o problema da falta de transporte indicava a prioridade de subsistência, sendo a venda, de caráter subsidiário e existindo uma autonomia da sociedade camponesa em relação ao entorno. Mais tarde, com a melhoria do transporte na colônia, os camponeses poloneses começaram a ter mais acesso aos mercados, seja através do transporte fluvial (pelo rio Uruguai), seja pela ferrovia de 1911, a qual chega à cidade próxima, de Ijuí, ligando a Porto Alegre e Rio Grande, além dos núcleos urbanos coloniais (POLANCZYK, 2010, p. 153).

A partir de todos estes pressupostos, identificamos uma sociedade baseada na pequena propriedade com mão de obra familiar, autônoma e com pouca ou nenhuma vinculação aos mercados. Além disso, a base do trabalho é para suprir a demanda de necessidades das unidades de consumo da família, portanto, numa racionalidade que não visava o lucro. Instaura-se assim a noção de *gospodarka*, a qual, segundo Wendling (1971) e Polanczyk (2010) seria composta por, em 1967, em geral uma área de 25 hectares com:

- A área próxima à residência, com paiol, galinheiro, chiqueiro e pomar;
- O potreiro, vizinho à casa, em terras já desgastadas pelo uso, onde pastam animais de grande porte, seja de tração, seja o gado leiteiro;
- A mata;
- A área de cultivo: a roça;

Assim traçamos um panorama das condições destes agricultores na região e aquilo que compreendem por *gospodarka*, expressão do idioma polonês que numa tradução literal significa “economia”, mas que no Brasil, muitas vezes será reconstruída como sinônimo de colônia, no sentido da propriedade do colono polonês, propriedade esta capaz de garantir a sua reprodução, prover-lhe a si e a sua família o sustento, “local para morar, trabalhar e criar os filhos” (POLANCZYK, 2010, p. 259), não apenas uma unidade econômica de produção. Tal definição permite marcarmos que tratamos até 1960 de “camponeses” e não “agricultores familiares”. Como assevera Jurach (1978, p. 42) para o caso de Santa Rosa, somente “a partir dos novos conhecimentos adquiridos

(terraceamento, destocamento, uso de insumos e corretivos, utilização correta de implementos) [o agricultor] abandona o sistema agrícola campesiano para tornar-se produtor”, em suma, um agricultor familiar.

A fim de complementar a identificação da constituição de uma sociedade formada por camponeses, pretendemos abordar os referenciais culturais poloneses, em especial o religioso, a importância das relações pessoais (parentesco em especial) e a atuação dos notáveis. Primeiramente, na década de 1930, o núcleo dos poloneses da colônia Guarani já estava com algumas décadas de ocupação, bem como um bom número de colonos instalados, cerca de 12 mil, e uma pequena sede urbana com escolas e igreja. Portanto, existindo um grande grupo de pessoas, certamente formando diferentes redes (de negócios, parentais, de amizade, reciprocidade, etc.) de acordo com a economia campesina, a qual presume diversos vínculos sociais, a exemplo do que assevera Ploeg (2009) ao assentar que o processo de trabalho camponês é regido por relações de parentesco, gênero, idade, religião e reciprocidade.

Os notáveis, na constituição da sociedade camponesa, são também figuras importantes que fazem a mediação com a sociedade envolvente, assunto que voltaremos ao tratar na questão da liderança no capítulo 3, mas lembrando que o padre é figura muito importante entre os camponeses (MENDRAS 1978, p. 107, 120) e particularmente no grupo étnico polonês (GARDOLINSKI, 1958, STAWINSKI, 1976, WACHOWICZ, 1974). Contudo, segundo Cybulski, a posição do padre deveria ser relativizada para ele:

O segundo elemento que possui influência nas colônias são os padres. No entanto dado o tamanho das paróquias, esta influência não é tão direta e é mais esporádica com exceção das localidades próximas do local de residência do padre. A influência do padre em geral depende muito da sua própria individualidade. Apesar de tudo é o elemento mais esclarecido nas colônias e independentemente das convicções de cada um, é necessário tomar em consideração o papel deles nas colônias. (CYBULSKI *apud* ANUSZEWSKA, 1980, p. 204)

Para Cybulski havia o “vendedor”, o comerciante, ou seja, o grupo migrante voltado ao comércio e, este sim, exerceria o papel de notável e de ligação da

comunidade de imigrantes com o mundo exterior, já que o comércio colonial funcionaria através das vendas

Quando surge uma nova colônia, os colonos mais inteligentes e ativos ligam-se ao comércio. Graças a essa atividade eles conseguem maior influência entre os colonos, por que sendo os únicos a manterem contato com o mundo externo e em resultado aprenderem a língua mais rapidamente, eles entram em contato direto com as autoridades locais e assim estão na posição de resolverem muitos dos problemas dos colonos. São raros os casos em que outras pessoas, além dos proprietários das vendas, que pela sua inteligência ou perspicácia tornam-se pessoas de influência entre os colonos. (1980, p. 203)

Os vendeiros, segundo Cybulski, tinham sua influência aumentada com o desenvolvimento da colônia e, poucos seriam aqueles sem instrução, buscando lucro, o que os fadava a explorar a colônia, mas para o secretário da *Liga Morska i Kolonialna*, ele era o elo com o exterior, além disso, seria entre os comerciantes e seus descendentes que se formaria a elite intelectual colonial polonesa, mesmo que “travassem” o desenvolvimento colonial “ditando e abaixando os preços dos produtos agrícolas tendo em vista somente os lucros imediatos”, mesmo assim, “em contrapartida, como são pessoas ricas em geral, são para nós um elemento positivo porque são pessoas de influência nas repartições públicas provinciais” (1980, p. 204).

Cybulski escreve principalmente para o estado do Paraná, além disso, enquanto membro da *Liga Morska i Kolonialna*, estava no bojo do “confronto” com o clero pelo “controle” das colônias polonesas no Brasil (WEBER, 2015) e Argentina, a exemplo do que demonstramos quando da estada de Biezanko em Misiones, por esta razão, talvez, desfaz a importância dos padres nas comunidades polonesas e destaca outro elemento, com o qual pretendiam se aliar para exercer o efetivo tutoramento das colônias, sendo necessário, portanto, relativizar seus apontamentos, já que, como veremos no capítulo 3, os padres são fundamentais na constituição das comunidades imigradas camponesas e, entre os poloneses, são as primeiras lideranças e permitem inclusive exercer o vínculo entre as comunidades de diferentes cidades e, também, estados do Brasil a partir da estrutura da Igreja.

Estes exemplos e descrições do estabelecimento dos colonos poloneses no Brasil, em especial, Paraná e Rio Grande do Sul, e especificamente, Guarani das Missões, pareceram úteis para destrinchar as condições para a definição de camponês e sociedade camponesa para aquele grupo de pessoas, naquele determinado período conformando-os como parte de uma categoria mais ampla, sendo exercício profícuo para compreender as resistências e vínculos estabelecidos por Biezanko na comunidade polonesa guaraniense.

Não é difícil perceber que a proposição do exercício de pensar a categorização “camponês” para uma realidade empírica não é tarefa fácil, em primeiro lugar por ter de levar em conta inúmeros aspectos, culturais, econômicos, sociais e, inclusive, políticos, os quais se segmentaram em elementos religiosos, étnicos, identitários, etc. Diante da complexidade vemos que não é possível esgotar o tema nem é este o foco, mas dar um quadro do contexto que demonstra a necessidade de se delinear bem o que tratamos por camponês, e se entendemos o colono como parte desta categoria, também o que(m) é este colono. Nesta dissertação os termos “camponês”, colono serão considerados sempre na perspectiva de uma sociedade camponesa e baseado nos pressupostos identificados acima.

Depois dos anos 1960 e do processo de modernização agrícola, as vinculações com os mercados se tornam extremamente fortes em Guarani. A criação da *Rota da Produção* liga a cidade aos centros distribuidores e o foco na dupla, soja e trigo, faz com que muitos camponeses tornem-se agricultores familiares, mudando práticas e as relações de trabalho, mecanizando-se, inserindo-se em políticas públicas, promovendo intensas relações com a sociedade englobante, dependendo dela para sua reprodução social. Mesmo assim, o termo colono não perde sua força enquanto afirmação identitária, a qual permanece em boa medida no meio rural do Rio Grande do Sul, mas enquanto categoria constituinte daquilo que entendemos como camponês, a partir da leitura acima, perde sua validade.

Até mesmo para momentos posteriores, há quem defenda, em detrimento de agricultor familiar, o uso do termo camponês, propondo outras definições¹⁷⁷, não é o nosso caso, em que propusemos a categorização condicionada no tempo e no espaço, de acordo com os diferentes contextos pesquisados ao refletir para o interior da constituição de uma comunidade de imigrantes europeus no noroeste do Rio Grande do Sul em diferentes temporalidades, verificamos a necessidade de deixar claro do que tratamos, classificando com base teórica o fenômeno camponês dos colonos poloneses de Guarani das Missões, a fim de entender o local e os habitantes que Biezanko encontra quando imigra para aquela região.

2.3. A Zona Colonial gaúcha e a agricultura/economia colonial

Com o fito de explorar o contexto agro-econômico do Rio Grande do Sul constituído ao longo do século XIX nos espaços ocupados por colonos europeus, pretendemos aproximar a discussão para compreender o possível impacto da introdução de inovações e novidades no meio rural camponês, bem como, o modo como reiteradamente ao longo dos anos, na conformação colonial gaúcha, os agricultores preocuparam-se em experimentar e desenvolver novos produtos para estabelecer uma adaptação ao contexto da sociedade receptora, isto é, um ajuste às novas realidades e desafios.

Pensar a zona colonial gaúcha e o modo como se desenvolve sua agricultura permite entender a dialética conservadorismo/inovação no meio rural e o possível impacto que Biezanko poderia trazer ao explorar novos cultivos e métodos no meio camponês, que ao mesmo tempo em que é conservador pode aceitar o novo, ademais ao concentrarmos nos anos 1930 e quando a literatura permitir na região do Planalto do Rio Grande do Sul, pensamos em dispor de informações capazes de pintar um quadro da situação rural/colonial quando da chegada do cientista Biezanko.

¹⁷⁷ “Em primeiro lugar, o campesinato, mesmo tendo perdido a significação e a importância que tinha nas sociedades tradicionais, continua a se reproduzir nas sociedades atuais integradas ao mundo moderno. Pode-se identificar, portanto, em diversos países, na atualidade, setores mais ou menos expressivos, que funcionam e se reproduzem sobre a base de uma tradição camponesa, tanto em sua forma de produzir, quanto em sua vida social.” (WANDERLEY, 1996).

“Com efeito, é à colonização alemã que o Rio Grande do Sul deve o ressurgimento de sua agricultura” (ROCHE, 1969, p. 243). Desta maneira, Jean Roche propõe uma explicação sobre a importância dos colonos alemães para a agricultura no Rio Grande do Sul, de maneira específica, estendendo um raciocínio sobre como foi e se desenvolveu a agricultura colonial, fato que em certa medida, pode coadunar com outros espaços coloniais, inserindo na temática, os poloneses e Guarani das Missões, como grupos sociais e espaços, os quais se amalgamam com aquilo que já foi escrito sobre outras regiões e etnias no Rio Grande do Sul.

Segundo Roche, de 1825 a 1875, a agricultura foi uma atividade exclusivamente alemã e até a Segunda Guerra Mundial, geravam-se nas colônias alemãs, dois terços da produção agrícola do Rio Grande do Sul. Entre os principais artigos, destacava-se o trigo, o qual teve impulsos governamentais. Segundo Roche, os estímulos governamentais atingiram as colônias alemãs e polonesas por necessitarem terras de campos e pequenas propriedades, mesmo assim, o produto naquela época não foi de amplo relevo. Outro importante produto foi o centeio, normalmente associado ao trigo, basicamente produzido em colônias teutas, sua produção declina junto com o primeiro. A cevada e o arroz destacam-se como produtos mais vinculados a mercados, o primeiro, ligado à produção cervejeira e o segundo com a implementação da irrigação e com o objetivo primeiro da venda e não autoconsumo.

A perspectiva da policultura é bastante evidente quando percebemos de acordo com o Roche (1969) que existiram nas colônias alguma dedicação ao algodão e linho com objetivos têxteis, além do amendoim, rícino, girassol, tungue e piretro¹⁷⁸, para a produção de óleos vegetais. Em geral, cultivavam-se também árvores frutíferas, em especial, cítricos, mas sem objetivos de venda, além de feno, luzerna e serradela¹⁷⁹, como complementários à alimentação animal. Roche destaca que “Um dos primeiros

¹⁷⁸ O rícino é a mesma planta conhecida por mamona, originária da África, da família das euforbiáceas; o tungue é uma planta originária do extremo oriente, também da família das euforbiáceas; o piretro é da família das compostas do gênero *Chrysanthemum*, que serve também como inseticida natural. Todas produzem óleos com diferentes finalidades para o ser humano.

¹⁷⁹ A luzerna é também conhecida como alfafa originária da Ásia Central, utilizada como alimento animal, enquanto a serradela é uma leguminosa.

aspectos da agricultura alemã no Rio Grande do Sul foi a variedade das culturas tentadas. E, no entanto, os produtos mais importantes não ultrapassam a meia-dúzia.”.

A policultura, no entanto, era fundamental para a reprodução do camponês, visto que os colonos imigrantes ou descendentes de europeus tinham como primeira preocupação o autoconsumo da família, pois a ligação com os mercados era parcial entre os camponeses (ELLIS, 1988), assim sendo, a diversificação das culturas era importante para a subsistência, tornando as famílias mais autônomas dos mercados, fator importante, se pensarmos que a desarticulação do sistema camponês está também relacionada com a introdução da monocultura soja/trigo na segunda metade do século XX.

Quanto aos produtos cultivados/adaptados, Roche, entre os colonos teutos, destaca a batata inglesa e o feijão-preto como fundamentais, os quais foram importantes também para outros colonos como os poloneses no Rio Grande do Sul, além da mandioca, a qual foi cultivada desde os primeiros momentos do estabelecimento das colônias, todas voltadas para o autoconsumo.

Apesar da preocupação primeira com o consumo da família, dedicando o trabalho basicamente para suprir suas necessidades, existiam culturas, que Roche chama industriais, mas que na verdade eram aquelas as quais era necessário um processamento para a produção de derivados (por exemplo, a cana-de-açúcar e o fumo), ou seja, beneficiamento e tal processamento poderia em grande medida ser feito em pequenas indústrias artesanais, mesmo que outros necessitavam níveis maiores de tecnologia.

Dentro deste contexto da adaptação cultural e econômica dos colonos imigrantes europeus e seus descendentes à nova sociedade receptora, que Roche promove a explicação das fases agrícolas pelas quais passaram os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, seu modelo analítico são as antigas colônias, em especial São Leopoldo¹⁸⁰, que teria sido atravessada por quatro distintos períodos de relações dos colonos com o campo, períodos estes que são importantes para entendermos também a fixação dos poloneses e o modo como vão interagir com o novo ambiente, pois muitas das disposições aplicadas por Roche são exemplos para a ocupação colonial em outros

¹⁸⁰ Colônia alemã fundada em 1824.

contextos, com outros grupos imigrantes. Fundamentalmente nos concentraremos nas fases próximas à década de 1930, nosso recorte temporal mais definido.

Diante destes pressupostos iniciais, as fases agrícolas destacadas por Roche iniciam com: a) a fixação primeira dos colonos, entre 1824-1840, fase de experiências agrícolas iniciais, quando a preocupação elementar teria sido a subsistência e os produtos cultivados, em geral, frutas e culturas locais, com exceção da batata-inglesa, já conhecida e cultivada na Europa, além de contarem com subsídios governamentais, também plantaram culturas para as necessidades primárias, como linho e algodão, cana e fumo; b) depois, entre 1845 até aproximadamente 1870, vem a segunda fase, destacada pela cultura do milho (principal cultivo colonial e o primeiro que a soja foi associada nos anos posteriores), feijão, batata e mandioca num primeiro momento, e depois, cevada, aveia, centeio, cana, entre outros, nesta fase há um aumento da produção e inclusive inicia-se a comercialização das culturas, sendo algumas vendidas com trabalhos de beneficiamento; c) a terceira fase, que vai até 1890, teria sido irrompida pela melhoria dos transportes e pela soma de solos férteis com o mercado para produtos coloniais, já com a exportação de boa parte da produção; d) o quarto momento é destacado por Roche como o período de declínio da agricultura colonial na região, durando até 1950, perpassado por momentos de aumento na produção durante as guerras mundiais, as quais majoraram as exportações e segundo o autor “a crise mundial de 1929 pouco repercutiu na agricultura rio-grandense” (ROCHE, 1969, p. 272), contudo nota-se um decréscimo geral da produção e, por último, se investe em plantas forrageiras e inicia-se uma fase de reflorestamento e menor aproveitamento dos campos.

Esta fase de regressão teria dois outros períodos, no primeiro caracteriza-se pela queda crescente da produtividade agrícola da Colônia São Leopoldo; transferência do polo de produção agrícola para as colônias fundadas no último quartel do século XIX (colônias novas), a ampliação da participação dos outros Estados brasileiros como São Paulo, Minas Gerais e Pará, interessando-nos especialmente estas duas últimas características, pois coadunam com as reimmigrações para as colônias no noroeste e o a competição com outros estados, que exige do Rio Grande do Sul ter de investir na educação rural e no desenvolvimento agrícola, fazendo com que cheguem muitos professores e agrônomos estrangeiros como Biezanko. O segundo momento, destaca o

crescimento das colônias agrícolas do Alto Uruguai e Missões, além do Planalto Médio com desenvolvimento das cidades pólo. Completando-se assim um ciclo de desbravamento inicial culminando no reflorestamento, de maneira que boa parte das colônias alemãs, segundo o autor, percorreriam este caminho. Parece-nos interessante a abordagem por fases de Roche, a qual verifica as mudanças paulatinas na agricultura colonial, conforme avança o mercado em detrimento do retrocesso da fertilidade do solo.

Este modelo construído por Roche pode ser válido para explicar as primeiras levadas de imigrantes poloneses chegados à Serra Gaúcha em 1875 na conjuntura da imigração italiana, os quais assomaram para ocupar matas praticamente desabitadas¹⁸¹ e, apesar de contatos com colonos teutos mais antigos, passaram por um processo parecido de estabelecimento colonial. Para explicitar, todavia, o caráter das colônias do Planalto e Noroeste Gaúcho, na qual se insere Guarani das Missões, faz-se premente as explicações modelares delineadas por Roche sobre as colônias novas alemãs, muitas delas ocupando o mesmo espaço que as polonesas do último cartel do XIX.

As colônias do planalto teriam uma história agrícola diferente, em primeiro lugar, a exploração da terra foi menor que nas colônias de ocupação antiga, em segundo lugar, como foram fundadas em geral por reimigrantes, muitos dos quais eram descendentes dos pioneiros, elas não passaram por uma fase inicial de experimentação de culturas, porquanto parte-se do princípio que os colonos já conheciam as plantas com maior “sucesso” para se cultivar. Além disso, quanto ao desenvolvimento colonial, deve se ter em conta os elementos geográficos “a ausência de rio navegáveis, a insignificância dos acidentes do relevo, a relativa amenidade do clima, a abundância das precipitações e, sobretudo, a distância em que se encontram de Porto Alegre” (ROCHE, 1969, p. 278), tais características são preponderantes no tipo de colônias que se reproduziram nesta parte do estado e de suas diferenças com as colônias do Vale do Sinos e mesmo da Serra.

¹⁸¹ Zarth (1997) já alertara para o fato de muitas das colônias europeias no Rio Grande do Sul terem sido criadas em zonas de ocupação indígena e de caboclos, que praticavam uma agricultura de subsistência ou extrativa.

No período em que Roche escreve, ele considera Santa Rosa em plena fase de expansão agrícola, correspondente a segunda e terceira fases das colônias antigas, destacamos aqui aquela cidade pela proximidade geográfica com Guarani das Missões e pela relativa pequena diferença de idade das duas colônias.

A colônia Santa Rosa “nasce” produzindo os cultivos de maior adaptabilidade e rentabilidade tanto por hectare como quanto ao valor de mercado, além disso, a fase de subsistência é relativamente curta, sendo a produção de excedentes para serem comercializados prontamente um objetivo dos colonos, desta maneira, já em 1950, Santa Rosa era “a imagem da prosperidade, do dinamismo da juventude [...]” (ROCHE, 1969, p. 285), apesar de tudo, a rápida reprodução também levaria a um mais rápido declínio agrícola das colônias “a influência do tempo foi, portanto, multiplicada pela aceleração de sua evolução econômica, determinada não tanto pela posição como pela idade da exploração” (1969, p. 285), de modo que *pari passu* com o desenvolvimento dos transportes foi se gestionando a luta contra o esgotamento dos solos.

Quais os motivos que levaram ao esgotamento dos solos, na fase final destacada por Roche, e que mais tarde vão demandar esforços por parte do poder público para reorganizar a produção agrícola das regiões coloniais em especial do noroeste gaúcho? A resposta de Jean Roche está nas técnicas de cultivo aplicadas pelos colonos. Para o autor existiam dois sistemas agrícolas, um de depredação e o outro de exploração. Destaca-se assim a técnica tradicional, considerada de depredação, uma vez que se surpreende pelo fato de os modelos europeus serem praticamente insignificantes e se notabilizando o que chama de rotação de terras, ou da constituição de roças através da queimada, prática incorporada dos indígenas e caboclos com os quais os colonos teutos tiveram os primeiros contatos, o mesmo vale para os poloneses, que utilizaram aquela técnica por um longo período.

O processo consistia em algumas fases: a) derrubada, que nada mais era do que cortar o mato e deixar secar ao sol; b) a queimada, ou seja, a abertura de clareiras através da incineração dos arbustos cortados na primeira fase; c) depois a plantação, realizada entre os tocos e sob as cinzas do processo anterior, por fim e) capinar, preparando a terra e mantendo as culturas em condições para a colheita.

Se partirmos das teorias de Chayanov, como aludimos para o caso dos poloneses, os colonos não poderiam adotar as técnicas europeias ou suas culturas, uma vez que renderiam um excesso de trabalho pouco vantajoso para o autoconsumo familiar, de maneira que preferiram adaptar aquilo que já vinha sendo realizado com relativo sucesso pelos indígenas e caboclos, já para Willens (1980), estudando a “aculturação” e “assimilação” dos colonos alemães, são as condições mesológicas que levam às mudanças de práticas e conseqüente à caboclição¹⁸² dos imigrantes.

Ainda que largamente utilizados, em longo prazo, tal método de exploração do solo nas condições que eram feitas vão incorrer em sérios problemas de esgotamento do solo e conseqüentemente reimigração, levando Roche a concluir que é a imperícia do agricultor determinante no desgaste e no empobrecimento de nutrientes e dos colonos.

Para Roche, a queimada exigia menos tempo e trabalho do colono que seu congênere europeu, porém, não existia uma estação sem atividades equivalente ao inverno na Europa, como aludimos anteriormente. Além disso, muito rapidamente o rendimento da produção vai diminuindo com as sucessivas queimas, de modo que o solo é abandonado até se reconstituir a vegetação e então queimado novamente, para Roche, esta atividade é muito primitiva a qual chama de “agricultura temporária e periódica da queimada”, sendo prejudicial depois do desbravamento inicial, “depredativo” ao solo, explicando uma série de tentativas de mudança contra a

¹⁸² No contexto da aplicação de práticas consideradas rudimentares e/ou depredadoras pelos colonos europeus no Brasil, surge a noção de “caboclição”, num sentido depreciativo da categoria caboclo, visto como inferiores. Segundo Seyferth (1991) “Acaboclar-se” é uma noção que, na literatura sobre o mundo agrário brasileiro conceitualmente indica a passagem de uma prática agrícola considerada racional para uma agricultura extensiva, cujo traço é o esgotamento da terra rapidamente. Fato que leva à procura sistemática e incorporação de novas áreas, as quais, por sua vez, em pouco tempo são abandonadas, sendo o tema “da “decadência” do camponês de origem europeia [...] mais ou menos constante nas análises realizadas por cientistas sociais e geógrafos que enfatizaram o processo de assimilação” (SEYFERTH, 1991, p. 32). Para Willens, um dos principais teóricos da assimilação dos colonos teutos, a caboclição teria significado uma espécie de retrocesso, posto que o esperado parecia ser o desenvolvimento de uma racionalidade capitalista para o colono imigrado. Com base numa má influência do meio para o qual os teutos teriam imigrado “a adoção da lavoura extensiva que, ao esgotar a terra rapidamente, face às técnicas primitivas de cultivo, leva à procura sistemática de novas terras. Nesse sentido, os colonos teriam sucumbido ao nomadismo caboclo e à “indolência” cabocla representada por menor jornada de trabalho, entre outras coisas”, eis a melhor definição do tema (SEYFERTH, 1991, p. 32), tendo uma crítica permanente ao “desapego” da terra e constante mobilidade dos colonos, sendo que para Seyferth 1993, p. 34), “Este processo seria caracterizado também pelo empobrecimento e pela incorporação de elementos de uma cultura que, na sua totalidade, consideram inferior!”. Para Waibel, “muitos colonos alemães, italianos, polacos e ucranios [ucranianos] tomaram-se verdadeiros ‘caboclos’” (Waibel 1958, p. 226-227).

rotinização das queimadas, trabalho que envolveu agrônomos do governo, com a utilização de arados e adubos, atividades as quais muitas culminaram em insucessos retumbantes, ora pelo alto custo das mudanças, ora por resistência dos colonos a inovações como destacado por Chayanov e outros autores teóricos do campesinato, por conseguinte, ao evidenciarmos as atividades de Biezanko, devemos ter em mente estas características tanto dos colonos, como das experiências de melhoria das práticas agrícolas.

Roche concorda que o uso de adubos e fertilizantes é que daria uma guinada na reconstituição dos solos e no aumento de sua rentabilidade, ainda que parcialmente, para perdurar a exploração agrícola, agora mais racional, sem embargo pela falta da articulação com a pecuária, uma atividade subsidiária para os colonos, estes não conseguiram incorporar métodos modernos de exploração como a rotação de culturas. Posteriormente, iniciam-se processos de irrigação, de articulação agricultura e pecuária para uso do adubo e produção leiteira, além da introdução de maquinário agrícola nas colônias. Contudo, Roche conclui que

a agricultura deles [colonos, no caso, alemães] suporta taras congênicas, como a localização exclusiva nas zonas de floresta, a absoluta separação da pecuária, a irresistível predileção pelo ferro e pelo fogo. Pesaram elas duramente sobre a exploração do solo e, mais ainda, sobre seu rendimento, de sorte que podemos perguntar-nos se os colonos não permaneceram, antes de tudo, fazedores de terra, pioneiros (1969, p. 296).

Quanto à questão do pioneirismo latente, Leo Waibel (1955, p. 390) trata da categoria de “zona pioneira”, segundo ele, “uma zona mais ou menos larga, que se intercala entre a mata virgem e a região civilizada”, onde se estabeleceram os colonos alemães, tendo no pioneirismo objetivos de avanço espacial e de criação de novos espaços para padrões mais elevados de vida. Conforme Waibel, as questões ecológicas e fisionômicas respondem aos problemas de desenvolvimentos coloniais, sendo a relação com o solo, sua utilização, métodos, os motivos das migrações internas dos colonos, os quais buscariam um *minimale ackennahrung*, “quantidade mínima de terra necessária para proporcionar a um agricultor e a sua família um padrão de vida econômico e cultural descente” (WAIBEL *apud* SCHNEIDER, 2002, p. 32), desta maneira, associa os tipos de produção a alguns efeitos sócio-econômicos da utilização

de determinados sistemas agrícolas, quais sejam: o sistema primitivo de rotações, ou coivara; o sistema de rotação de terras melhorado, que articula a coivara com a pecuária para a utilização de adubos e soma a melhoria das comunicações e extensão da venda da produção; sendo por último o sistema de rotação de terras combinado com criação de gado, com produtos pecuários e hortaliças. Para ele, a deterioração do solo levaria a menor fertilidade e conseqüente expansão da fronteira agrícola, causando modificações na paisagem rural das zonas coloniais.

Apesar de acentuar o ponto de vista geográfico e as relações dos colonos com a terra, Waibel faz também contribuições para o entendimento da sociabilidade dos imigrantes, seu espaço social, de maneira que é interessante para entender os processos de estabelecimento, ocupação rural e reprodução colonial, mas só faz sentido, se tomarmos também as questões sócio-culturais, para além das econômicas e ecológicas.

Schneider (1994, p. 43-44), ao escrever sobre o modo de vida do colono, adverte para o fato de que a evolução da agricultura e da economia como um todo se desenvolvia de acordo com o avanço de dois fatores, quais sejam, a existência de novas áreas de terra a serem ocupadas e desmatadas, não apenas o aumento da área para a agricultura, mas garantido o aumento e manutenção da produtividade do solo, uma vez que as regiões recém desmatadas eram mais férteis e produtivas. Assim sendo, “a expansão da zona pioneira, mata adentro, em direção a Serra e ao Planalto gaúcho reproduziu o modo de vida, a estrutura familiar e a estrutura fundiária utilizada pelos primeiros imigrantes” (SCHNEIDER, 1994, p. 44). Este fator, somado às relações de parentesco com padrões de herança, que levavam a minifundização e dificuldades para reprodução camponesa destacados por Woortmann (1995) e Schneider (1994), e as relações com imigrantes alemães e italianos na Serra Gaúcha, foram responsáveis pela reimplantação também de colonos poloneses para o noroeste gaúcho e para a fundação da colônia de Guarani das Missões, mantendo seu modo de vida, ou seja, partindo de pressupostos não meramente econômicos ou ecológico-fisionômicos, mas também sociais.

Schneider inclui que “O desmatamento era a principal forma de colonização. O avanço da zona pioneira estava diretamente ligada à fome de terras provocada pelos sistemas agrícolas utilizados pelos colonos”, este fator somado a melhora das

comunicações tanto vicinais quanto fluviais seriam decisivos para o desenvolvimento da “economia colonial dos colonos, baseada na produção de produtos agrícolas primários destinados à venda e ao autoconsumo da unidade familiar [...]” (SCHNEIDER 1994, p. 44), no Alto Uruguai e Missões, onde se expandem as colônias novas fruto da ampliação da zona pioneira, destacam-se os acessos ferroviários¹⁸³. Com a última fase destacada por Roche, quanto ao sistema agrícola colonial, quando entram em declínio as antigas colônias e expandem-se as novas, Schneider conclui que “fecha-se “a fronteira agrícola” do Estado tendo por base uma colonização [...] que reproduziu por décadas e gerações o modo de vida camponês [...]” com “sua forma de produzir baseada no interconhecimento, na solidariedade vicinal e familiar e na homogeneidade econômica e social de toda a sociedade.”.

Da mesma forma, a expansão da agricultura colonial para as regiões do noroeste do Rio Grande do Sul, reproduziu o modo de vida colonial, tanto nos métodos como nos cultivos, como aludimos de acordo com Roche, assim, a migração inter-regional permitiu a reprodução do modo de vida camponês em outras regiões, ou seja, é uma forma de resistência às crises inerentes aos sistemas agrícolas dos colonos, até o advento do processo de modernização da agricultura, a tomar forma justamente nas áreas das colônias novas. Portanto, até meados do século XX, os colonos teutos destacados por Roche e Schneider, mantiveram do modo como analisamos (o mesmo equivalendo para os poloneses) inalterado o ambiente social e econômico do seu mundo rural, expandindo a zona pioneira e a fronteira agrícola na medida em que seus métodos esgotavam o solo, mas também de acordo com as relações sociais estabelecidas pelo *modus vivendi* da sociedade camponesa.

De acordo com o que demonstramos, a mobilidade geográfica marca o cotidiano camponês, assim como a migração temporária faz parte da vida camponesa, analogamente à colonial (SEYFERTH, 2013). As limitações do modelo colonizador; a capacidade de acesso de novas terras; a fragilidade do campesinato devido às suas

¹⁸³ Secretaria de Obras Públicas, Departamento de Agricultura, Indústria e Comércio, 1931.

formas de organização social e utilização do solo; a alta taxa de natalidade¹⁸⁴ e a dificuldade de adquirir lotes próximos na colônia originária; a transmissão de heranças; as necessidades de reprodução social; as relações campo-cidade; e o binômio industrialização-urbanização foram responsáveis pelas migrações constantes dos colonos¹⁸⁵, as quais levaram depois à colonização do centro-oeste, partes do nordeste¹⁸⁶ e região norte do Brasil, outrossim, o êxodo rural rumo às cidades. Posteriormente a desarticulação do seu sistema produtivo vai se completar devido a diferentes fatores: industrialização difusa; pressão demográfica; impossibilidade de expansão da zona pioneira; queda da produtividade e rentabilidade agrícola; a desfavorável relação colono-comerciante, entre outros fatores (SCHNEIDER, 2002).

A partir destes pressupostos dos autores sobre imigração e colonização, podemos pensar com base nos dados colhidos nas fontes sobre a situação colonial gaúcha para entendermos qual o contexto agrícola em que o cientista Ceslau Biezanko se depara no Rio Grande do Sul, bem como o impacto das novidades as quais introduz no estado e porque procura alcançar modificações e relativas melhorias na agricultura de seus compatriotas. Para desenvolver este tema, em primeiro lugar, buscamos dados oficiais de censos nacionais, relatórios de secretarias do estado do Rio Grande do Sul e do âmbito federal. Nesse sentido, nos valem dos métodos e informações cedidos pelos documentos oficiais, os quais não podemos deixar de relativizar.

Ao focar o início da década de 1930, devemos ter em conta com relação à produção de fontes oficiais as mudanças introduzidas no âmbito administrativo, primeiramente, em 1929 foi criada a Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio substituindo a Diretoria de Terras e Colonização do Rio Grande do Sul, agora fazendo parte da Secretaria de Obras Públicas. Em segundo lugar, observamos mudanças no poder executivo em âmbito nacional e conseqüentemente estadual, diante das mudanças

¹⁸⁴ A alta taxa de natalidade e o excesso demográfico tem sido entendidos como o motivador essencial para a mobilidade espacial camponesa, o que Mendras (1978) chamou de “escoamento normal das sobras da população fecunda”.

¹⁸⁵ A existência de artesãos e operários entre os colonos pode ter sido também um dos motivos para o abandono dos lotes rurais devido à falta de preparo para o trabalho agrícola. A demarcação de lotes muito acidentados e/ou pedregosos também são fatores para a mobilidade camponesa colonial no Brasil.

¹⁸⁶ Em especial o Mapitoba, ligação dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia, que se tornou uma fronteira de expansão agrícola para muitos descendentes de colonos sulistas.

com a chamada Revolução de 1930 a qual retira o poder das oligarquias estaduais e reforça o executivo nacional com a chegada justamente de Getúlio Vargas ao poder, que desorganizou inicialmente a administração do Rio Grande do Sul, porquanto seguidamente observamos a utilização de dados antigos pelos secretários estaduais, afirmando que em razão dos problemas políticos não puderam levantar subsídios atualizados, no Relatório da Diretoria da Agricultura, Indústria e Comércio de 1931, o secretário adverte, “os serviços afetos a essa Diretoria tiveram o desenvolvimento compatível com a situação política do Estado que não permitiu, em 1930, o desdobramento que se esperava, muito principalmente nos assuntos de agricultura e pecuária [...]”¹⁸⁷, afirmando muito pouco ter sido feito, em razão destas considerações. Outro exemplo, podemos observar conforme aponta o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que “na década de 30 não houve Censo por motivo de ordem política e institucional”¹⁸⁸.

Quanto aos dados, é possível que exista um aumento considerável do valor de despesas das secretarias, tal fato pode ter sido utilizado como meio de pedir maiores subsídios em anos seguintes ou demonstrar os esforços econômicos da administração nas atividades propostas¹⁸⁹.

Alicerçado nestes aspectos iniciais, que compreendemos as definições quanto ao modo que analisaremos os dados, assim, podemos concluir inicialmente, que a soja, só aparecerá nos dados do IBGE na década de 1950, mostrando que até aquele período, a produção foi muito pequena para constar nas referências nacionais, como pode ser visto no quadro abaixo com abrangência geográfica de todo o país

Tabela 5 - Área colhida, quantidade produzida e valor da produção de soja — 1952-1987

ANOS	ÁREA COLHIDA (ha)	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	VALOR DA PRODUÇÃO
1952	60 029	77 881	(1) 121 466
1953	62 975	88 226	179 045
1954	68 116	117 321	266 339
1955	73 971	106 884	260 589
1956	80 804	114 938	412 043
1957	97 447	121 501	452 671

¹⁸⁷ Relatório da Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio de 1931, p. 64.

¹⁸⁸ Site IBGE.

¹⁸⁹ Relatório da Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio de 1931.

1958	107 043	130 893	560 775
1959	114 098	151 574	867 034
1960	171 440	205 744	2 060 348
1961	240 919	271 488	3 509 058
1962	313 640	342 175	5 689 715
1963	339 796	322 915	10 408 241
1964	359 622	304 897	21 367 217
1965	431 834	523 176	54 528 281
1966	490 687	594 975	87 221 199
1967	612 115	715 606 (1)	110 787
1968	721 913	654 476	136 357
1969	906 073	1 056 607	265 213
1970	1 318 809	1 508 540 (1)	430 028
1971	1 716 420	2 077 291	795 705
1972	2 191 455	3 229 631	1 560 750
1973	3 615 058	5 011 614	5 564 908
1974	5 143 367	7 876 527	7 765 099
1975	5 824 492	9 893 008	11 516 484
1976	6 417 000	11 227 123	16 494 220
1977	7 070 263	12 513 406	37 426 689
1978	7 782 187	9 540 577	31 599 553
1979	8 256 096	10 240 306	51 649 921
1980	8 774 023	15 155 804	132 636 930
1981	8 501 169	15 007 367 (1)	251 952
1982	8 203 277	12 836 047	409 626
1983	8 137 112	14 582 347	1 463 554
1984	9 421 202	15 540 792	5 403 853
1985	10 153 405	18 278 585	16 380 276
1986	9 181 587	13 330 225 (1)	27 804 964
1987	9 134 291	16 968 827	82 422 698

FONTES — Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

NOTAS: I — O produto começou a ser pesquisado em 1952.

II — Os dados da coluna área colhida, no período de 1952 a 1965, referem-se a áreas cultivadas.

(1) Até 1966, valores em milhares de cruzeiros correntes de acordo com o padrão monetário de 1942; de 1967 a 1969, em milhares de cruzeiros "novos", segundo o padrão

monetário de 1967; de 1970 a 1980, em milhares de cruzeiros, segundo o padrão monetário de 1970; de 1981 a 1985, em milhões de cruzeiros; 1986 e 1987, em milhares de

cruzeiros, segundo o padrão monetário de 1986.

Outros números mais discriminados são possíveis apenas para a década de 1970, quando podemos observar uma quantidade bem mais expressiva de toneladas

produzidas em âmbito nacional e na década seguinte, um aumento proeminente do valor da produção. Estas informações são importantes, por permitirem observar o quanto a soja era incipiente na década de 1930 e porque Biezanko só é relembado pela imprensa a partir dos anos 1950. Segundo o nosso cientista, em 1955 o Brasil já exportava 50 mil toneladas do produto¹⁹⁰ ratificando os dados para exportação da soja em grão do IBGE e ensejando a averiguação do crescimento do produto¹⁹¹ diante dos produtos coloniais tradicionais.

Quanto aos relatórios da Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio de 1931 do estado do Rio Grande do Sul, observamos que o serviço de Agrostologia teria plantado de forma experimental diversas forrageiras de origens variadas, sendo cultivados 10 hectares de soja, com objetivo de transformar em ração animal, tanto que tais experimentos são identificados na parte da pecuária e não da agricultura.

Na verdade, com a criação e introdução da Diretoria responsável pela agricultura estadual, na Secretaria de Obras Públicas, um dos focos tomados parece ser a dos postos zootécnicos, voltados à pecuária e às estações experimentais, as quais seriam responsáveis justamente pela experimentação de produtos e métodos agrícolas diferentes, a partir da importação de sementes de diferentes países da Europa, Ásia e África. Na época, mantidas pela Diretoria existiam as seguintes estações: Phytotechnica da Fronteira, sediada em Bagé, a Phytotechnica das Colonias, sediada em Alfredo Chaves (atual Veranópolis), a Phytotechnica das Missões, com sede em São Luiz Gonzaga, a da Cana-de-açúcar, localizada em Conceição do Arroio (futura Osório), a de Pomicultura em Taquari, a de Viticultura e Enologia em Caxias do Sul, a Inspeção de Rizicultura em Pelotas, a Inspeção de Apicultura em Taquari e, por fim, a Inspeção do

¹⁹⁰ Agricultura e Cooperativismo, 1955.

¹⁹¹ Cf.: Quantidade e valor da exportação de soja em grão (1949-87): Para 1955 indica 51 390 toneladas exportadas, embora ocorra uma reiterada queda na exportação até 1961. Naquele período, a soja estava em franco crescimento acompanhando o processo de “modernização da agricultura” no Planalto gaúcho, de maneira que cada vez mais se tornava um produto de exportação, como podemos observar na reportagem da revista “A Visas” de São Paulo de 1957, uma das referências mais antigas ao pioneirismo de Biezanko que encontramos. Segundo o periódico, naquele momento o Brasil produzia 345.175 toneladas de soja, das quais 320.755 eram colhidas no Rio Grande do Sul, ou seja, o maior estado produtor, compreendendo quase tudo o que era colhido em nível nacional. O país ocupava o sexto lugar no ranking mundial perdendo para os Estados Unidos, China, Rússia, Japão e Indonésia, de acordo com a fonte.

Fumo em Santa Cruz do Sul. Inclusive, Biezanko trabalhou na Estação da Cana-de-Açúcar em Osório, visto que as fontes indicam sua presença na cidade operando com o produto, depois de já ter feito pesquisas com a beterraba açucareira na Europa.

No relatório de 1930 o diretor escreve “nunca até então houvera sido feita no Estado uma tão longa e proveitosa distribuição de sementes e mudas nem tão pouco divulgados processos culturais novos e de futura perspectiva, como é o caso com os de trigo e de cana de açúcar”¹⁹², demonstrando as mudanças no trabalho com a nova organização e, além disso, o trabalho estatal de distribuição de sementes, com o objetivo de testes entre os agricultores ou até mesmo, da efetiva produção de culturas já importantes. Para termos uma ideia, segundo o relatório, foram distribuídos 125 mil quilos de trigo tipo Artigas para 1.634 agricultores em 31 municípios do estado, em 1931, a cultura da cana-de-açúcar em Conceição do Arroio (Osório) e Torres teria superado uma doença, o “mosaico”, devido à distribuição de sementes provindas de São Paulo, sendo uma variedade resistente à moléstia. Mas os dados não permitem que se possa avaliar o papel de Biezanko nestas inovações, pois seu nome não é mencionado naquele período.

No mesmo relatório de 1930, há uma série de proposições para o desenvolvimento da agricultura do estado, dentre elas, compra de máquinas agrícolas, posto que sua falta era considerada um entrave para a agricultura em larga escala, além da promoção do cooperativismo com objetivo de aquisição daquelas máquinas, afora a obtenção de instalações industriais para produção de laticínios, derivados da suinocultura e o beneficiamento de cereais e fumo, instauração de matadouros modelo para exportação ao mercado europeu, já naquela época com uma série de restrições baseadas em suas regulamentações. Estes dados demonstram o quanto havia a necessidade, pelo menos aparente, de desenvolvimento agrícola, levado a ação por agrônomos, muitos dos quais estrangeiros, como Biezanko, que não estava obrigatoriamente a serviço do Estado.

Segundo o relatório, o cooperativismo permitiria maior lucro aos colonos, com queda dos preços da produção e aumento da capacidade de vendas. Apesar disso, o

¹⁹² Relatório da Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio de 1930 p. 738.

diretor reclama que seu aparelho administrativo recém-criado “não pode apresentar a eficiência desejada, devido ainda ao natural receio dos agricultores e criadores, que sempre relutam em adaptar-se à regulamentação elaborada [...]”¹⁹³, apresentando-se mais um caso de conservadorismo camponês diante de “novidades” introduzidas de fora, apesar de tudo, o procedimento teve um êxito relativamente satisfatório, desta forma, a medida associativa, constituída também por Biezanko, era vista como uma alternativa para o melhoramento da agricultura, ao congregar os produtores rurais.

Diferentemente da Diretoria de Terras e Colonização, o trabalho da nova Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio tinha menor enfoque na efetiva imigração de colonos estrangeiros para ocupar colônias no interior do Rio Grande do Sul, muito em função das mudanças legislativas tratados no primeiro capítulo, ainda assim, tinha uma seção específica para tal tipo de administração, na qual em 1931 destacava 2 milhões de hectares de terras devolutas, em geral cobertas de matas no valor de 350 mil contos de réis, atestando a existência de novas terras agricultáveis e férteis, as quais eram um dos propulsores da movimentação dos colonos. Além disso, existiriam 4.204.490 hectares colonizados, sendo 2.804.490 hectares de colonização pública e 1.400.000 de colonização particular, havendo 172 núcleos coloniais, destacando-se 37 da união, 19 do estado, 4 de municípios e 112 particulares, uma das colônias destacadas era a Guarany, para onde imigrou Biezanko, neste estudo, articulada com a colônia de Santa Rosa, pertencentes ao mesmo Comissariado. Apesar desses dados, não aparecem discriminados as informações referentes à produção agrícola efetivamente do Estado, tampouco da produção colonial.

As melhores informações para percebermos as condições da economia colonial gaúcha, pelo menos, em uma forma de amostragem, são da “Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul” pelo presidente do estado Getúlio Vargas de 1930, com dados referentes a 1929. Neste documento, da mesma maneira que nos dados da Secretaria de Obras, são evidenciados os problemas políticos do Brasil, e, além disso, se destacam as dificuldades econômicas em razão da Crise de 1929, dado que até então não havíamos apreendido nos relatórios, mas que

¹⁹³ Relatório da Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio de 1930 p. 737.

conjecturávamos que poderia ter sido elemento influenciador das condições do meio rural, ainda que segundo Roche (1969) não estivesse muito mercantilizado e tenha sido atingido de modo limitado pela crise.

A baixa dos preços dos produtos, “retraimento dos negócios”, nas palavras contidas no documento, o qual completa afirmando que “o ano de 1929 assinalou-se, de fato, pela baixa dos preços de muitos de nossos produtos. Atuou, para isso, como fator preponderante, quanto a alguns, a superprodução e, relativamente a outros, o decréscimo da capacidade industrializadora”¹⁹⁴, fator que teria levado ao menor aproveitamento das matérias-primas. Sendo assim, alguns produtos teriam sentido os efeitos das problemáticas econômicas, como o arroz, o couro, o xarque, a lã e a banha, produtos em geral, mais mercantilizados, muitos derivados da pecuária, em geral, produzida em grandes extensões de terra nas estâncias e não na zona colonial, com exceção da banha, baseada na suinocultura, atividade que era sustentáculo dos colonos, especialmente os poloneses (tanto no Paraná como no Rio Grande do Sul), os quais sofrem com a caída dos preços do produto na década de 1930, fator importante no capítulo 3 para a necessidade de mudanças na organização/associação colonial.

Na mensagem são destacadas a policultura e a colonização como tendo sido fundamentais, permitindo uma resistência do estado do Rio Grande do Sul, “sem grandes abalos”¹⁹⁵, deste modo, sobressai vários agentes que permitiram a sobrevivência aos abalos econômicos, quais sejam, “a excelência do clima, a variedade da produção, os hábitos do trabalho e poupança do nosso povo e, principalmente, a riqueza agrícola, cujo desenvolvimento o regime da pequena propriedade tem tornado cada vez mais promissor”. Resultado da política colonizadora, como podemos perceber, considerada importante para o estado, na medida em que “o sistema adotado de cessão direta de glebas de cultura aos agricultores, mediante preços módicos pagáveis em prestações, transforma, desde logo, o colono em proprietário, estimulando-o a construir com as próprias mãos, em terra própria, o edifício de sua abastança futura”. Tal tipo de

¹⁹⁴ Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente Getúlio Vargas, setembro de 1930, p. 4.

¹⁹⁵ As considerações que seguem foram extraídas da à Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente Getúlio Vargas, setembro de 1930, p. 4.

exploração da terra impediria que grandes empresas com extensos lotes de terra, os quais exploravam a mão de obra rural, açambarcassem a economia agrícola.

Mais adiante, há uma seção da mensagem dirigida diretamente ao Departamento de Terras e Colonização, a qual considera a “situação dos núcleos coloniais do Estado é excelente”¹⁹⁶, então responsável por dois terços da produção do estado e indústrias de beneficiamento, chamadas “naturais”, como a banha, laticínios, vinho, fumo, farinha, etc. Os produtos principais eram o milho e o fumo, além do trigo na área de colonização nova, no noroeste. “É fácil concluir daí que as condições de vida dos núcleos coloniais são economicamente desafogadas e prósperas”, estando ainda a espera de uma melhor organização das colônias do noroeste do estado, àquela época, ainda recentes.

O responsável pelo documento critica os métodos primitivos de cultivo (referência provável a coivara-queimada), os quais promoveriam um “nomadismo” da população colonial¹⁹⁷ conforme desgastassem o solo do lote inicial, admoestando fortemente os colonos que se deslocava como “elementos desenraizados, sob certo aspecto, vencidos, capazes, portanto, de renovar, mais adiante, o mesmo nomadismo pernicioso [...]”, para impedir tal situação, haveria a necessidade de “levar até o agricultor os elementos de que se deve valer, para restituir à terra o seu vigor primitivo ou para vitalizá-la” e não conceder novos lotes, posto que, já se observava uma produção menor em relação à área plantada, logo, a fertilização do solo seria a principal solução. Tratam também de investir nos transportes, em especial estradas e viação férrea, ou seja, uma maior participação do estado na constituição da economia das colônias.

A agricultura colonial é um dos fundamentos principais do Rio Grande do Sul, até por sua importância no mercado interno, num contexto em que o estado dependia da agricultura e da pecuária, as “vigas mestras” da economia gaúcha, mas o documento deixa claro que os principais produtos exportados pelo estado eram banha, charque, vinho e arroz, como supracitamos, produtos em geral da grande pecuária (exceção à banha) ou produzidas nas antigas estâncias de gado (caso do arroz).

¹⁹⁶ Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente Getúlio Vargas, setembro de 1930, p. 121

¹⁹⁷ Como vimos, uma estratégia para a manutenção da condição camponesa.

Em 1929, de acordo com a mensagem, 26.390 km² de área agrícola no estado, produziam 4.080.520 toneladas de cultivos, o resto ficava com a pecuária. As duas somadas, exportaram 503.803 toneladas, seja para estados do próprio Brasil, seja para países estrangeiros, identificando que a produção era basicamente para o auto-consumo ou para o abastecimento do próprio estado. Quanto aos investimentos, são esclarecidos dois pontos principais: barateamento da produção e melhoria dos transportes, dados basais para a mercantilização, no fim, o verdadeiro objetivo no período era buscar mercados consumidores para as grandes safras. Assim, por exemplo, no caso do arroz, o documento destaca que a “modernização do processo de cultura e industriais que poderão advir dos melhores resultados práticos, orientados no sentido de reduzir ao mínimo possível os preços das mercadorias”¹⁹⁸, as ações, portanto deveriam partir do Estado e dos sindicatos.

Em particular, o documento descreve a situação do arroz, charque, banha, couro, vinho e fumo, dos quais apenas os últimos eram produzidos na zona colonial, o vinho em especial, nas colônias italianas, e o fumo nas alemãs, os outros, nas cidades da metade sul do estado. Na verdade, são colocados em relevo os produtos mais comercializados para fora do estado, além de explorar as tentativas de melhoria da produção do trigo, trabalho com base estatal, através da distribuição de sementes e máquinas, porquanto, a produção era de 953 kg por hectare e na colheita 1929-1930 foram colhidas 146.150 toneladas de trigo, já uma quantidade considerável, mas ainda, com um consumo maior que a produção, necessitando importação. O suporte estatal do trigo era dado pelas estações experimentais supramencionadas nas fontes acima, as quais muitas estavam nas zonas coloniais, como a das Missões e a de Alfredo Chaves.

Por fim, o documento estabelece uma série de tabelas quanto à produção colonial de 1929-1930, nos quais avulta uma grande quantidade de produtos coadunando com o relatório das obras públicas apresentados acima e permitindo identificar separadamente as colônias, ainda que não seja nosso foco nesta dissertação.

¹⁹⁸ Mensagem enviada à Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente Getúlio Vargas, setembro de 1930, p. 11.

A soja, neste momento da zona colonial gaúcha e de sua história econômica, está numa fase muito experimental e por esta razão não é citada de maneira importante nos censos e relatórios, segundo Roche “Desde a Primeira Guerra Mundial, os colonos começaram a cultivar a soja, cuja produção aumentou sobretudo a partir de 1940”, mas não podemos esquecer que em 1969 quando o autor escreve, está em pleno desenvolvimento da mecanização agrícola nas regiões coloniais e do início do monocultivo da soja no Rio Grande do Sul, portanto, o produto estava começando a ser essencial no estado.

2.4. Uma breve história da Soja no Brasil

Com o nome científico de *Glycine Max* Merrill, a soja pertence à família *Leguminosae*, planta próxima da ervilha, tendo hastes, folhas e vagens, mais ou menos hispídas¹⁹⁹ e flores geralmente verdes. Esta é uma planta pouco exigente quanto ao clima, resistente à seca, podendo ser cultivada em quase todos os tipos de solo, mas com melhores resultados em terras férteis, com muito húmus ou argilosas (BIEZANKO, 1958, p. 7), além dos terrenos onde também se cultiva o milho. Segundo Biezanko (1958, p. 9) até 2000 variedades, eram conhecidas, entre as puras e fruto de cruzamentos, tal amplitude qualitativa incorre em diferentes aplicações como tempo de semeadura e colheita, formato da planta (caule, folhas, tamanho, etc.), espaçamento e profundidade da semeadura, tipificação da utilização: para forragem, semente, adubo, obtenção de óleo, etc.

A soja, segundo o próprio Biezanko em artigo retirado da revista *Chácaras e Quintais* de 1963 (39-40):

é conhecida no Extremo Oriente desde os tempos mui remotos. As pesquisas históricas demonstraram que, já há mais de 5.000 anos a soja encontrou enorme aplicação e consumo, por motivo do extraordinário valor nutritivo de suas sementes. Sem exagero algum, devemos dizer, que desde fins do século XVII, a soja é alimento básico na China, Coréia, Manchúria e Japão. Na parte Oriental da Rússia Asiática, o chamado leite de soja substitui, em

¹⁹⁹ Na botânica, referente à cobertura de pelos duros e espessos.

muitíssimas localidades o leite de vaca. No comércio universal, a semente de soja cada vez mais ganha maior importância.

Na Polônia executaram-se trabalhos sobre seleção da soja, observações e estudos sobre esta planta, sob a direção dos professores J. Muszyński, amigo de Biezanko, e Z. Strazewicz, no Jardim das Plantas Medicinais da Universidade de Stefan Batory, em Vilnius, depois foi plantada em grandes e em pequenas propriedades horticuloras. Alguns destes aspectos discutiremos melhor depois, mas o importante é salientar também que Biezanko teria pesquisado sobre o produto antes de trazê-lo, tendo consciência do seu potencial, tanto que como coloca “A soja é uma planta que, sob diversos pontos de vista, merece ser cultivada em maior escala possível”, pois “possui utilidade fabulosa: este é um dos maiores fatores. O outro é ser uma planta de fácil cultivo. Acrescentaremos que é [...] resistente aos insetos e também às doenças”, ou seja, seria extremamente útil aos agricultores.

Já em 1934, Biezanko escreve uma série de artigos expondo as potencialidades da planta, estes textos foram publicados no periódico polono-brasileiro de Curitiba, o *Lud* (Povo), todos em polonês, visando atingir um público leitor de poloneses, em 1958 os textos foram traduzidos e publicados, exatamente no bojo do processo de expansão da produção, comércio e industrialização da soja, quando destacavam-se grandes mercados importadores europeus como Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Holanda, os quais já desde os anos 1930 tinham interesse nas sementes. Naquele momento de escrita do artigo, segundo Biezanko, são Japão, China e Coreia os grandes produtores.

No Brasil, Dean (1989) escreve que um viajante encontrou soja em 1818 no Rio de Janeiro. Segundo Freire (1997), a referência mais antiga do produto é de 1882, num artigo intitulado, “Soja” no jornal da Agricultura do Rio de Janeiro, assinado por D’Utra, este escreve novamente, desta vez em São Paulo em 1899 delineando testes com a semente numa fazenda local. Ainda no século XIX, em 1892, também em São Paulo, são feitas referências ao produto com Daffert no Relatório Anual do Instituto Agrônômico do Estado de São Paulo, quando houve experimentos daquela cultura.

Depois, no início do século XX, o cultivo da soja está relacionado à imigração dos japoneses, também em São Paulo, imigrantes estes que teriam contato com o produto no seu país natal e no Brasil, seriam os primeiros a plantar fora dos

estabelecimentos agrônômicos. Depois em 1921, Löbde em São Simão-SP, teria trabalhado com variedades provenientes da Manchúria, na China e desde 1926 começaram a ser realizados estudos patrocinados pelo Instituto Agrônômico do Estado de São Paulo, assim sendo, o sudeste parece ter sido o local, onde inicialmente o produto foi pesquisado, plantado e experimentado cientificamente, além de uma produção incipiente entre colonos japoneses imigrantes.

Para o caso do Estado do Rio Grande do Sul, as referências mais antigas citadas por Freire (1997) são em Dom Pedrito, no ano de 1901, onde teria ocorrido uma semeadura na fazenda Wellhausen, contudo, de acordo com Reis (1956 *apud* Freire, 1998), a introdução só teria ocorrido em 1914 com o americano E. C. Craig, professor de Agricultura da Escola Superior de Agronomia e Veterinária da Universidade Técnica do Rio Grande do Sul, não obstante redundou infrutífera devido à má relação das autoridades com os agricultores. Posteriormente, em 1924, em Santa Rosa a cultura teria se estabelecido e de lá, se difundido para outras regiões e municípios vizinhos do Alto Uruguai e Missões. Campal (1977) afirma que o Noroeste do Rio Grande do Sul nos anos 1930 viu a ação de dois “líderes da soja”: Pastor Lembauer e Biezanko.

Segundo Freire (1997, p. 2), “Nada se sabe quanto à origem da semente então usada. Supõe-se que foi introduzida por imigrantes poloneses que se fixaram naquela região e cujos hábitos alimentares incluíam o consumo de subprodutos obtidos a partir do grão de soja”. A partir daí, cita que “Em 1931, quatro colonos de nacionalidade polonesa adquiriram, no exterior, 30 kg de sementes e iniciaram a propagação da cultura”. E então “No ano seguinte, BIEZANKO [...], de nacionalidade polonesa, introduziu, na região de Santa Rosa, sementes de diversas variedades” (*sic*), citando artigo de Silva do Departamento de Estatística do Rio Grande do Sul, do ano de 1959. Os anos de 1930 marcariam o fim da adoção do produto pelos agricultores e na década seguinte já aparece com mais força e em algumas estatísticas (FREIRE, 1997), ainda que não naquelas que examinamos anteriormente.

Segundo Biezanko, referindo-se aos anos 1930 (1958, p. 6), “No Brasil, [...] as experiências sobre o soja são efetuadas na Estação Experimental da Escola de Agronomia, em Lavras (Minas Gerais)”, frisando que eram provenientes das plantações dos imigrantes japoneses que ele mesmo viu. Ainda na década de 1930 surge o nome de

Neme Abdo Neme, “uma das glórias da agronomia brasileira no setor de leguminosas” (FREIRE, 1997, p. 2), quem fez experimentos a partir de 1936, na Seção de Cereais e Leguminosas. Neme relatou os resultados dos experimentos realizados até o ano agrícola 1951/52 e as variedades indicadas para São Paulo. No Rio Grande do Sul, ainda foram realizados experimentos em Veranópolis e depois conduzidos pela Secretaria de Estado em Júlio de Castilhos, Encruzilhada do Sul e Osório, além da Estação Experimental do Arroz, em Gravataí, a qual trabalhou com variedades provenientes dos Estados Unidos. Outro personagem destacado para o Rio Grande do Sul é o já supramencionado pastor luterano norte-americano Lembauer, quem depois do cultivo rudimentar em Santa Rosa em 1914 teria proposto uma cultura mais sistemática quando esteve na cidade como missionário em 1923

Ele trouxe sementes de soja amarela comum e repassou aos colonos as informações sobre a qualidade proteica daqueles grãos. Os colonos começaram a plantar e a colher a soja e foram incluindo na ração dos porcos, que começaram a engordar mais rapidamente do que quando eram alimentados só com abóbora, mandioca e restos de cozinha. A soja era fervida e servida aos animais (CHRISTIENSEN, 2012, p. 17).

A partir de então, após o plantio inicial teria ocorrido a disseminação por repasse de um colono para outro de sementes e uma expansão da produção, não apenas na cidade, mas também na região, principalmente entre os colonos alemães. Tal fato levou a consideração da cidade de Santa Rosa como “Capital Nacional da Soja” e onde acontece a FENASOJA (Feira Nacional da Soja) anualmente, como resultado, ocorreu a oficialização pelo Projeto de Lei nº. 388/2007, da cidade como “Berço Nacional da Soja” (CHRISTENSEN, 2012, p. 30). Segundo Christensen (2012), os objetivos do pastor em muito se parecem com os descritos nas fontes sobre Biezanko, com ideias para melhorar as condições econômicas e alimentares dos colonos e permitir o aproveitamento dos gêneros derivados do soja.

Afora as questões de paternidade da soja, que como bem coloca Christensen (2012, p. 16) “Diz um velho provérbio que quem conta um conto aumenta um ponto. Isso é bem verdade em relação a soja”, onde muitas comunidades reivindicam o início do plantio. O importante destacar é que a partir da Segunda Guerra Mundial, a produção aumenta e já em 1942 são exportadas 480 toneladas do produto e em 1952, 77 mil

toneladas, num crescimento muito grande da produção, ainda que não constando nos censos pesquisados. Além disso, já no contexto dos anos 1930, iniciam-se as primeiras fábricas com o objetivo de beneficiamento do grão, destacando-se a WARPOL, na colônia Guarany, entre os colonos poloneses, a qual trataremos mais tarde. Com o tempo, o plantio da soja passa a ser associado com o do trigo proporcionando as bases para a modernização da agricultura no Rio Grande do Sul, processo que permitirá o grande desenvolvimento da leguminosa nas décadas seguintes e a decadência da agricultura tradicional da zona colonial.

La « dobradinha soja-trigo » ha transformado en pocos años el paisaje, en toda la franja occidental del Planalto Basáltico de la región meridional del Brasil y también en la zona de Misiones (RS). La exhuberante floresta latifoliada ha desaparecido, y de los legendarios yerbales indígenas, apenas restan ejemplares aislados. Sus siluetas austeras realzan la belleza de los campos de soja, todos cultivados en curvas de nivel. Así como en otros tiempos los respetara el hacha del mensú paraguayo o del caboclo brasileño, el tractorista rubio de la actualidad, también los respeta. Evita lastimarlos con los instrumentos aratorios que conduce. El sabe muy bien que nada mejor, para mitigar la sed y el hambre de las largas jornadas de labor, que el « cimarrón » o el « mate cocido ». Las viviendas de los agricultores continúan escondidas en el fondo de los vallecitos basálticos. Siempre arrimadas al pequeño torrente que genera la fuerza mecánica o la energía eléctrica para el hogar. La dueña de casa y las « crianças », siguen cuidando de unas pocas vacas lecheras, de los cerdos y de las aves, estos últimos de razas muy mejoradas. Los depósitos domésticos de granos, ahora ya no son necesarios. Las cooperativas se han encargado de construir enormes almacenes graneleros, en lugares estratégicos que facilitan el flujo rápido de centenares de miles de toneladas de granos. Sus instalaciones monumentales, en las principales ciudades de la región, son tan imponentes como las iglesias que levantaron los guaraníes cristianos, en los pueblos inmediatos de las Misiones Orientales (CAMPAR, p. 193).

Merece, portanto, com base nos dados supramencionados, relevo a influência de agrônomos e outros profissionais estrangeiros na introdução da soja e sua participação na disseminação entre os colonos, em geral também estrangeiros ou descendentes, fundamentais para a adaptação do produto asiático em solo americano. Entretanto, é quando aumentam as exportações, bem como as indústrias da soja e existe então a possibilidade da venda, que os colonos vão passar a produzi-la em grande escala, interferindo efetivamente na condição camponesa deles e mudando suas relações.

A relação da soja com os poloneses é importante, pois no início dos anos 1930, este grupo imigrante já conhecia algumas variedades de soja nas colônias, fato

comprovado pelos estudos e artigos publicados em periódicos polono-brasileiros, bem como a atuação de vários intelectuais perante os colonos poloneses, desde o Rio Grande do Sul até o Paraná, caso analisado nos seguimentos abaixo.

2.5. A “Paternidade da Soja” e a relação Polônia, imigrantes poloneses, soja: Biezanko e outros personagens

Guarani das Missões revelou ao longo da pesquisa uma realidade complexa e uma memória muito particular com relação à introdução da cultura da soja na região, este acontecimento desenvolveu uma série de particularidades, que remontam ao período da chegada do cientista polonês Ceslau Biezanko e até mesmo antes dele.

A fim de exprimir o modo como se depreende a complexa teia memorial e de representações simbólicas com relação ao processo maior da soja e projeção de Biezanko na colônia polonesa, percebemos que na memória do guaraniense²⁰⁰, Santa Rosa usurpou o título de capital nacional da Soja, ao ser considerada berço do produto e receber a Fenasoja (Festa nacional da soja)²⁰¹. Como mostramos, a planta tem uma história que traz a tona eventos do século XIX e sua “origem” não é fácil de ser rastreada. O relevante é que em grande parte dos relatos a disputa com Santa Rosa se evidencia de maneira bastante latente e tem um significado importante no modo como o guaraniense se relaciona com sua cidade, ademais das disputas internas na região.

A questão do pioneirismo da soja tem início a partir da disputa pelo título de “Capital Nacional da Soja”, desde muito cedo capitaneado pela maior cidade da região, Santa Rosa (ainda que a oficialização fosse posterior), a qual ostenta a denominação honorífica alegando o início da cultura por volta de 1914, com ações do pastor Lembauer, o que a tornaria o “Berço Nacional da Soja”. Tal fato permitiu a criação da Feira Nacional da Soja, a FENASOJA, iniciada em 1966 e que ocorre periodicamente

²⁰⁰ Gentílico, que expressa também uma “identidade” de modo usual, expressa em jornais da cidade ou na memória dos cidadãos.

²⁰¹ Soubemos através dos entrevistados que no Museu da Soja na cidade de Santa Rosa há referências ao trabalho de Biezanko em Guarani das Missões.

desde 1974, na qual chegaram a existir embates com guaranienses que reivindicavam o título para sua cidade.

Em praticamente todas nossas entrevistas com os habitantes de Guarani, a querela com o município vizinho era manifesta, as referências são muito recorrentes, como: “*Guarani ficou para trás, cidade pequena não é...*” (A.A. agricultor aposentado, 62 anos), “*Por que sabe de uma coisa? Guarani brigou com Santa Rosa por causa disso aí!*” (C.B. agricultora aposentada, 78 anos), “*Porque é ele [Biezanko] que – contam não é? – ele que trouxe as primeiras sementes do soja; e depois foi plantada no nosso município, e hoje quem leva a fama é Santa Rosa*” (M.L., dona de casa, 78 anos), ou então menções ao fato de Biezanko ter levado sementes para linhas que eram, então, parte de Santa Rosa. O “título” seria mais um elemento de reforço identitário importante para a constituição do grupo e da cidade, tendo como resultado o aumento dos seus recursos, não apenas culturais, mas inclusive materiais através da divulgação e turismo.

Para além das contestas com Santa Rosa, dentro da própria colônia polonesa há questões quanto a quem foi o introdutor da soja. Em todos os grupos sociais (como os étnicos) existem divisões, referentes a variadas formulações, ainda mais, quando remete à constituição identitária grupal, que envolve posicionamentos e capacidade de enunciação e ativação de determinadas situações em relação a outras, ou seja, o potencial de “representação” cujo alguns porta-vozes têm nas disputas simbólicas, o qual tem reverberações nos discursos. A definição do personagem relacionado à introdução da soja na atual memória do guaranienses parece menor, com Biezanko já estabelecido, mas nas fontes encontramos diversas referências, especialmente na atuação de diferentes intelectuais polono-brasileiros, que neste momento analisaremos a fim de contextualizar a temática.

Primeiramente, Edmundo Gardolinski, ao publicar em polonês no *Lud* em 1966 um artigo sobre a história educacional polonesa em Guarani das Missões, acabou entrando em debates por meio de missivas com Józef Kuryło, professor por muitos anos da escola Santo Isidoro, na Linha do Rio, margem direita do Rio Comandaí (parte que pertencia a Santa Rosa) Este personagem foi um dos que tiveram relações com Biezanko em suas atividades na colônia na década de 1930, inclusive apoiando suas ideias de associativismo e educação rural.

Francisco Wasilewski era segundo vice-presidente da *Centralne Towarzystwo Rolnicze* (CTR), instituição fundada por Biezanko que apresentaremos melhor no próximo capítulo, também era presidente do Círculo Agrícola (*Kółko Rolnicze*) da Linha do Rio, o *Mazur*, o qual foi vinculado à instituição central, o CTR, portanto existindo uma ligação formal com o cientista polonês, o mesmo equivalendo para Kuryło, que exerceu várias atividades no mesmo círculo agrícola, coordenadas por Biezanko, inclusive como primeiro vice-presidente do CTR. Ambos atuaram juntos numa importante escola localizada na sede de Guarani das Missões, o *Kolegium*.

Segundo Kuryło, ao comentar o artigo de Gardolinski sobre a educação em Guarani, “V. S. Eng. Edmundo demorou-se demais nos méritos de algumas pessoas e deixou outras”²⁰², adicionando que o próprio Biezanko teria se aproveitado da situação para se colocar como introdutor da soja

Demorou-se um pouco demais [...] e especialmente com o Eng. Biezanko, que apesar de que foi meu professor de Biologia e Botânica, o considero também um grande “demagogo”, e explico-me: Em quanto nós trabalhamos para trazer um desenvolvimento ao n/ colono o Snr. Biezanko escrevia artigos sobre o que ele não tinha feito. [sic]

Kuryło em artigo ao *Odrodzenie* de 24 de janeiro 1934, escrito por ele, mas assinado por Francisco (Franciszek) Wasilewski “para que fosse melhor aceito pelo colono”²⁰³, afirma que já em 1931 iniciou não apenas o cultivo, mas a distribuição de sementes de soja na região próxima ao rio Comandaí, na margem pertencente ao então município de Santa Rosa.

Wasilewski, um antigo oficial do exército russo e ex-combatente da guerra Russo-Japonesa, teria recebido exatamente 33 sementes da mão do professor Kuryło e não de Biezanko e que no “ano 1933 o Prof. Biezanko distribuiu algumas sementes, no entanto, escreveu artiguinhos, sem fazer nada, ele é o tal!”, assim o cientista teria sim participado na difusão de sementes, mas se aproveitado do trabalho de outros. No artigo

²⁰² Carta de 14/04/1966 de Kurylo para Gardolinski.

²⁰³ Carta de Kurylo para Gardolinski 05/10/1966.

ainda destaca, que “Durante a minha estada no Extremo Oriente na Manchúria²⁰⁴ tomei um olhar mais atento a esta útil planta, que, ao lado do arroz é básico, uma planta cultivada na China, no Japão e na Coréia. Grandes plantações de soja foram vistas nas proximidades na Manchúria [sic][...]”²⁰⁵, além disso, o artigo destaca a leitura de um texto sobre a soja do professor Jan Muszysnki da Universidade de Vilnius, no periódico polonês de Buenos Aires *Przyjacielu Ludu* (Amigo do Povo), o professor seria o mesmo que daria acesso às sementes para Biezanko na Polônia (BIEZANKO, 1958) e seu artigo teria influenciado os agricultores a plantar a leguminosa.

Quanto aos resultados, conforme o professor da Linha do Rio, a soja cresceu até 146 cm e colheu, fruto das primeiras sementes, 8kg das quais distribui dois quilos entre os vizinhos e replantou 6kg colhendo 480 kg em 1933, com um período de crescimento de 3 a 4 meses dependendo da variedade e plantando de 3 a 5 sementes em cada cava. No final do texto propõe: “Eu encorajo todos os agricultores a plantar soja, cujo cultivo é fácil, porque a soja é uma planta muito útil”²⁰⁶.

Em outra carta de 23/07/1966, Kurylo explica

Bastante próximo da festa do soja, fui novamente procurado para escrever sobre a introdução da mesma aqui em Santa Rosa. O Eng. Biezanko quer ser o introdutor, porém ele veio muito mais tarde e a soja já era conhecida e bastante plantada. A culpa nossa foi trabalhar na surdina, sem escrever artigos. Biezanko trouxe uma variedade branca, pouquíssimas sementes, porém dois anos mais tarde.

Nesta situação, provavelmente, estamos tratando da primeira edição da Fenasoja, quando Kurylo queria inclusive apresentar as informações que tinha sobre a presença da soja, por ele plantada e distribuída desde 1931, deixando claro novamente que Biezanko teria uma participação na introdução, mas posterior. Realça ainda mais tarde, já conformado, que o “Pe. Wróbel fez muito pelo desenvolvimento da Colônia, porém também estagnou [...] muito. Biezanko esteve pouco tempo em Guarani: era hospede do

²⁰⁴ Aqui Kurylo escreve como se fosse Wasilewski, segundo o que teria afirmado, de que a redação da carta seria de sua autoria e apenas assinada pelo ex-soldado.

²⁰⁵ Przebywając na Dalekim Wschodzie w Mandzurji i przyjrzałem się bliżej tej pożytecznej roślinie, która, obok ryżu jest podstawów, rośliną uprawną w Chinach, Japonji i na Korei. Wielkie plantacje soi widziałem koło Mukdenu [...]

²⁰⁶ Wszystkich rolników zachecam do sadzenia soi, której uprawa jest łatwa, soja bowiem jest roślina bardzo pożyteczna.

Pe. Wróbel. Caçava e estudava sobre borboletas e escrevia artigos, mas infelizmente todos eles não tiveram a popularidade que poderiam ter”, assim, nos permite relacionar inicialmente a vinculação do cientista com o padre, importante argumento do próximo capítulo, além do fato de que Biezanko talvez tivesse um acesso limitado aos colonos na medida de sua “popularidade” ou até mesmo, que não ficou tempo suficiente para ganhar-lhes a confiança necessária, mesmo que seja justamente nos anos 1960 que sua história passa a ser lembrada muito em função do trabalho de Edmundo Gardolinski²⁰⁷, então, pelo menos desde 1958, amigo de Biezanko.

Em sua resposta²⁰⁸, Gardolinski afirma que

para desfazer as mágoas e interpretações errôneas a respeito da soja ou da paternidade da Introdução da Soja – na região missioneira – pelo Prof. C. M. Biezanko – [...] – o ilustre entomólogo – não reivindica o mérito – foi lhe atribuído por agrônomos do governo – ou seja, João Antonio de Assis Brasil e Becklere O da Silva, técnicos do Deptº de Estatística Estadual “que lhe atribuiu a introdução no Estado, Este novo setor de riqueza” (V/ pag 33. 5º vol. Da Enciclopédia Rio Grandense. Foram, pois aqueles funcionários, antes de tudo, que publicaram o seguinte tópico, (trab. “A soja”) publ. 17/fev/1957) [*sic*].

Gardolinski soma que “Daí, decorre pois, um artº publicado pelo [...] Brasileiro de Imigração e Colonização – vol. III – pag. 124 – que menciona o prof. Biezanko – “enquanto introdutor e orientador da cultura da soja” ... que, com a colaboração de um grupo de imigrantes poloneses, etc... fizeram [...] plantações...” (*sic*) e posteriormente defende seu amigo cientista ao ponderar

Na época, o prof. Biezanko, já era formado, e, possuía uma vasta bagagem científica escrita incl. em alemão na Europa. Creio que, o snr. não avalia bem as qualidades e os conhecimentos daquele mestre – possuidor de tantos títulos – que le foram conferidos por diversas escolas e instituições científicas. Não se pode – pois – na minha opinião – conferir-lhe o título de

²⁰⁷ Gardolinski vai se concentrar na História e divulgação da imigração e identidade polonesa, principalmente, no Rio Grande do Sul, sendo a partir dos anos 1950, que as divulgações ganham mais força projetando-se como o mais notável agente étnico do estado (WEBER, no prelo). Biezanko, seu amigo pessoal, era assunto constante das pesquisas e apareceu em artigos e em uma biografia escrita pelo engenheiro Gardolinski.

²⁰⁸ Carta de Gardolinski para Kurylo de 28/07/1966.

demagogo – pois, assevero que jamais fez questão de se aproveitar de trabalhos dos outros, e, muito menos vestir-se em penas de pavão! Para que o amigo tenha uma pequena – do gabarito deste cientista – autor de centenas de trabalhos publicados em vários idiomas – que estou certo – o amigo mudaria de opinião – Quem fê-lo grande, ou atribuiu-lhe méritos, não conhecia [...] bem o gabarito, porém, ele jamais fez questão disso [*sic*].

As discussões terminam assim e a partir deste debate fica patente a questão da problemática que era a “paternidade” da Soja. É possível que em 1931 já houvesse a utilização de espécimes de soja entre os colonos poloneses na cidade, o próprio Biezanko em 1934 destaca que Wasilewski na Linha do Rio, juntamente com outro agricultor chamado Grzesiuk (só aparece na versão traduzida de 1958), plantavam o produto com sucesso na região missioneira, no artigo o cientista alega que apenas alguns colonos poloneses em Guarani no Rio Grande do Sul em 1933 e em Misiones na Argentina²⁰⁹ “também começaram o cultivo de soja”²¹⁰, além disso, lembra a importância dos ex-combatentes da guerra Russo-Japonesa que tiveram contato com a planta ao apontar o desenvolvimento dela na Polônia, onde “a soja foi conhecida no século XIX, mas somente depois da guerra russo-japonesa”, quando soldados trouxeram consigo muitas sementes de diversas plantas do Oriente, entre elas várias dezenas de variedades de soja (BIEZANKO, 1958).

O significativo não é quem foi ou não o introdutor da soja quando o próprio Biezanko admite a colocação de outros personagens, não nos empenharemos na resolução desta polêmica e nem é nosso objetivo, mas sim a dimensão do trabalho exercido por Biezanko, mais completo, amplo e impactante, envolvendo uma gama grande de múltiplos personagens que vão desde clericais até anticlericais, intelectuais e colonos, somados a criação de instituições, a promoção de atividades e a publicação de artigos, ações que extrapolam Guarani e que impactam diretamente na comunidade polonesa em nível nacional, diferentemente da dupla Kuryło e Wasilewski, os quais tiveram ações muito mais localizadas espacial e temporalmente.

²⁰⁹ *Lud* 10/03/1934. Artigo *O pożytkach z soi*.

²¹⁰ również rozpoczęli uprawę soi i doszli do przekonania, że soja jest rośliną, która zasługuje ze wszech miar na uprawę na większą skalę ze względu na wszechstronną użytkowość i łatwość uprawy. *Lud*, 28/02/1934.

É sintomático que Biezanko, a partir do seu gabarito intelectual e seu capital cultural, pode ter sido “lembrado”, enquanto outros personagens de menor destaque não. Gardolinski, enquanto letrado e um líder, de projeção estadual e, quiçá, estendendo-se pelo sul do Brasil diante do grupo polonês, ao defender o amigo propõe que Biezanko não era indivíduo banal, mas um cientista muito reconhecido e que não queria os louros do título de introdutor da soja, o qual posteriormente será a sua grande referência.

É provável que, ao frequentarem os mesmos círculos da sociedade majoritária, isto é, da elite gaúcha, tanto intelectual como eventualmente econômica, Gardolinski acaba por realçar Biezanko, pois este era reconhecido como “introdutor da soja” por esta mesma sociedade, e este reconhecimento é importante, assim como Nuñez (2006) assevera, em resumo, Gardolinski se reconhecia em Biezanko, como um igual, pois estavam estabelecidos diante do grupo dominante.

Possivelmente, como atenta o texto assinado por Wasilewski, o seu trabalho no CTR e no círculo agrícola *Mazur* tenha propiciado uma ação conjunta, quiçá coordenada ou orientada por Biezanko em 1933 aliando as sementes existentes com variedades novas trazidas da Polônia.

A disputa memorialística aparente nas entrevistas é posterior, remetendo o início da produção em larga escala da soja, justamente quando o artigo de Gardolinski é lançado, atrelado à inauguração da Fenasoja em Santa Rosa, o aumento dos preços do produto, a mecanização da lavoura, enfim, aquilo que identificamos como *boom* da soja, talvez este motivo tenha sido suficiente para iniciar o embate, que como resultado final, tem Biezanko como “vencedor” ao ser fortemente lembrado em oposição a Kuryło. Mesmo assim, ainda existem indivíduos que interessados pela história do seu lugar continuam guardando na memória aquele professor da linha do Rio, como é o caso de A.W.K (agricultora aposentada, 76 anos), segundo ela “*Mas [...], agora, esse lugar de onde esse soja veio primeiro, é Ubiretama*”, precisamente, Ubiretama é um município da região noroeste do estado e faz divisa com Guarani das Missões e Santa Rosa tendo se emancipado dessa cidade mais tarde, em 1995 e, onde Kuryło teria atuado na margem direita do Rio Comandá.

Segundo a entrevistada

Porque na verdade isso foi assim[...]: o meu irmão ele andava no colégio, lá nesse colégio na; agora vai ser Linha Vinte e Três, era Vinte e Três, do rio, vinha do rio assim, daí ia até a Vinte e Três que ia lá para a ponte. Não; não tinha ponte aquele tempo, agora tem a ponte da Linha Pinto. Então, tinha um professor que era assim, de origem polonesa, e eles eh... Daí tinha o presidente, era o Wasilewski, Francisco, e ele fez – [...] lá, não sei como é que descobriram – que tinha uma semente que o pessoal podia plantar para fazer o óleo e servia para tratar os animais e tudo, essa tal de soja.

Depois confirma a introdução afirmando

Porque o pai sempre e a mãe contavam isso, contavam essa história. Até depois um dia – porque daí eu vou contar bem certo –, daí veio, dizem que um pacotinho assim, veio tudo empacotado para aquela sociedade Santo Isidoro, a sociedade Santo Isidoro. E – eles até tinham um quadro de Santo Isidoro, que era o lavrador [...] – e lá daí, mas como com esse punhadinho que veio, então para plantar, todos os sócios vão pegar não vai dar em nada! Aí esse presidente plantou a primeira vez, colheu, e depois distribuiu para cada um, por entre, então os alunos ganharam um punhadinho.

O depoimento rememorado a partir das histórias do pai de A.W.K, Zygmunt, vai ao encontro com o artigo do *Odrodzenie*, assim, Wasilewski tem sua memória relembra junto com Kuryło, quem é afirmado pelo esposo da entrevistada senhor J.K. (agricultor aposentado, 80 anos) ao referir-se ao professor que distribuiu as sementes na região, vinculando a escola Santo Isidoro, onde ele trabalhava lecionando e como coordenador, na qual teria inclusive distribuído sementes para os alunos nos primeiros anos do cultivo, para que levassem as suas casas e ensinassem os pais a plantarem, caso ocorrido com a irmã de A.W.K, quem ainda assevera

E daí... Aquela soja começou; então o meu pai, quando começou a plantar, que ele; aí isso cresceu uma soja assim alta, que podiam se esconder, os pés altos assim que debaixo de um pé de soja dava sombra, para a pessoa sentar. E, mas plantaram um ano; aumentou; outro ano; no fim depois já não sabiam mais o que fazer, e não tinha comércio. Então o pai tratava para os porcos, cozinhava junto com mandioca, e depois o pai continuou sempre. E, mas daí, depois daquilo, então quando esse presidente, que era o Wasilewski faleceu, aí eles botaram no túmulo dele uma pedra assim, daquelas pedras que faziam os túmulos – agora é mármore não é, mas antigamente –, daí eles botaram assim uma pedra muito bonita, assim feita, meio arredondada, e o pé de soja; e daí tinha a data de quando esse pé de; essa soja surgiu. Só que depois veio um temporal...

J.K lembra Wasilewski

Quando ele começou, primeiro, a plantação. É; a soja ela veio; esse professor; tinha um russo²¹¹, que ele foi para a guerra²¹², não sei, acho que era na Polônia ou... Não sei, não lembro que local, então eles se guardavam na sombra, e ele falava, disse que plantava essa soja, e disse que dava para fazer óleo, e explicava para esse professor, e o professor mandou uma carta para lá, e eles mandaram, disse que um punhadinho, e aí cada sócio ganhou acho que dois grãos. E aí começaram a plantar

A entrevistada rememora a distribuição das sementes e a falta de comércio que acabava levando a usos mais secundários do produto, bem como, posteriores homenagens ao introdutor Wasilewski, quem segundo Gardolinski (1974, p. 75) “a sua grande popularidade entre os colonos decorria não apenas do seu preparo intelectual e facilidade de expressão, mas sobretudo do seu espírito de bem servir o próximo”. Segundo a entrevistada, a “*realidade é essa*”, sua pequena cidade, Ubiretama, seria o berço nacional da soja e não a cidade maior, Santa Rosa ou muito menos a vizinha Guarani. Neste caso temos mais um elemento de questionamento e que envolve as tramas da memória dos habitantes daquela região que até os anos 1950 era dividida entre São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo e Santa Rosa, permeada de colônias de diferentes etnias e que na década de 1930 viu nascer o cultivo de um novo produto entre seus colonos.

Posteriormente, Gardolinski em sua versão final do artigo sobre a educação em Guarani das Missões de 1976 inclui as informações prestadas nas cartas de 1966 por Kuryło, além disso, Malczewski e Wachowicz (2000) no seu verbete sobre Biezanko afirmam que os colonos poloneses da região já conheciam a soja, assim como concorda Jan Wójcik em biografia de Biezanko de 1966. Mas o debate continua, para alguns habitantes de Guarani tal fato é “mentira”, como uma das entrevistadas afirmou, então, o que pretendemos demonstrar é a importância da memória do evento a qual envolve as emoções das pessoas e permite diferentes interpretações do pesquisador, diante da publicidade que a soja atingiu, das disputas dos municípios por títulos e festas, as quais atraem turistas e interessados, perante os usos, enfim, da história na sua vinculação com a memória, que são peremptórios levantarmos a fim de trazer maior completude ao

²¹¹ Polonês imigrado da parte russa.

²¹² Russo-japonesa em 1905.

nosso trabalho, embora conclusões mais ou menos definitivas sejam difíceis de serem alcançadas, pois questões de quando, onde, ou como a soja foi introduzida são difíceis de responder ou tem muitas respostas distintas.

Outros questionamentos são, por que os relatos não lembram a produção dos bichos-da-seda em Guarani? Que apenas uma depoente destacou, pois havia lido o livro de Krawczyk (2003), onde aparece a história. Ou então, por que não aparece a memória de outros produtos introduzidos? Uma lista extensa foi escrita por Biezanko em 1964. Aparentemente, o porquê da soja, é em razão do seu maior destaque nacional e internacional e é ela que catapultaria a cidade que fosse considerada seu berço, diante daquele contexto de busca das origens.

Para a situação ficar mais complexa, em um suplemento do *Odrodzenie*, o *Polonia Riograndeńska*, de 7 de agosto de 1932, o supramencionado, então padre, J. Anusz, escritor também das possibilidades da leguminosa, em um artigo intitulado *O Uprawie Soi* (Sobre o cultivo da soja), afirma que ele tentou por muitos anos introduzir a soja, distribuindo sementes, não obstante sem sucesso até a intervenção de T. Makomaski, agrônomo vinculado ao consulado da Polônia em Curitiba na época, que escrevia artigos para periódicos polono-brasileiros sobre questões agrícolas²¹³ e teria convencido os colonos a plantarem de maneira mais contundente as sementes.

Anusz em seu artigo identifica certo abandono da cultura e escreve sobre as potencialidades da soja para a economia dos colonos poloneses, destacando principalmente o sucesso na alimentação de animais e mesmo humana, compartilhando muitas “receitas” aprendidas com os japoneses em viagem realizada no interior de São Paulo, ademais indica leituras e a possibilidade de divulgar por meio de jornais os conhecimentos sobre o produto. Ainda em 1932, Anusz publica no *Polski Kalendarz* de Porto Alegre artigo intitulado *Z Rolnictwa: Soja* (Sobre a Agricultura: Soja), na qual explica as origens do produto, seus múltiplos usos culinários, bem como o emprego em pequenas indústrias.

²¹³ *Odrodzenie* 08/11/1931

Anusz indica que Roman Paul²¹⁴ em Marechal Mallet no Paraná também tentou introduzir sem sucesso a soja entre os colonos poloneses reclamando que tal fato fosse relativo à “imobilidade permanente no caminho do nosso pensamento”, uma referência ao conservadorismo do camponês polonês, mas que diante das crises agrícolas, a cultura de uma planta com potencial industrial seria o melhor caminho para beneficiar os agricultores, lembrando que os métodos de cultivos eram semelhantes aos do feijão e propondo a maneira de fazê-lo para obter os melhores resultados. Segundo o autor, a soja é rica em proteínas e ele próprio a plantou e utilizou como alimento para os porcos, aproveitando inclusive os caules e folhas, que permitiriam desenvolvimento ósseo e muscular do animal, contudo, indica uma crescente mortandade dos animais segundo reclamações dos colonos, ao que o próprio Anusz responde indicando erro na alimentação, tal e qual ocorreu com Biezanko em Guarani, como avaliaremos melhor na sequência.

Então no Paraná, onde a colônia polonesa era muito grande, temos três candidatos a introdutores da soja em meio aos colonos poloneses, Anusz, Paul e Makomaski, mais ou menos pelo mesmo período que o nosso agrônomo está em Guarani das Missões. Em suma, percebemos que o produto era conhecido, inclusive com relações à colônia japonesa paulista, além disso, provavelmente os camponeses poloneses tiveram contato com as sementes antes dos anos 1930, portanto, cada região e contexto teve uma relação específica com o produto, fato que torna a questão da origem pouco ou nada viável de se rastrear e indicando que a sua maneira, tivemos muitos introdutores de uma planta nova, asiática, em terras latino-americanas por camponeses europeus num contexto de limiar da exploração agrícola entre a subsistência e os potenciais industriais nascentes.

O resgate da polêmica não tem o objetivo de resolver a questão, de resto sem sentido para o processo histórico, que depende sempre de múltiplos fatores, mas mostrar que a própria controvérsia reforça a relação dos poloneses com a soja além do papel de

²¹⁴ Comerciante polonês, que imigrou para o Brasil em 1891. Participou de projetos de assentamento de imigrantes e fundação de escolas polonesas, mantendo contato com a Polônia ao longo do século XX. Participou também da construção de uma igreja e um hospital em Mallet. Foi membro honorário da Kultura, instituição agregativa laica das sociedades polonesas e também foi membro do CZP (*Centralny Związek Polaków w Brazylii* - União Central dos Poloneses no Brasil) em 1931.

vários intelectuais/líderes étnicos poloneses, incluindo Anusz e Gardolinski, na questão da leguminosa e na sua vinculação com aquele grupo de colonos. Biezanko faz parte desta temática, mas com um raio de ação mais dinâmico, extenso, exposto e efetivo na distribuição e divulgação da soja no início da década de 1930, a qual nos propomos contar no capítulo 3.

A despeito das polêmicas vistas anteriormente, Biezanko de fato pode ser considerado um dos introdutores da soja no Rio Grande do Sul. O seu protagonismo aparece em obras sobre a história da planta (FREIRE, 1997, HASSE, 1996, CAMPAL, 1977), nas suas biografias (WÓJCIK 1966, GARDOLINSKI, 1974, ELIÉZER RIOS, 1954, etc.), em ata do Ministério da Agricultura de 1948 e da 24ª sessão da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul de 26/05/1948 assinada por Celeste Gobato, e em diversos periódicos como “Diário Popular” de Pelotas, “Correio do Povo”, “Zero Hora”, “Agricultura e Cooperativismo” de Porto Alegre, “A Visas” e “Chácaras e Quintais” de São Paulo, o “Estado do Paraná” e o *Lud* de Curitiba, o “Cotrifatos” e a “Folha da Produção” de Cerro Largo²¹⁵, além de muitos outros, inclusive como o *Prze Krój* e o *Przemiany*, da Polônia comunista.

Estes periódicos em diferentes momentos, mas em geral, posteriores a meados da década de 1950 e, em especial, nos anos 1970 em diante, tratam de Biezanko como o introdutor da soja no Rio Grande do Sul e alguns até do Brasil. Como aludimos no capítulo, a história da soja no país até o seu *boom* nos anos 1960 é marcada por experiências oficiais patrocinadas pelo governo e por outras de agrônomos, em geral, estrangeiros, os quais se propuseram a trabalhar com o produto e proporcionaram sua difusão entre agricultores. Biezanko foi claramente um deles.

Apenas em 1970 começam a aparecer dados sobre a soja, por isso, o cientista passa a ser mais reconhecido por seu trabalho com produto e há uma profusão de homenagens, que iniciam a partir da década de 1960, mas com mais força na década seguinte, quando os entrevistados destacam que se deixou de praticar a policultura e, muitas vezes, a pecuária, em função da monocultura da soja, acompanhada da

²¹⁵ Cidade do estado do Rio Grande do Sul, localizada próxima a Guarani das Missões e Santa Rosa no noroeste do estado.

introdução do maquinário agrícola²¹⁶. Estes fatos ocorrem concomitantes à emancipação política de Guarani em 1959. Segundo Gil (2003, p. 44), responsável por um levantamento sobre as questões econômicas da região:

A maior parte dos entrevistados descreve estes primeiros anos de investimento comercial em soja como um período de adaptação do colono ao produto, no qual a produção ainda era diversificada. A soja não aparecia, neste momento, como uma saída única para a lavoura. Era apenas mais uma produção. Neste momento houve uma grande demanda internacional pelo produto, que fez com que muitos agricultores se interessassem por investir mais no negócio. Nestes anos, entre 1958 e 1965, a produção de soja se dá paralelamente à forte criação de suínos para venda fora da comunidade.

Correspondendo com estas observações, no *Lud* de 2 de dezembro de 1970 na reportagem intitulada “Biezanko: Introdutor da soja no Rio Grande do Sul” se destaca a manchete: “O Ministério da Agricultura vem de consagrar oficialmente o ilustre e desde longa data colaborador C. & Q., Ceslau Biezanko, como introdutor da soja no Estado do Rio Grande do Sul”, na verdade, a atribuição foi em 1963 como podemos ver no texto do agrônomo paulista Júlio Seabra Inglês de Sousa na revista *Chácara e Quintais* de São Paulo, 1963:

Vemos aí, o Eng. Polaco Prof. Czesław Marian Biezanko catedrático da Escola de Agronomia Eliseu Maciel, do Instituto Agrônomo do Sul, da Universidade Rural do Sul (Pelotas), que foi o introdutor e orientador da cultura da soja, cujas primeiras sementes, trouxe da milenar Polônia civilizadora. O Prof. Czesław Marian Biezanko em colaboração com um grupo de imigrantes polacos (alguns membros do Exército Imperial da Rússia), fizeram as primeiras plantações de soja em **Santa Rosa das Missões, Guarani das Missões** e diversos outros municípios do fabuloso **Vale do Rio Uruguai**, a Califórnia do Rio Grande, cuja cultura, uma vez tornando-se vitoriosa, está ganhando celeremente milhares de adeptos, transformando-se hoje numa das mais seguras e promissoras riquezas do Estado e do Sul do Brasil. Em verdade a soja marcha para se tornar a principal cultura agrícola do Rio Grande do Sul, dadas as suas fabulosas possibilidades.

Na citação, datada de um momento de reativação da polonidade como noção de identidade (TRINDADE, 2013), há um destaque para a atuação polonesa na introdução

²¹⁶ Entrevista com A.A. (agricultor aposentado, 62 anos) e P.M. (professor, 49 anos).

da soja na região do Vale do Rio Uruguai, lembrando os soldados que lutaram na Manchúria (como Wasilewski) e depois imigraram para o Brasil e a colaboração de Bizanko com estes imigrantes, muito objetivamente associando os diferentes personagens permitindo uma visibilidade maior à comunidade polonesa a associação soja/poloneses, e inclusive a própria Polônia. Uma representação que teve sucesso e que vários contribuíram, como o círculo ilustrado polônico do Rio Grande do Sul e do Paraná através das publicações. Somando que

O Prof. Czesław Marian Bieżanko, pela sua projeção internacional, pela sua notabilidade e pelos seus relevados serviços prestados ao progresso do Brasil, de há muito tempo é merecedor do reconhecimento do governo da República, e a tal respeito bem andariam nossas autoridades diplomáticas se diligenciassem, sem mais tardança, a outorga da **Ordem do Cruzeiro do Sul**, a tão singular e ilustre amigo do Brasil. (SEABRA, 1963, p. 39/40)

Quanto à perspectiva do próprio Bieżanko, em uma série de entrevistas²¹⁷ a diferentes periódicos, o cientista sobressai sua atuação, mormente em 1958, Bieżanko na publicação das traduções adaptadas de uma série de artigos em polonês publicados no *Lud*, de Curitiba em 1934, na qual trata da soja e das suas realizações com ela na colônia Guarani, ou seja, quando assentou teoricamente seus resultados práticos, assume que ajudou na introdução, afirma que da seleção pesquisada sob direção dos professores J. Muszyński e Z. Strazewicz²¹⁸, no Jardim das Plantas Medicinais da Universidade de Stefan Batory, em Vilnius “provêm as sementes que trouxemos da Polônia, onde desde o ano de 1906, vários agricultores adiantados cultivam a soja, cognominada pelos orientais de Vaca vegetal”, o cientista revisando o trabalho assevera que “as sementes oriundas da Polônia, **por nós** distribuídas na zona missioneira do Rio Grande do Sul, já se alastram por Santa Catarina e Paraná, nas zonas coloniais destes Estados, principalmente entre os colonos polacos, alemães e italianos, entre os quais se pode encontrar maiores culturas dessa maravilhosa leguminosa” [grifos meus].

²¹⁷ Agricultura e Cooperativismo, Porto Alegre, 1976; Cotrifatos, Cerro Largo, 1978, Zero Hora, Porto Alegre, 1984.

²¹⁸ Menos citado que Muszynski, Strazewicz (1889-1950) também foi um especialista em farmácia polonês e nos anos 1920 se tornou um inspetor Jardim das Plantas Medicinais da Universidade Stefan Batory. Na década seguinte, permaneceu na universidade como pesquisador na Faculdade de Farmácia, liderada pelo professor Jan Muszyński. (NOWICKA, 2008).

Posteriormente, em artigo publicado em 1964, intitulado “Relação de plantas exóticas introduzidas e indígenas cultivadas em Guarani das Missões (1930-1934) e Pelotas (1934-1949) (Rio Grande do Sul) pelo Eng. Ceslau Biezanko”²¹⁹, aparece na lista com o título *Leguminosae* o nome *Glycine Max* Merrill (12 variedades) seguindo a palavra entre parênteses indicando o local: Guarani.

Na cidade os entrevistados confirmam os dados abonando a noção de como ocorriam as distribuições: A.W. (supervisor de produção aposentado, 64 anos) afirma segundo seu pai, Miguel Valeriano Wastowski “*Ele contou que ele era, que... Que ganhou essas sementes do Biezanko, e ele falava; se orgulhava muito sabe, de que foi ele o primeiro plantador*”, Z.K. (agricultora aposentada, 74 anos) confirma sobre sua família que “*Eu sei que lá em Bom Jardim²²⁰ quem plantava; quem também ganhou o... A sementinha, da semente de soja, também era o Francisco Hamerski, que era primo-irmão do meu pai.*” Completando que “*Ele ganhou. Mas se o meu pai tinha ganhado, eu acho que não, que já depois ele ganhou desse Francisco, desse primo*”, fato que demonstra também a redistribuição, ela destaca após que “*Mas isso era pouquinha sementinha!... Isso era... Sementinhas pouquinhas! Que ele dava para ti, as testava se isso ia render alguma cultura ou não*”, já E.W. (dentista aposentado, 78 anos) aponta que “*Ele de fato, ele trouxe essa soja, esse punhado se soja, e deixou aqui com... Com o pai, e aí distribuiu para o Estanislau Kowalski, ali da Harmonia, não é, e para o pessoal... Para o pessoal da Linha... 8 de Agosto*”, para o agricultor aposentado A.A. (62 anos), seu avô recebeu e trouxe as sementes para plantá-las na colônia da sua família²²¹.

Nosso objetivo em focar Biezanko envolve o fato de ter posto em movimento a sociedade guaraniense articulado com outras comunidades polonesas, bem como diferentes personagens de destaque, cerne do terceiro capítulo. Assim, através da soja, elemento importante, mas não único da sua estada na colônia polonesa, foi capaz de

²¹⁹ Cf.: Apêndices.

²²⁰ Linha da colônia de Guarani das Missões.

²²¹ Segundo entrevista com A.A. (agricultor aposentado, 62 anos): “Eu tenho certeza não é; só disso: que o vovô João Klidzio, o meu vovô, pai da minha mãe, ele trouxe, mas, pelo que eu sei, eu acho que de Guarani não é? Guarani já era uma cidadezinha, era Vila naquele tempo, o Município mãe é São Luiz Gonzaga, na serra não é. Daí ele trouxe uma sementinha, e nessa terra aqui que nós estamos morando, ali atrás do poço, essa soja foi plantada. Isso eu tenho certeza. Agora, quem distribuiu, pode ser quem foi”.

exercer o papel de liderança e, ainda que comparado a outros intelectuais e líderes envolvidos com distribuição de sementes, suas características particulares presentes nas fontes, permitem justificar a proeminência do trabalho exercido e reconhecido, ainda que *a posteriori*, abarcado pela memória daqueles habitantes com os quais estabeleceu contatos diretos ou indiretos.

2.6. A agricultura nos periódicos polono-brasileiros

No decorrer da colonização polonesa houve uma preocupação dos colonos instalados e seus descendentes em produzir conhecimento a fim de melhorar as condições agrícolas de seus patrícios e das colônias, neste trabalho, estavam vinculados vários professores, padres, além de outros intelectuais incluindo membros representativos do Estado polonês, os “instrutores”. Estes indivíduos foram responsáveis por escrever artigos, criar periódicos, dentre os quais, jornais, revistas, anuários, calendários, entre muitos outros, principalmente escritos em polonês e associados ao ensino daquele idioma nas escolas étnicas²²², a fim de distribuir entre os camponeses letrados ou para serem lidos em público como na imagem abaixo, com intuito de permitir a melhoria das técnicas, cultivos, métodos e resultados da produção agrícola.

²²² Cf.: GARDOLINSKI, 1974, WACHOWICZ, 2002.

Figura 3- Foto de leitura pública do *Lud* em uma região colonial.



Fonte: Acervo dos padres vicentinos.

Ainda que considerada pequena se comparada à produção de jornais, anuários e revistas da colonização alemã e italiana (POTOPOWICZ, 1936), a imprensa polonesa no Brasil foi ativa. Segundo Potopowicz (1936, p. 208), até meados dos anos 1930, as atividades da imprensa polonesa no campo econômico eram muito pobres, mas necessária especialmente nos anos posteriores a 1929, devido à crise econômica que se fazia sentir e criava a necessidade de transformar as formas de exploração agrícola dos colonos e desenvolver uma série de associações e cooperativas.

O objetivo era entregar ao agricultor uma série de valiosas notícias profissionais, novas formas de cultivo ou culturas desconhecidas, os últimos preços dos produtos agrícolas nos principais mercados, etc. O desejo era de que a imprensa popularizasse novas ideias e contribuísse muito para melhorar economicamente as colônias.

Em geral, os periódicos eram de múltiplos assuntos e destacavam partes ou um caderno específico para a agricultura como o caso do *Odrodzenie* (Renascimento), que

tinha o suporte *Rolnik* (O agricultor), o qual contava com artigos específicos sobre a temática do campo e no próximo capítulo é parte fulcral das perspectivas associativas de Biezanko. Além disso, no Paraná, segundo Potopowicz (1936, p. 209) “Um desenvolvimento muito positivo neste campo foi o aparecimento em 1933 de uma nova revista intitulada “Nasza Praca”²²³ [Nosso Trabalho], mensário, que detinha um departamento de agricultura, o qual entregaria muitas mensagens de colonos e assessoria técnica, cartilhas e manuais, artigos, dicas e instruções para agricultores novatos, surgido portanto, da necessidade de leituras especializadas e tendo sido apreciado pelos colonos poloneses (1936, p. 77).

O *Nasza Praca* (Nosso trabalho) era de Curitiba e também contava com o apêndice chamado *Rolnik*, assim como o *Lud* (Povo) igualmente da capital paranaense, estes alguns exemplos de periódicos polono-brasileiros da década de 1930 que encontramos no Acervo Edmundo Gardolinski e no Acervo dos Padres Vicentinos. São citados também outras publicações percorrendo as bibliotecas das instituições e sociedades agrícolas da época: o *Przyjaciela Ludu* (Amigo do Povo), *Pobudkę* (Alvorada), *Głos Polski* (Voz Polonesa), *Oređownik* (O procurador), *Codzienny Niezależny Kurjer Polski w Argentynie* (Diário Independente correio polonês na Argentina) e em português, “O campo”, “Chácaras e Quintais” e “Agricultor”²²⁴.

Os jornais polônicos, os quais contavam com artigos de “estudiosos” em geral, mas não somente, diletantes, sobre a agricultura do seu período, são muito interessantes para entender o desenvolvimento agrícola levado a cabo no período entre os colonos poloneses e merecem destaque neste trabalho.

Inicialmente, podemos imaginar que os periódicos tinham um público leitor razoável, primeiro, pelo fato de até aquele momento, as escolas polonesas no Brasil funcionarem praticamente sem restrições e até com incentivos dos poderes públicos especialmente no âmbito rural e, claro, pela leitura pública como supramencionado. O *Lud* ao ser publicado quinzenalmente em 1930 tinha tiragem chegando a 4 mil

²²³ Bardzo dodatniem zjawiskiem w tej dziedzinie było ukazanie się w 1933 roku nowego miesięcznika p.t. „Nasza Praca”.

²²⁴ *Odrodzenie*, dezembro de 1933, notícia intitulada *Czytelnia Centralnego Towarzystwo Rolniczego w Guarani* em *Kronika Guarańska*.

exemplares e 25 mil leitores²²⁵ nos estados Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e também na Argentina e no Uruguai (POTOPOWICZ, 1936, p. 209); *Nasza Praca*, apenas 600 exemplares em 1935 e o *Odrodzenie* com mil exemplares²²⁶.

Os textos eram voltados em geral para os agricultores, ou então, às pessoas responsáveis por tentativas de inovação e desenvolvimento rural no seio da sociedade, papel que era exercido por diferentes indivíduos, podendo muitas vezes os professores da região ocuparem tais cargos, como o fez Jan Krawczyk, Józef Kurylo e o próprio Czeslaw Biezanko na cidade de Guarani das Missões.

Eram escritos artigos sobre novos produtos como a própria soja, mas também pecuária, além de métodos de cultivos de plantas conhecidas (milho, feijão, etc.), excertos sobre combate a pragas como a lagarta, sobre o calendário agrícola, solos, sobre as escolas/círculos agrícolas, pastagens, entre muitos outros assuntos que faziam parte do universo mental e de trabalho do camponês polonês e tiveram muito da contribuição de Biezanko²²⁷.

Um exemplo é quanto a uma invasão de gafanhotos ocorrida²²⁸ na região missioneira gaúcha nos anos 1930, acontecimento que marcou o ambiente rural do período e atingiu fortemente a colônia polonesa de Guarani das Missões, bem como as congêneres de Misiones. Naquele momento, Biezanko, que não esqueçamos era um entomologista especialista em lepidópteros, desenvolveu vários métodos de destruir as

²²⁵Jornal Gazeta do Povo, 11/01/2014, disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bah12lgekeorxbgu>.

²²⁶ *Historia osadnictwa Polskiego w Brazylii do Syndykat Emigracyjny Warszawa*, 1936. Disponível em <http://czytelniapolska.blogspot.com.br/2010/09/historia-osadnictwa-polskiego-w.html>, acessado em 14/05/2015.

²²⁷ Segundo Aleksandra Klasa em escrito de 1974 na Polônia, Biezanko escreveu para o combate às pragas, orientação de culturas e introdução de novas plantas, assim como observamos nos diferentes periódicos analisados.

²²⁸ Num exemplo claro do problema verificamos a reportagem do *Lud* de 16/12/1933, quando um trem fica preso devido à revoada de gafanhotos; revelando ainda que segundo relatório de Porto Alegre os danos causados aos agricultores eram enormes. As nuvens de gafanhotos obstruíam, até mesmo, paralisaram o tráfego ferroviário. Segundo o periódico “Em algumas áreas, os agricultores estão se voltando luta feroz de gafanhotos” destacando que em Guarani grandes serviços na luta contra aqueles insetos são do engenheiro Sr. Czeslaw Biezanko que, “como especialista em direção a esse campo da ciência, fez descobertas interessantes” para combater as pragas.

larvas de gafanhotos em vários estágios de seu desenvolvimento e também prescreveu um método para usar os insetos mortos para fins agrícolas²²⁹.

Publicou diversos artigos, por exemplo, no *Lud*, de Curitiba, em 1934 intitulados: *O inwazja szarańcza* (Sobre a invasão dos gafanhotos) de 14 de março, *Najważniejsze wiadomości o rozwoju szarańcza* (A notícia mais importante sobre o desenvolvimento de gafanhotos), de 18 de abril, *Dalsze wiadomości i uwagi o tepieniu szarańcza* (Para mais notícias e notas sobre o extermínio de gafanhotos), de 25 de abril,

São exemplos de contribuições de outros autores artigos como: *Przyczynek do zwajomości wędrówek* (Contribuição para o conhecimento de caminhadas), de 25 de maio e notícias como *Szarańcza z Guarani* (Gafanhotos em Guarani), de maio de 1933. No mesmo período, Biezanko produz artigos sobre cebola, sal de cozinha, árvores e, claro, lepidópteros (mais especificamente sobre as lagartas).

Outro bom exemplo aparece nos jornais *Rolnik* de maio de 1932 e no *Nasza Praca* do mesmo ano, os quais relatam questões referentes aos problemas da crise agrícola que afetava a região, impulsionada em função de uma grave seca. Os preços dos produtos coloniais eram considerados baixos e controlados pelos comerciantes, que vendiam os seus artigos extremamente caros para os colonos. No *Rolnik* o pedido é pela organização dos camponeses para melhorar suas condições de vida e o autor faz uso do periódico para conclamar os leitores a apoiar o *Odrodzenie* criticando os instrutores educacionais poloneses (*instruktorów*) por não terem ações mais contundentes para melhorar as condições dos colonos e, pelo contrário, trariam desordem, desmoralização e desânimo, sendo que a colônia estaria conseguindo educar os colonos melhor do que faziam os instrutores, pelo menos em Guarani. As críticas fortes aos instrutores enviados pelo governo polonês beiravam acusações de bebedeira e de solicitude das autoridades locais, demonstrando como a crise econômica afetava também a ordem social refletindo-se em conflitos, os quais nos são possíveis resgatar pelos periódicos.

Quanto à soja, exemplificamos a partir de J. Anusz, religioso diocesano polonês citado no primeiro capítulo, que era envolvido com os ideais da Nova Polônia (MALCZEWSKI, WACHOWICZ, 2001, p. 15). Sendo filho de camponeses, era

²²⁹ *Nie ma chyba...*, entrevista em polonês feita com Biezanko sem data, por Wiesława Skotnicka.

interessado na agricultura e ensinava, ainda na Polônia, os agricultores sobre a utilização de ferramentas agrícolas, higiene e outros assuntos, enviando os que considerava mais aptos para estudos posteriores. Emigrou para o Brasil, depois de ordenado padre, em 1903 e continuou com as ações nas colônias polonesas, fundando escolas, associações, atraindo intelectuais (médicos, agrônomos, professores, etc.), entre outras atividades, mas devido a alguns ideais reformadores da Igreja Católica foi castigado e deixou o clero. Deslocou-se para Porto Alegre a partir da década de 1930 dedicando-se ao comércio, todavia escreveu artigos relacionados à agricultura, por exemplo, nos periódicos *Polonia Riograndeńska* e *Polski Kalendarz*, ambos de 1932, explicando as potencialidades da soja como alimento animal e possivelmente humano, além disso, propõe métodos e técnicas de cultivo e manejo do produto, desde a semeadura até a colheita, identificando entre os colonos poloneses, possibilidades para a planta.

Destacamos outros textos vinculando poloneses e soja no mesmo período, como o da redação do *Nasza Praca*, de Curitiba da década de 1930, nos quais o foco é o uso da soja na alimentação humana e não apenas animal, como no artigo *Używanie soi dla celów kuchennych* (O Uso da soja para a cozinha), em que o produto é percebido como importante para a modificação da alimentação do colono, podendo-se utilizá-lo para fazer macarrão, como substituto da batata, biscoitos e bolos, pão, café e inclusive para fazer o típico prato polonês, chamado, *pierogi*²³⁰. Segundo o periódico, muito foi discutido nas páginas da imprensa sobre a importância da utilização da soja no consumo animal, mas pouco como alimento para as pessoas, sendo seu objetivo familiarizar os leitores com métodos de uso da soja na cozinha e convencer o valor do produto nesta área, desde que houvesse cuidado na preparação e seguir um conjunto de técnicas específicas. Os textos são especialmente interessantes quanto ao cuidado com as informações e a necessidade de divulgação como na passagem do *Polonia Riograndeńska* de 1932:

²³⁰ Tipo de pastel típico da Polônia e outros países do leste europeu, que pode ser cozido, assado ou frito, sendo recheado de batatas, queijo, frutas, etc.

Ao contrário de outros grãos de leguminosas, a soja contém uma grande quantidade de óleo, a soja também pode ser usado para todos os tipos de leite industrial. A massa depois de espremer óleo de soja pode receber os seguintes produtos: forragem para o gado, celulose, caseína vegetal, cola, tinta, água, fertilizantes e todos os tipos de produtos nutricionais para as pessoas, como bolos, sopas, pães, etc. O óleo é usado para fazer cortinas de glicerina, manteiga vegetal, banha artificial, sabão, linóleo, tintas a óleo, velas e muitos outros produtos.²³¹

Além, é claro, dos usos para a produção de leite, carne e óleo, os quais eram conhecidos e dados como possíveis fontes de lucro para o agricultor. Um texto de 1933 do *Nasza Praca*, adverte

O leite de soja é fabricado há muito tempo no Oriente, ele substitui perfeitamente o leite de vaca com leite de soja é bastante prevalente no Japão, China, Coréia, Manchúria, e também na Rússia asiática. Em violação diabéticos ou pacientes com diabetes em muitos países do leite de soja substitui o leite de vaca. Com 150 gr . de soja prepara-se um litro de leite, que, em seguida, é fervido. Com leite de soja também pode amassar a manteiga, queijo ou caseína.²³²

Outro dado importante, no artigo, é que a soja teria utilidade “para cozer pão, bolos biscoitos , para fazer massas e confeitos” misturando “em três partes de farinha de trigo deve se tornar uma parte de farinha de soja”²³³, farinha essa que seria recomendada por médicos, em especial, pacientes com problemas renais e no sistema nervoso. Alertavam ainda para o fato de o óleo de soja ser um substituto para a manteiga e “é também amplamente utilizados na arte” em especial “para a fabricação de vernizes (incluindo o óleo com fervura sal com litargo), sabões macios ou de potássio parcialmente, ou seja, para além de outras gorduras no fabrico de sabões duros, ou de

²³¹ *Polonia Riograndenska*, 1932. W przeciwieństwie do innych roślin strączkowych ziarna soi zawierają bardzo wiele oleju, soja może być też używana do najrozmaitszych przetworów przemysłowych. Z ciasta soi po wyciśnięciu oleju można otrzymać następujące produkty: paszę dla bydła, celulozę, kazeinę roślinną, klej, farby wodne, nawóz, oraz różnego rodzaju produkty pokarmowe dla ludzi, a więc ciastka, polewki, bulki i.t.d. Olej zaś służy do wyrobu gliceryny, masła roślinnego, sztucznego szmalcu, mydła, linoleum, świec farb olejnych i wielu innych produktów.

²³² Mleko z nasion soi oddawna wyrabiane jest na Wschodzie, zastępuje ono doskonale mleko krowie Mleko z soi jest dość rozpowszechnione w Japonji, Chinach, Korei Mandżurji, a także w Rosji Azjatyckiej. W djecie diabetyków czyli chorych na cukrzycę w wielu krajach mleko z soi zastępuje mleko krowie. Ze 150 gr. Nasion soi przygotowuje się litr mleka, które potem gotuje się. Z mleka z soi można wyrobić także masło, ser, lub kazeinę.

²³³ Makę z soi używa się do wypieku chleba, ciast biskwitów, do wyrobu makaronów i w cukiernictwie [...] na trzy części mąki pszennej bierze się jedną część mąki z soi.

sódio, o produto velas, tintas a óleo, linóleo, substitutos de borracha”, além de “usá-lo como um lubrificante e iluminação”²³⁴.

O artigo segue explicando o modo de proceder para a extração do óleo de soja, em que se necessitaria de implementos e peças de materiais com certa tecnologia, como prensas hidráulicas e rolos, além de um moinho, caldeiras ou o uso de solventes como éter e benzeno, um dos fatores que corroboram a ideia de trabalho “a mais”, que, de acordo com o propugnado por Chayanov, poderia levar à refração camponesa.

Por fim, o periódico aponta o uso da leguminosa como adubo e que a “Soja, como uma planta com uma vasta gama de usabilidade, de fácil cultivo, com alta eficiência e rentabilidade, e muitos mais outros motivos deve ser cultivada em qualquer lugar, onde quer que seja possível os cultivos”. Apontando a necessidade dos agricultores de verem como uma planta para o futuro e que “Colonos poloneses, no norte da Argentina (Misiones) e nos estados do sul do Brasil, levando um hábil cultivo da soja encontrarão, sem dúvida, uma nova fonte séria de renda e prosperidade”²³⁵.

Nestes estudos, os autores destacam que conhecem as origens orientais da soja e certo desenvolvimento dela principalmente nos Estados Unidos²³⁶, onde apesar de tudo, ainda teria pouca aplicação e uma demanda reduzida da parte da indústria, sendo empregada ou para a alimentação animal ou como adubo²³⁷, também existiria certa produção e consumo na Alemanha e Itália.

É no artigo do *Polski Kalendarz* de 1932, que Anusz destaca o cultivo pelos japoneses em São Paulo e tentativas de introdução no Paraná, em especial pelo agrônomo polonês Tadeusz Makomaski do consulado polonês. Todas estas

²³⁴ Olej z soji ma także wielkie zastosowanie w technice, a więc używa go się do wyrobu pokostu (w tym celu olej z soli gotuje się z glejta), mydel miękkich czyli potasowych częściowo tj oprócz innych tłuszczów do wyrobu mydel twardych, czyli sodowych, do wyrobu świec, farb olejnych, linoleum, do wyrobu surogatów gumy i artykułów nieprzemakalnych wreszcie oleju z soji używa się jako smaru i do oświetlania.

²³⁵ Soja, jako roślina o wszechstronnej użyteczności, łatwa do uprawy, o dużej wydajności i opłacalności i z wielu jeszcze innych względów powinna być uprawiana wszędzie, gdzie tylko uprawa jej jest możliwa. Im wcześniej rolnicy zrozumieją pożytek z uprawy soi, tem prędzej zna dzie ona należne jej rozpowszechnienie. Polscy koloniści w północnej Argentynie (Misiones) i w południowych stanach Brazylii prowadząc umiejętną uprawę soi znajdą niewątpliwie nowe źródło poważnych dochodów i przyszłego dobrobytu.

²³⁶ *Polonia Riograndenska*.

²³⁷ *Ibden*.

possibilidades de utilização são tratadas muitas vezes sob a égide de um experimento, ou então, com a utilização milenar no oriente, mas sempre como algo incipiente e parcialmente desconhecido, que deveria ser descoberto e testado pelos colonos acostumados com o feijão, batata e o milho, circunstância que levaria a um prognóstico rendoso.

Não temos dados para mostrar a relação de Biezanko com a *intelligentsia* polonesa do Paraná que divulga estas informações em periódicos dirigidos a comunidade polonesa emigrada e seus descendentes, mas podemos inferir que existiram diálogos e possivelmente vínculos que permitiam troca de informações e experiências, especialmente através do acesso às leituras de intelectuais polono-paranaenses e polono-gaúchos, bem como do próprio Biezanko, com a circulação dos jornais em ambos os estados.

Tal fato permite relacionar a presença da produção da sociedade brasileira envolvente na colônia e a constituição de um conhecimento interno sobre o âmbito rural e seus produtos, mormente a soja, importante, pois quando da chegada de Biezanko, o cientista logo vai se inserir neste contexto de produção e divulgação do saber agrícola através de seus artigos especializados publicados em diversos dos periódicos citados, fatores que permitem, digressões acerca da questão da novidade no mundo rural, pertinente quando formos tratar especificamente da soja, além disso, são estes diferentes boletins, jornais, revistas, entre outros, algumas das principais fontes citadas ao longo do nosso trabalho.

MOTYLARZ - “O HOMEM DAS BORBOLETAS”: Processo de Introdução da Soja e a atuação de Biezanko na organização e educação colonial em Guarani das Missões

*Dr. Ceslau Maria Biezanko
Não era homem de loja
Foi o grande descobridor
Da nossa famosa soja.²³⁸*

3.1. Biezanko em Guarani das Missões

Existem várias hipóteses que nos levam a refletir o porquê da imigração de Biezanko e sua vinda para o Brasil e, enfim, Guarani das Missões. O provável é que a conjunção dos diferentes fatores apontados tenha sido responsável pelo seu destino àquela colônia polonesa, primeiro, os ideais governamentais da Polônia da Segunda República de aproveitamento do material humano fruto da diáspora, depois as oportunidades que o “Novo Mundo” oferecia de emprego potencializados pelos problemas econômicos da Europa e, finalmente, a curiosidade intelectual do cientista em procurar novas espécies de lepidópteros, sua grande paixão. Após uma estada breve na Argentina, rodeada por atritos, que inclusive permanecem na memória de moradores de Guarani²³⁹ e nas fontes que utilizamos no capítulo 1, o Brasil parecia uma alternativa capaz de permitir a continuidade das atividades do cientista até então desenvolvidas no país vizinho, atividades estas apresentadas neste capítulo.

O que sabemos é que por volta de dezembro de 1931, Biezanko chega, atravessando o Rio Uruguai, até Guarani e lá acaba procurando abrigo com o clero local e propondo uma série de trabalhos em diversos ramos da sociedade guaraniense. Naquele momento, vários intelectuais assomavam naquela colônia polonesa, como o já

²³⁸ Poema de Orobaldo Gonçalves da Silva, Pelotas, agosto de 1988, da obra “Homenagens a Ceslau Maria Biezanko” de 1988.

²³⁹ Entrevista Z.K (agricultura aposentada, 72 anos), que afirma “*que se ele não fugisse de lá, da Argentina, eles iam matá-lo*”. Também padre Pinocy em reportagem no *Lud* de 22/03/1933 destaca que Biezanko envolveu-se em brigas com um ucraniano chamado Michal Zubrzeski, mas que mesmo assim, ficou nas colônias polonesas para o trabalho social entre os colonos.

mencionado, Dr. Ziemianowski, além da visita de autoridades polônicas, como o cônsul Lech, vindo de Curitiba, o conselheiro de Emigração Pankiewicz, de Posadas (Argentina), e o ministro plenipotenciário²⁴⁰ Tadeusz Grabowski, todos permanecendo alguns dias na colônia entre seus patrícios e tendo suas presenças destacadas nos periódicos polono-brasileiros.

Não encontramos fontes que marcassem a chegada de Biezanko, como existe para as autoridades supramencionadas, apenas o registro de entrada no passaporte, junto ao consulado brasileiro em Posadas. Este fato é curioso, já que Biezanko deveria ter algum prestígio em função da sua bagagem e capital social e cultural, quiçá o fato de vir com animosidades da Argentina ou ser pouco “conhecido” no outro lado da fronteira, tenha sido importante para sua entrada “anônima”, por isso não sabemos em quais condições chegou e qual sua recepção. Podemos inferir que Biezanko desde muito cedo começa suas ações, ajudado por uma série de lideranças locais e em especial pelo padre Jan Wróbel, quem teria contribuído para sua vinda²⁴¹.

Figura 4 - Ceslau Biezanko Aluno da Universidade Jagiellônica em Cracóvia (1920).



Fonte: Acervo privado de Edmundo Gardolinski

²⁴⁰ Como era conhecido o Embaixador.

²⁴¹ Entrevista Z.K. (agricultora aposentada, 72 anos).

O cientista também prossegue na pesquisa com suas borboletas e mariposas pelos rincões da colônia, estranhando a população local, que o apodava de “caçador de borboletas”²⁴². Na verdade, quase todos os entrevistados lembraram ou destacaram esta sua característica, um deles, W.L. (caminhoneiro aposentado, 94 anos), lembra que na primeira passagem de Biezanko em Guarani, ele o acompanhava junto a outros meninos para buscar suas borboletas pela cidade e recorda da metodologia de trabalho do cientista: “aos onze anos, e eu ajudava o; [...] ele pegava a gurizada, o Biezanko, e nós saíamos a pegar borboletas [...]. Então ele tinha as borboletas, assim, ele tinha um quadro e ia botando-as, com uma agulhinha que ele tinha; um alfinete, e assim ia botando” [...] identificando que “Aí nós íamos toda a costa do Rio Comandai”²⁴³.

Outros destacam suas passagens posteriores em meados da década de 1970, quando descia ao rio, com suas aparelhagens estranhas para os colonos, seus instrumentos de caça e coleta dos animais, além das notas de identificação, as quais eram vistas com desconfiança ou de maneira chistosa²⁴⁴, “*Nós, como éramos crianças, o chamávamos o Homem das Borboletas não é?*” (E.W., dentista aposentado, 78 anos) ou C.B. (agricultora aposentada, 78 anos) “*Eu só ouvia dizer que ele gostava de caçar borboletas*”. Passava horas perseguindo as lepidópteras pelos brejos da cidade, desde muito próximo de sua chegada, por exemplo no verão de 1931, diante de um sol ardente num dia límpido na então chamada Guaramano, passou horas capturando e observando aqueles animais, sendo milhões os observados e dezenas capturados de ambos os sexos²⁴⁵, dos quais muitos foram parar nas suas coleções. Miguel Wastowski chega a

²⁴² Chegou em 1932 entre outubro e novembro a fazer uma excursão de caça à lepidópteros em Santa Catarina e Paraná. (BIEZANKO, Ceslau. *Dois meses de caça Lepidopterológica nos arredores de Porto União e União da Vitória, em outubro e novembro de 1932*. Pelotas: Livraria do Globo, 1938). Cf.: Folha da Produção, Cerro Largo, 1970.

²⁴³ Entrevista com W.L. (caminhoneiro aposentado, 94 anos)

²⁴⁴ Entrevista com A.W. (supervisor de produção aposentado, 64 anos): “*A única coisa que eu lembro, é que ele aparecia com uma mala desse tamanho, trazia aquele equipamento dele, que era tipo um guarda-chuva, ele catava, principalmente de manhã cedo assim, as borboletas; o que aparecia ele catava tudo. E assim da lembrança dele, o que eu tenho assim: era um homem de óculos; não muito grande assim, meio baixote; de óculos assim; careca. Sabe que naquela época eles não davam muita chance para a gurizada se meter [...]*”.

²⁴⁵ Cf.: BIEZANKO, Ceslau M. Apontamentos sobre as migrações e invasões de lepidópteros observados no Brasil (Rio Grande do Sul) e no Uruguai (1930-1950).

afirmar que “muitas vezes [...] andei pelo mato junto com o Prof. Biezanko, caçando borboletas e besouros”²⁴⁶, ou Krawczyk (2003, p. 256) ao colocar que

Uma vez convidei o professor para a casa. [...]. Alguns nos olhavam com certa curiosidade, pois carregávamos nos ombros as redes para apanhar borboletas, isso não era visto diariamente por estas bandas. [...]. Depois do almoço fomos para o campo, onde numa baixadilha circundada por milho crescia uma verde e suculenta e justamente então florida alfafa. Sobre ela pairava uma nuvem de borboletas, pequenas e grandes, vermelhas amarelas, alaranjadas, violetas e de muitos formatos. Pensei que nós íamos caçar até enjoar, mas Biezanko arrefeceu a minha ideia. Eram pois variedades um tanto comuns e ele precisava para suas coleções apenas variedades raras. Pai acompanhava com o olhar e mordida os lábios quantas vezes nós entrávamos na alfafa. Era bastante valioso pasto para o cavalo para destruí-las sem um motivo sério e isso o pai não percebia²⁴⁷.

Interessante notar que Biezanko era conhecido pela palavra “Profesor” (mais utilizado para professores universitários) nos textos citados e não “nauczyciel” (professores primários), isto poderia demonstrar que os colonos e habitantes de Guarani o compreendiam possivelmente como alguém de grande cultura e/ou reconheciam sua atuação como professor universitário na Polônia e Curitiba, fator garantidor de certo respeito. Na passagem, o autor chega a se impressionar pelo fato de que Biezanko interrompia conversas para ver borboletas que passavam, desta maneira, seu olhar clínico e treinado para lidar com os lepidópteros foi a característica que marcou este cientista nas mentes de boa parte dos habitantes da cidade.

3.2. O incentivo à produção das novas variedades de soja

A introdução das sementes, seja da soja, seja dos outros produtos incentivados, foi um processo de convencimento e de trabalho conjunto de Biezanko, padres,

²⁴⁶ Folha da Produção, 1978.

²⁴⁷ Kiedyś zaprosiłem profesora do domu. [...] Niektórzy przyglądali się nam z zaciekawieniem, ponieważ nieśliśmy na ramionach ssiatki na motyle, a to nie był codzienny widok w tych stronach. [...] Po obiedzie wybraliśmy się na pole, gdzie w dolince otoczonej kukurydzą rosła zielona, soczysta i akurat kwitnąca alfafa (lucerna). Unosiła się nad nią cała chmara motyli, małych i dużych, czerwonych, żółtych, ceglanych, fioletowych i w różne wzorki. Myślałem, że będziemy łapać niemal do znudzenia, ale Biezanko ostudził mój zapał. Były to zbyt pospolite gatunki, a on potrzebował do swoich zbiorów tylko wyjątkowych okazów. Ojciec odwracał wrok i zaciskał usta, ile razy wchodziliśmy w lucernę. Była to zbyt cenna pasza dla konia, by ją niszczyć bez ważnego powodu, a takiego ojciec nie dostrzegał.

intelectuais e alguns colonos, os quais promoveram tentativas, que lograram um curto êxito, isto posto, os fatos delineados ao longo da presença do cientista na colônia conformaram uma realidade, a qual cabe-nos agora relatar e analisar.

Quando estive na Argentina, Biezanko cumpriu o papel de tentar desenvolver o ramo educacional e econômico da região de colonização polonesa em Misiones, para além do mencionado no primeiro capítulo sobre o curso de professores, também instituiu o cultivo de diferentes produtos, dentre eles, o da soja. Do mesmo modo ele procedeu quando no Brasil, na colônia Guarany, mas agora, com a ajuda do clero e com maior apoio para difundir as sementes e as informações. Não foi apenas a soja, mas outros cultivos foram desenvolvidos entre os poloneses por Biezanko, na verdade a lista é imensa, se estendendo desde leguminosas até orquídeas, entre muitas outras, propondo, além disso, ideias para a pecuária e tratamentos químicos do solo, entre outros. A introdução das variedades de soja recebeu mais destaque em função do posterior *boom* do produto na década de 1950 em diante.

Como cientista e entendedor das dinâmicas de diferentes culturas agrônômicas, Cezlau Biezanko tinha ideias de modernização e desenvolvimento de produtos agrícolas, como ilustra Krawczyk (2003, p. 257-258), num diálogo de Biezanko com seu pai, Michal:

- Pelo que eu vi, se deduz que vocês tem tendência aqui, antes de tudo, para a criação. [Disse Biezanko]
- Mas tudo se ampara nos porcos. Toda essa lida no campo é apenas para garantir a comida dessa corja que grunhe. Se não fosse a crise que nos persegue já há alguns anos, os colonos fariam um bom dinheiro com a banha. E agora, se entra algum troco maior, é justamente pela banha. Os preços pelo trigo e pelo milho são ridículos, e o feijão nem os porcos querem comer. Galinhas e ovos tem que entregar de graça. O gado de corte não vai. E cavalos? Isto aí é negócio para fazendeiros que tem grandes áreas de estepes.
- A única saída seria passar para uma outra cultura – citou Biezanko, quando o pai terminou a sua fala. – Vocês aplicam métodos um tanto envelhecidos, como por exemplo a queimada. O fogo destrói os microorganismos da terra e empobrece o solo. Nenhum de vocês lê literatura profissional (agrícola) e também não segue as conjunturas econômicas.
- O senhor está falando inteligentemente, mas é preciso esclarecer primeiro o agricultor e também dar-lhe a devida imprensa [leituras e periódicos], porque isso que nos chega de Curitiba toca em assuntos pouco interessantes e são geralmente fofoquinhas ou moralidades.

- É culpa dos leitores, porque não se esforçam junto aos editores de jornais por teores de maior valor?²⁴⁸

De acordo com o que podemos analisar da citação, se concordarmos com o que afirma o autor, Biezanko demonstrava ter preocupação com a condição dos agricultores poloneses e procurava entender sua situação para então atuar com seus conhecimentos, partindo de um paradigma científico moderno visando à reforma da sociedade. Conforme a passagem acima, entendemos que a criação de porcos e a venda de banha era um ingrediente importante da economia colonial no Rio Grande do Sul, ainda mais na colônia polonesa, assim havia prejuízos em razão de resquícios da crise de 1929 e da regulação dos preços impostos pelos “vendedores” e comerciantes, os quais pagavam pouco pelos produtos, incluindo nesse controle dos valores comerciais, o milho e o feijão, também importantes, além disso, a pecuária (em maior escala) era algo visto como ligeiramente distante das possibilidades dos colonos, os quais criavam poucos animais, é justamente neste momento que Biezanko surge com seu papel de cientista, buscando informações da situação dos seus compatriotas e capaz de propor leituras e novas culturas para melhorar as condições dos colonos.

Michał Krawczyk também menciona as “leituras” provindas de Curitiba, as quais não seriam as ideais para o desenvolvimento rural, ao que Biezanko responde indicando a necessidade de buscar melhor literatura, entretanto, a produção de periódicos polono-brasileiros na capital paranaense era grande e permitia a expansão através de padres e instituições para outras colônias essencialmente polonesas em todo sul do Brasil. No Paraná (POTOPOWICZ, 1936), há reclamações de que o grande

²⁴⁸ -Z tego co widziałem, wynika, że nastawieni tu jesteście przede wszystkim na hodowlę.

- Ano, wszystko opiera się na świni. Cała ta harówka na roli to tylko po to, by zapewnić żarcie tej kwiczącej zgrai. Gdyby nie kryzys, który nas prześladowa od kilku lat, koloniści dorobili by się na smalcu niezłych fortun. I teraz, jeśli wpadnie jakiś większy grosz, to właśnie za smalec. Ceny na pszenicę i kukurydzę są wprost śmieszne, a fizonu nawet i świnię jeść nie chcą. Kury i jaja oddaj choćby za darmo. Bydło rzeźne nie idzie. A konie? To interes dla fązenderów, posiadających obszerne przestrzenie stepowe.

- Jedyne wyjście to przestawienie się na inną kulturę – rzekł Biezanko, kiedy ojciec skończył swój wywód. – Stosujecie zbyt przestarzałe metody, na przykład palenie krzaków. Ogień niszczy mikroorganizmy znajdujące się w ziemi i zubaża glebę. Nikt z was nie czyta pism fachowych, nie śledzi koniubktur gospodarczych.

- Mądrze pan mówi, tylko rolnika wpieryw należy oświecić, dać mu też odpowiednią prasę. To, co dociera po nas z Kurytyby, dotyczy spraw mało istotnych, są to głównie ploteczki albo morały.

- To wina czytelników. Dlaczego nie domagają się od wydawców gazet wartościowszych treści?

obstáculo para o desenvolvimento da agricultura seria justamente a falta de publicações científicas e de experiências educativas nas regiões próximas, para os poloneses locais a literatura brasileira lidaria apenas com as culturas que têm maior importância para o país como café, cacau, etc., cultivadas em estados do norte e centro, assim, começaram a partir deste momento a produção de obras especializadas.

Posteriormente, Biezanko ajudará na constituição de associações polonesas, organizações agrícolas, escolas, imprensa, distribuição de produtos, difusão de técnicas e conhecimentos (através de artigos e periódicos) com o objetivo de melhorar a vida cultural e material dos colonos, tanto que Krawczyk soma: “Biezanko nos mostrou a visão da economia conduzida pelos poloneses no Brasil. Segundo ele, os patrícios tem que cuidar da sua honra. São trabalhadores isto é verdade, mas tinham que ser também exemplo de progresso na agricultura [...]”²⁴⁹, tais assertivas remetem à noção de honra étnica de Max Weber, que é a “honra específica das massas por ser acessível a todos os que pertencem à comunidade de origem subjetivamente imaginada” (1994, p. 272), uma convicção na excelência dos próprios costumes e da inferioridade dos alheios, fator contribuinte e muito frequentemente utilizado como meio de estimular as mudanças entre os poloneses, mediante a comparação com os alemães e italianos.

Por estas razões que em 1931, quando chega no Brasil, Biezanko teria trazido consigo 2,5 kg²⁵⁰ de soja para distribuir entre os camponeses poloneses de Guarani das Missões, a fim de difundir a cultura, asserção baseada nas fontes que analisamos no capítulo 2 de diferentes periódicos, documentos oficiais, entrevistas e biografias elucidativas da participação do cientista na condução de introdução das sementes e promoção do cultivo.

Em entrevista ao Cotrifatos²⁵¹ de Cerro Largo em 1978, Biezanko, retomando algumas informações, afirmou: “Eu trouxe comigo dois quilos de soja, da variedade Laredo, que havia ganhado do meu amigo, professor Muchinski (Muszynski). Distribuí

²⁴⁹ Biezanko ukazał nam wizję gospodarki prowadzonej przez Polaków w Brazylii. W jego mniemaniu rodacy muszą zadbać o swój honor. Są pracowici, to prawda, ale powinni też być przykładem postępu w rolnictwie [...].

²⁵⁰ A quantidade de sementes é discutível, o próprio Biezanko varia nas indicações, mas sabemos que foi uma pequena quantia experimental. Cf.: Carta de Ceslau Biezanko endereçada a Tadeu Hamerski, 1976.

²⁵¹ Jornal da cooperativa tritícola de Santa Rosa, Cotrisa.

esses dois quilos depois de haver fundado a União das Sociedades Agrícolas [o *Centralne Towarzystwo Rolnicze* (CTR), o qual aprofundaremos posteriormente], que era composta por 16 “linhas” que aqui existiam”, portanto, os contatos pessoais logo aparecem como elementos preponderantes para a introdução do produto, posto que, primeiro, as relações científicas e, como afirma o Biezanko, de amizade na sua terra natal, proporcionaram a obtenção das sementes de uma variedade específica, a Laredo. Logo, sendo fundamental também a rede de distribuição conformada através da fundação da União das Sociedades Agrícolas, a qual envolveu uma gama de pessoas bastante grande e permitiu o acesso aos produtos e ao conhecimento técnico.

Em texto de 1958, Biezanko destaca que “A soja pode ser plantada com outras plantas, principalmente o milho. Assim plantavam em Guarani das Missões (Est. Rio Grande do Sul) os agricultores srs. Francisco Grzesiuk e Francisco Wasilewski, obtendo ótimos resultados”, provavelmente, estes os pioneiros do cultivo na colônia e/ou os de maiores sucesso, mas também, possíveis predecessores de Biezanko tal e qual examinamos no capítulo anterior.

Como qualquer inovação/novidade no meio conservador camponês, notoriamente, a soja não foi aceita sem resistências, visto que percebemos o quanto os colonos são camponeses em geral restritos a mudanças e inovações (CHAYANOV, 1974), de acordo com o equilíbrio *demandas familiares-trabalho*, assim sendo, a soja enquanto uma tarefa “a mais”, que exigia esforço na plantação, colheita e trilhagem, além do posterior beneficiamento (necessitava de tecnologia específica para extração do óleo, por exemplo), poderia não trazer resultados suficientes que compensassem o emprego da força de trabalho, mesmo que haja relatos de que houvesse um conhecimento prévio do produto na região e entre alguns agricultores²⁵². Obrigava a mudanças de práticas longevas, retornando a um esquema inicial de experimentação, como Roche propusera diante das fases de desenvolvimento agrícola colonial. Para Krawczyk “O colono assustava-se em romper com a tradição, pois imaginava que cada

²⁵² Malczewski e Wachowicz, (2000); Cartas de Kurylo para Gardolinski, 1958, 1966; WOJCIK, Jan. 1966.

novidade trazia consigo a incerteza e risco”²⁵³. Como colocou Cybulski nos anos 1930 para o caso dos poloneses paranaenses: “A passagem ao cultivo de novos produtos vai requerer um trabalho [...] mais intensivo, dado que simultaneamente será necessário convencer as pessoas e ensina-las a cultivar, como também criar novas empresas de transformação a fim de assegurar a sua venda” (1980, p. 206).

“Não foi fácil convencer os colonos, convencidos de si e de suas plantações, e desconfiados das novidades” (BIERNASKI, 2003, p. 49). Primeiramente, houve uma suspeição geral, segundo Biezanko “eles [os colonos] duvidavam, duvidavam muito. Mas é preciso compreender que o colono tem uma mentalidade muito especial. E com o tempo se convenceram que dava lucro essa sementinha. Mas precisei ficar três anos em cima deles, ensinando, convencendo”, já Wachowicz e Malczewski apontam que (2000, p. 36), “os colonos poloneses não queriam acreditar que, de uma semente redondinha como é a soja, fosse possível extrair queijo, manteiga, óleo, farelo, adubo, etc. Consideravam isso uma história de fadas”, mesmo assim, plantaram alguns punhados para experimentar. Depois Krawczyk (2003, p. 262) reforça “Ninguém na verdade acreditava que das sementes desta planta se pode produzir leite, manteiga, queijo ou óleo. Era tido como anedota, mas alguns agricultores decidiram experimentar e plantaram alguns punhados”, contudo, “de início parecia-lhes um feijão comum pior que o feijão preto [...]”²⁵⁴.

Somada ao conservadorismo camponês, o fato de ser um “desconhecido”, “de fora” do contexto camponês da região, onde o interconhecimento era fundamental, bem como as relações sociais de amizade e parentesco, sempre havia “um pé atrás” com relação ao cientista, mesmo que outros rapidamente o receberam com afeição²⁵⁵, segundo Z.K. (agricultora aposentada, 72 anos), “até o meu pai²⁵⁶ não gostava muito do Biezanko, eu não sei por que motivo, e a minha mãe gostava!”. Como Biezanko chegou

²⁵³ Kolonista jednak lękał się zerwania z tradycją, albowiem wyobrażał sobie, że każda nowość niesie niepewność i ryzyko.

²⁵⁴ Nikt wprawdzie nie wierzył, że z nasion tej rośliny da się wyprodukować mleko, masło, ser czy olej. Uznawano to za bajkę, ale kilku rolników postanowiło spróbować i posiali po kilkanaście garści. [contudo] Początkowo wydała się im zwykła fasola, gorsza od fizonu, później się okazało, że stanowi jedno z poważnych źródeł dochodu Brazylii.

²⁵⁵ Entrevista com E.H. (curtidor aposentado, 87 anos) e C. B. (agricultora aposentada, 78 anos).

²⁵⁶ Paulino Hamerski.

a afiançar, “todos me diziam que aquele feijão japonês não valia nada. Perguntava se já tinham tentado plantar e ninguém se convencia”, tendo de “arregaçar as mangas e fazer leite, margarina e até pão”²⁵⁷.

Não podemos esquecer que na atividade agrícola, apesar das resistências dos camponeses, é constantemente permeada de novidades e inovações, para Ploeg (2004) a história da agricultura é a história da produção de novidades (*novelty production*), sendo um elemento intrínseco à atividade. Existem diferenças entre estes termos *novidades* x *inovações* com relação às articulações do meio rural, como coloca Schneider (2011, p. 21), as novidades são mudanças radicais, que emergem no nível local e muito específicas produzidas no contexto das atividades produtivas e com base no conhecimento e capacidade dos agricultores de utilizar e selecionar informações e tecnologias produzidas externamente adaptando ao contexto, compostas assim internamente, como por exemplo, a organização dos agricultores. Já as inovações são constituídas a partir do modelo linear de produção de conhecimentos, troca de informações entre pesquisadores, extensionistas e agricultores, ou seja, vem de fora do local de aplicação.

A produção de novidades “focaliza o processo de inovação e produção de conhecimentos na agricultura como resultado do processo de busca de soluções viáveis aos problemas diários com que os agricultores se defrontam e para os quais procuram criar e inventar novas e melhores maneiras de otimizar o uso dos recursos”, assim sendo, o inventar não é fruto apenas da introdução de tecnologias ou conhecimentos produzidos externamente, o que pode acontecer, mas também um trabalho de ajuste às condições internas ao processo produtivo ou relativas aos mercados, uma nova maneira de fazer e pensar, “nesse ajuste, tanto o conhecimento técnico e científico, produzido externamente, como o conhecimento tradicional, corriqueiro e contextualizado, podem ser utilizados. É por intermédio desse diálogo da interação entre os saberes e técnicas que novidades são produzidas” (SCHNEIDER, 2011, p. 200). Sendo assim, dependem de um contexto e tempo específico, pois fazem parte de um processo altamente localizado e não necessariamente o que foi empregado em um lugar vai aparecer ou ser

²⁵⁷ Zero Hora, 04/05/1984.

útil em outro, já a inovação surge como um padrão podendo utilizar as novidades produzidas. Para Ploeg (2004, p. 12)

através da história agrícola novidades emergentes têm sido exploradas por serviços de extensão, os cientistas individuais e/ou serviços do Estado. Eles tem alimentado essas novidades, extraindo das suas particularidades de tempo e espaço, testando-as e, se possível, melhorando, de modo a fazer uma maior divulgação possível²⁵⁸.

O fato é que as novidades e inovações são complementares (PLOEG, 2004, p. 12), tanto que podem ser intercambiadas, a fim de produzirem os melhores resultados, mas apenas as inovações podem mudar o sistema vigente, enquanto as novidades não. Biezanko utiliza seu conhecimento acadêmico e traz produtos novos com métodos estudados previamente para dentro de uma comunidade específica em outro país, aparentemente, temos os elementos para entender o processo enquanto uma inovação, contudo, no diálogo com os agricultores e a partir de experiências de produção, podemos perceber uma interação que produz novidades, inclusive, tecnologias rústicas para trilhagem e beneficiamento dos produtos introduzidos, outrossim, se é verdade que os colonos tinham um conhecimento prévio da soja, podemos concluir que o cultivo envolveu fundamentos externos e internos, os quais culminaram na produção de novidades. Posteriormente em seus textos, os resultados obtidos por Biezanko serão divulgados como inovações, as quais serviriam para o nível nacional com muitas potencialidades. Por outro lado, a organização dos agricultores pode ser claramente categorizada como novidade, ainda que envolvesse como veremos o modelo “de fora” trazido pelo cientista.

Se os regimes agrícolas são permeados por produções de novidades e, eventualmente, pela introdução de inovações, inicialmente, como vimos as propostas de Biezanko eram minimamente estranhas ao local onde seriam aplicadas, de forma que, pelo menos, foram percebidas como algo fora de contexto. Não podemos esquecer, para

²⁵⁸ Tradução: through agricultural history emerging novelties have been explored by extension services, individual scientists and/or state services. They have nurtured these novelties, unpacking them from the particularities of time and space, testing them and, where possible, improving them so as to make further dissemination possible.

além das peculiaridades camponesas, as características específicas dos imigrados poloneses, segundo Wachowicz (1974, p. 89)

O camponês polonês sofrido e explorado, outrora pela nobreza de sua própria nação, e após a perda da independência sobretudo pelos ocupantes, passou a ser um indivíduo socialmente arreado. O contato com pessoas de condição social superior à sua, era suficiente para que intimamente as repelisse e deixasse de confiar nas suas palavras. Qualquer pessoa bem trajada que aparecesse na aldeia era logo taxada de “varsoviana” ou de “szlachcic” ou seja, membro da nobreza. Nestas circunstâncias, todo o entendimento entre as partes se manifestava;

Se somarmos, e então, as especificidades do camponês polonês ao problema da introdução de uma novidade como o soja, há também o fato de que segundo Wachowicz (1981), os intelectuais não eram bem vistos pelos colonos poloneses, uma vez que vinculariam esta condição a algo senhorial, ou seja, teriam constituído uma noção de refração ao mundo urbano e as pessoas melhor posicionadas socialmente, inclusive comerciantes²⁵⁹. Ceslau Biezanko como cientista e professor era um destes membros de um grupo de classe alta polonês, facilmente confundido com um elemento da nobreza, já que era parente de famílias tradicionais da intelectualidade da Polônia, e se os descendentes dos primeiros imigrantes poloneses mantiveram a tradição de seus antepassados, é correto conjecturar que o agrônomo tenha sofrido com a desconfiança dos colonos também por esta razão, assim, teve de buscar alternativas para adentrar o círculo social camponês polonês de Guarani das Missões, como vamos evidenciar²⁶⁰.

“Colonos poloneses, no norte da Argentina (Misiones) e nos estados do sul do Brasil, estão levando cultivo hábil de soja, sem dúvida, importante fonte de novas

²⁵⁹ Desde a Polônia novecentista, se criou um sentimento de refração ao comércio e ao urbano no camponês. Acostumado a um regime de servidão, por séculos interpretava o comércio como algo dos judeus, a muito explorando esta atividade naquele país. Somado a isto, o afastamento da vida urbana, segundo Wachowicz (1972, p. 88) é muito em função da exploração que os camponeses poloneses sofreram diante da nobreza e depois dos invasores estrangeiros, fatos que criaram um ser arreado, principalmente com relação a qualquer pessoa de condição superior a sua.

²⁶⁰ Sobre as dificuldades de introdução de novidades/ inovações nas comunidades polonesas, podemos observar o caso apresentado por Kojrowicz (2002) sobre os galicianos em Misiones. A autora explica como foi a introdução dos arados de ferro (depois inseridos no Brasil pelos mesmos colonos poloneses) no século XIX nas aldeias galicianas, quando o medo de sulcar o solo com o ferro clamava o medo de uma vingança da terra através de uma má colheita. Soma que outras máquinas sofreram o mesmo processo de resistência inicial, tal e qual descrito por Chayanov.

receitas e prosperidade futura”²⁶¹, como o relato no periódico *Nasza Praca* de dezembro de 1933 demonstra, uma das ideias que Biezanko tinha do produto em 1933 quando promoveu o cultivo junto aos colonos era a sua potencialidade, ou seja, que ela seria capaz de garantir rendimentos futuros como havia escutado de seu professor e amigo, Muszynski.

Após o longo convencimento e a fundação das instituições, Biezanko conseguiu efetivamente um cultivo mais ou menos intensivo da soja e algumas outras culturas na região. De acordo com Gil (2003, p 32) “As primeiras colheitas de soja em Guarani, provavelmente nas décadas de 1930 e 40, foram destinadas a alimentação dos suínos, já que não se percebia ainda a utilidade comercial do produto. Esta observação foi feita por vários entrevistados, narrando experiências de famílias das mais diversas origens”.

A soja teve remessas posteriores da Polônia²⁶² muito provavelmente através das redes científicas de Biezanko e, segundo sua afirmação: “várias pessoas, mais ou menos 12, receberam sementes daqueles dois quilos que eu havia trazido da Polônia” e várias famílias da colônia de Guarani das Missões perceberam uma pequena quantidade do produto, dentre elas: “Wasilewscy, Ossowscy, Hamerscy, Karnikowscy, Bieskowscy, Grzesiukowe, Celmarowe, Waśniewscy, Gąsiorowscy, Kuryłowe, Krawczykowe, Kaminsky, Przyczyńscy, Wastowscy, Chmielewscy, Obadowscy, Waśkiewscy, Korzekwy” [*sic*]²⁶³, este número de famílias aumentou depois, com redistribuições, cita Biezanko também Polanczyk, Wachileski (provavelmente Wasilewski), Karpechowski, Wichiniewski, Zelmer e Kowalczuk (*sic*), estas são possíveis famílias que tiveram indivíduos ligados direta ou indiretamente à rede conformada por Biezanko, com laços mais fortes ou mais fracos, das quais destacamos os Wasilewski, Kurylo, Wastowski, Krawczyk e Wisniewski como recorrentes.

A lista, contudo, não esgota os possíveis laços que o professor erigiu na colônia e fora dela, alguns possivelmente incluídos na rede de sociabilidade preexistente centrada no padre e outros assomando após a fundação das instituições e associações

²⁶¹ Polscy koloniści w północnej Argentynie (Misiones) i w południowych stanach Brazylii prowadząc umiejętną uprawę soi znajdują niewątpliwie nowe źródło poważnych dochodów i przyszłego dobrobytu. *Nasza Praca*, dezembro 1933. Texto *O pożytkach z soi* de Biezanko.

²⁶⁴ Cotrifatos, 1978.

²⁶⁴ Cotrifatos, 1978.

pelo cientista, irradiadores de sociabilidade, que propiciaram uma extensão dos seus laços pessoais, aparecendo importantes personagens ocupando cargos na administração daquelas instituições, desde colonos até destacadas lideranças letradas na comunidade, seja na sede, seja nas linhas, sendo muitos aparentados. Quanto à planta leguminosa, segundo Clemente Warpechowski, “o professor Biezanko se encarregou de explicar aos que plantaram a soja pela primeira vez que esse era um produto desconhecido, que dificilmente poderiam colocá-lo no comércio de início”, contudo “eles [os plantadores] não perderiam, pois “a soja que substitui o milho”, dizia ele, “é como forragem”.²⁶⁴, assim, demonstrou as potencialidades através dos seus textos e das possibilidades de beneficiamento ao fabricar óleo, manteiga, leite, pão, entre outros.

Os círculos agrícolas (*kolko rolnicze*) das “linhas”, o CTR e a escola agrícola, instituições conformadas a partir de Biezanko, se encarregavam de juntar fundos e distribuir sementes aos agricultores inscritos, funcionando como uma rede de difusão de produtos, assim a capacidade de organização criada por Biezanko e pelos professores e lideranças locais permitiu a propagação dos cultivos, como corporifica o caso da linha Barreira, onde existia um círculo agrícola coordenado por Jan Krawczyk, Waclaw Warpechowski e Jan Obadowski, que divulgavam no periódico *Odrodzenie* (Renascimento) sobre um “registro que em breve haverá da soja”, da qual “muito se interessaram”²⁶⁵, ou seja, permitia que os colonos se inscrevessem a fim de receberem as sementes demonstrando posteriores redistribuições por parte das instituições agrícolas vinculadas a Biezanko, as quais possibilitavam o contato dos colonos com as sementes de soja desde que estivessem devidamente registrados, apesar disso, tais registros em boa medida se perderam ou foram extraviados ao longo do tempo.

Inicialmente o comércio era o grande problema, segundo Biezanko, “vender a soja era muito difícil e só mais tarde, graças às primeiras extrações de óleo, os colonos conseguiram vender suas colheitas”²⁶⁶. Em 1934 já havia uma produção boa de grãos de soja, sendo o primeiro comprador Frederico Ortmann, que tinha um supermercado em

²⁶⁴ Cotrifatos, 1978.

²⁶⁵ Koloniści prawie wszyscy podani do rejestru cieszą się że wkrótce otrzymają soję, która bardzo się interesują.

²⁶⁶ *ibden*.

Giruí²⁶⁷ e chegou a pedir a opinião de Biezanko, o qual afirmou que este deveria investir na busca de mercados para a soja.

Miguel Valeriano Wastowski, colono nascido em Guarani das Missões (linha Bom Jardim) em 1911, foi um dos que plantou 400 gramas do feijão soja em 1932, segundo ele “na base da enxada”, entusiasmado com o professor Biezanko, “como não conhecia bem o novo produto, colheu-o um pouco antes do tempo, dando-lhe muito trabalho para debulhá-lo e secá-lo. Colheu cerca de 4 sacos”, contudo, foi até Cerro Largo, colônia alemã vizinha e não tendo encontrado mercado para o produto, pois ninguém conhecia aquelas sementes, confundidas com ervilhas, amaldiçoou chamando de “carrapicho”, “peste”, “veneno” e jogou tudo num riacho. Anos depois, em 1934, plantou novamente para o pasto e de 1938 em diante, para a venda, sendo o primeiro agricultor na época a adquirir uma trilhadeira de soja²⁶⁸, de acordo com o Cotrifatos de 1978. Ajudou na divulgação do produto, tanto que segundo um dos entrevistados o senhor A. A. (agricultor aposentado, 62 anos), ele passava nas casas para estimular a inovação, fato ocorrido alguns anos depois da passagem de Biezanko.

Segundo o relato dos entrevistados, a soja no princípio crescia e rendia muito mais que as sementes atuais, até porque a terra era mais fértil, posto que o produto absorvia os nutrientes que as outras plantas não utilizavam. Para A.W.K. (agricultora aposentada, 75 anos) os pés de soja “davam até sombra”, já para J.K. (agricultor aposentado, 80 anos) tratando de alguns anos depois da passagem de Biezanko indica

os troncos cresciam mais grossos, e plantava ralo, era um grão, dois grãos, na cova, três grãos já era bastante. Aí ela crescia... Forte. Aí depois inventaram de botar mais, na cova, e plantar mais junto, então aí já ela não crescia tanto. [...] Ah produzia, produzia. Qualquer pedacinho assim rendia assim, já não era igual à agora. [...] Mas eu sei que uma vez eu plantei – também plantei – pouco na cova, três, quatro, então eu tirei de três latas setenta sacos de soja. De três latas. [...] era soja. Aí a vizinhança – era uma variedade nova – aí plantava no meio do milho, e aí a vizinhança pegou sementes, para o outro ano já não deu quase nada. Mas o primeiro ano eu colhi [...].

²⁶⁷ Cidade vizinha a Guarani das Missões.

²⁶⁸ Equipamento, na maior parte das vezes, de construção artesanal, originalmente utilizado para separar a semente da palha depois da colheita, ou seja, debulhar a planta.

Para Biezanko (1958, p. 9), dependendo da variedade a soja crescia de 60 cm a 1 metro no começo, o mesmo válido para o rendimento, posto que oscilava entre 60 quilos por semente, ou entre 1200 e 2000 kg por hectare (BIEZANKO, 1958) pois existiriam 2000 variedades do produto, sendo 12 introduzidas pelo cientista polonês em Guarani (BIEZANKO, 1964). O preço da semente no Brasil, segundo o professor polonês, naquele período oscilava entre 15 e 18 mil réis, sem especificar a quantidade²⁶⁹.

O cultivo inicial permitiu a plantação em uma escala considerável, geralmente associado ao milho, principal produto colonial. A produção permitia não apenas a venda, mas também o consumo interno das mais variadas maneiras que apregoava Biezanko, pão, manteiga, óleo, substituto para carne, café, forragem, etc. Apesar de tudo, a soja foi, conforme Krawczyk, um produto de segundo interesse na colônia, todavia foi aquele que teve maior repercussão em razão da importância econômica que a soja vai adquirir, principalmente no Planalto gaúcho nas décadas seguintes.

Biezanko foi responsável por outras novidades e inovações naquele contexto camponês, introduzindo muitos outros produtos. Segundo Krawczyk, “As experiências com o cultivo do linho começaram bastante prósperas. [...]. Depois de um certo tempo surgiram os tecidos de linho dos quais eram costurados trajes modernos de verão”, outro produto foi, de acordo com o autor, “o sorgo [que] deu certo e alguns dos colonos embelezaram os pátios e jardins com carreiras de chá chinês. Tinham plantações de cebola, plantavam-se novas variedades de batatas e foi melhorada a raça dos porcos...” (2003, p. 262)²⁷⁰, além dos bichos-da-seda, que seria o principal produto.

Como um especialista em lepidópteros, Biezanko conhecia de alguma maneira aqueles animais, uma espécie de lagarta de mariposa, e tentou estabelecer um meio de criá-las em cativeiro na colônia. Inicialmente, “as pessoas pouco acreditavam que as borboletas podem fabricar seda”²⁷¹ (2003, p. 261), isto é, assim como a soja,

²⁶⁹ *Lud*, 07/03/1934.

²⁷⁰ Próby z uprawą lnu zaczęły się niezbyt pomyślnie. [...] Po pewnym czasie ukazały się lniane płótna, z których szyto modne letnie ubrania.

Przyjęło się sorgo, niektórzy z kolonistów upiększyli podwórka i ogrody szpalerami krzewów chińskiej herbaty. Były plantacje cebuli, sadzono nowe odmiany ziemniaków, uszlachetniono rasę świń...

²⁷¹ Początkowo ludzie niedowierzali, że motyle mogą wytwarzać jedwab.

encontraram as mesmas resistências e houve um processo de convencimento, sendo “o precursor na área da sericicultura em Guarani das Missões [...] Szczepan Wisniewski, presidente do círculo agrícola”, amigo de Biezanko e aquele que teve um relativo sucesso no empreendimento. Para Krawczyk “[Wisniewski] talvez quisesse encorajar outros ou talvez pela idade, queria romper com a agricultura e atirou-se nos “bichinhos-da-seda” apostando que trabalhar com eles seria mais leve”²⁷² (2003, p. 261), assim, os ideais de Biezanko para melhorar as condições materiais dos colonos avançaram para além da agricultura e da tentativa de inserção de novas e melhores sementes, mas para o desenvolvimento de áreas distintas e, em certo sentido, pioneiras.

Wisniewski alugou uma casa por alguns meses e transformou-a em um criatório de lagartas. Fez as prateleiras em quatro cômodos e “distribui nelas os papelões com os ovos em embalagens especiais, distribuiu água para manter a umidade e – esperava”, depois “num certo dia Wisniewski percebeu que nos papelões começou um movimento. Correu até Biezanko para comunicar-lhe a novidade na volta viu que na casa tinha uma multidão de gente observando os papelões”²⁷³ (2003, p. 261), posteriormente para Wisniewski começou uma verdadeira labuta talvez mais pesada do que em comparação com a lavoura, os animais se reproduziam rápido, e o agricultor não dava conta do recolhimento dos dejetos e da infraestrutura para aguentar o seu crescimento.

Apesar de tudo, a criação de bichos-da-seda provocou um vivo interesse da sociedade local. Acharam-se alguns amadores prontos para seguir os passos do Wisniewski a partir deste ponto os deteve Biezanko, explicando que primeiro deveriam plantar bastante amoreiras, pois o bicho-da-seda sem o devido alimento não produz nada. Desandaram-se então a plantar e foi o primeiro sucesso do círculo agrícola.(2003, p. 261)²⁷⁴

²⁷² Prekursorem w dziedzinie jedwabnictwa w Guarani okazał się Szczepan Wiśniewski, przez kółka rolniczego. Może chciał zachęcić innych, a może z racji wieku chciał zerwać z rolnictwem i rzucił się na „jedwabne robaczki”, zakładając, że praca przy nich jest lżejsza.

²⁷³ porokładał na nich kartony z jajeczkami, w specjalnych naczyniach, porozstawiał wodę, aby utrzymać wilgoć i – czekał. [...] Tymczasem któregoś dnia Wiśniewski zauważył, że kartonach zaczął się ruch. Pobiegnął do Bieżanki zakomunikować mu tę nowinę. Po powrocie zobaczył w domu tłum ludzi, pochylonych nad kartonami.

²⁷⁴ Mimo wszystko hodowla jedwabników wywołała żywie zainteresowanie miejscowego społeczeństwa. Znalazło się kilku amatorów gotowych pójść w ślady Wiśniewskiego. Od tego kroku powstrzymał ich Bieżanko, tłumacząc, że najpierw powinni posadzić dostatecznie dużo drzew morwowych, albowiem jedwabnik bez odpowiedniego pożywienia nic nie wytworzy. Rzucono się tedy do sadzenia. I to był pierwszy sukces kółka rolniczego.

Biezanko aparece, assim, como um intermediário, capaz de dar conselhos e propor as mudanças necessárias para o desenvolvimento de diferentes culturas, através principalmente do círculo agrícola e seus colegas, que o ajudavam. Segundo Krawczyk “O presidente do círculo, Wisniewski, apesar da profissão experimental, saía para a rua com galhos com casulos dourados de seda, detinha as pessoas e com teimosia tentava convencê-los sobre as vantagens os quais - paralelo à agricultura – pode trazer a criação de bichos-da-seda”²⁷⁵ (2003, p. 267), esta propaganda inicial rendeu frutos, como no texto do *Rolnik* de dezembro de 1933 em que administração CTR recolheu dinheiro dos agricultores para o envio de casulos, os remetendo para inspeção da Indústria da Seda onde foi premiada a primeira turma de casulos criados pelos padres Missionários (provavelmente Wróbel e Pinocy), pelo Sr. Eng. Biezanko e o Sr. L. Obadowski, desta maneira, não podemos resumir a atuação do cientista apenas à soja.

Existiram, ainda, ideias de criação de carpas e nutrias, contudo, não houve grande sucesso²⁷⁶. As tentativas agrícolas e de indústrias foram proficuas durante algum tempo, a lista de plantas introduzidas, de acordo com o artigo de Biezanko (1964), é muito grande e de diversos tipos, alguns periódicos destacam também as plantas medicinais importadas da Europa²⁷⁷ e outras opções para a produção dos colonos.

O resultado final não foi de evidente sucesso, primeiramente, sabemos que a soja passou a ser utilizada de diferentes maneiras, desde a fabricação do óleo até como pasto. Segundo Gil (2003, p. 10)

Já na década de 1930, havia uma empresa de extração de óleos vegetais, de propriedade de Antônio Warpechowski. Esta empresa fez experiências e investimentos diversificados ao longo de sua trajetória. No início, o principal óleo extraído era o da linhaça, que tinha grande demanda não apenas na região como em outras partes do país. A empresa de Warpechowski poderia ser entendida como um empreendimento familiar, pelo menos até a década de

²⁷⁵ Prezes kólka, Wiśniewski, mimo doznanego zawodu, wynosił na ulice gałązki ze złocistymi kokonami jedwabiu, zatrzymywał ludzi i z uporem przekonywał o korzyściach, jakie – obok rolnictwa – może przynieść hodowla jedwabników.

²⁷⁶ Segundo Z.K. (agricultora aposentada, 72 anos) “*Porque inclusive esse Biezanko, ele não tinha essa intenção de soja; ele tinha também essa intenção de fazer uma indústria. Indústria assim, de enlatados*”, com sardinhas, as quais já teriam até os açudes montados em meados dos anos 1930, mas com os desentendimentos da comunidade²⁷⁶ não teriam tido maior desenvolvimento, esta proposição, contudo não apareceu de maneira mais clara nas outras fontes.

²⁷⁷ Cf.: Biografia escrita por Jan Wójcik em 1966, Lud, 03/04/1974, Aleksandra Klasa, 1974.

1950, já que a principal força de trabalho envolvida era da própria família. Já em 1966, a empresa contava com dez empregados. Com o crescimento da lavoura de soja na década de 1960, a indústria dos Warpechowski teve uma mudança significativa em seus investimentos, passando a se dedicar com mais destaque aos subprodutos desta leguminosa.

A WARPOL como ficaria conhecida a empresa fundada pelo imigrante polonês Antonio Warpechowski, apenas a partir das mudanças com a produção em maior escala da soja nos anos seguintes após a saída de Biezanko é que vai se dedicar na produção do óleo com mais afinco. De acordo com Brum (1988) no início da cultura da soja “Nas pequenas propriedades rurais era cultivada em consórcio com o milho, aproveitando as mesmas áreas de terras, geralmente escassas. Cultivo e colheita manual como as demais culturas”, e tal fato ocorreu em Guarani das Missões, onde assim como em outras localidades “Era principalmente usada na alimentação direta dos suínos, em substituição ao milho. Esse uso não apresentava êxito, em virtude do elevado teor de óleo do grão de soja, o que provocava a descalcificação dos animais” (BRUM, 1988, p. 77), ou seja, a potencialidade proteica da soja a fazia uma boa ração, mas utilizada em grande quantidade deixava um dos principais produtos dos colonos poloneses, os porcos, doentes.

Segundo o senhor E.G.J (administrador de empresas aposentado, 68 anos), isto foi exatamente o que ocorreu em Guarani das Missões, os animais adoeceram e morreram, ou então ficavam impróprios para o consumo e venda, assim, os temores às novidades que os colonos demonstravam no início, de alguma maneira se confirmaram. Krawczyk dá uma pista, ainda que pouco clara dos acontecimentos em Guarani, pois em dado momento, a corriqueira produção suína entrou em uma espécie de crise devido a uma superprodução que decaiu os preços tanto da carne como da banha, assim, alguns colonos pararam de vender, acumularam os produtos e outros venderam por preços muito baixos, na casa de Krawczyk

As pocilgas ficaram cheias de novos porcos e após três meses já se podia começar o abate, mas continuava não havendo interessados na mercadoria. O problema desenvolveu-se de forma natural. Não se sabe quando e da onde chegou uma peste e os porcos começaram a morrer em massa. Até que o círculo alarmado começou a agir junto ao poder municipal para conseguir

uma vacina, mais da metade dos porcos de Guarani pereceram²⁷⁸. (2003, p. 266).

Não podemos concluir que a pressuposta peste, tenha sido causada pela alimentação com o soja, mas em razão do período ser justamente o qual estamos dando ênfase e a ação do círculo agrícola, concluímos que a má utilização da soja pode ter sido responsável pela mortandade dos porcos dos colonos de Guarani. Apesar disso, havia a informação para evitar tal situação, como no artigo *O uprawie soji* (O cultivo da soja) do *Nasza Praca* de agosto de 1933, onde o autor, provavelmente Biezanko, afirma que a soja não deveria ultrapassar um quarto da alimentação suína diária, a qual deveria ser complementada com milho e outros produtos²⁷⁹.

Por fim, uma revolta dos colonos expulsou Biezanko da colônia, o qual teve sua vida salva graças ao padre Wróbel, quem numa certa noite, permitiu a fuga do cientista numa carroça de outro amigo, que se dirigiu para Rio Grande, não obstante, além do senhor E. G. J., não encontramos outro relato ou fonte que confirmassem tal assertiva. O cultivo da soja, assim, teve uma interrupção, representando uma descontinuidade com o movimento posterior dos anos 1960 que apresenta novas variedades, em especial, o cultivar Santa Rosa, de maior sucesso no período²⁸⁰. Apesar deste interlúdio, logo nos

²⁷⁸ Chlewy zostały zapełnione nowymi tucznikami i po trzech miesiącach można było przystąpić do uboju, jednakże chętnych na towar nadal nie było. Problem rozwiązał się w sposób naturalny. Nie wiadomo, kiedy i skąd przyszła zaraza i wieprze zaczęły masowo zdychać. Zanim zaalarmowane kółko rolnicze postarało się u władz municypalnych o odpowiednią szczepionkę, więcej niż połowa nierogacizny w Guarańskim stała się ofiarą pomoru

²⁷⁹ Przy tuczeniu świń rezultaty są bardzo dobre, porcja dzienna dla sztuki dużej nie powinna przekraczać stosunku 1 części soi do 4 części innych pasz jak kukurydza i.t.d. (Com porcos de engorda os resultados são muito bons, a porção diária não deve exceder uma alta proporção de 1 parte de soja para 4 partes de outros alimentos como o milho, etc.) *Nasza Praca*, agosto 1933, s/ass.

²⁸⁰ Cf.: Centro de Inteligência da Soja e Embrapa. “A primeira fase, com início nos anos 50, caracteriza-se pela adaptação de tecnologias com objetivo de atender a demanda crescente da cultura por informações sobre seu sistema de produção. No final dos anos 50, foram introduzidas dos Estados Unidos cultivares com características agrônômicas superiores e resistentes a algumas doenças. As mais conhecidas foram Hill, Hood, Majos, Bragg, Davis, Jew 45, Hampton e Hardee. Os trabalhos brasileiros de melhoramento genético foram iniciados ao mesmo tempo no Estado de São Paulo (Campinas e Piracicaba), em Minas Gerais (Lavras e Viçosa), no Rio de Janeiro, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (Julio de Castilhos, Pelotas e Veranópolis). Esta primeira fase se encerra nos anos 60 quando, utilizando-se basicamente a seleção a campo, nas linhagens americanas introduzidas, foram obtidas as primeiras cultivares brasileiras adaptadas às novas regiões produtoras. São elas, Santa Rosa, Pioneira, Serrana, Jubileu, IAC 3 e IAC 5. Nos anos 70, outras cultivares também foram obtidas e as principais foram Planalto, Pérola, Paraná, Prata, Pampeira, Missões, Sulina e Delta. A Santa Rosa, obtida ainda na primeira fase, foi a variedade com maior área cultivada, no início da década de 70, na Região Sul do Brasil”.

anos seguintes, mais especificamente em 1938 já temos dados de exportação do produto do estado para a Alemanha²⁸¹, em torno de 159 toneladas, ou seja, apesar dos resultados iniciais ruins e a falta de perspectiva de venda, algum tempo depois houve procura pelo produto e vai se retomar o seu cultivo de forma intensiva até a intervenção estatal.

Este breve relato de como ocorreu o estímulo aos cultivos, não pode ser pensado sem a inserção de Biezanko no ramo educacional/organizacional da colônia e em redes, conformadas a partir de seus vínculos com uma série de personagens, estabelecendo as bases para o incremento da atividade colonial a partir da experiência científica.

3.3. Vínculos pessoais e liderança: conformando a rede

Uma questão basilar que nos propomos responder é se a soja trouxe refrações e resistências, como foi possível seu cultivo? Eis que surge o momento de ponderarmos a importante vinculação de Biezanko com os poloneses, a constituição de um capital relacional, primeiramente com personagens de autoridade e prestígio, os quais foram capazes de ajudá-lo na introdução dos produtos e engranar inovações/novidades entre os colonos. Mesmo com pouco tempo de estadia em Guarani, é a constituição de redes juntamente com a afirmação da sua liderança, os condutores à associação entre seu nome e o processo de difusão da soja num período posterior.

A reconstrução das redes de um indivíduo ou grupo tem se mostrado instrumento proveitoso para analisar a ação social e o tecido de relações interpessoais nas quais as pessoas se encontram imersas. Nesse ínterim, a “reconstrução das redes” e a identificação das escolhas específicas (individuais e coletivas) são inseridas em contextos sociais amplos, sem, portanto, deixar de considerar, além das interdependências comunitárias entre os sujeitos, os canais de ligação com as realidades externas. Logo, a própria análise da cultura camponesa e sua racionalidade específica devem estar articuladas às funções e às dinâmicas que os entrelaçamentos sociais adotam num determinado contexto. No nosso caso, utilizaremos a noção de rede egocentrada, identificando um indivíduo principal e seus *nós* de sociabilidade, os quais

²⁸¹ Visão, São Paulo, 1957.

tem uma extensão maior e mais complexa, compreendendo a sociedade guaraniense dos anos 1930²⁸².

Primeiramente, consultamos os registros de batismo do período que Biezanko esteve em Guarani das Missões (1931-1934) para identificar se as relações estabelecidas com os habitantes locais poderiam ter chegado a níveis mais próximos como o compadrio, ou seja, o parentesco ritual religioso, comum para as famílias que poderiam querer estreitar laços com o cientista ou aproveitar-se de seu capital sociocultural, e quiçá financeiro, para conseguir um melhor posicionamento social.

O fato é que tendo visto os registros não encontramos sequer uma criança apadrinhada por Biezanko, fator que podemos considerar devido ao pouco tempo de permanência na colônia e de acordo com duas hipóteses, a primeira, identificada em algumas falas é de que naquele período, o cientista não fosse assaz “religioso”, é provável que se identificava com a Igreja Católica até para estabelecer vínculos com o padre Wróbel, mas desde a Argentina parecia ter certa resistência, tendo seus colegas “instrutores” sido acusados de anticlericais ou não-católicos no país vizinho e entrado em atrito com o clero polonês. Este fator é possível para compreender que Biezanko pudesse não ser capaz de exercer o caráter ritual do apadrinhamento.

Outra hipótese avalia o prestígio sobejo que teria o professor, a ponto de não ser considerado para tal tipo de vínculo de parentesco, mesmo que com as lideranças locais, ou seja, era um *Profesor*, muito “distinto” para estabelecer tal relação mais estreita. Quiçá a conjugação das duas hipóteses possa ter alguma validade para que o apadrinhamento de nenhum guaraniense católico no período tenha sido realizado. Com base nestes pressupostos, localizamos outras fontes capazes de render informações acerca dos relacionamentos do cientista e permitem incluir diferentes personagens tanto em Guarani como fora a colônia.

²⁸² Existiriam ainda duas maneiras de proceder (TRUZZI, 2008, p. 213) que utilizaremos tangencialmente, a primeira é a da “difusão”, com objetivo de perseguir fluxos e propagação de informações, por exemplo, no interior de uma rede; e a segunda é a “perspectiva sistêmica”, a qual tem foco estrutural na rede e seus participantes, ou seja, investigando a posição, atributos e oportunidades dos atores, os recursos, acesso e geração; este modo de proceder será importante em algumas de nossas análises.

Primeiramente, os vínculos de Biezanko na Polônia com o professor Muszyński (BIEZANKO, 1958) são fundamentais para a obtenção das sementes de soja e provavelmente da aquisição do conhecimento sobre o produto, posto que o Muszyński escreveu artigos sobre a planta e provavelmente fazia experimentos na universidade localizada em Vilnius, assim, estabelecem-se primeiramente relações acadêmico-científicas entre Biezanko e outros professores ainda na terra natal. Jan Kazimierz Muszyński (1884-1957) foi um botânico e farmacêutico polonês, considerado precursor da etnobiologia na Lituânia (PETKEVICIUS *et. al.* 2014). Vinculado a movimentos independentistas poloneses na juventude, durante a Segunda República se especializou em farmácia e realizou diferentes pesquisas com plantas medicinais fundando estações para sua experimentação. Nos anos 1920 se tornou professor e chefe de Departamento de Farmácia da Faculdade de Medicina da Universidade Stefan Bathóry de Vilnius²⁸³, onde trabalhou com aclimatização de plantas exóticas e divulgação para estudantes e outros interessados a partir de artigos, inclusive sobre a erva-mate (*idem*, 2014, p. 59-60).

No Brasil, nossa hipótese, contudo, é o potencial de ação da figura do padre naquele momento inicial. É ele quem permite a Biezanko adentrar o núcleo colonial polonês e depois promove a circulação das ideias modernizadoras e produtos entre os colonos, mesmo encontrando resistências iniciais, ou seja, o evento da introdução da soja e outros produtos ocorre a partir de uma rede social, que envolvia fatores preponderantes naquela sociedade, conformando uma rede com características étnicas (MÍGUEZ, 1995), baseadas na atuação do padre e da elite local. Isso demonstra a capacidade de convencimento e o papel dos sacerdotes, que era muito importante, resolvendo uma questão, ou seja, porque Biezanko procurou o padre e, em menor medida, os órgãos públicos ou diretamente às autoridades laicas. Outro ponto, são as instituições fundadas, que expandem a dinâmicas dos laços do cientista e congrega uma série de letrados e colonos num diálogo com objetivos comuns.

²⁸³ Cf.: <http://www.archiwumkorporacyjne.pl/index.php/muzeum-korporacyjne/warszawa/k-lechicja/>

3.3.1. O Padre polonês

Pe. João Francisco Wróbel (em polonês Jan Franciszek Wróbel) nasceu em 1881 em Katowice na Polônia então ocupada pela Alemanha. Ingressou no Seminário em Cracóvia, sendo ordenado em 1908 mesmo ano em que foi destinado a trabalhos missionários com os imigrantes poloneses no Brasil, inicialmente no Paraná, onde ficou até 1921, quando foi transferido para Guarani das Missões e dirigiu a paróquia como pároco e decano de 1921 a 1939. Pertencia à Congregação da Missão, dos vicentinos e é transferido para Guarani justamente quando da instalação da entidade vicentina “Vice-Província Polonesa do Brasil”, a qual sedimenta e amplia o universo de ação dos vicentinos com as comunidades polonesas. Segundo Z.K. (agricultora aposentada, 72 anos), Wróbel trouxe Biezanko para Guarani das Missões após as dificuldades na Argentina, inclusive dando abrigo ao cientista, com o que concorda Krawczyk (2003). O acesso ao padre poderia ter sido mais rápido em razão da nacionalidade comum polonesa, mesmo idioma e, como veremos, um diálogo uníssono em torno das questões agrícolas.

O padre era interessado em questões agrárias e principalmente na educação agrícola dos colonos. Provavelmente esta familiaridade com a temática tenha levado à aproximação com o cientista, ou seja, o interesse comum na melhoria das condições de vida coloniais pode ter sido ingrediente para unir dois personagens teoricamente de campos opostos, ou seja, a religião e a ciência. Como veremos, Wróbel era fortemente considerado um “trabalhador” em prol da comunidade sendo ativo em iniciativas como na construção da igreja, em obras, organizações e outras ideias.

Mapear, no entanto, os objetivos concretos de Wróbel é mais difícil, se por um lado tinha preocupações com a educação rural, a melhoria agrícola dos colonos e uma pró-atividade em diferentes setores, não podemos deixar de propor algumas outras hipóteses como a necessidade de consolidação do *status* e poder sacerdotal, bem como talvez, de um aumento do patrimônio material pessoal ou da paróquia, uma vez que a melhoria das condições dos colonos poderia aumentar o recolhimento do dízimo entendendo que a paróquia em comunidades polonesas também poderia funcionar como um centro financeiro de distribuição de crédito e usura, apesar de tudo, estas conjecturas

não podem ser baseadas nas fontes, pois não trazem mais esclarecimentos sobre a postura do padre no trabalho de Biezanko. O provável, como demonstraremos adiante, é a vinculação da igreja e seus membros com os imigrantes de mesma nacionalidade, vinculação essa que permite a mediação e, assim, a consecução de ações num sentido organizacional e promotor do grupo étnico.²⁸⁴

Segundo Biernaski (2003, p. 49), “foi o Pe. Wróbel, que na qualidade de pároco, e visitando as Capelas e sobretudo por ocasião da Bênção das Casas, foi convencendo os colonos a plantarem soja”, para ele, em entrevista concedida, Wróbel tinha a autoridade e Biezanko a ciência, o conhecimento técnico. A alegada amizade com o padre, a repartição da mesma moradia, o fato de serem indivíduos preocupados com as questões agrícolas e com os colonos fez com que tenham então objetivos comuns e que permitiram a introdução da soja com o uso da autoridade eclesiástica que configura uma rede de relações preexistentes ao cientista, egocentrada no padre, ligado aos habitantes da colônia frequentadores das missas e também com Curitiba, sede da Congregação da Missão dos vicentinos.

Muitos autores concordam com a proeminência dos sacerdotes poloneses (MARMILICZ, 1996; WACHOWICZ, 1974; SEYFERTH, 2000), segundo Wachowicz (1974), os padres eram uma liderança natural dos imigrantes provindos da Polônia, pelo fato de o elemento religioso ser um agregador deste grupo em razão tanto do entendimento de sermões e missas como do próprio atendimento da população²⁸⁵. Segundo Wachowicz, “A igreja, a paróquia e o padre serão, em muitas colônias do Brasil, por muito tempo o único “cimento” que unirá os colonos” (1974, p. 152)²⁸⁶. Notadamente, os poloneses são considerados elementos extremamente religiosos pela

²⁸⁴ Mauro Tomachewski (2014, p. 210) demonstra que a paróquia muitas vezes poderia funcionar como centro financeiro na colônia, local para pedidos de empréstimos e onde se dava o recebimento de dízimos, assim, consideramos que um dos objetivos de Wróbel com a melhoria da condição dos colonos, em Guarani das Missões, por exemplo, poderia significar um incremento na arrecadação paroquial.

²⁸⁵ Kojrowicz (2002) aplica a mesma situação para o caso dos colonos galicianos nas Misiones argentinas, onde investe no poder espiritual dos sacerdotes.

²⁸⁶ Ceva (2006) aponta que os sacerdotes funcionavam como líderes étnicos tendo diversos papéis na comunidade, “O sacerdote ocupava um lugar destacado na sociedade e entre os imigrantes. Ele era um mediador inquestionável, pelo cargo que desempenhava, e reunia a máxima cultura do lugar pela relevância de sua formação cultural” (CEVA, 2006, p. 114). Os exemplos dados por Moccelin (2008) e Zanini (2006) também demonstram as características de liderança exercidas por sacerdotes em comunidades italianas.

historiografia clássica (GARDOLINSKI, 1958, STAWINSKI, 1975), mas também pela científica (WACHOWICZ, 1974, SEYFERTH, 2000) tanto que a “religiosidade polonesa” ou “fé polonesa” (IANNI, 1966) é fundamental para entender a vinculação étnica, ou melhor, a identidade étnica construída pelos poloneses, de maneira específica no Rio Grande do Sul, e no Brasil, de maneira geral²⁸⁷.

A presença de um clero estrangeiro não é fenômeno que se restrinja aos poloneses, remetendo a um debate promovido por grupos de intelectuais católicos europeus a partir de 1870 e com o interesse nas levas de europeus imigrados. Consoante Rambo (2002, p. 58) “Em poucas palavras, os imigrantes católicos encontraram uma Igreja [brasileira] sujeita, submissa e dependente dos caprichos dos governantes e administradores civis, na qual a doutrina e os bons costumes, pouco ou nada decidiam”, ou seja, o regime do padroado, ademais, o clero local deve ter causado, no mínimo, surpresa para os católicos vindos da Europa do norte e central, pois “A disciplina clerical não era seu forte. Um bom número de sacerdotes era filiado à maçonaria. Outros tantos dedicavam-se a política, eram fazendeiros ou centravam seus interesses em qualquer outra ocupação, menos a cura de almas”, conformando uma igreja de tradição luso-brasileira, que exigiu aos fiéis europeus o apoio de um clero imigrado para estabelecer um auxílio também espiritual. De acordo com Weber (2015) “Padres imigrantes e missionários vieram desde os primórdios da imigração, mas a existência de um aparato institucional associado à intensificação da ação missionária dá outra feição à ação do clero”.

Vários sacerdotes das comunidades polonesas, como Guarani das Missões, eram vicentinos, fato que é importante, pois foram direcionados deliberadamente para atender

²⁸⁷ Weber (2015 no prelo) exemplifica afirmando que “A mentalidade religiosa medieval e antieconômica do camponês na Polônia, valorizando ao extremo os feriados religiosos, era uma forma de defesa contra a exploração senhorial, que acabava por favorecer uma espiritualidade cristã arcaica. Na nova sociedade, a paróquia polonesa era um centro comunitário vital, o que não deixou de favorecer a liderança do padre polonês; por outro lado, a nova conjuntura, ensejando o aparecimento de novas lideranças e iniciativas leigas (escolas, sociedades recreativas) enfraquecia o poder monolítico do clero polonês. Em comum, ambas as situações levavam a uma associação entre religião católica e identidade polonesa; na Europa, porque a religiosidade contribuiu para evitar a “despolonização” promovida pelas potências invasoras, e na América, porque o padre polonês simbolizava a persistência da autonomia da comunidade polonesa num Brasil onde operavam duas forças contrárias: a do Estado, que se propunha como uma nação republicana, e a do clero católico luso-brasileiro que pretendia que o clero estrangeiro estivesse sob seu controle”.

aquele grupo migrante e foram atores fundamentais na constituição de diferentes atividades ligadas à cultura e à economia dos poloneses sendo agentes, cujo alcance foi mais amplo em termos geográficos e longo em termos temporais (WEBER, 2014). Os primeiros missionários chegaram ao Paraná em 1903 a pedido do bispo de Curitiba, para atender os imigrantes no seu idioma, e “o que dá à ação destes clérigos [...] um matiz étnico vai muito além da assistência espiritual em idioma dos imigrantes, pois fundaram escolas, associações culturais, corais, teatros [...]” (WEBER, 2015). A década de 1930 é especialmente importante, pois é a de maior afluxo de missionários da Congregação, em razão da demanda de párocos poloneses nas respectivas comunidades. Portanto, eram estimuladores da identidade étnica, mas também da organização/associação e enunciação dos colonos poloneses, assim, Jan Wróbel era um exemplo da atuação dos clérigos vicentinos em comunidades polônicas.

Tomacheski (2014) escrevendo de acordo com Wachowicz (1980) afirma que

Pode ser apontado, como responsável [...] dentro da etnia [polonesa] o agente aglutinador, ou seja, o clero polaco radicado no Brasil. Eles concentravam grande poder, decidindo inclusive se poderiam ser abertas escolas e quem deveria lecionar. O boicote ordenado pelo clero aos professores e comerciantes que buscavam modernizar a sociedade era seguido de maneira praticamente cega pelos imigrantes e colonos, desde que fosse proposto pelo padre polaco. Além disso, o discernimento desses padres sobre o que era ou não pecado significou que, muitas vezes, os imigrantes deixavam de tomar iniciativas para melhoria econômica, com medo de estarem pecando pela avareza, cobiça ou luxo (2014, p. 52).

Destarte, a aceitação ou não das inovações deveria teoricamente depender do aval do padre, seu consentimento oficial sobre as ações que necessitariam ser tomadas de um ponto em diante para que tivessem o devido sucesso, o oposto também é verdadeiro, a condenação clerical poderia levar à total refração sobre qualquer iniciativa e até mesmo pessoa.

O autor explica que os padres já na Polônia ocupavam um posto de superioridade em relação aos seus seguidores, sendo próximos da elite local, os senhores de terra (2014, p. 68), desta maneira a questão religiosa e, em especial, a figura do clero, tinha papel significativo entre os poloneses, tanto que a mitologia, o imaginário imigratório criou a lenda de que os imigrantes quando chegassem ao Brasil:

“Um sacerdote, [...] aguardará no porto com uma cruz os emigrantes. A recepção consistirá numa benção ao povo, sob o estandarte de Nossa Senhora” (HEMPEL, 1893 *apud* TOMACHESKI, 2014, p. 101). O fato é que, a presença da religião católica estaria incorporada à polonidade, tanto o sentimento nacional (TRINDADE, 2013) como o de pertença étnica, ou seja, à etnicidade polonesa²⁸⁸. Sabemos que os sermões eram espaços de divulgação de ideias, em geral, ouvidas com atenção e levadas em consideração fortemente pelos colonos. Claro que devemos relativizar a questão da religiosidade, porquanto tal preponderância do clero é fruto da falta de autoridades laicas letradas capazes de exercer liderança entre os colonos poloneses, pelo menos num período inicial. Mesmo na Polônia muitas vezes houve exemplos de desobediência, a própria imigração é fruto em geral de um não cumprimento às disposições dos padres, normalmente ardentes no combate à saída dos imigrantes, como nos elucida Hempel (1893, p.7 *apud* TOMACHESKI, 2014)

O sacerdote procurava convencer, implorava, lançava raios, para que desistissem de partir para a perdição...tudo em vão! [...] Estava pregando a um público que não pedia conselhos, não queria aconselhamento. A plateia sentia instintivamente que sua situação não fora compreendida. Ao invés de conselhos sinceros, indicações cordiais, brotadas de coração, era fulminado com raios de condenação, em suas aspirações. [...] A saída de igreja passou a tecer críticas acerbas e observações sarcásticas e sabido que o padre e os senhores [...] bebe com eles, por isso toma o seu partido”.

Nesta passagem percebemos como as relações do clero com os senhores passaram a ser mal vistas de acordo com o que Hempel, que era um intelectual, coloca e, talvez por tais razões, os padres não foram totalmente “ouvidos” quanto ao assunto imigratório, muito provavelmente por este motivo e os outros, citados no primeiro capítulo, ocorreu efetivamente à imigração, mesmo assim, é axiomática a posição influente do clero entre os imigrantes e descendentes de poloneses, assim como as dos notáveis entre os camponeses, e esta é a nossa apreciação nevrálgica para discutir a relação cientista-padre.

²⁸⁸ Márcio de Oliveira (2009) coloca em questão a preponderância da religião ao verificar a grande importância de instituições não clericais entre os poloneses no Brasil, em especial na área de ensino.

Em geral, os missionários são estimuladores dos seus paroquianos servindo como mediadores e atores na promoção da comunidade, para Weber, “A ação do clero junto aos grupos étnicos, extrapolando a esfera propriamente religiosa e estendo-se a vários âmbitos sociais, não deve[ndo] ser negligenciada, considerando que eles foram, em vários contextos, os primeiros líderes e intelectuais étnicos” (2015), somando que “A mediação, religiosa ou laica, opera tanto na defesa do grupo ante a sociedade majoritária, quanto no estímulo a uma melhor inserção do grupo na sociedade mais ampla, manifestando-se por meio de discursos dos portavozes” (2015), além de ações como a fundação de instituições, a criação e a manutenção de entidades associativas, escolas, festividades e construções de monumentos com o objetivo de manter a memória e a identidade, bem como posicionar melhor o grupo em relação à sociedade englobante. Desta maneira, entendemos Wróbel como um mediador, entre a sociedade em geral e os colonos, para isso utilizamos a noção de *broker*, criada no contexto da *network analysis*, definido por Bertrand (1999, p. 123), enquanto

individuos goznes [...] que ejercen sus funciones entre grupos que sin ellos no podrían entrar en contacto [...]. Esta función de mediación puede asimilarse mucho más a menudo a una misión de coordinación que a una verdadera posición de autoridad que pasa sobre los individuos vinculados.

Esta mediação ajudava a constituir a liderança do clero na colônia polonesa, como coloca Vendrame (2014, p. 251), “Comunicar as preocupações da população ou expor as necessidades locais era uma maneira de conquistar a simpatia e respeito dos imigrantes”, sendo tal tarefa realizada nas celebrações: casamentos, missas, sepultamentos, entre outras. De modo que tais ações poderiam permitir ao clero construir prestígio na sociedade local, assim, o caso da autora pode ser exemplificador da relação de Wróbel com os colonos em Guarani, pois “os imigrantes esperavam que o pároco fosse interlocutor entre as famílias e os representantes das instituições públicas. O contrário também era válido: as autoridades entendiam que a melhor forma de se fazer ouvir nos núcleos colônias era contar com o auxílio dos padres”. De maneira que quanto relacionado às questões de liderança,

os mediadores, [...], eram indivíduos ativos, capazes de se relacionar amplamente, articulando as necessidades dos outros às próprias aspirações, respeitando e cumprindo com os costumes defendidos pela população. Nesse sentido, a legitimidade da autoridade do pároco vinha da capacidade de realizar a ponte entre esferas políticas, econômicas e sociais diferentes, muitas vezes distantes umas das outras. As ações do mediador possibilitam a integração e aproximação do poder central junto às comunidades, ou o inverso (VENDRAME, 2014, p. 254).

A autora afirma que havia padres e comerciantes que ocupavam o posto de mediadores, tanto no campo político quanto econômico e cultural, encaminhando as demandas locais e cuidando para que algumas leis fossem seguidas pela população. Isto poderia ser uma das estratégias principais na política de ampliação de poder local, de tal modo, os sacerdotes como Wróbel, poderiam ampliar seu campo de atuação para além das funções de pároco (2014, p. 254), pois também era a pessoa para quem os colonos vinham pedir conselhos e inclusive ajuda financeira.

As iniciativas tomadas pelas lideranças locais [...], evidenciam como a questão dos direitos e deveres frente aos poderes mais amplos era uma questão cara aos imigrantes. Nesse sentido, se destaca o papel do pároco ao convocar e dirigir assembleias, assumindo, ao mesmo tempo, a coordenação da comissão que cuidaria dos assuntos políticos locais. [...] Os vínculos sociais faziam com que as recomendações [...] fossem seguidas atentamente (VENDRAME, 2013, p. 564).

A mediação, portanto, poderia se tornar uma forma de liderança, intermediando os imigrantes com as autoridades oficiais, ação que Wróbel provavelmente pode ter cumprido, mas no seu caso particular, de um cientista vindo “de fora” da comunidade com os colonos residentes e na coordenação das suas atividades, presidindo reuniões e assumindo delegações como veremos nas partes referentes às instituições. Assim sendo, a mediação entre os imigrantes e as autoridades do Estado; a condução de queixas locais encabeçando a formação de grupos de reivindicação a atuação de pároco mantendo sob controle as “rédeas da vida social” que passavam pelas vias associativas, morais e religiosas são alguns exemplos das áreas de atuação no tecido social dos membros do clero católico em microssociedades de imigrantes, onde seus laços pessoais, o capital relacional obtido ao longo do tempo e sua autoridade permitiam que suas

recomendações fossem seguidas pelos paroquianos, mesmo diante de um contexto de refração inicial como no caso de Biezanko ao tentar introduzir novos cultivos no já estabelecido camponês.

A rede social, portanto, entendemos como preexistente e centrada no padre, que funcionava como um líder, um notável, agregador da microssociedade, não apenas de colonos, mas praticamente todos os guaranienses. Biezanko é inserido nesta rede conformada há mais tempo, a qual aos poucos, mas não totalmente, vai se deslocando para o cientista. Nela permeiam diferentes vínculos sociais, como de amizade, trabalho, parentesco e, em especial, origem comum, pois os contatos são praticamente apenas entre os poloneses, porém se concordarmos com Weber Soares, as redes não tem um tamanho definitivo, podem ser pequenas envolvendo poucas pessoas ou um conjunto de países em nível global, mas “Uma rede consiste num conjunto de atores ou nós (pessoas, objetos ou eventos) ligados por um tipo específico de relação. A diferentes tipos de relações, correspondem redes diferentes, ainda que o conjunto de atores seja o mesmo” e

As relações entre os atores de uma rede apresentam forma e conteúdo. O conteúdo é dado pela natureza dos laços (parentesco, amizade, poder, troca de bens simbólicos ou materiais, afetiva etc.); e a forma da relação compreende dois aspectos básicos: i) a intensidade ou a força do laço entre dois atores; e ii) a frequência e o grau de reciprocidade com que esse laço se manifesta (2002, p. 26-27).

Dessa maneira, para obter tais mensurações e tamanha complexidade na estruturação da rede, ou redes, no caso, dependeríamos de muitas fontes, do contato direto com os integrantes, enfim, na história, geralmente tais possibilidades são menores e é assim que a noção de *metáfora* surge como opção para alegar a importância dos vínculos pessoais, fator que é nosso ponto principal ao destacar as redes sociais, mesmo assim, sem diminuir sua capacidade analítica e a validade de sua pressuposição, posto que como afirma Truzzi (2008) a análise de redes permite considerar para além do econômico recuperando variáveis sociais e culturais que “devem ser consideradas em conjunto com as de caráter econômico” (2008, p. 208) e reconhece a dificuldade de aplicação concreta do conceito sob perspectiva histórica “já que é sempre mais problemática nesse caso, a utilização de fontes capazes de reconstituir com alguma

fidelidade e de modo mais sistemático os laços sociais que prevaleciam” e acessar a mentalidade do ator²⁸⁹ (2008, p. 213).

Retornamos ao enfoque na figura do padre, ressaltamos as entrevistas, que apontam impressões da figura sacerdotal:

Era um padre bem sério, muito inteligente [...] idealizou a Igreja [...] era uma pessoa, assim, com bastante visão [...] muitas coisas assim naquela época ele foi colocando, inclusive com os colonos, para que eles fizessem algumas coisas mais importantes, em polonês se chamava gospodarka, gospodarka²⁹⁰ quer dizer: fazer uma parte da colônia que desse sobrevivência daquela família e pro futuro também [...] antigamente se plantava um pouco de tudo, um pouquinho de feijão, um pouquinho de arroz, um pouquinho de milho, um pouquinho de trigo, um pouquinho de cevada, né. E a criação de porco e a criação de gado, como sobrevivência, ele [estimulou] para poder aumentar isso aqui, para poder vender, para poder ter um lucro maior. [...] Isso não existe mais. (E. W., odontólogo aposentado, 78 anos)

Era um padre rigoroso [...] naquela época os padres eram úteis para as pessoas [...] hoje é só w imię ojca i syna [em nome do pai e do filho] (Z. L. H. K., agricultora aposentada, 72 anos)

Wróbel, além de tudo, era um autor, escreveu em diferentes periódicos polono-brasileiros, como o *Lud* e o *Odrodzenie*, sobre a necessidade de desenvolver a produção agrícola, em especial a partir da educação colonial, ele estava conectado com a congregação mais atuante entre os poloneses na primeira metade do século XX, a dos vicentinos de Curitiba, da qual o *Lud* fazia parte, tal fator pode ser importante para entender a procura de Biezanko pelo mesmo periódico em 1934 para divulgar os resultados obtidos com a soja, além do que o cientista queria divulgar leituras úteis para os colonos. Aqui há uma relação entre os círculos letrados poloneses do Paraná e do Rio Grande do Sul através do clero, que ligam Guarani das Missões e Curitiba, numa rede que sobre-excede o local.

²⁸⁹ Além disso, pretendemos deixar claro que as ações individuais são somente de maneira formal constrangidas pela estrutura, apenas restringido algumas ações, mas em geral há a liberdade de atuar, ou seja, a estrutura aqui é entendida como presença de padrões regulares nas relações entre os atores, ou seja, os interesses são escolhidos diante de uma lista predeterminada de possibilidades, o que poderia nos sugerir uma racionalidade relativa e limitada (BJERG, 2010).

²⁹⁰ *Gospodarka*, numa tradução literal é economia. No Brasil, muitas vezes será ligada à colônia, à propriedade capaz de garantir a reprodução do colono (POLANCZYK, 2010, p. 259).

Algumas ideias de Wróbel estavam concatenadas com as do professor Biezanko, para o padre, “O papel do homem como o rei do estado orgânico, na elaboração de produtos de animais e vegetais, os quais servem de há muito tempo de alimento para pessoas e animais, é enorme”²⁹¹, assim, destacava a importância da seleção e melhoria dos produtos agrícolas, tanto de origem vegetal como animal, bem como a consequente industrialização (formação de agroindústria), ou seja, a transformação técnica (*techniczny przerób*) dos produtos através da moagem, destilação, produção de óleo, etc., principalmente da beterraba, batata, cereais e sementes. O agricultor deveria trilhar o caminho para a indústria e o desenvolvimento do país, desta maneira, seria o criador de valor, do capital, sendo importante por esta razão. Fica claro um aspecto, a importância de Wróbel como um estimulador da inovação, preocupado com os colonos e com a questão econômica para além do simples apoio espiritual. Com base nestes pressupostos, a ligação entre Biezanko e Wróbel²⁹² é confirmada por Wachowicz e Malczewski (2000), segundo os autores, o padre teria ajudado o cientista na inserção de variedades de soja junto aos colonos em Guarani das Missões, também teriam fundado a escola agrícola e o CTR como aponta o site da atual Escola Estadual Técnica Guaramano:

Em 1931 passou a funcionar com sucesso a Escola Agrícola de Guarani das Missões, cujos idealizadores foram o professor Czeslaw Mariano Biezanko, o Padre Jan Wrobel e o Padre Vigário Edward Pinocy. Em seguida várias sociedades agrícolas se coligaram para formar a FEDERAÇÃO DAS SOCIEDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO MISSIONEIRA, pois entenderam tratar-se de excelente iniciativa e deram apoio financeiro para fundá-la.²⁹³

Como coloca Krawczyk em suas memórias, Biezanko morava com o padre e tinha grande amizade com este. O próprio cientista, mais de uma vez destaca a relação, como numa carta endereçada a Pedro Hamerski, de 1976, asseverando que fundou a

²⁹¹ *Lud*, 29 de março de 1933. Rola człowieka, jako króla państwa organicznego, w wytwarzaniu produktów zwierzęcych i roślinnych, które służą oddawna, jako pokarm dla ludzi i zwierząt, jest olbrzymia.

²⁹² A procura de Biezanko pelo padre pode ter origem na experiência argentina pela qual passou o cientista quando esteve em Misiones em 1931, onde devido a uma série de disputas entre o clero e os membros oficiais do governo polonês, ocorreu a expulsão dos professores poloneses daquela região e a desagregação e desorganização da comunidade polonesa.

²⁹³ Cf.: <http://www.escolaguaramano.com.br/index.php?secao=escola&subsecao=historia>

escola “com a colaboração contínua [...] os Padres Missionários da Soc. Vin [sociedade vicentina] (Wróbel, Pinoci)”, configurando uma forte e intensa relação cientista-padre.

Wróbel, diante destas situações supracitadas, parece exercer, como qualquer pároco numa comunidade polonesa, um papel de autoridade, assim como de notável numa sociedade camponesa, portanto, nossa hipótese é que Wróbel além de ajudar a trazer Biezanko, permitiu sua inserção entre os colonos, aquilo que poderíamos chamar de “sociedade guaraniense”, ou microsociedade de imigrantes (DEVOTO, 2006), já assentados em relações sociais próprias, de modo que isto encaminhou a formação de um contato do cientista com os colonos, conformando uma rede de sociabilidade, que é expandida por Biezanko, ao partir para a ação em conjunto com o sacerdote, criando as instituições fundamentais para a reconformação da sociabilidade, como demonstraremos posteriormente. Nesta rede não apenas existiu a circulação de produtos como o soja, mas também a aceitação de uma inovação entre os colonos, conservadores por excelência (CHAYANOV, 1974), ou seja, a circulação, fluxo e transferência de bens materiais e imateriais (BERTRAND, 1999, p. 120) e de ideias, que são princípios dos vínculos relacionais entre atores (SOARES, 2002).

3.3.2. A Liderança/dirigência e seus aspectos étnicos

Diante do contexto de intermediações e relações, pretendemos esboçar algumas conclusões sobre a caracterização de Biezanko, ao longo de sua passagem na colônia polonesa, enquanto um líder, na medida em que assumia maior protagonismo diante da microsociedade guaraniense e conseguia estabelecer autoridade suficiente para expor suas ideias e ser ouvido. Nesta parte do texto, não pretendemos esgotar o modo pelo qual Biezanko se torna um líder (étnico), nem como se estabeleceu diante desta liderança, mas apontar algumas inferências que nos ajudam a compreender a categorização do cientista como líder.

Num espaço de esparsos recursos intelectuais formais como é o espaço colonial, um cientista com educação formal e forte capital cultural como Biezanko, apoiado (mediado) por líderes religiosos com características que também apontavam para uma atuação modernizante, específicas relativas a um grupo social e, mais designadamente,

étnico deveras particular, dentro de um núcleo geograficamente pequeno, pode ter contribuído para alicerçar o próprio professor como uma *liderança* e um *dirigente*, no caso, um *líder recebido* na sociedade (SEIXAS, 2006), vindo “de fora”, capaz de promover mudanças e impor ideias que deveriam ser seguidas.

Os líderes são importantes para os grupos sociais, pois “fundam associações e jornais, redigem textos, fazem discursos, buscam convencer os membros do grupo a aderirem a determinadas ideias e a participar de entidades e eventos, e [...] se contrapõem a condições de vida e trabalho consideradas injustas ou discriminatórias” (WEBER, 2014, p. 704), ou seja, tentam melhorar as condições sejam elas de posicionamento social ou econômico do grupo o qual representam, aceitando tais afirmações, podemos concluir que Biezanko correspondeu fortemente com estas características impostas aos líderes de acordo com o apresentado até o momento.

Na leitura de Bourdieu, que encontramos terreno para dispor elementos sobre a noção de liderança, preponderantes para o entendimento da função e relação líder-grupo baseado na noção de “agência” e na “representação”. Para o autor francês,

O porta-voz dotado do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo e, em primeiro lugar, sobre o grupo pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que somente por esta procuração existe; personificação de uma pessoa fictícia, de uma ficção social, ele faz sair do estado de indivíduos separados os que ele pretende representar, permitindo-lhes agir e falar através dele, como um só homem (BOURDIEU, 1989, p. 158).

Não podemos esquecer que com ficção social, Bourdieu alerta para a construção do sujeito coletivo, enquanto grupo coletivo com um trabalho histórico de invenção teórica e prática. De acordo com Weber (2015) os intelectuais étnicos seriam os que “dariam expressão àquilo que, na teoria dos atores sociais, são atributos do sujeito-ator coletivo ou sujeito-grupo”:

[...] la capacidad de distinguirse y ser distinguido de otros grupos, de definir los propios límites, de generar símbolos y representaciones sociales específicos y distintivos, de configurar y reconfigurar el pasado del grupo como una *memoria colectiva* compartida por sus miembros (GIMÉNEZ, 1997: 18).

As comunidades imigrantes, sendo segundo Devoto (2006, p. 10), produto da experiência social de colocação em um determinado contexto, o novo país, que conformam grupos sociais, os quais se (re)inventam como grupos étnicos dependendo do tipo de interação social, as lideranças em uma colônia polonesa como Guarani das Missões, podem ou não adquirir características de liderança étnica, sendo responsáveis pela definição do grupo, sua nomeação, coesão, homogeneização, enfim, pela constituição de uma identidade e a partir disto, agir em diferentes sentidos para melhorar a condição grupal, de acordo com os interesses em questão.

Para Gjerde os líderes étnicos são fundamentais na definição do grupo, eles transformam os imigrantes em sujeitos étnicos e, destarte, promovem o processo de “eticização”, de maneira que “Ao criar-se simbolicamente o grupo, a liderança étnica simultaneamente serve a sua comunidade como intermediário entre os imigrantes e as estruturas maiores, incluindo a oportunidade econômica e o poder e os direitos políticos” (GJERDE, 2006, p. 63), desta maneira, para Weber (2014, p. 709) “Os imigrantes, ao chegarem a uma nova terra, são vistos e tratados como adventícios, e, para conquistarem espaço social e direitos, e verem os mesmos reconhecidos, precisam atuar coletivamente, o que nem sempre ocorre de modo espontâneo ou sem conflitos”, por isso é importante a conjunção de alguns fatores importantes como a própria vinculação em redes sociais e a posse de capitais capazes de angariar prestígio e autoridade proporcionando a “agência”.

Os intelectuais (entendidos de acordo com Sirinelli “tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”) são personagens especialmente importantes ao tratar de lideranças, pois justamente possuem os recursos capazes de permitirem sua alçada como porta-vozes e mediadores do grupo com a sociedade envolvente, e serem, por esta aceitos.

Biezanko, enquanto intelectual, através de sua agência, utilizando da institucionalização, no caso, associações formais (círculos de debates agrícolas e escola), uso de periódicos, além da colocação como professor, permite exercer ações práticas capazes de operar em função do grupo (neste caso, “de interesses”, quais sejam, políticos, econômicos, etc.), onde podem prevalecer finalidades como a melhoria das condições econômicas dos colonos poloneses na região.

Encabeçamos estes objetivos devido à posição social ocupada por Biezanko, mas em nenhuma fonte ele deixou claro os motivos pelos quais exercitou as suas atividades em Guarani das Missões. Se, como especulamos, estava a serviço da Polônia ou tinha como cientista e polonês, ideais em favor de seus patrícios (se assim os considerava), o que podemos inferir é que utilizando seus recursos culturais e educacionais somado ao capital relacional construído ao longo da passagem pela colônia, constituiu a capacidade de permitir a conjunção de ações voltadas ao desenvolvimento rural e a melhor organização dos colonos, produzindo inovações no seio daquela comunidade camponesa, fatores capazes de permitir sua caracterização enquanto uma liderança, possivelmente, mas não unicamente, étnica, visto que a identidade étnica serviu como alicerce de suas relações e base para sua aceitação. Além disso, muito provavelmente seu capital social e cultural adquirido na Polônia e em Guarani permitiram sua integração e posicionamento na colônia e tornou possível a conclusão de seus projetos científicos, mesmo que em longo prazo não tenha ocorrido um resultado satisfatório.

Ceslau Biezanko em aliança com o clero e lideranças laicais, não apenas tornou-se um líder, capaz de ser ouvido e seguido, mas também permitiu a construção de associações e instituições capazes de em curto prazo, aumentarem suas redes de sociabilidade e expandirem seu caráter de líder, na medida em que podia atingir um número maior de colonos e letrados da colônia. Podemos dizer que para construir as instituições ele precisou constituir-se e ser constituído como líder, ao mesmo tempo em que elas permitiram reforçar sua liderança.

3.3.3. As instituições agrícolas e educacionais: o CTR, a Escola Agrícola e o *Kolegium*

O agrônomo Czeslaw Biezanko, propôs mudanças, as quais tinham claras intenções de positivar a situação econômica e social dos seus compatriotas poloneses e descendentes, em geral, com interesses voltados para a agricultura e para a organização de associações para debates, divulgação de ideais e conhecimento de produtos e métodos para o cultivo de plantas e criação de animais. Não queremos expor a imagem do cientista como um intelectual benevolente, ou mesmo como um idealista, mas sim,

como alguém com proposições já experimentadas em outra realidade (na Argentina e Polônia) e capaz de expor seus conhecimentos com um caráter assistencialista, abrindo mão inclusive de uma vida aparatosa ou tranquila como intelectual e professor na Europa, para ir até as colônias agrícolas, assim como outros fizeram, às roças e matas, breus e várzeas, para discutir muitas vezes em ríspidas reuniões e enfrentar o conservadorismo camponês, a fim de encontrar meios de como melhorar a economia colonial de seus patrícios.

Na medida em que é inserido na rede de sociabilidade preexistente centrada no sacerdote e com sua mediação, o cientista vai deslocando o centro da rede para si, expandindo seu raio de relacionamentos pessoais para um grande número de pessoas, principalmente a partir da fundação da escola agrícola e do CTR, fatores preponderantes, pois permitiram a Biezanko a consecução de seus objetivos de desenvolvimento agrícola e educacional na colônia que adotara por moradia e estabeleceram os alicerces de sua liderança, ademais de possibilitar a introdução da soja, num vínculo direto (menos mediado) do cientista com os colonos e letrados da região.

Segundo Gardolinski (1974), Guarani teve desde os primeiros tempos grande quantidade de associações, as quais eram organizadas na sede e nas linhas, principalmente capelas e escolas, mas também as “sociedades” étnicas. Nas comunidades polonesas em geral, há o forte papel das igrejas, as quais tinham o reconhecimento da comunidade e eram, possivelmente, as primeiras instituições a serem organizadas e construídas nas comunidades polônicas. Guarani, desde cedo, fundou também escolas (étnicas) nas linhas e na sede da cidade, bem como “sociedades”²⁹⁴, as quais poderiam ter escolas anexas como meio de discussão dos problemas da comunidade e para a promoção do conhecimento entre as gerações mais jovens

²⁹⁴ Wachowicz explica que no Brasil da conjuntura imigratória polonesa surge a “escola-sociedade”, iniciativa dos colonos para driblar a carência de escolas oficiais no campo e permitir as primeiras letras aos seus filhos, já a sociedade tinha como finalidade as comemorações de datas festivas polonesas, organizar proposições para a juventude, bem como recepção de autoridades, organização de encontros, recreação, etc. Sendo “a primeira manifestação coletiva da aculturação do imigrante polonês no Brasil” (WACHOWICZ, 1974, p. 166). Em Guarani o caso mais clássico seria da Sociedade *Matka Boska Czestochowska* (Nossa Senhora de Monte Claro) de 1906. Devemos deixar claro que nas traduções dos jornais poloneses aparece a distinção da palavra sociedade, no sentido de associação, em polonês, *towarzystwo*, da palavra *społeczeństwo*, com sentido de conjunção de pessoas ou referência ao social.

(GARDOLINSKI, 1974), podendo funcionar muitas vezes como sociedades de “socorro mútuo”²⁹⁵ ou de manutenção da cultura e língua.

As instituições são importantes para os seres humanos, pois permitem a realização de atividades que não lhe são fornecidas pelo seu equipamento biológico (BERGER, LUCKMAN, 1973). “As instituições são sempre produto de um processo histórico e visam estabelecer padrões para a cultura humana” (WEBER, 2008, p. 237), assim, são organizadas associações, as quais podem se vincular a um grupo social, dependendo de uma classe média, ou seja, um grupo com disponibilidade de tempo e recursos. Estas instituições podem se tornar étnicas ao receberem significados simbólicos específicos ligados à etnicidade, no caso de Guarani, atreladas com as questões identitárias polonesas vigentes naquela colônia, como no caso da Sociedade Polaca Nossa Senhora de Monte Claro (*Matko Boska Częstochowska*), fundada em 1906.

O fato de as associações organizadas por Biezanko serem voltadas para agricultores, seus “sócios” poderiam ter se concentrado mais nesta característica econômica que no fato dos membros serem ou não poloneses, de qualquer forma, a composição por linhas em geral ocupadas de maneira homogênea por imigrantes e descendentes e o uso do idioma, ingeria aspectos étnicos marcados nas reuniões das instituições²⁹⁶, as quais foram ocupadas predominantemente (senão totalmente²⁹⁷) por poloneses na sua direção e entre os colonos participantes (mesmo que a Escola

²⁹⁵ No *Rolnik* de número 12, o professor Józef Chimielewski em 1933 observava a partir da imprensa polonesa que o tema de cooperação, círculos agrícolas e organização estavam em voga²⁹⁵ e lembrava o trabalho dos círculos agrícolas que estavam surgindo, um na linha do Rio (o primeiro) e outros marcados para a inauguração, mas que apenas com a formação de pelo menos uma dezena de círculos, que se poderia dizer que os poloneses estavam realmente organizados e unificados. Além disso, compartilhava das dificuldades vividas pela temática, em relação aqueles que não queriam fazer parte das organizações e que prejudicavam o trabalho conjunto.

²⁹⁶ Não encontramos atas das reuniões, apenas aquelas que foram publicadas nos periódicos, sempre em Polonês e contando com a presença de poloneses nas direções e administrações.

²⁹⁷ Não há relato da participação de não-poloneses nas associações ligadas a Biezanko, o seu trabalho tinha como foco os seus compatriotas, caso que teria sustentação ainda mais forte se o fato de que ele era um enviado do governo polonês for verdadeiro como supomos no primeiro capítulo. É possível que tal como aconteceu com o *Bauernverein* de Theodor Amstad ou a Associação Rio-Grandense de Agricultores fundada em 1902, que surgiu com caráter interétnico e interconfessional, mas acabou optando e agregando apenas alemães católicos, até mesmo em função do uso exclusivo da língua teuta (SANTOS, 2013).

Agrícola, por exemplo, usasse apenas o ensino em português e não pudesse ser considerada essencialmente “étnica”).

Podemos dizer que, naquele período, a institucionalização agrícola era tema proeminente entre a comunidade polonesa, aspecto aclarado em artigos nos periódicos polono-brasileiros que tratam da união de agricultores e sua organização. Para o padre Wróbel²⁹⁸, todas as atividades para a melhora do nível da agricultura e da criação de animais dependiam da organização, ela seria capaz de garantir futuro bem-estar e tirar o agricultor da posição crítica, que ocuparia. Segundo o padre, “a história da agricultura ensina que as organizações agrícolas faziam as riquezas e potência dos agricultores e pois a potência das nações”²⁹⁹, porquanto seria possível utilizar do conhecimento, visto que para o padre, a melhora da agricultura estava intimamente ligada com a educação. Para Wróbel, dever-se-ia seguir o modelo das organizações agrícolas da Europa, em especial da Polônia, mas também as dos alemães e italianos do Brasil, os quais considera que teriam ultrapassado os poloneses imigrantes neste sentido, resgatando o debate da honra e da interação étnica, propulsores para o reforço da identidade e para o trabalho em prol do grupo étnico específico em diferentes sentidos (econômico, político, organizativo, etc.), Existia o exemplo das ações dos alemães desde o final do século XIX, bem como do suíço Amstadt (SANTOS, 2013) e a criação da Liga das Uniões Coloniais em 1929³⁰⁰, principalmente nas colônias teutas (SCHALLENBERGER, 2001), as quais buscavam criar estabelecimentos cooperativos.

Conforme Wróbel, a organização traria vantagens morais e materiais aos colonos, os quais na medida em que tomassem consciência destas vantagens deveriam somar esforços para angariar membros e melhorar sua administração, apenas desta

²⁹⁸ *Rolnik*, novembro de 1933.

²⁹⁹ Historja rolnictwa uczy, że organizacje rolnicze tworzyły bogactwa i potęgę rolników, a więc i potęgę narodów.

³⁰⁰ Schallenberg (2001) comentando o associativismo baseado no social-catolicismo e com sustentáculo da Igreja entre os colonos alemães, afirma que a maior organização sindical brasileira do seu tempo, a Liga tornou-se a principal entidade promotora do associativismo cristão, mas era liderada basicamente pelos atores do protestantismo luterano, que, não misturando os assuntos da fé com os da política e da economia, não visualizavam obstáculo para a interlocução com o Estado. Ao constituir a Liga, entendia-se que, para fomentar o desenvolvimento do moderno associativismo, era necessário estimular o surgimento de uma organização profissional livre, que com liberdade pudesse defender os interesses dos seus associados.

maneira os objetivos seriam alcançados, mas para isso deveriam contar com uma sólida organização baseada no entendimento da importância do trabalho conjunto e na defesa dos seus interesses profissionais.

Diante destes ideais organizacionais agrícolas, em março de 1933, surge o *Związek Zawodowy Rolników Polskich w Brazylii* (ZZRP- União dos agricultores poloneses do Brasil), por ocasião do II Congresso dos agricultores poloneses no Paraná, apoiado pelo CZP (*Centralny Związek Polaków w Brazylii*) de Curitiba, instituição fundada com apoio dos representantes do serviço diplomático polonês em 1930, tendo a intenção de congregar todos os agricultores poloneses pertencentes a diferentes organizações, seja círculos agrícolas (*kolko rolnicze*), sociedades agrícolas, associações educacionais, cooperativas, entre outros a fim de estabelecer uma série de atividades com o fito de melhorar as condições rurais dos poloneses no Brasil através de reuniões e congressos, seleção e distribuição de sementes, mediar interesses dos colonos com as autoridades públicas, publicar artigos especializados, intermediar relações com associações de outras nacionalidades para troca de experiências, atuar no ensino com a criação de escolas agrícolas e cursos práticos, entre muitas outras tarefas, exemplificando ações concretas entre os poloneses no sentido organizativo, ainda que enfrentando obstáculos inclusive dos colonos, talvez pelo apego da associação ao lado consular, mais anticlerical das lideranças polonesas (POTOPOWICZ, 1936).

Assim como admitido no capítulo 2, como um provável rescaldo de 1929, o início da década de 1930 foi marcado por certa crise econômica dos colonos poloneses no Paraná e também no Rio Grande do Sul, a qual perduraria potencializada por secas ocorridas no período. Segundo o *Nasza Praca* de julho de 1932 “Como no Paraná, a crise econômica tocou também os nossos agricultores Rio-grandenses” (*Tak jak i w Paranie, kryzys gospodarczy dotknal i naszych Riograndeńskich rolników*), os quais segundo o jornal dependiam da produção suína e artesanal de banha, a qual sofreu com a perda do valor e conseqüente baixa nos preços ditados pelos comerciantes, sendo assim, era tido como fundamental a união dos poloneses em sociedades agrícolas, a exemplo do que vinham fazendo os alemães, finalmente, o periódico inclui algumas atividades desse sentido em colônias polonesas em Ijuí, Erechim e, mais declaradamente, Guarani com o que chama de *Polska Centralna Rolnicza* (Central

Agrícola Polonesa), para nós o CTR, oportunizador do encadeamento Biezanko-colonos-letrados. Primeiro os círculos agrícolas (*Kółko Rolnicze*), depois, a União Central das Sociedades Agrícolas (*Centralne Towarzystwo Rolnicze*-CTR literalmente “Sociedade Central Agrícola”) foi uma instituição associativa, a exemplo do ZZRP, que incluiu diferentes linhas de Guarani das Missões (aproximadamente 16) em torno a uma união coordenada por Biezanko e Wróbel, isto é, a novidade é a importante participação clerical não aparente na associação paranaense.

Segundo o *Rolnik* de dezembro de 1933 “a Sociedade Central Agrícola em Guarani [...] deveria unir em si todos os círculos e organizações agrícolas localizados na região” complementando que “Já o próprio nome da nossa sociedade prontamente (*z góry*) exclui qualquer fundo “partidário” na nossa atividade. O nosso objetivo é unir todos os agricultores sem diferença de considerações no Estado do Rio Grande do Sul, para o bem do emigrante polonês, o qual vive daquilo que a lavoura dá”³⁰¹, enfatizando o caráter de união e de congregação sem maiores debates políticos (ou religiosos implícito na temática da imigração polonesa) e dentro do contexto da necessidade de organização e cooperação agrícola em voga no debate da intelectualidade polonesa colonial. O próprio Biezanko destaca que “esta união não só cuidava dos assuntos religiosos, mas também se interessava pela agricultura e pelo ensino. Cada “linha” tinha seu professor e sua escola”³⁰².

Os círculos agrícolas (*Kółko Rolnicze*) já existiam na Polônia, e a ideia para a criação de uma instituição central, muito provavelmente, pode ter partido de Biezanko assentado em experiências prévias, uma vez que em reunião destacada no *Lud* de 22 de março de 1933 para a fundação de uma unidade do círculo agrícola numa das linhas da comunidade, Franciszek Kurowski, responsável pela reportagem, afirmou que “Sr. C. Biezanko apresentou o desenvolvimento dos círculos agrícolas na Polônia e seus objetivos e metas e o resultado teórico e material [...]”, infelizmente não obtivemos mais

³⁰¹ Już sama nazwa naszego Towarzystwa z góry wyklucza jakiekolwiek tło "partyjne" w naszej działalności.

Celem naszym jest skupienie wszystkich rolników bez różnicy zapatrywań w Stanie Rio Grande do Sul, dla dobra polskiego wychodźcywa, które głównie żyje z tego, co rola daje.

³⁰² Jornal COTRIFATOS, setembro de 1978, ver compilação de fontes do professor Rudolfi no Museu Helena Carolina em Guarani das Missões.

informações sobre como foi essa atividade na Polônia³⁰³ que inspirou o cientista, mas o pressuposto básico era a união dos agricultores e círculos já preexistentes, pois assim poderiam melhorar suas condições de vida com associação, organização e solidariedade.

No Brasil, alguns intelectuais poloneses são mencionados como incentivadores de círculos agrícolas desde o fim do século XIX até os primeiros anos do século XX, como Stanisław Kłobukowski³⁰⁴, citado no capítulo 1, economista e jornalista interessado nas comunidades imigradas, fundador da *Towarzystwo Handlowo-Geograficznie* (Sociedade Comercial e Geográfica) de Lwów (o citado Grupo de Lwów)³⁰⁵, importante ativista nos primeiros contatos de intelectuais com os camponeses imigrados. Kłobukowski visitou o Brasil em diferentes oportunidades, sendo que em 1897, “dava a ideia de fundar nas colônias Círculos Agrícolas” localizados no Paraná (WACHOWICZ, 1984, p. 30).

Em texto *Wspomnienia z podróży* (Memórias de Viagens), Kłobukowski relata o emprego de atividades com círculos agrícolas em Ijuí em 1896 na sociedade Tadeusz Kościuszko, que nos seus estatutos empregava a necessidade de sua criação, “trazendo (na medida do possível a partir da Polônia) sementes, cepas de frutas, ferramentas, máquinas, etc”³⁰⁶, refletindo possibilidades de melhoria agrícola e comércio. Convém exprimir o destaque para a relação com a Polônia, teoricamente, inexistente no período, mas essencial para os intelectuais que trabalhavam com os emigrados.

Żabko Potopowicz (1936), analisando a história da vida organizacional polonesa no Brasil, afirma que por volta de 1900, também houve tentativas de promoção de uma

³⁰³ Há esparsas referências à existência de círculos agrícolas também na comunidade polonesa de Misiones na Argentina, mas nada que seja evidentemente vinculado à presença de Biezanko.

³⁰⁴ Um dos membros do grupo de Lwów que pode ser considerado um dos mais atuantes entre os imigrantes poloneses no Brasil foi Etanislau Kłobukowski. A repercussão da ação de Kłobukowski como representante da Sociedade pode ser aquilatada também pelo registro de sua passagem no interior do Rio Grande do Sul promovendo o associativismo polonês, com um viés nacionalista (CUBER, 1975, p. 28).

³⁰⁵ A atuação da Sociedade Comercial e Geográfica de Lwów no processo da imigração polonesa foi assinalada por Gluchowski, o primeiro cônsul da Polônia livre no Brasil, em texto publicado originalmente em 1927, segundo o qual a intensa imigração polonesa para o sul do Brasil motivou, a partir de 1897, a ideia da “Nova Polônia”, que seria viabilizada através de projetos divulgados por meio do Jornal Comercial e Geográfico e da Revista de Emigração, como a fundação de escolas e envio de livros para as sociedades polonesas fundadas no Paraná e outros estados do Brasil (GLUCHOWSKI, 2005, p. 189, 191).

³⁰⁶ przez sprowadzanie (o ile możności z Polski) nasion, szczepów owocowych, narzędzi, machin

rede de círculos agrícolas, que poderiam desempenhar o papel de cooperativas, contudo sem resultados acentuados.

Kazimierz Warchalowski, jornalista, comerciante e diplomata que imigrou para o Brasil em 1901, também teria estimulado a criação de círculos agrícolas no Paraná antes da I Guerra Mundial e “visava fornecer aos agricultores os fundamentos da administração de uma propriedade rural” (MALCZEWSKI, WACHOWICZ, 2001, p. 406). Para a década de 1930, sem citar o Rio Grande do Sul, Cybulski afirma que “no estado de Santa Catarina e Paraná existem [...] mais de 100 círculos agrícolas em funcionamento” agregando mais de 9 mil membros³⁰⁷ (ANUSZEWSKA, 1980, p. 206).

Potopowicz (1936, p. 79) destaca o *Centralny Związek Polaków w Brazylii* (CZP- União Central dos Poloneses no Brasil), que apoiou a criação de círculos agrícolas com objetivos da combinação de todos os agricultores das colônias e seus arredores para elevar agricultura, horticultura e pecuária através de reuniões de discussão, assinatura de revistas sobre agricultura, compra de livros profissionais, leituras sobre organização, propaganda do cultivo racional, etc.

Por fim, alguns círculos já existiam em Guarani quando da chegada de Biezanko, sua ação foi no sentido de unificá-los numa central capaz de permitir a expansão da atuação daquelas associações, bem como fundar novos círculos em outras linhas onde não existissem, trabalho que realizava pelo menos desde meados de 1932, proferindo palestras nas linhas e para os professores locais, a fim de que cada “sociedade” tivesse seu círculo agrícola³⁰⁸. Segundo o *Rolnik* de novembro de 1933, “No início do ano em curso, um grupo de pessoas que com sentimento da necessidade da elevação das condições da agricultura decidiu iniciar uma ação social com o objetivo

³⁰⁷ Devido à falta de capitais, Cybulski afirma que “é impossível por enquanto transformar os círculos em cooperativas típicas e elas continuarão a ter um caráter de cooperativas de produtores com a tarefa de vender os produtos agrícolas e em casos particulares transformar as matérias primas em semi-produtos e produtos acabados, como também fazer a compra dos produtos necessários para à produção agrícola para os seus membros tais como: máquinas, adubos, etc. Desta maneira ultrapassam-se as leis sobre as cooperativas e as transações não pagam os impostos. Uma tal organização requer entretanto uma central comercial, mas a falta de capital não permite a sua criação.” (ANUSZEWSKA, 1980, p. 206)

³⁰⁸ *Głos Nauczyciela*, 31/05/1932. Relatório da Assembleia Geral de Guarani.

de unir os agricultores e elevar o seu conhecimento profissional”³⁰⁹, além disso, proteger o agricultor dos comerciantes através da cooperação agrícola³¹⁰, mantendo os lucros em suas mãos, evitando a dependência dos vendeiros, isto é, dos intermediários, assim como eram os ideais provindos de Curitiba através do CZP, dos quais Alfred Gobin era um dos divulgadores, apontando vinculação com o conhecimento e intenções produzidas na capital paranaense com sua grande e “forte” comunidade polonesa.

O periódico afirma a criação dos círculos teve o apoio do editor do *Odrodzenie*, Eng. Stanisław Służyński, importante no prosseguimento das atividades do CTR, somou também que vários círculos haviam sido criados e viriam a ser organizados na colônia e apenas desta maneira, os habitantes poderiam dizer que estavam realmente organizados, ao final convocando os seus colegas professores para auxiliarem neste trabalho.

Os docentes poloneses pareciam ser as lideranças preferenciais para o desenvolvimento dos círculos, na medida em que eram objetos de apreciações de Biezanko e outros, não é à toa que boa parte dos nomes presentes na sequencia apoiando o cientista eram justamente professores das linhas e/ou coordenadores das “sociedades”.

O CTR, de acordo com Krawczyk (2003), teve seu início em uma conversa de Biezanko e Wróbel, provavelmente em 1933. O autor em suas memórias aponta que convidou Biezanko em um domingo de sol para a sua casa “íamos em passos largos através de um bosque passavam por nós carroças cheias de gente que voltavam da igreja”³¹¹ completando que “era um ano de excepcional abundancia, o sol estava quente, mas chovia com frequência. Tudo crescia como se estivesse no fermento”³¹² (2003, p. 256-257), então se reuniram com o pai de Jan Krawczyk e se desenrolou interessante diálogo:

³⁰⁹ W początkach bieżącego rok grupa ludzi mających żywe poczucie potrzeby podniesienia stanu rolnictwa zdecydowała się rozpocząć akcję społeczną w celu zrzeszenia rolników, podniesienia ich wiedzy fachowej.

³¹⁰ *Lud*, 19/04/1933.

³¹¹ [...] szliśmy szerokim traktem, prowadzącym przez las, mijały nas furmanki wypełnione ludźmi, wracającymi z kościoła.

³¹² Był to rok wyjątkowo urodzajny, słońce grzało, ale i deszcze padały dość często. Wszystko rosło jak na drożdżach.

- Que belo é aqui! – constatou num certo momento Biezanko.
- Belo mas pesado – manifestou o pai, após um momento esclareceu. – Sempre há incômodos ou problemas. Se não é a seca, são as formigas e gafanhotos ou ainda a corja de negociantes que tiram o sono³¹³.
- Eu entendo, gafanhoto [algo como eu me entendo com os gafanhotos], mas por que com os negociantes vocês não podem se entender – admirava-se o professor.
- Compram quando querem e pagam, quando querem, e para isso ainda tem o amparo do padre [Wróbel] – disse com raiva o pai.
- Ouvi que vocês iam fundar uma cooperativa.
- É teve uma proposição assim já tinha até se juntado o fundo para o começo, mas alguns tinham medo de ofender (se indispor) os negociantes e desistiram.
- Já que não deu para fundar a cooperativa quem sabe pensem sobre o círculo agrícola. A forma de funcionamento é parecida, mas não precisa ter muitos membros. Além disso, talvez precise em se pensar em mudar o método de administração.
- Boas reflexões – disse o pai cautelosamente.³¹⁴ (2003, p. 257).

Depois continuando o diálogo “O pai [Michal Krawczyk] sentava com a cabeça inclinada ouvindo em silêncio. Quando Biezanko terminou de falar encheu o peito e falou direto: - Senhor professor, que o senhor comece!” o senhor Krawczyk (pai) completa “Então alguém tem que dar o início, e quem pode melhor fazê-lo e aquele que conhece melhor estes assuntos? E mais uma coisa, o senhor mora com o padre. Se o senhor convencer o padre Wróbel e conquista o seu apoio dá para fazer tudo”³¹⁵, assim, podemos observar novamente a importância da figura sacerdotal na colônia, articulada com os comerciantes e sendo inclusive criticada por esta razão por Michal Krawczyk,

³¹³ Nota da tradução: no original: “tira o sono dos olhos”.

³¹⁴ - Pięknie tu jest! – skonstatował w pewnym momencie Biezanko.

- Pięknie, ale ciężko – odrzekł ojciec i po chwili wyjaśnił. – Ciągłe są jakieś kłopoty. Jeśli nie susza, to mrówki lub szarańcza albo zgraja kupiecka spędzają sen z powiek.

-Rozumiem szarańcza, ale dlaczego z kupcami nie możecie się porozumieć – dziwił się profesor.

- Kupują, kiedy chcą i płacą, kiedy chcą, a do tego mają jeszcze poparcie księdza – powiedział ze złością ojciec.

-Słyszałem, że mieliście założyć spółdzielnię.

- Padła taka porpozycja, nawet już fundusz na rozruch był zgromadzony, ale niektórzy bali się narazić kupcom i zrezygnowali.

- Nie udało wam się założyć spółdzielni, to może pomyślcie o kółku rolniczym. Zasada działania podobna, a członków nie musi być dużo. Poza tym może trzeba pomyśleć o zmianie metod gospodarowania.

- Warte zastanowienia – powiedział ojciec ostrożnie.

³¹⁵ Ojciec siedział z pochyloną głową, milczał i słuchał. Kiedy Biezanko skończył mówić, wciągnął głęboko powietrze i rzucił krótko: - Panie profesorze, niech pan zaczyna!

- Ja? – zdziwił się szczerze. – Dlaczego ja?...

-No, ktoś musi dać początek, a kto może uczynić to lepiej niż ten, kto rozumie te sprawy? I jeszcze jedno, pan mieszka u księdza. Jeżeli pan przekona księdza Wróbla i uzyska jego poparcie, wszystko da się zrobić.

que talvez tivesse ideias mais radicais e anticlericais, na medida em que posteriormente à Segunda Guerra Mundial, seu filho Jan, ainda adolescente durante a passagem de Biezanko, se tornaria vinculado ao governo popular polonês (PRL *Polska Rzeczpospolita Ludowa*-República Popular da Polônia). Mesmo assim, é peremptória a vinculação do padre com a figura de Biezanko, algo entendido como impulsor do desenvolvimento de atividades em prol do colono.

Na sequência de suas memórias, Krawczyk (2003, p. 258) afirma “Nunca fiquei sabendo como transcorreu a conversa do Biezanko com o padre. Mas logo depois dela, o padre me chamou para a casa canônica. Quando eu cheguei lá ele me deu o devido texto: - Senta na máquina e escreve convites para os colonos e sociedades para a reunião para organizar o círculo agrícola”³¹⁶. O padre decidiu por convidar os colonos e junto com o professor, doou livros para a criação de uma biblioteca. Desta maneira, segundo o autor, teria se dado o início do círculo agrícola depois *Centralne Towarzystwo Rolnicze* (CTR).

As passagens de Krawczyk, as quais usaremos em profusão ao longo deste trabalho, devemos necessariamente relativizar,. O autor sugeriu em suas memórias características grandiosas ao evento, propondo o surgimento do círculo em diálogos na sua casa em presença de sua família e dele próprio, não temos outras fontes que possam confirmar o acontecimento relatado acima, contudo sabemos que houve realmente a criação da instituição com os moldes supramencionados, o fato é que a posterior memória de Biezanko como alguém “importante” na comunidade de Guarani e na polonesa de maneira geral, possa ter causado algumas supervalorizações por parte daqueles que conviveram com ele a fim de se aproximarem como componente ativo da (re)construção da memória deste personagem singular, indicando relações fortes das tramas da memória individual e coletiva com o realce de certas situações e o esquecimento de outras, já que como pudemos observar nas fontes, os Krawczyk não

³¹⁶ Nigdy się nie dowiedziałem, jaki był przebieg rozmowy Bieżanki z księdzem. Jednakże wkrótce po niej wezwał mnie ksiądz na plebanię. Kiedy się tam zjawilem, podał mi odpowiedni tekst i powiedział: - Siadaj do maszyny i pisz zaproszenia dla kolonistów i towarzystw na zebranie organizacyjne kółka rolniczego.

ocuparam funções de destaque no CTR³¹⁷, tampouco aparecem nas falas de Biezanko como uma família de contatos fortes na sua rede de relacionamentos.

Segundo o *Oređownik* de março de 1933, a primeira reunião do CTR ocorreu em 19 de fevereiro daquele ano (sem a presença de Krawczyk), possível data de inauguração. Foi presidida por Wróbel, quem observou a necessidade da diminuição das contendas internas da comunidade de “avivamento econômico e elevação da agricultura” como pontos principais da reunião; onde compareceram além dos colonos mais de dez professores (KRAWCZYK, 2003, p. 259) e incluiu uma pauta muito ampla³¹⁸, entre os aspectos principais, temas como os ocupados por Czeslaw Downar: sobre o Curso Agrícola (*Kurs Rolnicze*) do *Kolegium* e relações dos agricultores com os comerciantes; por [Szczepan] Wisniewski: sobre educação de jovens agricultores; Alfred Gobin sobre cooperativismo agrícola; e pelo próprio Biezanko, sobre os programas da Escola Agrícola, subsídios para outras escolas, o CTR, bem como acerca da criação de suínos.

Outros debates e palestras dissertaram sobre máquinas agrícolas e apicultura, além de falas de Jan Klidzio, que juntamente a Czeslaw Downar e Szczepan Wisniewski, são personagens importantes e assaz presentes entre as ligações pessoais de Biezanko no CTR, apesar de futuras clivagens com Downar. Na mesma reunião houve a preparação da “Primeira Exposição Agrícola” (*Pierwsza Wystawa Rolnicza*) em Guarani que seria organizada por Wróbel e Biezanko³¹⁹ e a escolha da primeira direção da associação.

³¹⁷ Participou na organização do círculo agrícola da Linha Barreira.

³¹⁸ Uma importante situação debateu-se também na reunião por proposição de J. Kurylo, que a Sociedade Central Agrícola fosse uma seção do Departamento de Educação (Wydział Oświatowy) do qual era presidente o sr. Z. Gonsiorkiewicz, provavelmente ligado ao CZP (POTOPOWICZ, 1936). Ocorreu uma larga discussão na qual tomaram a palavra o Pe. Decano Wróbel, o Sr. Wisniewski, Sr. Wastowski, Sr. Downar, Sr. Biezanko, Sr. Gonsiorkiewicz, Sr. Kurylo. Após a discussão os reunidos chegaram à conclusão, com base nos justos argumentos do Sr. Adam Wastowski, que CTR não poderia pertencer ao Departamento de Educação, pois muitas sociedades não pertencem o faziam. Não conviria misturar as causas agrícolas com os assuntos do Departamento de Educação, que segundo o relatório da reunião, existiria para os assuntos de escolaridade, já a Sociedade Central iria existir e trabalhar para os agricultores.

³¹⁹ Não sabemos se a dita exposição efetivamente ocorreu, segundo o *Lud* de 19/04/1933, durante as deliberações da primeira reunião do CTR foi concedida a palavra ao Sr. Eng. Biezanko, o qual relata os assuntos da Primeira Exposição Agrícola em Guarani. O professor afirmou que o dever do agricultor polonês é mostrar aquilo que consegue produzir e que grandes vantagens morais e materiais a Exposição

A reunião teve seu relatório publicado também em Curitiba pelo *Lud* de 29 de março e 19 de abril de 1933, onde aparecem mais os relatos de diversos debates. Sobre a fórmula dos encontros, tomaram a palavra o Pe. Decano Wróbel, então coordenador da reunião, Sr. Biezanko e o Sr. Jablonski e por proposta de Biezanko ficou estabelecido, que existiriam “conferências-conversas” (*odczyty-pogadanki*) com duração de meia hora e depois das conferências haveria discussões, espécies de mesas-redondas, isto é, com apresentações de trabalho e palestras, seguidas de debates.

O professor Adam Wastowski, professor atuante notadamente da linha Bom Jardim e Botocudo em Guarani, foi personagem próximo a Biezanko inclusive abrigando em sua casa o professor³²⁰, que foi orador em seu casamento. Era reconhecido pela imprensa curitibana como ativista agrícola e educacional em Guarani³²¹ e era primo de Miguel Valeriano Wastowski, futuro incentivador da soja e genro de Szczepan Wiśniewski, ulterior presidente do CTR. Na reunião, Adam Wastowski exprimiu sua opinião sobre a necessidade da organização de conferências em todos os domingos após os ofícios religiosos, corroborando o caráter de vinculação com a Igreja que a instituição teria.

Em concordância com o *Lud*, na mesma reunião, o CTR recebeu o apoio de outras instituições como a União das Associações Polonesas em Porto Alegre (*Związku Zrzeszeń Polskich-ZZP*³²²), que era coordenada pelo redator Ślużyński, quem depois

Agrícola traria, o que deveria encorajar para a participação mais numerosa na exposição. Após os mais longos debates foi aceita a proposição do Sr. Downar para a abertura da exposição no primeiro aniversário da Reunião dos círculos agrícolas, isto é no dia 19 de fevereiro de 1934. Para o Comitê da Exposição a diretoria do CTR convidaria a Direção de todos os Círculos Agrícolas, a direção de todas as sociedades, Professores, Prefeitos e sub-prefeitos de municípios e distritos vizinhos, as personalidades mais importantes dentre os funcionários de estado e comerciantes. Apesar de tudo, não obtivemos relatos do acontecimento, até em função das disputas que envolveram o CTR e da saída de Biezanko da colônia.

³²⁰ Folha da produção, 1986.

³²¹ *Lud*, 02/08/1933.

³²² Segundo Gardolinski (1974, p. 76), uma espécie de associação que organizava conferências e discussões, muitas das quais sobre métodos de ensino. Segundo Malikoski (2015, p. 110-111): “As Crônicas e as atas da Sociedade Polônia do ano de 1930, mencionam também a existência de uma organização de nome “Związku Zrzeszeń Polskich w Rio Grande do Sul”, que funcionava no prédio da Sociedade Tadeusz Kosciuszko em Porto Alegre. Tal organização funcionou por meio da década de 1920 e 1930 até 1938, como Federação das Associações Polonesas do Rio Grande do Sul. A organização editava periódicos em língua polonesa, distribuídos nas colônias e centros urbanos da imigração polonesa. Conforme os estatutos publicados em 1931, o objetivo era congregar todas as sociedades existentes no Rio Grande do Sul com representação em todas as colônias e sociedades, fortalecendo-as em sua

permitirá o uso do periódico que era editor, o *Odrodzenie*, de maneira “altruísta”³²³, para a divulgação dos escritos do CRT e apoiará a central, sendo inclusive presidente das reuniões de alguns círculos³²⁴. Também tomaram parte dos debates Józef Kurylo, Alfred Gobin (secretário da reunião), e outros personagens, muitos dos quais futuras lideranças na associação e pessoas de prestígio em diferentes áreas de atuação na colônia (especialmente fora da agricultura).

A primeira lista da administração do círculo, a qual tivemos contato, é de novembro de 1933 e conta com Szczepan Wisniewski na presidência, Józef Kurylo como vice-presidente e Franciszek Wasilewski como segundo vice-presidente, ambos envolvidos posteriormente na polêmica da introdução da soja como apresentado no capítulo 2. Também foram escolhidos membros do conselho de administração, o bibliotecário e o tesoureiro³²⁵.

O presidente Szczepan Wisniewski, agricultor da linha Harmonia Velha, segundo Krawczyk, “pessoa inteligente, trabalhador, mas clerical como alguns afirmavam” e o secretário, professor Jakub Biesek, teriam sido indicados pelo padre, e o autor critica o fato, chamando-os de clericais (*klerykał*), tal perspectiva coaduna com as disputas travadas na comunidade polonesa especialmente durante a Segunda República na Polônia, quando houve um embate pela hegemonia da colônia, envolvendo intelectuais imigrados a serviço do governo polonês, intelectuais e colonos residentes no Brasil e os religiosos, predominantemente vicentinos, tal qual os episódios em Misiones, narrados no capítulo 1.

Jan Krawczyk foi escolhido como secretário e vice-redator do suplemento editorial “Rolnik”, do qual trataremos melhor adiante, que tinha como redator-chefe Adam Wastowski. Jan Krawczyk, era polonês e viveu em Guarani das Missões por alguns poucos anos, nascido em 1916, posteriormente escritor e jornalista, estudou dois anos no colégio Władysław Reymont (o *Kolegium*) e apesar de deveras jovem quando

organização e constituição”, depois, segundo Potopowicz (1936) a instituição se vinculou ao CZP de Curitiba.

³²³ Rolnik, novembro 1933.

³²⁴ Polonia Riograndeńska, n 12. 1933.

³²⁵ Cargos ocupados por Jakub Biesek, também bibliotecário e Leon Obadowski. Na comissão de auditoria, Bronislaw Jablonski, Józef Cegielka e Boleslaw Krawczyk (irmão de Jan Krawczyk)

da primeira passagem de Biezanko, chegou a afirmar que tinha um relacionamento com o cientista ao apontar que “De vez senti dele simpatia. Era direto era possível levar uma conversa sincera com ele. Ajudava-me na escolha de materiais, de livros repartindo observações sobre o tema, qual tema escolher aconselhava o que valia a pena ler”, além disso, “Me perguntava sobre a vida dos colonos. Mostrava sua coleção de insetos. Podia falar com ele por horas inteiras (longas conversas)” (2003, p. 256), como atestamos Krawczyk, chegou a convidá-lo para sua casa e ter conversas com seu pai, Michal Krawczyk³²⁶.

O nome de Biezanko não aparece entre os titulares dos cargos, mas a princípio ele era um coordenador geral da instituição e os nomes citados acima são exemplos dos vínculos pessoais que o cientista estabeleceu, os quais em geral constituíam uma espécie de elite da colônia, envolvendo comerciantes, professores, agricultores economicamente melhor posicionados, entre outros, conformando a sua rede de sociabilidade.

O CTR já nesta época englobava diferentes círculos agrícolas das linhas da colônia de Guarani (alguns como mencionamos criados antes da fundação da instituição maior), em especial o círculo *Kopernik*³²⁷ da linha Harmonia Velha, o *Mazur*, da linha do Rio³²⁸, o *Dr. Grabowski* da linha Botocudo, o *Kmieć* da linha Pedro de Toledo Abrantes e o *Wisła* da linha Paranaguá³²⁹, havia outros círculos como na Linha Barreira coordenado por Wacław Warpechowski³³⁰ e na Linha Silva Jardim³³¹.

O funcionamento da instituição era sustentado por uma contribuição mensal básica, considerada baixa por Krawczyk (2003, p. 259), além disso,

³²⁶ Od razu poczułem do niego sympatię. Był bezpośredni i można było z nim szczerze rozmawiać. Często mi asystował przy wybieraniu książek, dzieląc się uwagami na temat tego czy owego dzieła, doradzał, co warto przeczytać. [...] Dopytywał mnie o życie kolonistów. Pokazywał swoje zbiory owadów. Mogłem z nim rozmawiać całymi godzinami.

³²⁷ *Lud* 12/04/1933. Fundada por ideia do prof. Chmielewski.

³²⁸ Círculo Agrícola fundado em 1931, vinculada à sociedade Santo Isidoro, composto por 14 membros-agricultores cadastrados. Coordenado por Francisco Wasilewski e Stanisław Wisniewski, então presidentes do círculo e Józef Króla e Władysław Kozłowski. Notícia de *Polonia Riograndeńska*, 17/07/1932 e Fevereiro de 1934.

³²⁹ *Rolnik* novembro 1933.

³³⁰ *Odrodzenie*, apêndice *Polonia Riograndeńska*, nr. 12.

³³¹ *Lud*, 10/02/1934.

Na cidadezinha foi alugada uma casa de esquina, na qual foi organizada uma sala de leitura para os agricultores. Tinha lá material escrito da área de agricultura, criação, fruticultura, apicultura, jornais e brochuras fornecidas pelo padre Wróbel e Biezanko, tudo em polonês, pois a geração mais velha tinha problemas com a língua portuguesa.³³²

O local, segundo Biezanko, se encontrava no centro da cidade³³³, onde foi construída uma biblioteca, na qual em pouco tempo contava com cem agricultores leitores, dentre os quais era projetada a leitura de mais de 2000 livros/ano em 1933³³⁴. Adquiriam-se diferentes periódicos, como o “Lud” de Curitiba, o “Codzienny Niezależny” de Buenos Aires e o “Orędownik” de Posadas, ambos da Argentina, entre outros, mais especificamente do âmbito rural, o “Chácara e Quintais” de São Paulo, o “Agricultor”, etc. ficando na casa de certo Nowakowski, quem mantinha uma “bela” sala de leitura gratuitamente, fundada em dezembro de 1933 e onde recebiam para além dos citados periódicos, o “Prawdę Polską”, “Przyjaciela Ludu”, “Pobudkę” e “Głos Polski”, sendo o gerente da imprensa o Sr. Obadowski³³⁵.

A biblioteca era bastante frequentada e guardava o conhecimento produzido sobre a agricultura na Polônia e no Brasil, de maneira que se percebermos o avanço na área educacional entre os colonos, muitos jovens eram alfabetizados (tanto em polonês como português) nas colônias polonesas, em função das várias escolas que surgiram na sede e nas linhas desde o início do processo de ocupação das terras, como nos mostraram vários autores (GARDOLINSKI, 1958, STAWINSKI, 1974, WACHOWICZ, 1974, 2003), somados ao crescimento da literatura rural polonesa apontada anteriormente, conclui-se que o acesso à informação poderia ser relativamente grande, além da leitura em grupo dos periódicos como demonstramos no capítulo dois. Krawczyk (2003, p. 260) relembra que dois

³³² W miasteczku wynajęto narożny dom, w którym zorganizowano czytelnię dla rolników. Były tam pisma specjalistyczne z zakresu rolnictwa, hodowli, sadownictwa i pszczelarstwa, gazety i broszurki, dostarczone przez księdza Wróbla i Biezanke, wszystko w języku polskim, jako że starsze pokolenie miało kłopoty z językiem portugalskim.

³³³ Carta 1976.

³³⁴ *Odrodzenie*, dezembro 1933. Segundo Z.K. “*eles tinham a biblioteca. Então, a biblioteca tinha muitos livros lá, então, e eles emprestavam, porque antigamente se lia. O pessoal lia*”.

³³⁵ *Rolnik* dezembro 1933.

Ex-voluntários do Exército Azul do general Haller³³⁶, Cegiełka e Kamiński eram frequentadores assíduo da sala de leitura. Nos feriados poloneses e nacionais vestiam os uniformes dos hallerianos e prendiam os distintivos franceses e poloneses e iam para a igreja. Após a missa numa venda próxima cada um tomava um trago (*śluk*) marchando depois pelo centro da rua até a sala de leituras. Com as portas e janelas bem abertas dava para ver da rua como às vezes discutiam sobre algum artigo do “Przegląd Katolicki” ou “Przyjaciół Rodziny”. Quando passavam alguns dos conhecidos puxavam-no para dentro e premiavam-no com uma porção de aventuras de guerra que cada vez tinham transcorrido diferente³³⁷.

De acordo com o autor, eram respeitados, pois eles que “eram os maiores propagadores do círculo, embora eles mesmos não se ocupavam da agricultura”³³⁸, de maneira que a partir das leituras, muito provavelmente eram capazes de entender possibilidades de melhoria das técnicas e métodos agrícolas e a possibilidade de estender o conhecimento para os colonos, sobretudo, com um possível prestígio por terem participado na luta pela Polônia Independente, tinham o respeito para terem suas ideias seguidas e, portanto, poderiam ser vozes fortes na propagação do círculo³³⁹.

De acordo com Krawczyk, respaldando a importância da mediação do clero, “Padre Wróbel em cada sermão lembrava sobre o círculo e nas conversas privadas convidava os colonos para entrar nele”³⁴⁰ (2003, p. 260), tornando a casa canônica, também, um ponto de encontro para as discussões. “Outro incansável guerreiro era Biezanko. Os colonos precisavam dos seus conselhos e ele com boa vontade os concedia.”³⁴¹, assim o círculo ganhava força, como parte das ideias de Biezanko para o

³³⁶ Combatentes pela independência da Polônia na Primeira Guerra Mundial organizaram-se na França sob o comando de Haller, que inclusive alistou soldados no Brasil.

³³⁷ Eks-ochotniej z Błękitnej Armii gen. Hallera, Cegiełka i Kamiński byli stałymi gośćmi czytelnicy. W polskie i brazylijskie święta narodowe ubierali mundury hallerczyków, przypinali francuski i polskie odznaczenia i szli do kościoła. Po mszy wypijali w pobliskiej wendzie po jednym śluku, po czym maszerując środkim ulicy, docierali do czytelnicy. Przez otwarte na oścież drzwi i okna widać było z ulicy, jak nieraz dyskutowali zawzięcie nad jakimś artykułem z “Przeglądu Katolickiego” czy “Przyjaciół Rodziny”. Jeżeli przechodził ktoś ze znajomych, wciągali go do środka niemal siłą i częstowali porcją przygód wojennych, które za każdym razem miały inny przebieg.

³³⁸ To oni stali się największymi propagatorami kółka, choć sami rolnictwem się nie zajmowali.

³³⁹ Os hallerianos não teriam muito espaço no governo da 2ª República Polonesa, ocupado pelos seguidores do Marechal Piłsudski, assim no Brasil, onde estavam vinculados com as ações promovidas desde finais do século XIX, mantiveram uma posição de maior prestígio marcando sua condição ante a derrota política.

³⁴⁰ Ksiądz Wróbel w każdym kazaniu wspominał o kółku, a w prywatnych rozmowach wprost namawiał kolonistów do wstępowania do niego.

³⁴¹ Kolejnym niez mordowanym bojownikiem był Biezanko. Koloniści potrzebowali jego rad, a on chętnie ich udzielał.

estímulo a economia local, contudo, só foi possível devido à autoridade de Wróbel, enquanto promotor, organizador e, porque não, financiador do projeto, ingerindo na administração, condução e resultados finais.

Apesar do apoio, “Biezanko se transformava em dois e três, esforçava-se para simplificar as crescentes necessidades dos seus conselhos profissionais”, Krawczyk (2003, p. 260) destaca que o professor “Trazia sementes, escrevia artigos na área da cultura da soja, cebola, linho, e várias outros vegetais. [...]”. O autor avulta fortemente a atuação do cientista, importando sobremaneira seu esforço em trazer sementes, pois “Graças à profícua ajuda de Biezanko o círculo importou mais de uma dezena de sacos de sementes selecionadas de trigo, pois a local já estava degenerada, um pouco de soja, cebola, chá chinês, mudas de árvores frutíferas e enfim...bichos-da-seda”³⁴², assim, o círculo se tornava espaço para a circulação daquelas sementes, ou seja, uma rede de distribuição e redistribuição de materiais, onde foi possível a realização de diferentes testes com diversos produtos.

Cabe, neste momento, uma breve digressão sobre o altamente citado *Odrodzenie* (Renascimento), um quinzenário, segundo o padre João Piton (1971), apartidário, que circulou entre 1930 e 1934, justamente no tempo que Biezanko esteve em Guarani, apesar disso, era impresso pela Tipografia Polonesa em Porto Alegre, todo em polonês, tendo como redator-chefe o supramencionado engenheiro Estanislau Śłużyński e Józef Issakowicz. Dentro do periódico havia vários suplementos, cada qual com diferentes assuntos, destacamos o *Głos Nauczyciela* (A voz do Professor), nos quais se encontram notícias ligadas à educação e onde há diversos artigos sobre Guarani e Biezanko. Outro suplemento do *Odrodzenie* era o já citado *Rolnik* (Agricultor), no qual foram produzidos vários textos escritos por Biezanko, Wróbel, Krawczyk, então vice-redator do suplemento, e outros, sobre solo, plantas, pragas, enfim, sobre a agricultura e pecuária em geral. Boa parte do que era escrito provavelmente surgiu das discussões do círculo, como atentamos anteriormente de acordo com Krawczyk, pois o *Rolnik* havia se tornado um “órgão” do CTR tal como era chamado pelos associados.

³⁴² Dzięki wydatnej pomocy Bieżanki kółko sprowadziło kilkanaście worków nasienia selekcyjnej pszenicy, jako że miejscowa się wyrodziła, trochę soi, cebuli, chińskiej herbaty, sadzonek drzew owocowych i wreszcie – jedwabniki.

Esta associação evoca, ainda que de maneira diminuta, o vínculo de Biezanko com Czajkowski, editor do *Oređownik* em Misiones, descrito no capítulo 1, ambos trabalharam em conjunto inicialmente no curso de professores local, sendo o periódico ativo na divulgação da atividade até o início dos conflitos já narrados.

Segundo Zygmunt Polanczyk³⁴³, posterior secretário do CTR, o *Odrodzenie* foi adotado como revista oficial do círculo agrícola e o próprio secretário utilizou o periódico para conclamar pessoas para se organizarem, como escreveu “Colonos! - Não hesite, organizar-se e matricule-se para os "círculos agrícolas", porque só desta forma podemos causar uma vida melhor no futuro!”³⁴⁴, ratificando a necessidade de convocar os colonos para o círculo e o jornal como meio de propagandear aquela novidade. Na verdade, o periódico vai apresentar diversas notícias e artigos sobre o CTR, sua relação de receitas e despesas, a administração, informações gerais sobre reuniões ou então convites para eventos, etc., vinculando também a comunidade polonesa porto-alegrense, onde emitiam o jornal, e singularmente Ślużyński, à rede de sociabilidade de Biezanko.

A iniciativa para a edição permanente do periódico foi feita em fevereiro de 1933, coordenada pelo CTR, e por intermédio do redator Ślużyński, culminando na primeira edição em maio do mesmo ano, quando os próprios redatores consideravam que “Já há algum tempo sentia-se a falta de um periódico agrícola, o qual tratasse de uma maneira mais popular, e pois mais acessível para os nossos irmãos agricultores, tão numerosamente semeados pelo sul do Brasil e norte da Argentina”, para eles “Aqui e acolá artigos agrícolas disseminados nos jornais poloneses no Brasil, artigos que predominante se espalhavam por vários números de periódicos não podem cumprir a sua tarefa, tarefa do periódico agrícola”³⁴⁵, assim lançaram mão de um artigo no jornal com o fito de convidar colaboradores: círculos agrícolas, professores, engenheiros, médicos, padres e, claro, agricultores para a cooperação com o apêndice, pois como

³⁴³ *Odrodzenie*, apêndice *Polonia Riograndeńska*, nr. 19.

³⁴⁴ Koloniści! – nie zwlekajcie, organizujcie się i zapisujcie się do “Kółek Rolniczych” bo tym sposobem tylko możemy dojść do lepszego bytu w przyszłości!

³⁴⁵ *Rolnik*, maio de 1933. Już od dłuższego czasu wyczuwało się brak takiego pisma rolniczego, które traktowałoby w sposób popularny, a więc przystępny dla naszej braci rolniczej, tak licznie rozsianej w południowej Brazylii i północnej Argentynie.

Tu i owdzie rozrzucone artykuły rolnicze w gazetach polskich w Brazylii, artykuły przeważnie ciągnące się przez kilkanaście numerów pisma nie mogą spełnić swego zadania, zadania pisma rolniczego.

concluía, no “Rolnik” iriam colocar artigos, relatórios dos círculos e associações agrícolas, observações e anotações de práticas, perguntas e respostas, etc.

O professor Chmielewski afirmou que “no mais longínquo recanto, na mais pobre casinha, tal escrito [Odrodzenie] chega (*ciśnie*) lá”. Este quinzenário agrícola pode ter sido uma resposta de Biezanko e seus relacionados às reclamações da falta de leituras especializadas, como vimos no capítulo 2 e na fala de Michal Krawczyk sobre as obras provindas de Curitiba citadas acima.

Muitas das citações e informações que obtemos para este trabalho foram em consultas ao *Odrodzenie*, no acervo Edmundo Gardolinski da UFRGS, o qual tinha uma tiragem relativamente grande (cerca de 1000 exemplares), chegando a ser entregue em Curitiba e outros locais onde havia comunidades polonesas.

Retomamos as discussões anteriores, com base nas palavras de Krawczyk (2003, p. 267), uma das preocupações de Biezanko era o despovoamento de Guarani, seguindo a perspectiva da “zona pioneira” e em função do desgaste do solo proporcionado pela rudimentar prática agrícola, somados à disponibilidade de se obter matas virgens em colônias próximas, como Palmeira, o professor “não economizava esforços para interessar a juventude com novas possibilidades na agricultura nos terrenos daqui”. Consoante Biezanko, “o processo de despovoamento das velhas terras retardava o desenvolvimento da cultura agrícola. O Professor propunha novas sementes, aconselhava mudar os métodos da cultura da terra, indicava adubos químicos como o único socorro para os solos desgastados”³⁴⁶, assim, evitando justamente a deterioração adiantada da terra, fato que era potencializado pela queimada, extremamente prejudicial como demonstramos no segundo capítulo.

“O Círculo agrícola decididamente manifestou-se contra as incursões pela floresta”³⁴⁷ (2003, p. 266), a fim de manter a população na colônia e impedir o êxodo da parte mais jovem, a qual provavelmente migrava também em razão dos processos de

³⁴⁶ Nie szczędził trudu, by zainteresować młodzież nowymi możliwościami w rolnictwie na tutejszych terenach.

[...] proces wyludniania się starych okolic opóźniał rozwój kultury rolnej. Profesor proponował nowe nasiona, radził zmienić metody uprawy ziemi, zalecał nawozy sztuczne jako jedyny ratunek dla wyjałowionych gleb.

³⁴⁷ Kółko rolnicze zdecydowanie opowiedziało się przeciwko wędrowce do puszczy.

herança, os quais fragmentavam os lotes ou excluíaam alguns filhos como estudado por Woortmann (1995).

Outro meio de percebermos o modo de ação do CTR é através das notícias referentes aos círculos agrícolas disseminados nas linhas, assim partimos da amostragem dos exemplos de reuniões dos círculos *Kopernik*, na linha Harmonia Velha, do *Mazur* na Linha do Rio e o *Ministra Dr. Tadeusz Grabowski*, na linha Botocudo.

O círculo que leva o nome do astrônomo e matemático polonês Nicolau Copérnico tinha a liderança do professor Józef Chmielewski e elucida o modo de proceder dos círculos. Numa das reuniões coordenadas pelo próprio presidente do CTR, Szczepan Wisniewski, com a ajuda do professor Chmielewski e do secretário Stanislaw Wisniewski, se destacava a necessidade de cooperação com o CTR e que as reuniões se concentrassem nas questões agrícolas para evitar outros conflitos. Notamos uma preocupação com o ensino rural para tornar os jovens agricultores profissionais, desta maneira discutem o surgimento de novas escolas e a Escola Agrícola de Biezanko, a qual deveria ser considerada, segundo os palestrantes, o orgulho da colônia e também necessitando cuidados para evitar aqueles que poderiam querer prejudicá-la, de modo que foi decidido por um auxílio financeiro àquela instituição através de doações. No fim, definiram por se unir ao CTR e participar da exposição agrícola promovida pela organização e por Biezanko, com o intuito de mostrar, segundo os integrantes do círculo, às outras etnias (alemães e italianos) que os poloneses eram trabalhadores e inteligentes³⁴⁸ e deveriam estar à frente de todos, reforçando sua honra étnica (WEBER, 1994), além disso, havia indicações de outros círculos de linhas próximas interessadas em juntar-se ao CTR³⁴⁹.

O círculo *Mazur*, fundado em 1931 por agricultores com o máximo de uma a duas colônias de terra (25 a 50 ha) era ligado à Sociedade Santo Isidoro, vinculada por sua vez, à Franciszek Wasilewski, presidente do círculo, e ao professor Józef Kuryło

³⁴⁸ Estas colocações demonstra que os poloneses através de seus intelectuais entravam na luta das representações, diante de um ambiente interacional étnico, uma vez que os alemães neste período eram elite em Porto Alegre, além das colônias italianas próximas e Caxias, que já tinha grande desenvolvimento econômico, como o avanço de Celeste Gobbato no desenvolvimento da vinicultura (MONTEIRO, 2011).

³⁴⁹ *Lud*, 12/04/1933.

ambos com altos cargos no CTR e relações fortes atreladas ao cultivo da soja na Linha do Rio, motivo posteriormente da polêmica com Gardolinski sobre a introdução da leguminosa, como apresentamos no capítulo 2.

O exemplo do *Mazur* ajuda a elucidar uma atividade comum nos círculos, que eram palestras proferidas pelos professores, a fim de proporem mudanças, como no caso em que Kurylo convidou Biezanko para conduzir aulas exemplares na sua escola, e ambos deram uma palestra intitulada “Como aumentar a renda da colônia (*gospodarstwa*)”.

No círculo, em reunião anunciada no *Polonia Riograndeńska* de 17/07/1932, portanto anterior à fundação do CTR, discutiam a manutenção das estradas e melhoria dos transportes, bem como a manutenção de escolas na colônia, mediando às relações dos colonos com as autoridades oficiais do Estado e Município, reclamando da cobrança dos impostos não retornarem em serviços de qualidade, igualmente, debatendo sobre a distribuição de sementes de trigo, ferramentas agrícolas, a qual, para os membros do círculo, o Ministério de Agricultura poderia oferecer através do círculo, indicando certa relação daquela instituição com a do âmbito público, num trabalho de mediação partindo dos notáveis (lideranças do *Mazur*)³⁵⁰. Reclamavam também assistência técnica e a falta de um veterinário profissional na colônia, bem como a necessidade de um agrônomo, um construtor, um medidor e finalmente, o acesso dos filhos dos colonos ao Ensino Superior Profissional.

Por fim, o círculo *Ministra Dr. Tadeusz Grabowski* da linha Botocudo, foi fundado em 11 de fevereiro de 1933 numa reunião dirigida pelo pe. Cura Edward Pinocy e com a ajuda de Adam Wastowski, então diretor da escola da linha e futuro secretário do círculo, quem escolheu o nome da associação em homenagem ao cônsul e ministro plenipotenciário da Polônia no Brasil. Segundo as fontes, a reunião escolheu os

³⁵⁰ Não obtivemos informações de relações formais entre a instituição e o espaço público, mas provavelmente, num momento de anunciada crise pós-1929, através da expansão do ensino rural e o desenvolvimento do cooperativismo, assim como mostramos o capítulo 2, é muito possível que existisse um diálogo com os poderes públicos municipais e estaduais, que poderiam ser a própria mediação com a transmissão de reclamações da colônia e também algum financiamento externo provindo de fontes públicas.

dirigentes da instituição³⁵¹ e teve diferentes palestras e entre os conferencistas sobressaía Biezanko como um entusiasta dos círculos e o próprio Wastowski, o qual destacou

apresentando o que significa da organização em círculos agrícolas, como uma das maneiras de elevar os resultados do agricultor e igualmente o agricultor organizado em círculos agrícolas é uma potência. Se hoje o agricultor se queixa é porque faz sozinho, e alguém sozinho não conta, porque os comerciantes estão organizados e eles ditam os preços. Não apenas temos que pensar que devemos elevar os lucros da agricultura e da criação, mas igualmente temos que nos formar e preparar os nossos filhos para serem agricultores progressistas³⁵².

Em outro momento tomou a palavra o Eng. Biezanko e apresentou o programa do congresso dos círculos agrícolas em Guarani, detalhou mais o caso da escola agrícola, clamando pela organização dos colonos, expôs a fundação do CTR e tratou da primeira Exposição Agrícola, de maneira que o conferencista foi ovacionado com palmas como resposta as suas proposições.

Percebemos, destarte, como funcionou o CTR, uma associação que propunha diversas possibilidades para o campo, mediação das demandas dos agricultores com as entidades públicas, preocupava-se na produção de conhecimento e sua difusão, através de artigos e palestras, na distribuição de sementes e métodos, e na melhoria econômica da colônia, centralizando os esforços nos colonos poloneses especificamente, através de círculos individuais que faziam parte de uma instituição maior, sempre com a participação de Biezanko seja na orientação, seja no trabalho mais concreto.

A clivagem com os comerciantes é latente, motivo pelo qual as instituições como o CTR poderiam ser um mediador das relações dos colonos com as autoridades públicas e a condução do comércio dos produtos coloniais, sobressaindo as melhorias no transporte e comunicação. No entanto, temos de relativizar as informações obtidas nos periódicos locais. Primeiramente, a constituição do trabalho do CTR não se deu sem

³⁵¹ Para a administração do círculo *Ministra Dr. Tadeusz Grabowski* foram escolhidos, para presidente o sr. Bronislaw Jablonski, para vice-presidente o Sr. Stanislaw Gramowski, para tesoureiro Sr. Wawrzyniec Biesek e para secretário o Sr. Adam Wastowski. Para o conselho fiscal entraram os srs. Stefan Mierczenski, Jan Kaczerski e Antoni Grzelak e por proposição do sr. Adam Wastowski ao círculo agrícola em Botocudo foi dado

³⁵² *Lud*, 22/03/1933.

conflitos, em geral ligados aos interesses do padre, dos colonos e do próprio Biezanko, bem como, não eram todos os colonos os atingidos pelo trabalho do círculo, muitos abriram mão de tal “tutela”, em geral por dificuldades de relacionamento com os integrantes e administradores da instituição.

Józef Chmielewski, professor na colônia, talvez o maior divulgador das disputas, em texto no *Odrodzenie*, provavelmente de 1932, intitulado *Co piszą z Guarani* (O que escrevem em Guarani), aponta as dificuldades e barreiras enfrentadas para a organização dos colonos poloneses, que segundo ele, era fundamental para melhoria da sua existência e, referindo-se a eles, afirma que “só nos [aos poloneses] falta: estabilidade, compreensão, confiança e pontualidade”, originando que outras nacionalidades (provavelmente referindo-se a alemães e italianos) lucrariam com os desentendimentos e discussões e, por conseguinte, ridicularizariam e explorariam os poloneses³⁵³.

O autor, ressalta ademais, principalmente a dificuldade dos relacionamentos humanos para a constituição da organização, as quais conduziriam ao desmantelamento da unidade polonesa, ao ponto de comparar tal situação a uma condição de um “barco sem leme ou remos”³⁵⁴. Zygmunt Polanczyk, em artigo no *Polonia Riograndeńska*³⁵⁵ concernente ao círculo da Linha Barreira, se entristece da pequena movimentação dos colonos para se organizarem e que apenas com a união poderiam se desenvolver, pensando, em conjunto com escolas e sociedades, mudanças não apenas no âmbito rural, mas na melhoria de estradas e transportes, bem como no contato com a administração pública da colônia, assim, o conservadorismo camponês se apresenta como dificuldade na hora de organizar os colonos. Essas dificuldades eram importantes, pois como aparece ao longo da exposição reiteradamente, o contexto interacional étnico, colocava alemães e italianos, muitos já organizados em instituições agrícolas desde o final do século XIX, em posição de superioridade aos poloneses gerando a necessidade de nivelamento na ótica dos intelectuais locais.

³⁵³ *Odrodzenie*, 09/07/1933.

³⁵⁴ Łódźią bez steru i wiosł.

³⁵⁵ Número 19.

A outra instituição criada por Biezanko foi a Escola Agrícola, fundada em 24 de abril de 1933³⁵⁶, como uma decorrência do círculo agrícola, sendo então constituída basicamente por Biezanko, Wróbel e também pelo então cura, padre vicentino Edward Pinocy, além de Biezanko afirmar que contribuíram para a Escola, Clemente (Klemens) Warpechowski³⁵⁷, assaz presente na memória guaraniense pela sua amizade continuada com o cientista nos anos 1970, mas pouco presente nas fontes; o médico Marjan Ziemianowski, o vice-prefeito (provavelmente sub-prefeito de São Luiz Gonzaga, da colônia Guarani) Amado Prado Mallmann³⁵⁸ e as autoridades brasileiras³⁵⁹.

Como propusemos no primeiro capítulo, o ensino rural estava em desenvolvimento no início dos anos 1930, com maior preocupação por parte dos governos estaduais, municipais e, inclusive, federal, de maneira que professores eram chamados do exterior, escolas fundadas ou ampliadas e havia o interesse com a qualificação da mão de obra do campo. No mesmo sentido se direcionavam as colônias europeias no Brasil, as quais através das suas organizações (étnicas) como sociedades e escolas, buscavam melhorar a qualidade educacional dos agricultores. A colônia polonesa não ficou alheia a este processo, porquanto, já havia uma preocupação e um apoio às organizações de agricultores, as quais culminaram com o CTR, junto a estas propostas, as escolas rurais apareciam como alternativas complementares com perspectivas de sucesso baseadas nos modelos provindos de outras experiências na Europa e Estados Unidos.

Pe. Jan Wróbel serviu de mediador para a instauração desta instituição, pois estava imerso nestes ideais, tinha grandes preocupações com os agricultores, a melhoria de suas condições de vida e sua organização/cooperação mútua, desta maneira, uma de suas argumentações principais era a necessidade de educar os agricultores, como deixa

³⁵⁶ *Lud*, 29/03/1933.

³⁵⁷ Clemente Warpechowski era um comerciante, nascido em Ijuí em 1902, também, segundo seu filho, E. W. (dentista aposentado, 78 anos), distribuiu sementes entre os colonos e participou da criação da Escola Agrícola, embora pouco apareça nas fontes. A amizade perdurou nos anos seguintes, pelo menos até os anos 1970, fato confirmado por E.W. (dentista aposentado, 78 anos) e por outros entrevistados.

³⁵⁸ *Głos Nauczyciela*, 31/05/1932.

³⁵⁹ Carta de Biezanko para Tadeusz Hamerski, 1976. Histórico redigido por Isidoro Ossowski, s/d, em que afirma a participação de Biezanko na fundação da escola com programa “acentuadamente agrícola”, segundo ele, registrada na SEC com o número 28 e com o nome de “ESCOLA MÉDIA NOSSA SENHORA”.

claro em artigo para o *Lud* de 29 de março e no *Rolnik* de maio ambos de 1933, quando afirma que “por longo tempo julgava-se, que o agricultor não precisa de formação especial, porque basta-lhe as noções sobre o cultivo ou criação, passados do avô para o pai ou do pai para os filhos e assim por diante”³⁶⁰, verificando o modo de desenvolvimento camponês das forças produtivas.

O padre comparava o agricultor ao médico, o engenheiro e o farmacêutico, profissões nas quais o estudo seria fundamental, posto que não poderiam errar em suas atividades, de modo que para ele “se a escola agrícola desenvolveu-se mais tardiamente, temos que creditar isso ao fato de que sempre havia terras à vontade” e sendo assim “ao médico é proibido fazer experiências nos pacientes, [...] ao engenheiro também não é permitido introduzir inovações perigosas, por tão longo tempo julgava-se que a terra, [...] tinha à vontade, fazer experimentos era livre, porque nunca haveria de faltar”³⁶¹, ou seja, a frequente expansão da fronteira agrícola (que no Brasil continuaria até as bordas da Amazônia já nos anos 1990) garantiria a necessidade de menor especialização do camponês, mas para o padre, estudos (malthusianos) desde o final do século XIX e início do XX, adiantavam o menor crescimento da produção de alimentos em relação ao crescimento populacional, sendo a fome iminente, de modo que “surgiu toda uma literatura e imprensa, as quais incitavam para passar de uma agricultura extensiva e predatória, para uma intensiva e racional baseada nas até então conquistas científicas e prática agrícola. Começou pois a se instalar escolas agrícolas”³⁶², principalmente na Alemanha, França e também Polônia, sempre com base na produção científica.

O sacerdote entendia que era necessária a criação de “escolas agrícolas básicas” (*szkół rolniczych niższych*) com o objetivo do “preparo de agricultores ilustrados dentre os pequenos agricultores e o esclarecimento dos mais importantes problemas agrícolas

³⁶⁰ Długi czas sądzono, że rolnik nie potrzebuje specjalnego wykształcenia, bo wystarczą um wiadomości, które o uprawie, czy hodowli przekazuje dziad ojcu, ojciec synom i.t.d.

³⁶¹ Jeżeli szkolnictwo rolnicze rozwinęło się najpóźniej, przypisać należy to temu, że ziemi zawsze było wbród [...] lekarzowi nie wolno robić eksperymentów na ludziach, że inżynierowi w fabryce nie wolno wprowadzać również niebezpiecznych innowacji, o tyle długi czas sądzono, że na ziemi, której, [...] było wbród, eksperymentować wolno, bo nigdy jej nie zabraknie.

³⁶² pojawiła się cała literatura i prasa, które nawoływały do przejścia od ekstensywnej i rabunkowej gospodarki rolnej do intensywnej i racjonalnej, opartej na dotychczasowych zdobyczach wiedzy przyrodniczej i praktyki rolniczej. Rozpoczęto więc. **zakładać szkoły rolnicze**, [...].

de acordo com a ciência moderna”³⁶³, pois para ele, “no exílio” dos poloneses na América do Sul, “o nível da agricultura aqui deixa muito a desejar, e a resposta é simples – falta de formação e ligação com instituições, que tenham por objetivo o amparo da agricultura”³⁶⁴, sendo que as escolas polonesas existentes deveriam ser convertidas em escolas agrícolas com objetivo duplo de manutenção da língua e ensino da ciência agrícola, desse modo, os colonos não deixariam as terras paternas ou migrariam para as cidades para subempregos e virarem motivo de escárnio.

O ensino agrícola serviria também de proteção, de alguma forma, à identidade polonesa e à constante migração camponesa, pois “na escola [ao agricultor] ensinarão não apenas como cultivar, mas também amar a terra – e casos assim, como a venda de colônias por centenas de imigrantes, e ao mesmo tempo a transformação de colônias polonesas puras em colônias alemãs e italianas se evitará infalivelmente”³⁶⁵.

Como ponto final, Wróbel garante o crescimento econômico e o lucro da produção, bem como o fato da primeira instituição deste tipo (Escola Agrícola) ser justamente a de Guarani, a qual de acordo com o sacerdote, já contava com apoio das autoridades brasileiras, do *Związku Zrzeszeń Polskich* (ZZP), de Porto Alegre, e do CTR e por isso se devia entender seu grande significado e, desta maneira, permitia atuar como liderança chamando a atenção para aquela instituição.

Interessante perceber o apoio do ZZP, que também contribuiu com o CTR, pois esta instituição tinha como objetivo a congregação de todas as associações polonesas e desde 1931 estava associada ao CZP de Curitiba (POTOPOWICZ, 1936, p. 150). Era administrada por Śłużysnki, mesmo editor do *Odrodzenie* na capital gaúcha, respondendo o porquê do *Rolnik* ter ficado tão vinculado aos trabalhos de Biezanko e o apoio ao CTR, além disso, assomado à contribuição das autoridades públicas, em alguma medida esses vínculos expandem ainda mais a esfera agregativa de Biezanko, inclusive para Porto Alegre, com outra instituição polonesa e também para o domínio

³⁶³ jest przygotowanie świątłych rolników z pośród rolników drobnych i rozjaśnienie najważniejszych spraw rolniczych zgodnie z wiedzą współczesna.

³⁶⁴ Poziom rolnictwa tutaj wiele pozostawia do życzenia, a odpowiedź na to prosta – brak odpowiedniego wykształcenia i łączności z instytucjami, których celem jest opieka nad rolnictwem.

³⁶⁵ bo w szkole nauczą go nietylko uprawiać, ale i kochać ziemię – a wypadków takich, jak sprzedawanie kolonji przez całe setki wychodźców, a temsamem przeradzanie się czysto polskich osiedli na kolonje niemieckie i włoskie uniknie się niezawodnie.

público brasileiro, trazendo benefícios ao permitir a fundação e amplificação da escola agrícola.

A escola surge, portanto, diante da necessidade de expandir a formação dos colonos, atividade que Biezanko já realizava com agricultores na Polônia através de seus cursos e na Argentina com a criação do curso de professores, portanto a ideia poderia ter partido do cientista, uma vez que em uma entrevista alegou que “eles [os colonos] tinham que entender que a juventude do campo precisava gostar de plantar, mas também precisava ser mais esclarecida”. O programa da escola, enviado para a Sociedade Polono-Brasileira “Kosciuszko” sediada no Rio de Janeiro, foi publicada no órgão mensal da instituição chamado “Brasil = Polônia”, em abril de 1933, o periódico coloca como organizadores da escola os membros do CTR, presidente Wisniewski, o secretário Gobin e o então Diretor-técnico, Biezanko. Entre outras informações destacamos um breve regulamento da escola:

1. – A união das sociedades agrícolas é a protetora da Escola Agrônômica de Guarany;
2. – No corrente ano serão matriculados todos os alunos que terminaram o curso das escolas das linhas; porém do próximo ano em diante só serão matriculados alunos, que satisfizerem o exame de admissão;
3. – Só serão aceitos candidatos que tenham entre quatorze e vinte e cinco anos de idade.
4. – Cada aluno contribuirá com a quantia de cento e trinta e dois mil réis por semestre e mais dezoito mil réis para as despesas gerais.
5. – Os alunos matriculados residirão no estabelecimento da escola, em companhia de um professor;
6. – Os alunos farão os trabalhos práticos em terras especialmente destinadas para este fim;
7. – Os candidatos trarão enxoval e roupa para o serviço bem como os principais instrumentos agrícolas de uso pessoal;
8. – As aulas da escola agrônômica este ano começaram no dia vinte e quatro de abril;
9. – As inscrições de alunos serão requeridas à Diretoria da Escola ou à Diretoria da União Central das Sociedades Agrícolas em Guarany³⁶⁶.

Claramente identificamos uma escola privada, vinculada ao CTR e que atingiria aos jovens agricultores, os quais já deveriam ter uma escolarização prévia. Seriam ministradas aulas dos mais diferentes tipos ligadas às questões rurais, como: Zoologia,

³⁶⁶ BRASIL=POLONIA Rio de Janeiro, abril 1933.

Botânica, Horticultura, anatomia dos animais domésticos, química agrícolas, zootecnia, higiene e veterinária, lavra mecânica do solo e mecânica agrícolas, apicultura, sericultura, além de uma série de trabalhos práticos.

Gardolinski (1974, p. 42) afirma que Biezanko era responsável pela orientação do ensino e por aulas de Agricultura em Geral, já Anatomia, Fisiologia e Higiene ficavam a cargo do médico Dr. Marjan Ziemianowski, o Engenheiro Tadeusz Gulkowski era responsável pela parte de pecuária, Klemens Werpachowski pela contabilidade, Stefan Ossowski pela agronomia e os padres Wróbel, com religião, Pinocy com matemática e o padre polonês e também vicentino Jan Pitoń³⁶⁷ com indústria rural. Esses letrados da colônia assumiram posições, não apenas pela suposta bagagem intelectual, mas pelo liame, ou com os padres ou diretamente com Biezanko, e permitiam através do ensino encetar a produção de novas sementes (como a soja), criações e métodos de cultivo. Não podemos deixar de sublinhar a presença dos padres/professores que eram responsáveis pela manutenção de um vínculo religião/educação e, da mesma forma, do clero com o professor Biezanko.

Posteriormente, Gardolinski (1974, p. 42), em outra entrevista de Biezanko afirma ainda que “a campanha de nacionalização não atingiu a Escola Agrícola, e isto porque foi subvencionada desde a fundação pelo governo municipal e estadual, tendo em vista a sua utilizada pública e o fato de que as aulas eram ministradas somente em português”, depois mantendo a atividade, somando-se a outras instituições e persistindo até os dias atuais como Escola Guaramano, localizada em Guarani das Missões³⁶⁸. Esta vinculação pública era muito importante, pois, além de permitir evitar o processo de nacionalização varguista, angariava fundos para a escola e integrava o colono polonês à sociedade englobante a partir do uso do idioma oficial. Krawczyk (2003, p. 267) afirmou que “iniciou a atividade a escola agrícola, a qual fazia uma concorrência para o Kolegium”³⁶⁹, trazendo à tona a última instituição associada à Biezanko e sua redes de

³⁶⁷ O padre polonês Pitoń chegou a ser reitor da Missão Polonesa vicentina de 1963 a 1973, mas aqui está no início de sua carreira clerical, pois havia sido sagrado sacerdote em 1933 e recém chegava no Brasil. Influenciado por Biezanko, vai se tornar um colecionador de borboletas.

³⁶⁸ No site da escola há uma vinculação da Sociedade Polaca de 1906 com a Escola Agrícola e a Sociedade Agrícola Nossa Senhora chamada de “chapeuzinho”.

³⁶⁹ Rozpoczęła działalność szkoła rolnicza, która stanowiła niebezpieczną konkurencję dla kolegium

relações, atreladas à importância do padre e dos conflitos relacionados à religiosidade polonesa, neste momento, voltamos um pouco no tempo, uma vez que Biezanko antes de fundar a Escola e o CTR, tem participação ativa nesta instituição em reuniões ocorridas em suas instalações.

O *Kolegium*, um ginásio denominado Władysław Reymont, em homenagem ao escritor polonês³⁷⁰, foi fundado em 1928, portanto antes da chegada do cientista e durou até 1943, quando foi vítima da campanha de nacionalização. Entre os professores destacavam-se Czesław Downar, Jan Klidzio, o primeiro era polonês, “queria manter os costumes e tradições trazidos da Polônia”, de difícil aceitação para os colonos já adaptados à nova sociedade. Enquanto Klidzio, nascido em Alfredo Chaves (depois fruto da reemigração para noroeste), interessava-se pelos costumes locais, afirmava que “este país era sua pátria” e era vinculado aos vicentinos de Curitiba, lecionando português (MALCZEWSKI, WACHOWICZ, 2000). Ambos eram professores e diretores no *Kolegium* e não ocuparam altos cargos no CTR apesar de ter alguma cooperação e comparecerem nas reuniões, sua ação foi maior nas disputas que envolveram a instituição adjacente, que era a Escola Agrícola contra o Reymont.

Outros professores eram o Pe. Wróbel, Józef Kuryło, entre outros colaboradores da colônia. Segundo Isidoro Ossowski³⁷¹, foi sob influência de emissários do Governo Polonês, os instrutores (*instruktorów*), que foi fundado o Colégio Władysław Reymont, “cujos promotores obtiveram permissão de ampliar as construções existentes no terreno da “Sociedade Polaca”, esta era o apelido pelo qual era conhecida a Sociedade Polaca Nossa Senhora de Czestochowa [...]”³⁷². Segundo o professor Ossowski, a permissão de ampliar as construções no terreno da “Sociedade Polaca” “fora concedida sob a condição de serem ministradas aulas de religião e frequência à missa nos domingos e aos sacramentos pelos alunos” tal fato levou a um choque ou dissidência como àquela que Biezanko passou na Argentina, um embate *clerical x laico*, de modo que Ossowski

³⁷⁰ Nascido em Wielkie em 1867 e falecido em Varsóvia em 1925, Reymont foi um escritor e romancista polonês, condecorado com o prêmio Nobel de Literatura em 1924.

³⁷¹ Professor descendente de poloneses nascido em Bento Gonçalves, que imigrou para Guarani das Missões em 1938 e posteriormente escreveu sobre a história educacional da cidade.

³⁷² Histórico escrito por Isidoro Ossowski, s/d. A Sociedade foi uma das primeiras na região ligada aos poloneses.

completa afirmando que “Os “instrutores” e professores enviados posteriormente pelo governo polonês eram contrários, ou no mínimo indiferentes, a tudo que se referia à religião”, fato corroborado pelo fato de a Segunda República Polonesa tomar partido dos anticlericais³⁷³ (WEBER, 2015), assim sendo “o descumprimento das condições estipuladas, provocou forte reação do vigário Pe, (João) João Wrobel, resultando que os promotores da ampliação transferissem seus pertences” para onde estava localizado o hospital onde permaneceram até 1943 quando além da perseguição, por falta de recursos encerraram as atividades.

Até onde sabemos, Biezanko ao chegar na cidade, primeiramente foi admitido como professor na instituição, podendo tal fato ter ocorrido em função da própria ligação com Wróbel, então professor na escola. No *Oređownik* de Posadas, de 8 de março de 1933, em carta publicada no periódico, afirma-se que Biezanko entrou como professor no *Kolegium* somente no dia 20 de fevereiro de 1933, ensinando química e biologia, bem como disciplinas no âmbito da agricultura e pecuária. Na mesma carta, há referência a Wróbel e Pinocy que também lecionavam, o primeiro religião, disciplina que estava havia dois anos afastada dos cursos, provavelmente pelas disputas *clericalis* x *anticlericalis*, e o segundo física. Além disso, havia o ensino de polonês, história, geografia, ciências naturais, pelos quais era responsável Alfred Gobin, com a direção da escola, nas mãos de Downar.

As questões religiosas, como de fato eram importantes numa sociedade polonesa, criaram atritos que transformavam a ligação com o ensino intrincada, indicando disputas, nas quais Biezanko parecia ficar do lado dos padres, muito em função da experiência adquirida na Argentina, onde o embate com o clero levou a críticas e interrupções dos trabalhos, conseqüentemente, a expulsão dos instrutores poloneses.

Um dos focos preponderantes da escola era a formação de professores, os quais não vinham apenas de Guarani e do entorno, mas de diversas colônias polonesas espalhadas pelo Rio Grande do Sul. Segundo Z.K. (agricultora aposentada, 72 anos),

³⁷³ Há reclamações dos colonos quanto à falta do ensino da religião no *Kolegium* no *Głos Nauczyciela*, 31/05/1932.

numerosos professores foram formados nesta escola e propagandearam a “ideologia” oferecida pela instituição. A ideia para a criação de um curso de professores foi de dois respectivos diretores do *Kolegium*, Kurylo e Celmer, os quais pensavam como necessário tal tipo de assertiva, a fim de examinar os cursistas e permitir que recebessem o direito para ensinar em escolas polonesas e brasileiras.

O curso teve na sua proposição inicial, de acordo com o *Głos Nauczyciela* (A voz do Professor) de 30 de maio de 1932, através da participação de Biezanko, quem já havia realizado cursos de professores quando na Argentina e tinha atuado nesta área em Guarani antes mesmo dos movimentos rurais, participaram também Chmielewski, Wastowski, Krawczyk, e outros já mencionados neste capítulo, os quais debateram o tratamento recebido pelos professores e a necessidade de exames, dentro do contexto do trabalho do “Ognisko Nauczycielski” (Associações de Professores), uma organização que foi criada em diferentes colônias polonesas, dentre elas, Guarani das Missões e coordenada pelos professores citados acima, ocupando diferentes cargos³⁷⁴.

O apoio de Biezanko ocorria com aulas e doação de livros, antes mesmo do investimento na soja e da criação do CTR. Naquele período, tinha boa relação com os outros docentes daquela instituição, pensando inclusive no provimento via Consulado de Curitiba, de instrutores para atuar no curso³⁷⁵, posto que existia um específico para professores também na capital paranaense. Em resumo, entre as atividades do cientista, antes da agricultura, concentrava a preocupação com o ramo educacional/cultural polonês em Guarani, por exemplo, aludindo a necessidade de existir espaço para canto, declamação e teatro amador nas escolas locais, para incutir o “espírito polonês” (*ducha polskiego*) entre as crianças e jovens³⁷⁶, num trabalho de instrutor cultural para o qual

³⁷⁴ Conselho de Administração do “Ognisko” segundo o *Głos Nauczyciela* de 31/05/1932, tendo como presidente eleito por unanimidade o Sr. J. Kurylo, para secretário S. Pylak, tesoureiro Sr. Wastowski. Para o Conselho Fiscal selecionado Sr. Chmielewski, anterior presidente em 1932, J. Timothy Wisniewski e sr. Feliks Krawczyk.

³⁷⁵ *Głos Nauczyciela*, 01/05/1932.

³⁷⁶ A década de 1930 é especialmente importante para este tipo de manifestação cultural polonesa, como coloca Weber (2015) “A Segunda República Polonesa foi um período de muita movimentação na comunidade emigrada, dando ensejo a manifestações de identidade de modo artístico: a peça teatral “Grinaldas Paranaenses”, de Tadeusz Milan Grzybezyk, um drama sobre o destino histórico da Polônia, foi encenada, em 1921, nas margens do rio Iguaçu, com atores recrutados entre a elite intelectual polonesa em Curitiba; Eugênia Miszke, que chegou ao Brasil em 1922, “resolveu elevar o nível da cultura musical da colônia polonesa e dar conhecimento aos brasileiros e pessoas de outras nacionalidades, das

havia sido levado até Guarani (MALCZEWSKI, WACHOWICZ, 2000, p. 36), sendo tais atividades discutidas dentro do contexto do *Ognisko Nauczycielski*³⁷⁷ e numa etapa de reconhecimento do novo espaço operativo por parte do nosso cientista.

A escola era prestigiada, ao ponto de receber em 1932 a visita do Conselheiro de Emigração, Michal Pankiewicz, citado no primeiro capítulo, o cônsul da Polônia na Argentina, Sr. Czarniecki e o diretor da Empresa de Colonização “Wisła”, Sr. Breski, que vieram com o propósito de verificar o trabalho da escola, como exemplo para Misiones no outro lado do Rio Uruguai.

A escola recebia um subsídio do governo municipal (São Luiz Gonzaga), assim como acontecia com as escolas étnicas naquele momento no Rio Grande do Sul³⁷⁸, indicando sua funcionalidade para o exercício de aprimoramento dos colonos e sua capacidade de interação na dinâmica imposta pela sociedade englobante. Segundo o professor, secretário do *Ognisko Nauczycielski* Stanisław Pylak, todos deveriam apoiar a escola, pois nela estaria contida a força para forjar um melhor destino para a colônia e conquista do devido respeito para a *polonidade*³⁷⁹.

O *Kolegium*, num momento posterior também foi responsável por desenvolver curso para agricultores (*Kurs Rolnicze*), que tinha como objetivo segundo as fontes “preparar as fileiras de agricultores esclarecidos” (*światłych rolników*)³⁸⁰. O curso teria “a duração de dois anos, ou seja, no terceiro e no quarto curso do *Kolegium* agrícola, será dividido em quatro semestres e será baseado principalmente nas classes de atividades práticas de agricultura, experimentação agrícola e criação de animais”. A prática iria ser complementada por palestras e aulas que aportariam conhecimentos básicos das ciências naturais, plantas de cultivo, criação de animais domésticos etc.,

características da música e dança polonesa”; o diretor teatral Tadeu Morozowicz agitava a capital paranaense na década de 1930, com encenações de peças teatrais polonesas, onde atuavam inúmeros cantores e bailarinos (WACHOWICZ, MALCZEWSKI SChr 2000, p. 140, 257, 267). Em Porto Alegre, a “colônia polonesa” foi promotora de uma “representação teatral de gala” no principal teatro de Porto Alegre, em 1932, na qual foi encenada uma obra literária do poeta e patriota polonês do século XIX, Adam Mickiewicz, com direção artística, músicas, atores e cantores poloneses, precedida pelos hinos nacionais brasileiro e polonês e discurso do cônsul geral da Polônia (THEATRO SÃO PEDRO, 1932)”.

³⁷⁷ *Głos Nauczyciela*, 31/05/1932.

³⁷⁸ *Ibden*.

³⁷⁹ *Głos Nauczyciela*, 30/11/1932

³⁸⁰ *Lud*, 15/03/1933

para alunos entre 14 e 25 anos, com ensino prévio e pagando preços “especiais” de 150.000 mil réis por ano. Os alunos que iriam para o curso deveriam levar consigo roupa de cama e roupa interior, as ferramentas mais essenciais como foice, ancinho, enxada, pá e sementes. Com ensino em português e polonês, o próprio Biezanko atuou fortemente no curso de agricultores, principalmente nos itens agrícolas e de experimentação, ao lado dos padres, bem como de Alfredo Gobin, J. Klidzio e do diretor Downar³⁸¹.

Apesar de ter sido pensado em reuniões do CTR³⁸², é possível, que o projeto encabeçado pelo *Kolegium* do *Kurs Rolnicze* fosse realizado para competir com a Escola Agrícola, pois foi ponderado em 1933 enquanto era gestada a inauguração daquela instituição de ensino, visto que existia uma rivalidade entre os dois estabelecimentos, apesar dos professores muitas vezes trabalharem em ambas, ou atuarem na Sociedade Central.

Em reunião da Comissão Organizadora da Reunião dos Círculos Agrícolas em março de 1933, Sr. Wisniewski fundamenta que em Guarani para o bem da colônia não é imprescindível o Curso Agrícola dentro do *Kolegium*, mas uma escola agrícola independente, outros partícipes da reunião evocaram que não se deveria misturar os problemas dos professores, que teriam o Departamento de Educação (*Wydział Oświatowy*), com os problemas agrícolas, devendo-se estabelecer a escola agrícola, tais fatores levaram a discussões e desacordos na reunião, onde ainda havia a demanda nos

³⁸¹ *Ibden* Curso III - fazenda (primeiro semestre). Zoologia e botânica agrícola, a mensagem geral de mineralogia, geologia e ciência do solo, a mensagem geral de química física esboço inorgânico e orgânico, princípios de cultivo mecânico, mecânica agrícola, estudo de sementes, vegetal, agricultura e pecuária. Palestras formação geral ética, idioma polonês, Português, aritmética. (Segundo semestre). Zoologia e botânica agrícola, anatomia e fisiologia animais de estimação, plantas fisiologia, química agrícola e a ciência dos fertilizantes, os princípios de plantas cultivadas, os princípios da criação de animais domésticos, horticultura. Exercícios como no primeiro semestre do ano. Palestras formação geral: a ética, a língua polonesa, Português, aritmética, geometria.

Curso IV - exploração (a primeira metade do terceiro). O cultivo de plantas (grãos) animais de criação, mensagens de higiene e veterinária, a mensagem geral do levantamento, contabilidade agrícola. Exercícios práticos com a agricultura e a pecuária. Palestras como acima escola.

(Primeira metade do quarto). O cultivo de plantas (raízes, legumes e outros), criação de animais, a organização do trabalho na agricultura, economia agrícola, apicultura (com exercícios), criação de bicho da seda (com exercícios), o cultivo de plantas medicinais, seções selecionadas da indústria agrícola. Exercícios práticos com a agricultura e a pecuária.

³⁸² *Lud*, 29/03/1933.

argumentos seguintes, que o curso agrícola deveria ter bases religiosas, evidenciando uma pressuposição anticlerical do *Kolegium*.

Krawczyk chega a afirmar que “[Czesław] Downar conduzia uma silenciosa guerra contra a escola agrícola e era adstrito com as suas próprias forças (guerra pessoal), pois o [Jan] Klidzio como criado da bolsa (*bursy*) dos Padres Missionários em Curitiba, não se colocava contra o padre Wróbel”³⁸³ (2003, p. 267), aqui uma referência à participação de Klidzio no pensionato dos padres vicentinos, conhecido como *Bursa*, fundado em 1923 em Curitiba, que tinha “primordialmente objetivos religiosos (formar professores cristãos e incentivar vocações religiosas); por outro lado, ao hospedar filhos de imigrantes que iam realizar estudos na capital paranaense, operava como elo identitário” (WEBER, 2015) consubstanciando a agência dos vicentinos nas comunidades polonesas com atividades centralizadas na capital paranaense.

Para Wróbel “como observador diligente das relações locais é uma coisa totalmente incompreensível a ação e a agitação contra a escola agrícola”, pois “a ideia e alegação que se ouve, que a escola agrícola tem que ser uma decadência (*upadek*) do *Kolegium* é enganosa e irreal, ao contrário, é o único meio de obter escolas em geral”³⁸⁴.

Numa espécie de conciliação, pelo menos aparente, em reunião do círculo agrícola na Linha Botocudo, o pe. Pinocy “chamou atenção para a situação em que o Sr. Biezanko estendeu a mão para o Sr. Downar, e fez isto apenas para o bem dos agricultores para que por fim se inicie de um ponto morto no qual se achavam as organizações por causa das contendas locais”³⁸⁵. Em verdade, Downar tinha um histórico de conflitos nas associações de Guarani, com brigas e disputas com diversos professores das linhas de Guarani, dentre eles Adam Wastowski e Kurylo, no *Ognisko Nauczycielski* em 1932, dividindo àquela instituição, também estabeleceu disputas com

³⁸³ Downar prowadził cichą wojnę przeciwko szkole troliczej i był zdany na własne siły, gdyż Klidzio, jako wychowanek bursy Księży Misjonarzy w Kurytybie, nie występował przeciwko księdzu Wróblowi.

³⁸⁴ jako dla pilnego obserwatora miejscowych stosunków rzeczą zupełnie niezrozumiałą akcja i agitacja przeciwko szkole rolniczej. Zdanie i twierdzenie, które się słyszy, że szkoła rolnicza ma być upadkiem *Kolegium* jest błędne i nierzeczowe, - przeciwnie jest jedynym sposobem utrzymania szkoły wogóle.

³⁸⁵ *Lud*, 22/03/1933. Pinocy przemawiając za zgodą, która jest jedynym czynnikiem twórczym za planowością w pracy; zwrócił uwagę na te okoliczność, że p. Biezanko podał rękę p. Downarowi, a uczynił to dla dobra rolników aby nareszcie ruszono z mariwego punktu w jakim się znalazły organizacje dzięki miejscowym waśniom.

as autoridades públicas ao exigir a deposição do subprefeito Malmann, apoiador do nosso cientista no CTR e na Escola Agrícola por parte do âmbito executivo municipal, sendo sempre considerado culpado das disputas pelos redatores dos escritos nos periódicos³⁸⁶.

Em notícia no *Codzienny Niezależny*, de Buenos Aires³⁸⁷, escrito pelo professor na linha Harmonia Velha Józef Chmielewski, com relação à reunião de 9 de abril de 1933 do CTR de Guarani, da qual participou, na sala da Associação *Matko Boska Częstochowa*, podemos entender o funcionamento da instituição e seus conflitos internos. Por exemplo, no início após breves debates com relação ao trabalho do CTR, Jan Klidzio, professor do *Kolegium* “em ásperas palavras se pronunciou contra a Escola Agrícola afirmando que ela ainda não existe. Mas unicamente existe no papel como propaganda e na realidade ela não existe e não existirá em tais condições de trabalho”³⁸⁸, obtendo aplausos com seu comentário.

As exasperações aumentam e a discussão com Klidzio continua, com acusações ao presidente do CTR, Szczepan Wisniewski. Conforme os relatos de Chmielewski, que já havia admoestado publicamente através do *Głos Nauczyciela* ao colega Downar, a reunião foi concluída com uma confusão generalizada e agressões físicas de ambos os lados, narrando tragicamente os fatos o autor também tomou parte na contenda, da qual inclusive Biezanko foi partícipe, brandindo com um jornal e ameaçando com uma bengala, culpando, finalmente, os professores do *Kolegium*, Czeslaw Downar e Jan Klidzio.

³⁸⁶ *Głos Nauczyciela*, 31/05/1932.

³⁸⁷ O fato de a notícia ter saído em periódicos polono-argentinos, além de mostrar a circularidade de pessoas e informações entre os dois lados da fronteira combinando elementos poloneses, também torna evidente o caso do *Kolegium*, ser bastante conhecido, ou seja, ter “boa opinião” na Argentina tanto que em novembro de 1932 foi visitado pelo Conselheiro de Emigração Michal Pankiewicz, quem fora ligado a Biezanko no país vizinho. Junto a ele vieram o cônsul da Polônia naquele país, Czarniecki e o diretor da empresa de colonização Wisła, Sr. K. Breski com objetivo de estabelecer contato entre as colônias de Missões e Misiones. Os visitantes teriam sido ciceroneados pelo prof. Czeslaw Downar e várias fotos do *Kolegium* foram tiradas para ilustrar periódicos polono-argentinos. Além disso, Breski viu potencial para aceitar estudantes poloneses de Misiones para serem educados no lado brasileiro. *Polonia Riograndeńska*, 1932. Dentro da comunidade também havia quem considerasse a escola de extrema importância, como Chmielewski (*Głos Nauczyciela*, 30/11/1932), que afirma do orgulho que sente pela instituição, por ser polonesa, construída pelo esforço conjunto e portanto, pertencente à comunidade.

³⁸⁸ W ostrych słowach wypowiedział się przeciw Szkole Rolniczej, iż takowa jeszcze nie istnieje, a jedynie istnieje napapierze jako reklama, a w rzeczywistości jej niema i nie będzie w takich warunkach pracy.

Em distintos relatos dos periódicos, o professor Czesław Downar é culpabilizado por causar muitas segmentações internas nas associações guaranienses, criando grupos opostos no *Ognisko Nauczycielski*, pró e contra ele. Sua fama é apontada como enraizadora de dificuldades organizacionais no *Kolegium*, especialmente na relação dos professores da sede com os das linhas da colônia, além de confrontos na Escola Agrícola e CTR. Aparentemente, ele e seu grupo tinham menor acesso ao *Odrodzenie*, isto é, a expressão de suas ações é de alcance menor para nós, portanto, daí pode decorrer sua insistente caracterização como “desaglutinador social”, a ponto de professores como Pylak, exigirem o fim dos ressentimentos pessoais com Downar, prementes para o estabelecimento da concórdia e reforço da polonidade³⁸⁹.

Em resumo, talvez Wróbel tenha saído da instituição de ensino e se concentrado no CTR e na Escola Agrícola, ou quiçá, tenham ocorrido disputas em busca do público estudantil da colônia, ou mesmo, mais provavelmente a velha querela *clericalis x anticlericalis* das comunidades polonesas, na qual o CTR/Escola Agrícola se colocavam do lado do clero e o *Kolegium* sendo mais laico. Muitos artigos de vários autores nos periódicos polono-brasileiros e polono-argentinos se debruçaram sobre esta alteração do *Kolegium* com o CTR, entendendo as dificuldades de se formar instituições e de organização na colônia polonesa, Chmielewski chega a se questionar “Será que não somos um Povo que se iguala aos outros? Será que não somos pessoas trabalhadoras e econômicas? Será que não conseguimos dominar a nós mesmos?”³⁹⁰, demonstrando resignação com o fato de os inícios dos trabalhos em conjunto serem difíceis, mas confiante no futuro. Tais fatos são importantes para percebermos as dinâmicas envolvidas na passagem do cientista e nos conflitos os quais se envolveu.

Z.K. confirma que houve desentendimentos entre as escolas, seus professores, os padres e alunos, nas quais de alguma maneira Biezanko aparece envolvido como parte interessada, mesmo que atuando nas duas instituições de ensino. A Władysław Reymont se focou, segundo a entrevistada, na formação de professores, enquanto a escola agrícola, na formação técnica dos colonos, além disso, a entrevistada assume que certo

³⁸⁹ *Głos Nauczyciela*, 30/11/1932.

³⁹⁰ *Polonia Rio-grandenska (Odrodzenie n. 12)*: Czyż nie jesteś Narodem który się równa innym? Czyż nie jesteśmy ludźmi pracowitymi i oszczędnymi? Czyż nie potrafimy zapanować nad sobą?

posicionamento anticlerical da primeira poderia ter contribuído na divisão, posto que numa sociedade camponesa polonesa, onde a religiosidade importa, principalmente através da mediação do clero, o posicionamento mais ou menos próximo à Igreja poderia dirigir o tipo de relacionamento entre os habitantes da colônia.

3.4. *Pożegnanie*: a saída de Guarani e o rumo a Pelotas

No *Odrodzenie*, mais especificamente no apêndice *Rolnik*, de fevereiro de 1934 aparece logo na primeira página a seguinte coluna intitulada *Pożegnanie* (Despedida) de autoria de Ceslau Bizanko, na qual, apesar do tom macambúzio e melancólico permite uma análise sobre sua presença na colônia de Guarani das Missões e o prelúdio para o desenvolvimento da sua vida profissional futura no sul do estado do Rio Grande do Sul.

No texto inicia: “Após uma estada minha de aproximadamente 2 anos na Colônia Guarani, os deveres me chamam para outro posto de trabalho”, desta maneira anunciava o provável convite para atuar no Ginásio Lemos Júnior em Rio Grande³⁹¹, onde permaneceu por algum tempo trabalhando com outros professores estrangeiros incluindo um polonês³⁹², seguindo depois para Pelotas. O cientista na sequência do texto destaca “Dois anos não foram em vão. Além do resultado precisamente científico, sobre o qual aqui como meu trabalho pessoal não vou escrever, eu esforcei-me para dedicar cada momento livre dos estudos para o bem dos meus Caros Patrícios”³⁹³, ou seja, resume o foco central de nosso trabalho, a conjugação das motivações científicas e o esforço para com os colonos poloneses, os quais ao longo da estada se preocupou em tentar produzir condições melhores de obtenção de renda e organização agrícola, como afirma “No meu coração eu queria ardorosamente despertar o interesse por novos

³⁹¹ Biografia de Biezanko escrita por Gardolinski.

³⁹² Segundo Ester Ribeiro (2010), Biezanko foi incluído numa sindicância na escola Lemos Jr. Junto com o professor Czerny e o professor Goussinsky, para “abrasileirar” o ginásio, tentando a retirada dos professores estrangeiros com acusações aos seus métodos de ensino.

³⁹³ Po dwuletnim blisko pobycie moim w kolonij Guarani, obowiązki moje powołują mięna inny posterunek pracy.

caminhos dentro da agricultura, bem como centrar as pessoas descentes para o bem comum”³⁹⁴, não escondendo contudo as dificuldades

Como todo o trabalho social e pioneiro, assim o nosso trabalho encontrou pelo caminho muitas pedras e espinhos: isso não me causa estranheza nenhuma, porque uma vez que cada colono cortando um ato se machucou dolorosamente, se judiou muito e como resultado porém limpou a terra e colhe os frutos³⁹⁵.

No seu artigo, o autor denomina às asperezas e alguns personagens com as quais teve de lidar de “ervas daninhas”, as quais os guaranienses deveriam cortar, mesmo assim se orgulha das medidas que implantou e das mudanças que ajudou a construir na colônia deixando recado para o futuro: “Alimento a esperança que a sementeira deste meu trabalho simples, puramente ideológico (*ideowy*) e totalmente desinteressado, o qual aqui deixo, irá sadiamente germinar e dará no futuro colheitas³⁹⁶” e desejando “aos colonos de Guarani o melhor desenvolvimento de suas propriedades despeço-me cordialmente de todos³⁹⁷”, pensando na continuidade de seu trabalho, o qual ocorre em alguma medida em especial com a permanência da Escola Agrícola, que como chegou a afirmar Biezanko ao Diário Popular de Pelotas de 26 de julho de 1981, “a minha escola nada sofreu, pois as autoridades não o permitiram”, enquanto outras foram nacionalizadas, “a que eu fundei, por ensinar tudo em língua portuguesa, nada teve que ver”, pelo apoio do âmbito público desde a sua fundação e, possivelmente, alfinetando, *a posteriori*, a derrocada do *Kolegium* em 1943.

As passagens de Biezanko ilustram as disputas envolvendo a igreja, os “instrutores” poloneses e os colonos, as quais foram parte do cotidiano do cientista e

³⁹⁴ Leżało mi gorąco na sercu rozbudzenie zainteresowania sprawami nowych dróg w rolnictwie oraz skupienie porządnych ludzi ku ich wspólnemu dobru.

³⁹⁵ Jak każda społeczna i pionierska robota, tak i nasza praca napotkała po drodze na dużo cierni i ostów. Nie dziwi mię to wcale: wszak każdy kolonista rąbiąc bór nieraz się pokłuł boleśnie i bardzo zmęczył, w rezultacie jednak ziemię oczyścił i zbiera płony.

³⁹⁶ Moje obszerne życiowe doświadczenie nauczyło mnie nie brać poważnie różnych szykan, napaści i strzałów za płota, są to chwasty, które na niwie pracy ideowej bardzo bujnie rosną. Mam nadzieję Żé uczciwa część społeczeństwa polskiego chwasty te wyplenić potrafi.

³⁹⁷ Życząc kolonistom gwarańskim jak nujlepszego rozwoju ich gospodarstw żegnam serdecznie wszystkich.

afetaram o desenvolvimento das suas atividades ao ponto de ele ter de sair da colônia, optando então, por novas oportunidades de trabalho.

Nos periódicos polono-brasileiros e polono-argentinos fica bastante claro o fato de que os instrutores (*Instruktorów*) vindos da Polônia sofriam constantemente com a desconfiança, acusações de anticlericalismo, anticatolicismo, falsidade ideológica, entre outras denúncias, como mostramos com relação aos acontecimentos na Argentina relatados pelo *Oređownik e Lud*. Somado a isto, sua atuação propriamente dita também foi de encontro com as proposições de alguns dos colonos e suas lideranças locais no âmbito educacional, como no *Odrodzenie* de 9 de julho de 1933, Franciszek Karnikowski chega a afirmar “Colônia possui pessoas mais educadas, mais patriotas do que eles os senhores instrutores”³⁹⁸, criticando a falta de apoio deles para com o periódico, além da acusação de interferência no trabalho exercido pelas lideranças coloniais e pela desordem produzida por suas ações, bem como denúncias de desmoralização, chegando ao ponto de criticar o governo polonês de enviar tais educadores.

Compreensivamente, a tutela exercida pelos instrutores da Segunda República em relação aos camponeses não era nem por eles e nem pelos letrados coloniais, totalmente aceita, posto que eram “forasteiros”, “estranhos”, na mesma medida que Biezanko era ao adentrar o núcleo colonial, além disso, sua intervenção abrupta e o fato de estarem os colonos dentro de uma sociedade de interconhecimento, há muito tempo sob a mediação do clero polonês e por serem os letrados muitas vezes lideranças locais estabelecidas desde os primórdios da imigração, assomavam elementos para a refração ao que seria uma “intromissão” dos funcionários do governo polonês.

No *Głos Nauczyciela* de 1 de novembro de 1931 (antes da chegada de Biezanko) em matéria escrita por Stanisław Reznier e Stefan Witkowski, a crítica é com relação à educação nas colônias, nas quais o estado deixava relegada aos cuidados dos próprios colonos, as escolas, os professores e a qualidade do ensino, para o periódico, os instrutores não seriam a ajuda esperada e estariam mais interessados em “dólares” ao invés de cooperar com os colonos e líderes instalados a fim de subsidiar escolas e

³⁹⁸ Kolonja posiada ludzi wyżej wykształconych, większych patriotów niż sami pp. Instruktorzy

propor melhorias através de ações práticas, sendo portanto, os instrutores um “fardo” para a sociedade, de maneira que segundo o texto do jornal, o dinheiro do governo polonês seria melhor gasto em material para as escolas ao invés de pagar altos salários para os educadores vindos daquele país.

Depois aparece uma menção elogiosa do periódico ao trabalho do pároco Jan Wróbel, o qual na última visita feita até então à Polônia, trouxera consigo mapas e livros de presente para todas as escolas da colônia Guarani, ação que a sociedade agradecia, criticando o fato de os instrutores sequer aparecerem nas colônias, e ficando pouco tempo quando o faziam, outrossim, reclamavam fortemente dos baixos salários dos professores, dos impostos pagos pelos agricultores sem investimento em educação estatal e da conseqüente falta de apoio do governo polonês, de maneira que a identidade polonesa era mantida com o esforço próprio dos colonos.

Tais asperezas no relacionamento dos instrutores com os camponeses é exemplo da possibilidade como Biezanko pode ter sido encarado na colônia resultando no seu desenlace abrupto e inconclusão do trabalho iniciado, apesar das diferenças que relatamos em função da sua aliança com os padres no Brasil.

Biezanko foi nomeado em 1933 para trabalhar na Estação Experimental Cana em Osório (então Conceição do Arroio) onde pode ter usado seu conhecimento prévio sobre a beterraba açucareira pesquisada na Polônia; foi atuar também na Universidade do Paraná (WÓJCIK, 1966), ensinando “Fórmulas e Equações Químicas”³⁹⁹ ou segundo um periódico polonês, “Química Teórica”⁴⁰⁰, presumivelmente fruto de seu trabalho realizado nas colônias polonesas, que teriam chamado a atenção do mundo acadêmico, além do próprio currículo extenso de Biezanko ligado ao ensino, notadamente da química, mas estas atividades parecem ter sido desenvolvidas em conjunção com aquelas empreendidas em Guarani, muito provavelmente saiu da colônia apenas para Rio Grande e depois em definitivo para Pelotas, onde até hoje é deveras lembrado.

Não abandonou a comunidade polonesa, permaneceu ativo participando do erguimento do monumento a Chopin em Pelotas em 1942 e estabeleceu contato com

³⁹⁹ CP 7/06/1971 e WOJCIK, 1966.

⁴⁰⁰ Aleksandra Klasa, 1974.

líderes polônicos como Gardolinski, com quem pelo menos desde 1957 já trocava missivas. Naturalizou-se brasileiro em 1949 e chegou a retornar à Polônia nos anos 1970 para um encontro científico⁴⁰¹, onde passeou novamente por Kielce e virou notícias em diversos periódicos poloneses, além disso, sua atividade versátil foi premiada pelo governo comunista da Polônia, que em 1966 o consagrou com a Cruz da Ordem de Cavaleiro da Polónia Restituta (Renascida)⁴⁰², pelo embaixador polonês da época Aleksandre Kraieski e grande comitiva, comemorada ao som do pianista Alexandre Orłowski interpretando Chopin.

Recebeu títulos em universidades daquele país e se tornou membro da Academia Polonesa de Ciências, estabelecendo bom contato com a PRL (*Polska Rzeczpospolita Ludowa*-República Popular da Polônia), tanto que chegou afirmar ao *Lud* de 3 de abril de 1974 que “Eu apenas sou polonês encantado com tudo o que está acontecendo aqui. Primeiro de tudo, apreciar as realizações científicas polonesas. Antes da morte - o meu grande desejo da vez chegar à Polônia e eu gostaria muito de ser convidado mais uma vez”, demonstrando o modo como se relacionava com sua antiga pátria para onde não retornaria mais depois desta passagem.

Segundo Gardolinski, entre 1934 e 1945, Biezanko atuou na escola Lemos Jr. como afirmamos, depois em Pelotas na Santa Margarida e Pelotense; posteriormente lecionou química e botânica na Universidade de Farmácia de Pelotas entre 1936 e 1946, concomitante ao trabalho de professor de Botânica na Escola de Agronomia “Eliseu Maciel”, onde desde 1936 foi professor catedrático de Entomologia até 1965 quando a escola já fazia parte da Universidade Rural. Foi membro também da comissão examinadora para o preenchimento da cátedra de Entomologia da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Piracicaba) da Universidade de São Paulo. Suas publicações passaram de 300 artigos, bem como apresentou inúmeros trabalhos, fez viagens para pesquisas, recepção de prêmios e atividades docentes, tornando-se uma figura importante do meio acadêmico na sua área de especialização. Nos anos 1970, retornou algumas vezes para Guarani das Missões, mais para atividades científicas e

⁴⁰¹ *Tygodnik Morski* 2/05/1974 e *Lud*, 3/04/1974.

⁴⁰² *Wiadomosci*, 25/11/1976.

caça a lepidópteros, mas acabou encontrando-se com velhos amigos e com moradores da região, sendo esta a imagem ficou guardada pela maioria dos habitantes daquela cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de Biezanko ficou atrelada ao país que adotou por lar. Como vimos no primeiro capítulo, com uma formação intelectual acadêmica extensa e dinâmica, o cientista passou por diferentes cidades polonesas, escolas, laboratórios e universidades, assim, além do trabalho com entomologia, desenvolveu atividades no âmbito educacional muito conectado com a agricultura, o desenvolvimento rural e a formação de agricultores na sua terra natal. Biezanko foi movido por diferentes aspectos, que o conduziram a imigrar de uma Polônia jovem, recentemente independente, para a América do Sul, onde para além de borboletas, encontrou seus patrícios, primeiramente na Argentina e depois no Brasil, fundamentalmente atuando em dois aspectos: lepidópteros e na economia dos colonos poloneses.

Biezanko adquiriu experiência na Argentina e depois atravessando o Rio Uruguai decidiu por estabelecer-se em Guarani das Missões, como convidado do padre vicentino Jan Wróbel, onde colocou em prática aquilo que havia aprendido na Polônia, intencionando um projeto de melhoria das condições materiais dos camponeses, seja a partir da organização e educação, seja a partir da introdução de novos produtos e métodos de cultivo e criação. Neste sentido, não podemos afirmar com certeza que era um dos instrutores poloneses enviados pelo governo, conforme conjecturamos, mas sim, era um intelectual da Segunda República polonesa (1918-1939), que como outros membros de círculos ilustrados poloneses, procurou o Brasil para o estabelecimento de ações com a população emigrada e seus descendentes, gestionando laços capazes de abrolhar vínculos que ligam Polônia e Brasil, Curitiba, Porto Alegre e Guarani das Missões, colonos, padres (vicentinos) e intelectuais.

Ceslau Biezanko esteve por poucos anos na colônia de Guarani, mas cativou amizades, propôs experiências, fundou instituições, enfim, desenvolveu a capacidade de seus patrícios para a organização e o trabalho em conjunto, ademais de lograr melhorias das suas condições na prática agrícola local e investir em produtos diferentes, contudo, nos relacionamentos humanos também permeiam disputas e rusgas, as quais podem levar vários trabalhos ao fim. Mesmo assim, o legado do professor permanece através da sua produção científica, da sua escola agrícola, a Escola Guaramano, ainda em

funcionamento em Guarani, bem como a sua mitificação e edificação enquanto um dos “vultos” da imigração polonesa e dos poloneses no Brasil.

Depois de sair da colônia, Biezanko continuou sua atividade docente no sul do estado, aprofundou pesquisas com diversas plantas e insetos, escreveu inúmeros artigos, os quais publicava muitas vezes com recursos próprios, alcançou diferentes homenagens, foi naturalizado brasileiro em maio de 1944 e recebeu plenos direitos. Em 20/07/1945 foi iniciado em uma loja maçônica da cidade de Pelotas, a qual frequentou com certa assiduidade nos anos 1950 e 1960, mas continuou filiado, provavelmente até a morte já nos anos 1980. Em 1946 foi nomeado Professor Catedrático da disciplina de Entomologia Agrícola até sua aposentadoria em 1965, como afirmam seus biógrafos, contra sua vontade, pois queria continuar trabalhando.

Depois da aposentadoria compulsória aos 70 anos de idade, muita coisa mudou para Biezanko. O trabalho era sua vida: seus alunos, suas pesquisas e artigos, suas viagens para congressos, recebimento de premiações e títulos, redes intelectuais, enfim, perdera praticamente tudo. Dizia ele “quem não trabalha, não existe”⁴⁰³, ou ainda que “O trabalho é para mim sinônimo de vida”, por isso continuou suas atividades, mantinha uma rotina ativa, acordando às 5 ou 4 horas da manhã e prosseguindo com suas pesquisas no seu apartamento. Aos poucos, seus ex-colegas foram morrendo, perdeu sua esposa Joanna (conhecida como Lúcia Mantovani) em 1968, aos 54 anos de idade, morte que o cientista jamais aceitara e considerava erro médico⁴⁰⁴. Sua companheira que não é citada enquanto esteve em Guarani e provavelmente se juntou ao marido em Pelotas, a partir daquele momento não cantaria com sua voz “clara e melodiosa”⁴⁰⁵, “de timbre doce” que se calara para sempre.

Deste momento em diante, o cientista passou por problemas financeiros e de saúde, inclusive com acusações de estar “ficando louco”, além do salário da aposentadoria não ser suficiente para seu sustento, mas mesmo assim, manteve pesquisas nas áreas que o consagraram academicamente, partilhando o conhecimento

⁴⁰³ *Diário Popular*, 26/07/81.

⁴⁰⁴ A morte ocorreu em 14/12/1968 segundo a certidão de óbito. No *Agricultura & Cooperativismo* de 1976, Biezanko afirmou “além de me aposentarem contra minha vontade, minha mulher os médicos de Porto Alegre deixaram morrer, em uma operação na garganta”; Ela foi vítima de trombose mesentérica.

⁴⁰⁵ *Lud*, 1/1/1969. *Diário Popular*, 17/12/1968.

adquirido ao longo do tempo. O professor, apesar de tudo, a partir dos anos 1960 começa a ter outro tipo de atenção, neste período, a agricultura no Estado do Rio Grande do Sul começa a se alterar, mudanças que vinham aparecendo desde os anos 1950 e que se completaram com força na década de 1970.

Como foi nosso objetivo apontar no segundo capítulo, a agricultura colonial rio-grandense, ilustrada nas colônias polonesas, estava baseada numa economia camponesa com uma série de particularidades as quais identificamos conformando uma *sociedade camponesa*: conservadora num sentido econômico-social; ainda que atravessada por novidades/ inovações; baseada na mão de obra familiar e no seu autoconsumo; relativamente autônoma e inserida parcialmente aos mercados consumidores; sendo mediada por alguns notáveis, com expressividade do âmbito clerical; bem como estabelecida no interconhecimento e numa série de redes: parentais, de negócios, amizade, entre outras. Focalizando o conservadorismo camponês, num momento posterior, ponderamos a introdução de novos produtos, dos quais destacamos a soja, leguminosa de origem asiática com muitas variedades e utilidades, que tem sua história no Brasil remontando ao século XIX no sudeste do país e envolvendo uma série de agrônomos estrangeiros, bem como colonizadores, destacadamente os japoneses em São Paulo e poloneses no sul (RS e PR), dentre os quais aparece o próprio Biezanko e outros letrados nas colônias.

Como procuramos demonstrar, nos censos agrícolas nacionais, apenas em 1970 começam a aparecer dados oficiais sobre a soja, por isso, Biezanko passa a ser reconhecido por seu trabalho com o produto e há uma profusão de homenagens ao cientista, que iniciam a partir da década de 1960. Ocorre neste período o que Delgado (2004) chama de “modernização conservadora” da agricultura, impulsionada pela *Revolução Verde* dos Estados Unidos, assentada na monocultura e intensivo uso de máquinas, insumos e venenos agrícolas, atreladas à participação e apoio do Estado (ZARTH, 2009). Este processo se inicia no pós-guerra (1946) e vai continuamente até o final dos anos 1970. Segundo Graziano (1996) houve mudanças com o crescimento da produção agrícola brasileira, baseada numa ação estatal, as quais culminaram na

modernização da base técnica do processo produtivo, especialmente com a utilização de tratores e insumos, isto é, implantação de tecnologia⁴⁰⁶.

O fato é que, se num primeiro momento de assentamento inicial dos imigrantes e de efetiva colonização do sul do Brasil por *camponeses* europeus, entre o último cartel do século XIX até meados do século XX, observamos a constituição de uma economia/sociedade camponesa pouco integrada a mercados e baseada em um tipo de produção específica que pouco excedia as demandas das unidades familiares numa vinculação intrínseca com a força de trabalho empregada pelo trabalho da família, relativamente autônoma com relação à sociedade englobante, a partir de meados do século XX ocorrem transformações no campo brasileiro em função de um reforço capitalista no setor rural, que insere os agricultores num sistema produtivista, desenvolvendo-se a impossibilidade de reprodução da mão de obra familiar, incidindo no fracionamento das parcelas camponesas em função dos modelos de herança, auxiliadas pela improdutividade do solo em razão da má exploração ao longo dos anos, ou seja, uma crise da qual o processo conhecido por modernização aparece mudando as estruturas produtivas dos colonos e alterando o meio rural, agora, com sua plantação voltada ao mercado (externo), investindo na monocultura de produtos exportáveis, mecanização, utilização de insumos, capital financeiro e crédito, ações estatais, atrelamento à indústria, entre outros.

Neste interlúdio, aparece a figura do proprietário capitalista rural, muitas vezes descendente de colonos europeus, mas mais cidadão e acumulando “colônias”⁴⁰⁷, tramitando com negócios e financiamentos bancários (RUCKERT, 2003). No mesmo período, surgem também as indústrias do óleo de soja e de beneficiamento de produtos agrícolas. Ocorre, destarte, uma decadência da agricultura tradicional e, neste momento, a soja vai ganhando espaço num vínculo íntimo com aquelas indústrias.

No início, nas primeiras décadas do século XX com Getúlio Vargas, é com a triticultura que começa este processo, com distribuição de sementes, plantação em larga

⁴⁰⁶ O golpe militar de 1964 determinou a derrota política da reforma agrária e deu o impulso estatal ao projeto de “modernização conservadora da agricultura brasileira” (CAUME, 2009).

⁴⁰⁷ No sentido de propriedades rurais de 25/12,5 ha das regiões ocupadas por europeus no sul do Brasil.

escala e patrocínios do estado, as quais aparecem em fontes que pesquisamos⁴⁰⁸, mas a partir de 1950, a soja abrolha com força: em virtude do aumento do seu preço no mercado internacional; por ser colhida na entressafra dos EUA, então principal produtor; pelo fato de poder ser utilizada na já estabelecida estrutura tecnológica e de armazenamento do trigo; ser capaz de ocupar o período de verão não utilizado na triticultura; pela política agroexportadora governamental; e em função do baixo custo da força de trabalho e da terra. Este processo ocorre, sobretudo, na região noroeste do estado, a partir de uma difusão tecnológica, propalado através das lideranças locais, da extensão rural e do treinamento para convencer os agricultores (ZARTH, 2009).

É justamente no noroeste gaúcho, na região do planalto a qual era mantida uma produção regular, mas artesanal, do soja desde princípios do século XX, que o produto se espalha pelo Brasil. Assim, enceta-se um investimento estatal⁴⁰⁹ com a participação de agrônomos, melhoria do solo com equilíbrio do calcário que favorece a sojicultura, controle da erosão, seleção de sementes, construção de infraestrutura de comunicações e tecnologia, a fim de utilizar a exportação da soja como meio de render divisas ao país, deste modo principia um incentivo aos capitalistas rurais, que passam a ocupar o lugar da pecuária tradicional, preenchendo as antigas pastagens com a leguminosa, bem como na área de policultura colonial, quando há um *boom* do produto (ZARTH, 2009). Tiago Gil (2003) mostra como tais mudanças atingiram Guarani das Missões, em especial na década de 1970, quando o preço dispara nos mercados internacionais e muitas vezes os colonos optaram pela monocultura da soja, deixando-os alheios às flutuações da Bolsa de Chicago e presos aos subsídios governamentais e crédito. . Era o período das máquinas, da implantação da tecnologia no campo, do *agribusiness*, com aparente progresso, mas gerador de êxodo rural, poluição dos rios e proletarização da mão de obra do campo, ou seja, em longo prazo, uma série de impactos socioambientais negativos (ZARTH, 2009).

⁴⁰⁸ Relatório da Diretoria de Indústria e Comércio 1930. Distribuição de sementes de trigo no noroeste gaúcho. Além de compras de máquinas agrícolas.

⁴⁰⁹ Por exemplo a “operação Tatu” em Santa Rosa, Projeto de melhoria da fertilidade do solo desenvolvida em Santa Rosa com apoio dos EUA e da Fundação Rockefeller.

Com a expansão da soja pelo sul e sudeste brasileiro e seu contínuo avanço em direção norte, que o cientista Ceslau Biezanko granjeia uma atenção particular, mesmo que tenha ocorrido uma descontinuidade entre as tentativas do cientista e o posterior processo de modernização. O trabalho do professor manteve-se dentro da estrutura social-camponesa dos imigrantes poloneses, sem alterá-la ao distribuir sementes e promover o cultivo, tentativas de utilização/beneficiamento e venda (do excedente).

Não podemos deixar de frisar, que a mesma razão a qual conduziu à consideração de Biezanko e seu trabalho, o crescimento da sojicultura, foi o motivo pelo qual a leguminosa é mais destacada em relação a outros produtos incentivados pelo cientista, como os bichos-da-seda, que tiveram um investimento por parte do professor tal e qual o da soja, mas os quais economicamente não foram importantes no período posterior, ocorrendo um trabalho de seleção da memória daquilo que deveria ou não ser lembrado e esquecido, o mesmo com relação a outros possíveis introdutores da soja.

A imprensa brasileira faz uma série de reportagens com Biezanko nas décadas de 1960, 1970 e 1980, das quais boa parte foram fontes para nossa pesquisa, relembrando seu trabalho na colônia polonesa de Guarani no início dos anos 1930, demonstrando o pioneirismo de suas ações, a inovação que era o produto, vinculando seu nome à riqueza produzida pela exportação da soja, ou seja, a novidade introduzida num tempo e espaço muito particular e determinado é relacionada às mudanças da agricultura tradicional, ainda que, os fatores levados em conta na nossa pesquisa e a interrupção na produção não apareçam e, dessa forma, se crie uma espécie de mitologia com relação à introdução e posterior exploração da soja, com base nas tramas da memória de lembranças e esquecimentos, cujo próprio cientista contribui para a construção.

Apenas a título de amostragem, evidenciamos o modo como procedeu a imprensa, a partir dos exemplos do *Chácaras e Quintais* de 1963 com manchete intitulada: “Biezanko: Introdutor da Soja no Rio Grande do Sul”; também o *Agricultura e Cooperativismo* de 1976: “Biezanko, o homem que trouxe as sementes”; *Correio do Povo* de 1965 “Introdutor da Soja fez 70 anos”; e o *Zero Hora* escreve a reportagem intitulada “O Pioneiro” em 1984.

Mais especificamente em 1963, Biezanko recebeu sua mais honrosa condecoração, aquela que seria a mais lembrada por seus biógrafos, entrevistadores, enfim, por todos os que se referiam a ele como alguém notável, a “Ordem do Cruzeiro do Sul” e foi também reconhecido pelo Ministério da Agricultura como o “Introdutor da soja no Rio Grande do Sul”⁴¹⁰ acabando por esta razão, se tornando personagem importante na constituição da identidade polonesa no estado, posto que era visto como um imigrante que havia contribuído para a riqueza do Brasil ao propor a sojicultura.

Outro ponto importante era a sua capacidade intelectual e sua extensa formação, a qual garantia o prestígio e reconhecimento que engrandeciam a comunidade polonesa, cuja ação através de seus periódicos como o *Lud*, rendeu homenagens ao professor. Gardolinski, o principal líder da comunidade polonesa porto-alegrense, depois amigo de Biezanko, fez uma biografia em polonês e português do cientista publicada no periódico, além de guardar documentos no seu acervo pessoal; ademais, o professor era convidado para importantes encontros e gostava de explicar como realizou a introdução das sementes de soja na colônia polonesa.

Em 1971, o cientista recebeu a concessão de uma pensão especial, de iniciativa do então governo Médici, por “sua relevante contribuição a pesquisa científica brasileira”⁴¹¹ com o valor de quatro vezes o maior salário mínimo do Brasil, tendo apoio para isto do Congresso⁴¹². Mesmo assim, para um professor com sua especialização, capacidade produtiva e trabalhos prestados, a pensão foi meramente um auxílio pequeno, o qual até os derradeiros dias Biezanko se queixaria, vivendo na pobreza.

Na cidade de Guarani das Missões, as dificuldades e disputas pelas quais passou, principalmente a polêmica com seu antigo relativo e contribuinte Kuryło e a retirada /fuga da cidade, praticamente foram olvidadas pela memória construída ao longo do tempo entorno ao personagem, a ponto de jornais do então município vizinho de Cerro Largo (*Folha da Produção*, 16/05/1984, 17/05/1986 e 24/05/1986) lembrarem de sua passagem pela cidade e de suas ações, bem como a necessidade de recuperar sua

⁴¹⁰ *Lud*, 16/03/1976.

⁴¹¹ Lei, n. 5671 de 2 de julho de 1971 do Diário Oficial-Atos do Poder Legislativo.

⁴¹² *Diário Popular*, 09/06/1971.

história, mas não tratando de sua saída, até por não querer reforçar algo negativo com relação ao professor.

Em 1998 foi erguido um busto na principal praça da cidade de Guarani, no qual ostenta a figura de Biezanko como professor catedrático com uma placa na qual consta o seguinte texto: “Na Escola Agrônômica de Guarani distribuiu as sementes que geraram a maior riqueza vegetal gaúcha. Em 1963, o Governo Federal declarou-o Introdutor oficial da Cultura da Soja no Estado e concedeu-lhe a Ordem do Cruzeiro do Sul” completando que era “Cientista condecorado por universidades e governos, publicou 352 trabalhos em 174 países”. O busto foi erguido ao lado de uma estátua do Beato Papa João Paulo II, talvez o principal herói contemporâneo da polonidade. Além disso, uma rua da cidade foi batizada com o nome do cientista e um professor local, J. O. Rudolphi foi enviado em 1996 pela prefeitura para Pelotas a fim de fazer uma pesquisa da documentação sobre Biezanko, a qual foi compilada em um grande material, que está localizado na Biblioteca do Museu Helena Carolina em Guarani das Missões.

Monumento dedicado a Ceslau Biezanko em Guarani das Missões, 2012.



Fonte: Arquivo privado de Rhuan Trindade, foto de 2012.

Para além do seu reconhecimento acadêmico, bastante divulgado no meio das ciências naturais, e no qual, ainda é uma referência científica válida para os estudos de entomologia, também a comunidade polonesa gaúcha e brasileira, e a cidade de Guarani das Missões (que tem fortes ligações com a identidade polonesa), todas renderam muitas homenagens ao professor-cientista e o constituíram como um dos “vultos”, dos grandes personagens da imigração polonesa, o “imigrante que deu certo”, o “exemplo”, capaz de positivar a imagem daqueles grupos e reforçar a sua identidade, tornando-se elemento de coesão interna e de notabilidade para fora dele, principalmente do ponto de vista interacional étnico, no qual os poloneses estavam em situação de desvantagem e numa posição de inferioridade, diante do contexto de hierarquização étnica (de origem europeia) do Rio Grande do Sul.

Biezanko, portanto, se converteu em elemento de rememoração atrelado à construção da identidade polono-gaúcha mais especificamente, e polono-brasileira de maneira geral. Inglez de Souza⁴¹³ exemplifica bem nossas afirmações com uma pequena referência sobre o trabalho com a soja do cientista, que era para ele “uma das tantas e expressivas contribuições positivas e marcantes dos imigrantes poloneses para o aceleramento do progresso do Rio Grande do Sul e almejada emancipação econômica industrial do Brasil”, ou então na homenagem feita pela Câmara dos Deputados, em que afirmam “Nós, os poloneses, e os brasileiros de procedência polonesa em alta apreciação dos serviços prestados ao Brasil pelo professor Ceslau Maria Biezanko, um grande reconhecimento do aporte da ciência e tecnologia polonesas ao desenvolvimento do Brasil”⁴¹⁴.

A história de Biezanko em Guarani das Missões é muito importante, apesar das polêmicas quanto ao pioneirismo da soja na região do Planalto gaúcho, ou entre os poloneses, das quais o nome do cientista aparece ativamente e mesmo em função das tramas memorialísticas que envolvem a modernização agrícola e a soja nos anos seguintes.

⁴¹³ Chácara e Quintais, 1968.

⁴¹⁴ *Correio do Povo*, 07/07/1971.

O significativo da singularidade de Biezanko é relativo ao fato de que seus congêneres introdutores da soja estabeleceram um trabalho muito mais localizado, sendo espacialmente, cronologicamente e quanto ao número e caráter dos indivíduos envolvidos, reduzido, enquanto Biezanko, intelectual capacitado e conhecedor dos cultivares que pretendia introduzir e incrementar, propôs um projeto amplo, que vai muito além da soja, assentado em redes sociais e num discurso comum que ligava padres, leigos clericais e anticlericais, intelectuais/letrados e colonos, outros incentivadores da soja, hallerianos e seguidores de Piłsudski, instrutores, professores e médicos. Em algumas ocasiões usando a língua polonesa, potencializando o vínculo étnico entre estes indivíduos, em outras adaptando as ações à realidade da sociedade englobante, como o uso do português em sua escola apoiado pelas autoridades brasileiras. Em suma, o incentivo da soja e de outros produtos foi garantida por uma rede complexa e múltipla de personagens e numa intrincada formulação que somava à Igreja Católica estabelecida e os vicentinos, às instituições novas pensadas pelo cientista como o CTR e Escola Agrícola. Estes aspectos, adicionados ao seu sucesso intelectual-acadêmico foram suficientes para um reconhecimento *a posteriori* tanto do âmbito público (federal, estadual e municipal – Guarani das Missões) como entre a comunidade polonesa do Brasil.

O fato principal é que Biezanko ajudou a assentar as bases da soja no Rio Grande do Sul, e para tanto recebeu oficialmente o reconhecimento. A importância das redes é imprescindível na medida em que primeiro trouxe os produtos a partir de ligações científicas na Polônia com o professor Muszynski, além de remessas posteriores daquele país, trabalhando com variedades específicas, como a Laredo.

Depois, chegou “de fora” numa comunidade camponesa particular fortemente embasada em elementos étnicos poloneses e num *ethos* camponês específico; constituiu fortes relações e vínculos com os habitantes da região, em especial com lideranças laicas, como professores, agricultores prósperos, funcionários públicos, mas mais importante com o clero, a inserção do intelectual junto aos camponeses foi mediada por párocos como Jan Wróbel, o qual permitiu a agregação de Biezanko à nova sociedade diante de um contexto em que os padres eram lideranças capazes de permitirem a colocação e aceitação de “forasteiros”, naquela sociedade baseada no

interconhecimento. A ação do clero junto aos grupos étnicos, extrapolava a esfera propriamente religiosa e estendia-se a vários âmbitos sociais, considerando pois que eram líderes (WEBER, 2015). Desta forma, com a ajuda do padre e da rede social configurada na medida em que se estabelecia na colônia, Biezanko constituiu-se como uma liderança local, tanto por meio de seus recursos intelectuais como pelos vínculos sociais estabelecidos. Esta liderança mediada tinha um elemento étnico irreduzível, conformando-se como liderança étnica, na medida em que lidava baseado em vínculos com poloneses, na língua materna dos imigrantes e descendentes, num centro de imigração polonesa no estado.

A sua rede de sociabilidade, fundamental na constituição de sua liderança, primeiramente foi egocentrada no padre, que o apresentou à sociedade guaraniense em uma rede preexistente, depois, as instituições fundadas, em especial a escola e o CTR, permitiram uma reconfiguração dos vínculos de Biezanko que se expandiram, ainda que fortemente associados às relações do padre, mas encontrando um número razoável de novos personagens, colonos, sócios congregados aos círculos agrícolas do CTR e, alunos, através dos ensinamentos na Escola Agrícola. Posteriormente, associando-se às instituições que promulgavam a união das sociedades polonesas, como o CZP de Curitiba e o ZZP de Porto Alegre; a partir da qual estabelece a conexão com o *Odrodzenie*, apoiado pelo editor Sluzynski e o conseguimento da publicação do *Rolnik* na capital gaúcha.

Essa liderança (étnica) e aceitação social assentada em redes se reverteram em ações práticas na área educacional e econômica, com a introdução de novidades/ inovações, de contíguo sucesso econômico, num contexto refratário a perturbações do sistema vigente. As sementes trazidas do exterior foram distribuídas nos círculos agrícolas, através do CTR, nas escolas das linhas, na Escola Agrícola e no *Kolegium*, lugares que também serviam para a disseminação de textos e artigos sobre produtos agrícolas, métodos de cultivo e outros estudos, apropriando o conhecimento técnico sobre a agricultura aos colonos assomados dos próprios cultivares, reiterando, que a soja foi uma importante contribuição, em meio a outras tentativas como os bichos-da-seda.

Tais fatos conjugam uma história importante para perceber o processo mais amplo da imigração e colonização polonesa no Brasil, bem como dos meandros da história da economia colonial sulina baseada na agricultura desenvolvida, em geral, por europeus e descendentes, e por fim, circunscrever a história de um personagem ao mesmo tempo singular e ordinário no contexto em que viveu. Singular, pois é um dos poucos intelectuais poloneses que imigram, e busca uma alternativa de vida na área acadêmica com sucesso reconhecido e se tornando figura de destaque também na comunidade polonesa. Ordinário, pois é a história de um intelectual europeu que vem para conviver com seus patrícios colonos e trabalhar com eles na melhoria da organização e produção, assim como fizeram alemães, italianos e outros no Brasil.

Mesmo com o reconhecimento oficial, os títulos, biografias, honrarias, medalhas, entrevistas, convites e viagens, toda a sua formação e especialização intelectual, o domínio de sete idiomas (português, espanhol, italiano, francês, russo, polonês e alemão, além de ter noções de grego e latim), a labuta em livros de sete ciências, o fato de ser Doutor Honoris Causa em cinco universidades (Paris, Londres, Montevideu, Berlim e Rio de Janeiro), comendador da “Real Sociedade Inglesa de Entomologia”, do Governo da Itália, Polônia, Alemanha e França, enfim, afora os já citados títulos de entidades, universidades e dos governos nacionais, apesar de tudo, sua situação econômica não mudou depois de sua aposentadoria, ou seja, independente da sua figura ganhar muito destaque e proeminência, a tamanha notoriedade não foi transformada em concentração de capital econômico, não soube capitalizar seus recursos culturais e intelectuais em recursos materiais, não se tornou um *self made man* tipificado pela imigração europeia, ficando segundo várias reportagens, “enfermo” e “esquecido” na cidade sulista de Pelotas.

Em 1984, numa entrevista para o *Zero Hora* de Porto Alegre, chegou a afirmar que seu sonho era ir para a Polônia fazer uma cirurgia para a catarata, àquela altura, ganhava Cr\$ 500 mil gastos em boa parte com aluguel e remédios, conforme sua segunda esposa Zofia, “para muitos é um salário digno, mas sabemos também que não é digno de um professor catedrático – algo que nem se ouve mais falar”, de acordo com a condessa, “a soja enriqueceu muita gente, mas ele não ganhou nada com isso”. Para manter sua vida teve de vender joias e objetos pelas quais tinha estima, como inclusive

sua grande coleção de insetos⁴¹⁵. Recebeu ajuda de seu amigo e futuro guardião de sua memória, Edmundo Gardolinski, através de empréstimos, entre outras formas, além disso, O.G. (empresário, aproximadamente 50 anos), no sindicato do óleo em Porto Alegre, chegou a reclamar auxílio para o pobre professor, mas o projeto não teve continuidade e Biezanko, já muito idoso e doente não recebeu o amparo a tempo.

A vida de Ceslau Biezanko chega ao final em 28 de março de 1986 aos 91 anos de idade, muito provavelmente em função da velhice e por estar doente já há alguns anos. Foi “O vó do Homem das Borboletas” como bem disse Clayton Rocha⁴¹⁶, referindo-se ao cientista numa coluna póstuma. O cortejo foi simples e diminuto, as homenagens foram feitas na loja maçônica que frequentava com a presença de membros da respectiva loja, representantes da UFPEL, Empraba, alguns pesquisadores, e sua viúva recebendo tributos da Loja Maçônica, da Sociedade Polonesa e do corpo docente da Universidade Federal de Pelotas. Apesar da Rádio Cosmos da universidade naquele dia ter anunciado a morte de dez em dez minutos, quase ninguém foi no enterro, nem mesmo seus alunos. Sem deixar descendentes, permaneceu vivo, contudo, na memória das pessoas com as quais conviveu, da comunidade polonesa e de Guarani das Missões como eminência da ciência e da polonidade.

Com alegria, querido mestre
Exalto o teu nome bem alto,
Saudando o teu viver contente!
Luz fulgurosa de inteligência
Aurora de um porvir risonho
Um exemplo de lugar e sapiência!

Mensageiro ardoroso da cultura
A ti consagro este dia,
Rimando os meus pobres versos!
Ilustre professor de entomologia,
A glória te sorrirá venturosa!

Bem-vindo nobre cientista
Insigne Dr. Ceslau Maria Biezanko,
Entre as joias – tens mais valor!
Zelo pelo teu mais profundo ideal,
Amante do saber e ilusões de amor,
Na incansável busca da perfeição!

⁴¹⁵ Diário Popular, 07/03/82. Adquirida em 1985 pela UFPEL.

⁴¹⁶ Representante da administração superior da Universidade Federal de Pelotas. *Ibden*, 30/03/1986.

“Kochac cie bede” pela estrada da minha vida,
Os méritos férteis de tua sabedoria!

 Maria Cely Nunes
Pelotas, maio de 1971

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVAY, Ricardo. O admirável mundo novo de Alexander Chayanov. **Estudos Avançados**, n. 12, 1998.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

ALMEIDA, Juliano Florczak. **Polonidades e Memórias**: Trajetória de construção das identidades polonesas na Linha Bom Jardim, interior de Guarani das Missões-RS. Trabalho de conclusão de curso, UFSM, 2011.

_____. Questões sobre a construção do nacionalismo polonês. **Revista Cekaw**, n 10, 2010.

ANAIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA. Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, Curitiba, vol. 1 e 2, 1970.

ANAIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA. Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, Curitiba, vol. 4, 1972.

ANAIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA. Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, Curitiba, vol. 9, 1984.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANPUH. **Carta de princípios éticos** – Anpuh Brasil. São Paulo, 2015.

ANUSZEWSKA, EWA. A colonização polonesa no Brasil nos meados dos anos trinta do século XX. **Estudios Latinoamericanos**, n. 7, Varsóvia, 1980. [traduzido por Krzysztof Smolana e M. Ignatowicz].

ARAÚJO FILHO, Lourival de. **A dicotomia cultural do imigrante e a polonidade anunciada**. Monografia de conclusão de curso em História, Curitiba, UFPR, 2003.

AVANCINI, Elsa. Em busca da Nova Polska. In: **Rio Grande do Sul: Continente Múltiplo**, Porto Alegre, RIOCEL, 1993.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas Fronteiras**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento. **Vozes**, Petropolis, 1973.

BERNASCONI, Alicia, FRID, Carina. **De Europa a las Américas**. Dirigentes y liderazgos (1860-1960). Buenos Aires: Biblos, 2006.

BERTRAND, Michel. De la família a la red de sociabilidad. **Revista Mexicana de Sociologia**, vol. 61, n. 2, 1999. pp. 107-135

BEUX, Armindo. **Franceses no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação, 1976.

BIERNASKI, CM, Lourenço. “Contribuição dos padres vicentinos”. **Projeções**. v. IV, n. 7, 2002. (p. 115-120).

_____. **Quem foram, O que fizeram, Esses Missionários....** Curitiba, Gráfica Vicentina, 2003.

BJERG, María, OTERO, Hernán (comp.). **Inmigración y redes sociales em la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA, 1995.

BJERG, María, OTERO, Hernán. Inmigración, liderazgos étnicos y participación política em comunidades rurales. Um análisis desde las biografías y las redes sociales. In: BERNASCONI, Alicia, FRID, Carina. **De Europa a las Américas. Dirigentes y liderazgos (1860-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

BJERG, María. **Historias de la Inmigracion em la Argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2010.

BLAIS, Martin David. L'argumentation Nationaliste Est-Elle Nécessairement Irrationnelle? Le cas de la Pologne post-communiste (1990-1993). **Hermès**, n. 16, 1995.

BORTKIEWICZ, Pawel Schr. Dinâmica da Identidade Pessoal: dos heróis selecionados da comunidade polônica brasileira. **Projeções**: Revista de estudos polono-brasileiros, Ano II, Curitiba, 2000.

BOSCOLO, Alfredo. **Varsavia 1916-1956. Modernizzazione e ricostruzione di una capitale dell'Europa centro-orientale**. Tese de doutorado, Bologna, Università di Bologna, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social: Notes provisoires. **Actes de la recherche em sciences sociales**, vol. 13, janvier, 1980.

_____. Une classe objet. **Actes de la recherche em sciences sociales**, Paris, minuit, 1977.

_____. Le trois états du capital culturel. **Actes de la recherche em sciences sociales**, Paris, vol. 30, janvier, 1979.

_____. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

BUCHMANN, Elane Tomich. **A Trajetória do Sol: um estudo sobre a identidade do imigrante polonês no sul do Brasil**. Curitiba : Fundação Cultural, 1995.

BUDAKOWSKA, Elzbieta. **Etnicidade polonesa no Brasil a luz de pesquisas sociológicas**. Varsóvia: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2014.

BRUINELLI, Tiago de Oliveira. “O mais ilustre filho de São Leopoldo”: construção de aspectos da memória de São Leopoldo através dos relatos biográficos de Lindolfo Collor. **Mouseion**, Canoas, n. 12, mai/ago, 2012. pp. 87-104.

BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura**. Trigo e soja. Petrópolis: Vozes, 1988.

CAMPAL, Esteban. F. La soja em Brasil: balance de um ciclo agrario explosivo. **Cahiers du onde hispanique et luso-brésilien**, n. 28, 1977. La terre et lês paysans em Amérique Latine, pp. 187-208.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Camponês, campesinato: questões acadêmicas, questões políticas. In. CHEVITARESE, André Leonardo. **O campesinato na História**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CARNEIRO, José Fernando Domingues. **Imigração e colonização no Brasil**. Rio de Janeiro, 1950.

CARNEIRO, Henrique Soares. O Múltiplo Imaginário das Viagens Modernas: Ciência, Literatura e Turismo Henrique. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 35, p. 227-247, 2001.

CAUME, David José. Agricultura Familiar e Agronegócio: falsas antinomias. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, 2009, pp. 26-44.

CEVA, Mariela. Los tarbajadores religiosos em la inmigración de trabajadores friulianos a Villa Flandria em la segunda posguerra. In: BERNASCONI, Alicia, FRID, Carina. **De Europa a las Américas**. Dirigentes y liderazgos (1860-1960). Buenos Aires: Biblos, 2006.

CHARTIER. Roger. **A história cultural**. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

CHAYANOV, Aleksander V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.

CHRISTENSEN, Theresa. **Da soja à FENASOJA**. Santa Rosa, 2012.

CORTÉS, Carlos E. **Política Gaúcha 1930-1964**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

- CUBER, Antoni. **Nas margens do Uruguai**. Ijuí, Museu Antropológico Diretor Pestana, 1975.
- CYBULSKI, Teodor. O futuro, as possibilidades e os métodos da colonização polonesa no Brasil. **Estudios Latinoamericanos** 7, 1980.
- D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno de. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul: 1896-1915**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia Sao Lourenco de Brindes: Universidade de Caxias do Sul, 1976.
- DEAN, Warren. The Green Wave of Coffee: Beginnings of tropical agricultural researches in Brazil. **Hispanic American historical Review**, vol. 69, n. 1, 1989, pp. 91-116.
- DE CRISTÓFORIS, Nadia Na. **La inmigración europea a la Argentina (1770-1960): problemas históricos e historiográficos**. La Plata, Seminário-programa 2007.
- DELGADO, Guilherme. **Questão agrária brasileira no pós-guerra e sua configuração contemporânea**. 2004. Versão preliminar (no prelo).
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DEMBICZ, Andrzej, SMOLANA, Krzysztof. **La presencia polaca em América Latina**. Varsóvia: CESLA, 1993.
- DEMBICZ, Andrzej. Comunidade polônica latino-americana. Identidade continental, regional, local. Perspectiva Brasileira. **Projeções: Revista de estudos polono-brasileiros** – Ano II-1, 2000.
- DEVOTO, Fernando. Prólogo. In: BERNASCONI, Alicia, FRID, Carina. **De Europa a las Américas. Dirigentes y liderazgos (1860-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006.
- _____. **Historia de la inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- DIÉGUES JR., Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Paralelo, 1972.
- _____. **Imigração, Urbanização, Industrialização**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1964.
- DILL, Aidê Campello. A presença polonesa na colônia São Marcos. **Revista Cekaw**. Centro de Estudos Polono Brasileiros Karol Wojtyła. Ano II, n. 3. 2008.

- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo – SP: EDUSP, 2009
- DOUSTDAR, Neda M. **Imigração Polonesa: raízes históricas de um preconceito**. Curitiba: UFPR, 1990.
- DREHER, Martin N., TRAMONTINI, Marcos J. (orgs.) **Leituras e Interpretações da Imigração na América Latina**. Anais do XVI Simpósio de História da Imigração e Colonização. São Leopoldo: Oikos, 2007. CD/ROM
- ELLIS, F. **Peasant economics: Farm households and agrarian development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- ELMIR, Cláudio Pereira. **Uma Aventura com o Última Hora**: O jornal e a pesquisa histórica. Conferência de abertura do Colóquio *Fontes periódicas: imprensa política e cultural latino-americana* do PPG da UFRGS, 2007.
- FAUSTO, Boris. **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Ed. da USP, 1999.
- FAZITO, Dimitro. “A análise das redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade”. **Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, 2002.
- FERNANDES, B.M. Agricultura camponesa e/ou agricultura familiar. In: **Encontro Nacional de Geógrafos**, 13, João Pessoa. Anais eletrônicos. João Pessoa:AGB, 2002. Comunicação Coordenada. 1 CD.
- FERRAZ, Aderlande Ferreira. O Panorama Lingüístico Brasileiro: A Coexistência de Línguas Minoritárias com o Português. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, p. 43-73, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaíza. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: EDUCS Garamond, 2004.
- FREIRE, João Rui Jardim, VERNETTI, Francisco de Jesus. **A pesquisa com soja, a seleção de rizóbio e a produção de inoculantes no Brasil**, Artigo de Revisão, 1997.
- GANS, Herbert J. [1979]. Symbolic Ethnicity: The future of ethnic groups and cultures in America. In: SOLLORS, Werner (ed.). **Theories of ethnicity**: a classical reader. New York: New York University Press, 1996. p. 424-459.
- GANS, Magda Roswita. **Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850- 1889)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

GARCEZ, Neusa C. **Colonização e Imigração em Erechim**: A saga de famílias polonesas (1900-1950). 2ª. ed. Erechim: Edelbra, 2003.

GARDOLINSKI, Edmundo. **Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ESTSLB; Caxias do Sul: UCS, 1976.

GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e colonização polonesa. In: BECKER, Klaus (org.) **Enciclopédia Rio-grandense**. v. 5. Canoas: Regional, 1956.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

GIL, Tiago Luís. *Elites locais e suas bases sociais na América Portuguesa*: uma tentativa de aplicação das social network analysis. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, Vol. 3, pp. 82-96, 2011.

_____. **Um século para chegar e partir**: Migração, agricultura e etnia em Guarani das Missões. 2003.

GIMÉNEZ, Gilberto. Materiales para una nueva teoría de las identidades sociales. **Revista Frontera Norte**. Vol. 9. Núm. 18, México, 1997.

GJERDE, Jon. Identidades múltiples y complementarias. Inmigrantes, liderazgos étnicos y el Estado em Estados Unidos. In: BERNASCONI, A.; FRID, C.. **De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 63-79.

GOGULSKI, Stanislaw. **Caminando para a Terra Prometida**: de Rio de Peixe, a Nova Polônia, até *Carlos Gomes*, Erechim: Edelbra. 1999.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. “Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, 11(21):59-88, 1998

GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Cartas de Capistrano: fragmentos de discursos sobre a história e os historiadores da I República. In: **Anais do X Encontro Regional de História ANPUH-RJ**, Rio de Janeiro, 2002.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Apóstata do germanismo ou alemão arrivista: a trajetória de Lindolfo Collor até a Revolução de 1930. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 15, 2001/2002. pp. 25-35.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. A emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

GRZESCZAK, Ademir José Knakevicz. As Sociedades nas áreas de imigração polonesa no Rio Grande do Sul. **Revista do CEKAW**, Porto Alegre, p. 9-12.

_____. **Os Espaços de Sociabilidade da Comunidade Polônica do Quarto Distrito de Porto Alegre nas décadas de 1960 e 1970**. São Leopoldo, Especialização em História-UNISINOS, 2010.

GUAZZELLI, Cesar A. B., PETERSEN, Silvia, R. F., SCHMIDT, Benito B., XAVIER, Regina C. L. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

GUIMARÃES, Márcia Tarnowski. Colonização Polonesa em Guarani das Missões. In: DREHER, Martin N., TRAMONTINI, Marcos J. (orgs.) *Leituras e Interpretações da Imigração na América Latina*. **Anais do XVI Simpósio de História da Imigração e Colonização**. São Leopoldo: Oikos, 2007. CD/ROM. pp. 151-153.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALEWICZ, Tiago. O Romantismo de Chopin e a cultura polonesa no exílio. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 47, 2010, pp. 25-34.

HASSE, Geraldo. **O Brasil da Soja: Abrindo Fronteiras, Semeando Cidades**. Porto Alegre: LP & M editores, 1996.

HEYMANN, Luciana Quillet. "Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre os arquivos pessoais e o caso Filinto Müller". **Estudos Históricos**, 10(19):41-66, 1997.

_____. Arquivos e interdisciplinaridade: algumas reflexões. In: **Seminário CPDOC 35 anos: A Interdisciplinaridade nos estudos históricos**, 2008, Rio de Janeiro. <Disponível em: www.cpdoc.fgv.br>

_____. Procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de FHC: alguns comentários. In.: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL ARQUIVOS PESSOAIS DE TITULARES DE CARGOS PÚBLICOS: CURADORIA E TRATAMENTO TÉCNICO**, 2007, Rio de Janeiro. Disponível em www.cpdoc.fgv.br

_____. **Velhos problemas, novos atores: desafios à preservação dos arquivos privados**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

- HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOLLOWAY, T.H. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- IANNI, Octávio. A situação social do polonês. In: _____. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- IAROCZINSKI, Ulisses. **A Saga dos Polacos**. A Polônia e seus Emigrantes no Brasil. Curitiba, Edição do Autor, 2000.
- JURACH, Cleci Maria. **Poloneses Agricultores em Santa Rosa (RS)**: assimilação e integração. Trabalho de Graduação, Departamento de Geografia- UFRGS, 1978.
- KERBER, Alessandro Mario; PRODANOV, Cleber Cristiano; PUHL, Paula Regina. Representações étnicas no folhetim "Maria Bugra: episódio dos princípios da colonização alemã" e a construção da identidade da cidade de Novo Hamburgo. **Anos 90**, vol. 14, n. 16, 2007. pp. 191-214
- KLIEMANN, Luiza H. S. **RS: Terra e poder: história da questão agrária**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- KLOBUKOWSKI, St. **Wspomnienia z Podróży po Brazylii**, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i Ziemi Ognistej. Gazety Handlowo-Geograficznej, Lwów, 1898.
- KOIFMAN, Fábio. **Imigrante Ideal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- KOJROWICZ, Claudia S. Los inmigrantes polacos em Misiones y su primer pan de maíz. Pietermaritzburg, **XII Conferencia internacional de Historia Oral**, 2002.
- KRAWCZYK, Jan. **Z polski do Brazylii**: wspomnienia. Varsóvia: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2003.
- KUCHARSKI, Stefan. Bilingüismo e biculturação nas comunidades étnicas polonesas no sul do Brasil. **Perspectiva**, RS Vol. 20, n. 69 Erechim mar. 1996. p. 53-67
- LAGGEMAN, Eugenio. Imigração e Industrialização. In LANDO, Aldair Marli [org.], DACANAL, José H. Gonzaga, Sérgio et. al. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- LANDO, Aldair Marli [org.], DACANAL, José H. Gonzaga, Sérgio et. al. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 1982.

LE GOFF, J. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva, 1984.

LEVI, Giovanni. “O microscópio infinito”. Entrevista a **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Nº 41, ano 4, fevereiro de 2009.

_____. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LESSER, Jeffrey. Imigração e mutações conceituais da identidade nacional no Brasil, durante a Era Vargas. **Revista Brasileira de História**. Espaço Plural. São Paulo: ANPHU/Marco Zero, v. 28 (18), pp. 121-150, 1994.

ŁUKASZ, Danuta. **Las asociaciones polacas em Misiones, 1898-1938**. Varsóvia, Estudos Latinoamericanos, 1981.

MAESTRI, Mário. Poloneses no Rio Grande do Sul: uma história por contar-se. In: WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Montanhas que furam as nuvens! Imigração Polonesa em Áurea (1910-1945)**. Passo Fundo: Ediupf, 2002.

MALIKOSKI, Adriano. **Escolas étnicas dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul (1875-1939)**. Dissertação de mestrado, UCS, Caxias do Sul, 2014.

MANTELLI, Jussara . O Processo de Ocupação do Rio Grande do Sul e a Evolução Agrária. **Geografia**, Rio Claro, v. 31, n.mai/ago, p. 269-278, 2006.

_____. CANABARRO, I.S. A Organização de um Espaço Inter-Étnico: O Noroeste do Rio Grande do Sul. **Campo - Território**, v. 5, p. 333-348, 2010.

MARMILICZ, Paulo Tomaz. **A antiga colônia polonesa de Guarani das Missões e suas relações atuais**. Reflexão em torno do camponês guaraniense, sua trajetória histórica, suas realizações econômicas e desafios- 1891-1996. Ijuí: Policromia, 1996.

_____. **Linha Bom Jardim**. Cem anos de colonização 1898-1998. Ijuí: Policromia, 1998.

MARMILICZ, Simoni J. **A Soja como Estratégia de Reprodução Socioeconômica: O Caso dos Agricultores Familiares de Guarani das Missões – RS**. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFSM, 2013.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARX, K. **O Capital**. O processo global de produção capitalista. São Paulo, Difel, 1982.

- _____. **O 18 brumário e cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- MATEO, José. **Población, parentesco y red social em la frontera**. Lobos (provincia de Buenos Aires) em el siglo XIX. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2001
- MATOS, Alderi Souza de. **Polônia: Religião e política na encruzilhada da Europa**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7031.html>> 2008. Acessado em 10 de março de 2012.
- MAZUREK, Jerzy (org.). **Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul**. Varsóvia: Biblioteka Iberyjska, 2009.
- MENDONÇA, S. R. Estado e ensino agrícola no Brasil: da dimensão escolar ao extensionismo – assistencialismo (1930-1950). In: **VII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural**. Quito: ALASRO-FLACSO, 2006. P. 01-10.
- MENDRAS, Henri. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MÍGUEZ, Eduardo. Microhistoria, redes sociales e historia de las migraciones: ideas sugestivas y fuentes parcas. In: BJERG, María, OTERO, Hernán (comp.). **Inmigración y redes sociales em la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA, 1995.
- MIODUNKA, Wladyslaw T. Tupi, guarani, português, negro, mestiço, mulato, italiano, polaco, brasileiro. Configuração da identidade da comunidade polônica brasileira no contexto das transformações da identidade dos habitantes do Brasil. **Projeções: Revista de estudos polono-brasileiros – Ano II-1**, 2000.
- MOLAR, Jonathan de Oliveira, LAMB, Roberto Edgar. Imigração Polonesa: o sentimento identitário representado nas imagens da revista “Gazeta Polaca no Brasil”. **História, imagem e narrativa**, Rio de Janeiro, n. 12, abril, 2011. Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/imigracaopolonesa.pdf> acessado em 10/04/2012
- MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Silvano da. “Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 18, n. 53 (out.), p. 71-96, 2003.
- MONTEIRO, Katani M. **Um italiano irrequieto em contexto revolucionário** (um estudo sobre a atuação de Celeste Gobbato no Rio Grande do Sul- 1912-1914). Porto Alegre, dissertação de mestrado PUCRS, 2001.
- _____. **Entre o Vinho e a Política: uma biografia de Celeste Gobbato (1890-1958)**. Porto Alegre, Tese de Doutorado UFRGS, 2011.

MORUJÃO, Isabel. Apresentação. Revista do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar. **Cultura, Espaço & Memória**, n. 1, 2010.

MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: LANDO, Aldair Marli [org.], DACANAL, José H. Gonzaga, Sérgio et. al. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

NEUMANN, Rosane Márcia. A iniciativa privada na colonização do noroeste do Rio Grande do Sul: a Colonizadora Meyer. In: SIDEKUM, Antonio, GRÜTZMANN, Imgart, ARENDT, Isabel Cirstina (orgs.). **Campos múltiplos**. São Leopoldo: Oikos, 2008

NEVES, Delma Pessanha. (Org.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. Formas dirigidas de constituição do campesinato. São Paulo; Brasília: UNESP; NEAD, 2008, v. 2, p. 89-108.

NEVINSKI FILHO, Estácio. Os Poloneses em Porto Alegre. **Projeções**. Revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba. Ano IV, n. 1. p. 85-92.

NOWICKA, Urszula Uszyńska. Wspomnienie o Profesorze Wacławie J. Strażewiczu. **Medycyna i Zdrowie**. 1/2009.

OLIVEIRA, Márcio de. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914. **Estudos Históricos**, vol. 22, n. 44, Rio de Janeiro, jan/jun, 2009.

_____. Os poloneses do Paraná (Brasil) e a questão da nacionalização dos imigrantes (1920-1945). In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

OTRANTO, Celia Regina. A Política de Educação Superior Agrônômica no Início do Século XX: A Criação da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. **26ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)**. Site da ANPEd: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/celiareginaotranto.doc>>. 2003. Acessado em 19/01/2014

PALECZNY, Tadeusz. Núcleos polônicos no Brasil: reservas de monoetnicidade ou enclaves de multiculturalismo. **Projeções**: Revista de estudos polono-brasileiros – Ano II-2, 2000.

PENKACZ, Jolanta. Deconstructing a "National Composer": Chopin and Polish Exiles in Paris, 1831-49. **19th-Century Music Special Issue: Nineteenth-Century Pianism**. Vol. 24, No. 2, .2000. pp. 161-172.

PARANÁ. Secretaria da Cultura e do Esporte. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. **A represa e os colonos**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: Economia e poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. A questão da identidade nacional: o Brasil frente à latino-americanidade. **Projeções**: Revista de estudos polono-brasileiros – Ano III, 2001.

_____. **RS: Agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1973.

PETERSEN, Sílvia. Da historiografia aos bancos da escola: O tema do trabalho e dos trabalhadores nos livros didáticos de História do Brasil no século XIX. In: FORTES, Alexandre et al. **Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a história do trabalho**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

_____. **Que a União Operária seja a Nossa Pátria**: História das lutas dos gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: Editora UFSM e UFRGS, 2001.

PETKEVIČIUS, Rolandas, TYPEK, Joanna, BILEK, Maciej. Jan Kazimierz Muszyński (1884-1957) prekursor em badań etnobotanicznych na Litwie. **Etnobiologia Polska**, vol. 4, 2014, pp. 55-82. Disponível em http://etnobiologia.com/2014/eb4_55-82%20petkevicius%20et%20al.pdf, acessado em 08/05/2015.

PETRONE, Maria T. S. **O Imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PITON, Jan. Periódicos de Língua Polonesa no Brasil. In.: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa Volume III**, Curitiba, 1971. Pp. 80-103.

PLOEG, Jan Douwe Van der. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, Sérgio (org.). **A diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

_____ et al. On regimes, novelties, niches and co-production. In: **Seeds of transition: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture**, Assen: Van Gorcum, 2004 pp. 1-30.

POLANCZYK, Antonio José. **O Imigrante polonês e a colônia Guarany**. Porto Alegre: Renascença, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PONTES, Beatriz Maria Soares. A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx. **Revista Nera**, ano 8, n. 7 julho/dezembro de 2005. Disponível em <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/07/Pontes.PDF> acessado em 18/06/2013.

PORTER, Brian A. The social Nation and Its futures: English Liberalism na Polish Nationalism in Late Nineteenth-Century Warsaw. **The American History Review**, Vol. 101, n. 5, 1996. Disponível em <http://links.jstor.org/sici?sici=0002-8762%28199612%29101%3C1470%ATSNAIF%E2.0.CO%B2-Z> acessado em 18/06/2013.

POTOPOWICZ, Żabko. **Historja Osadnictwa Polskiego w Brazylii**. Varsóvia: Syndykat Emigracyjny Warszawa, 1936.

PYZIK, Estanislau. **Los polacos en la República Argentina y América del Sur desde el año 1812**, Buenos Aires, 1966.

RAMBO, Arthur Blásio. A Igreja dos Imigrantes. In: DREHER, Martin N. (org.). **500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: Edições EST, 2002.

RADÜNZ, Roberto. Deuschtum e italianità: uma introdução à historiografia comparada no Sul do Brasil. In: GIRON, Loraine Slomp, RADÜNZ, Roberto (orgs.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

RAMELLA, Franco. Por un uso fuerte del cocepto de red em lós estúdios migratorios. In: BJERG, María, OTERO, Hernán (comp.). **Inmigración y redes sociales em la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA, 1995.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REYMONT, Wladyslaw. **A lei do Cnute e contos**. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

RIBEIRO, Ester Rosa. “Nós queremos unicamente abrazeirar o Ginásio...: o caso dos professores estrangeiros em Rio Grande – RS, 1936”. **XI Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras**, Novo Hamburgo-Feevale, 2010.

ROCHE, Jean. **A colonização Alemã e o Rio grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RÜCKERT, Aldomar A. **Metamorfoses do território**. A agricultura de trigo/soja no planalto médio rio-grandense 1930-1990. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

RUGGIERO, Antonio de. **Emigrati Toscani nel Brasile Meridionale 1875-1914**. 2011. 272 f. Tese (doutorado in Storia) – Dottorato di ricerca in Studi Storici per l'età Moderna e Contemporanea, USF, Firenze, 2011.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do vinho**: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Alba Cristina Couto Dos. **As Marcas de Amstad no Cooperativismo e no Associativismo Gaúcho: As Rememorações da Associação Theodor Amstad e da Sicredi Pioneira Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2013.

SARNA, Jonathan D. From Immigrants to Ethnics: Toward a New Theory of "Ethnicization". **Ethnicity**, Academic Press, v. 5, p. 370-378, 1978. Disponível em: <http://www.bjpa.org/Publications/details.cfm?PublicationID=12079>. Acesso: 01 out. 2013

SCHALLENBERGER, Erneldo. **O Associativismo Cristão no Sul do Brasil: A contribuição da Sociedade União Popular e da Liga das Uniões Coloniais para a organização social e o Desenvolvimento Sul-brasileiro**. Tese de Doutorado, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

SCHLESINGER, Sérgio; NUNES, Sidemar Presotto; CARNEIRO, Marcelo Sampaio. (Orgs.). **A agricultura familiar da soja na região sul e o monocultivo no Maranhão**. Rio de Janeiro: FASE, 1ª. ed., v. 1, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

_____. A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de contexto. In: GUAZZELLI, Cesar A. B., PETERSEN, Silvia, R. F., SCHMIDT, Benito B., XAVIER, Regina C. L. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

_____. **Em busca da terra da promessa**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

SCHNEIDER, Sérgio. **Os colonos da Indústria calçadista**: a expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Brasil. Dissertação de mestrado UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. A atualidade da contribuição de Leo Waibel ao estudo da agricultura familiar. **Boletim Gaúcho de Geografia**. V. 28. n.1. p. 25-41. Porto Alegre, 2002.

_____. Reflexões sobre diversidade e diversificação agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. **Revista RURIS**, Campinas/UNICAMP/SP, Vol. 4; Nº 01, Março, 2010, pg. 85-131.

_____. OLIVEIRA, Daniela; GAZZOLA, Márcio. Produzindo novidades na agricultura familiar: agregação de valor e agroecologia para o desenvolvimento rural. **Cadernos de Ciência e tecnologia**, Brasília, vol. 28, n.1, 2011.

SCHR, Zdzislaw, M. Algumas considerações sobre o livro de Isabel Rosa Gritti a respeito de preconceito em relação à imigração polonesa no Rio Grande do Sul. **Projeções**, ed. 16, 2008, pp. 13-29.

SCHWARTSMANN, Leonor C. B. **Entre a mobilidade e as inovações**: a presença de médicos italianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, tese de doutorado PUCRS, 2013.

SEIDL, Ernesto. Intérpretes da história e da cultura: carreiras religiosas e mediação cultural no Rio Grande do Sul. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 16, p. 77-110, 2007.

SEIXAS, Xosé Manoel Nuñez. Modelos de liderazgo em comunidades emigradas: algunas reflexiones a partir de los españoles em América (1870-1940). BERNASCONI, Alicia, FRID, Carina. **De Europa a las Américas. Dirigentes y liderazgos (1860-1960)**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica: um estudo de caso. **Anuario Antropológico**. Rio de Janeiro, 1991.

_____. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 1, abril, 1997. pp. 95-131.

_____. Construindo a Nação: Hierarquias e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. In.: **Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996**.

_____. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 14, novembro, 2000. pp. 143-176.

_____. Colonização, Imigração e a Questão Racial no Brasil. **Revista USP**, nº 53, São Paulo, 2002, pp. 117-48.

_____. Imigrantes colonos: ocupação territorial e formação camponesa no Sul do Brasil. NEVES, Delma Pessanha. (Org.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. Formas dirigidas de constituição do campesinato. São Paulo; Brasília: UNESP; NEAD, 2009, v. 2, p. 89-108.

SHANIN, Teodor. **Late Marx and the Russian road**: Marx and "the peripheries of capitalism". Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983.

SILVA, Haike. R. K. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**: a história de uma liderança étnica (1868-1950). 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2006. v. 500.

SILVA, Márcio Antônio Both da. **Por uma lógica camponesa: caboclos e imigrantes na formação do agro do planalto rio-grandense (1850-1900)**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2004.

_____. Caboclos: As especificidades históricas e os diferentes empregos de uma palavra. **Anais XII Encontro Estadual de História Anpuh-RS**, São Leopoldo, 2014.

SILVA JR. Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas** (estudo centrado no Rio Grande do Sul–Brasil, 1854-1940). Tese de doutorado em História-PUCRS. Porto Alegre, 2004.

SIMMEL, Georg. **Sociologia, 2**: Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SIUDA-AMBRIZIAK, Renata. Identidade dos meios polônicos locais nas estruturas das paróquias da Sociedade de Cristo no sul do Brasil. **Projeções**: Revista de estudos polono-brasileiros – Ano II-1, 2000.

_____. MALINOWSKI, Mariusz. O Gaúcho-polonês no contexto da pluralidade cultural étnica do Rio Grande do Sul. **Projeções**: Revista de estudos polono-brasileiros – Ano II-2, 2000.

SOARES, W. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Tese (Doutorado em Demografia) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

_____ & RODRIGUES, Roberto Nascimento. Redes sociais e conexões prováveis entre migrações: internas e emigração internacional de brasileiros. **São Paulo Perspec.** [online]. 2005, vol.19, n.3, pp. 64-76. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392005000300006> Acessado em 03/07/2014.

SOUTELO VÁZQUEZ, R. Memoria oral y identidad étnica da inmigración española a Latinoamérica en el siglo XX: los gallegos en Brasil, 1880-1970. **Estudios Migratorios**, n. 6, p. 97-124, 1998.

SMOLANA, Krzysztof. Sobre a gênese do estereótipo do Polonês na América Latina (caso brasileiro). **Estudios Latinoamericanos**, n. 5. p. 69-85, 1979

STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)*. Porto Alegre: EST/UCS. Caxias do Sul, 1976.

_____. BUSATTA, Félix. **Josué Bardin: história e religião das colônias polonesas**. Porto Alegre: EST, 1981.

STEMMACHOWSKI, Andrzej. Situação da comunidade polônica na América Latina no contexto dos fenômenos no movimento polônico no mundo. **Projeções: Revista de estudos polono-brasileiros – Ano II-1**, 2000.

STEMPLOWSKI, Ryszard. Los colonos eslavos del Nordeste Argentino (1897-1938). Problemática, fuentes e investigaciones em polonia. Varsóvia, **Estudios Latinoamericanos**, 1985.

STREIFF, Jocelyne Fenart & POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**: São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

SUSIN, Ivania Valim: O Acervo Fotográfico de Edmundo Gardolinski como lugar de uma memória arquivada. In: **Anais do XIV Encontro Regional de História ANPUH-RJ, Rio de Janeiro**, 2010.

TILLY, Charles. Migration in modern european history. In. MCNEILL, W.H. & ADAMS, R. S. **Human Migration**. Patterns and policies, Bloomington: Indiana University Press, 1978.

THOMPSON, Eric P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**, Porto Alegre: UFRGS, n. 15, 2001/2002.

TOMACHESKI, Mauro. “Não sou senhor de vossas consciências ou almas”: senso comum e a diversidade de opções religiosas numa colônia polaca da “febre brasileira”. In: **Anais do XI Encontro Estadual de História - história, memória e patrimônio**, 11, 2012, Rio Grande: ANPUH-RS, 2012. CD-ROM.

_____. **A terra prometida da Virgem Maria: imigrantes, viajantes, intelectuais e colonos na imigração polaca**. Dissertação de mestrado, UNISINOS, 2014.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. Os poloneses no Rio Grande do Sul: novas fontes e temas de pesquisa. São Leopoldo, **Anais de evento (XX simpósio de História da Imigração e Colonização e Seminário Internacional “A História da Imigração e sua(s) Escrita(s)”**), 2012.

_____. *Polkość*, Identidade e Etnicidade Polonesa: Conceitos em Construção. Passo Fundo, **Anais do II Congresso Internacional de História Regional**, 2013.

_____. Redes Sociais e Mediadores nos Estudos Imigratórios: Ceslau Biezanko e Jan Wróbel na introdução da soja em Guarani das Missões no início da década de 1930. In: **XII Encontro Estadual de História - ANPUH-RS**, 2014, São Leopoldo. História, Verdade e Ética: anais / XII Encontro Estadual de História de 11 a 14 de agosto de 2014, 2014.

TRUZZI, OSVALDO. Redes em processos migratórios. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, V. 20, n.1 2008. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n1/a10v20n1.pdf>>: acesso em 21 nov. 2013.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VIANNA, Aurelio. **Etnia e território**: os poloneses de Carlos Gomes e a luta contra as barragens. Rio de Janeiro: Cedi, 1992.

VENDRAME, Máira Inês. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. Tese (doutorado em história) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2013.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janáina. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp.247-265.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O camponês polonês no Brasil**: raízes medievais da mentalidade emergente. Tese à Docência Livre, Curitiba, 1974.

_____. **As escolas da colonização polonesa no Brasil**. Curitiba: Champagnat, 2002.

_____ & SCHR, Zdzislaw, M. **Perfis polônicos no Brasil**: Ed. Vicentina, Curitiba, 2000.

_____. Messianismo, Polonidade e Nova Polônia no Brasil. **Projeções**: Revista de estudos polono-brasileiros, Ano III, 2001

WAIBEL, Leo. As Zonas Pioneiras do Brasil. p.389-422. **Revista Brasileira de Geografia** a, v.17, n.4, 1955.

_____. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

WALASZEK, Adam. "Wychodzcy", Emigrants or Poles? Fears and Hopes about Emigration in Poland 1870-1939", In: **AEMI Journal**, 1, Aalborg, 2003.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Rio de Janeiro, In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2003, nº 21, p. 42-62.

_____. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: **Anais do XX Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu, MG, 1996.

WENDLING, Líbia Maria Martins. O imigrante polonês no RS. In: **Estudos Leopoldenses**. São Leopoldo, 1971, n. 17.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília: editora UNB, 3. ed. v. 1., 1994.

WEBER, Regina. Uma ponte para Terebin. **Métis: história e cultura**, v. 17, n. 13, jan/jun, 2008. pp. 319-322.

_____. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antonio, GRÜTZMANN, Imgart, ARENDT, Isabel Cirstina (orgs.). **Campos múltiplos**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

_____. Galegos no sul do Brasil: alternativas na América. **Anos 90**. v. 17, n. 31. jul. 2010. p. 78-108. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/index> acessado em 24/02/2010.

_____. Historiografia da imigração polonesa: entre números e identidades. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, Anpuh, São Paulo, 2011.

_____. Estudos étnicos no Rio Grande do Sul: análise historiográfica. In: HERÉDIA, Vania Beatriz M.; RADÜNZ, Roberto (Org.). **História e imigração**. Caxias do Sul: EDUCS, 2011. p. 269-283.

_____. Espanhóis no sul do Brasil: diversidade e identidade. **História: questões e debates**, n. 56, jan/jun, Curitiba: Editora da UFPR, 2012. pp. 137-157.

_____. Líderes e intelectuais étnicos: significados e interpretações. **Diálogos**, vol. 8, n. 2, Maringá, 2014. Pp. 703-733.

_____. Instituições da área de dominação austríaca e sua influência sobre os imigrantes poloneses. **Polonicus**. Revista de reflexão Brasil-Polônia. Curitiba. v./1-2, 2014. p. 71-80.

_____. Agentes étnicos religiosos e laicos entre os poloneses. No prelo, 2015.

_____. & PEREIRA, Elenita M. Halbwachs e a memória: contribuições à história cultural. In: **Território e fronteiras**. Cuiabá, vol. 3, n.1 (jan./jun. 2010), p. 104-126

_____. & WENCZENOVICZ, Thais J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. In: **História UNISINOS**. São Leopoldo, RS Vol. 16, n. 1 (jan./abr. 2012), p. 159-170.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Montanhas que furam as nuvens!** Imigração Polonesa em Áurea (1910-1945). Passo Fundo: Ediupf, 2002.

_____. **Pequeninos poloneses:** Cotidiano das crianças polonesas (1920-1960). Xanxerê: News Print, 2010.

_____. **Edmundo Gardolinski:** um engenheiro memorialista. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

WERLE, Bibiana. **A campanha da nacionalização em Estrela-RS:** Impacto e memórias. Monografia de conclusão de curso em História-UFRGS, Porto Alegre 2011.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil:** estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

WILLIAMS, Gary W. & THOMPSON, Robert Lee. **A indústria de soja no Brasil:** estrutura econômica e políticas de intervenção do governo no mercado. In: Coleção Análise e Pesquisa, Brasília: 1988.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura: São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **Uma Ponte para Terebin.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

WOLF, E. Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar In: **Antropologia e Poder.** Brasília, Editora da Unb, Editora da UNICAMP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, pg.117-144.

_____. **Sociedades Camponesas.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976

WONSOWSKI, João Ladislau. **Nos peraus do rio das Antas:** núcleo de imigrantes poloneses da ex-colônia Alfredo Chaves. Porto Alegre: EST/UCS, 1976 [1890]. Tradução e notas de Alberto Victor Stawinski.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e Memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 14, novembro, 2000. pp 205-238.

_____. Entre la Antropologia y la Historia: colonos, campesinos y memoria familiar em Brasil. In: BJERG, María, BAIXADÓS, Roxana (Eds.) **La Familia:** campo de investigación interdisciplinario. Teorías, métodos y fuentes. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2004.

_____. **Herdeiros, parentes e compadres.** São Paulo, Hucitec, 1995.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Agricultores, camponeses e também colonos descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul. In: NEVES, Delma Pessanha. (Org.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. Formas dirigidas de constituição do campesinato. São Paulo; Brasília: UNESP; NEAD, 2008, v. 2, p. 89-108.

_____. **Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

ZARTH, Paulo Afonso. **História agrária do planalto gaúcho 1850-1920**. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.

_____. Agricultura e abastecimento no sul do Brasil. In.: SIDEKUM, Antonio, GRÜTZMANN, Imgart, ARENDT, Isabel Cirstina (orgs.). **Campos múltiplos**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

_____. História, agricultura e tecnologia no noroeste do Rio Grande do Sul. In.: ANDRIOLI, Antonio Inácio. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. Ijuí: UNijuí, 2009.

ZUBRZYCKI, Bernarda. Inmigrantes polacos y sus descendientes em província de Buenos Aires, Argentina. Um estúdio preliminar. Varsóvia, **Revista del Cesla**, 2001.

ZUBRZYCKI, J. Emigration from Poland in the Nineteenth and Twentieth centuries. **Population Studies**, vol. 6, n. 3, 1953.

FONTES CONSULTADAS

CARTAS:

Polonês:

Cartas de Ceslau Biezanko para Edmundo Gardolinski. 11 cartas, de 28 de junho de 1958 a 27 de janeiro de 1972.

Cartas de Edmundo Gardolinski para Ceslau Biezanko. 14 cartas, de 11 de outubro de 1957 a 13 de julho de 1974.

Carta da Escola do Exército de Bydgoszcz para Ceslau Biezanko. 7 de março de 1929.

Carta da Revista “O Campo” para Ceslau Biezanko. 13 de dezembro de 1933.

Português:

Cartas de Ceslau Biezanko para Edmundo Gardolinski. 26 cartas, de 27 de setembro de 1957 a 01 de dezembro de 1971.

Cartas de Edmundo Gardolinski para Ceslau Biezanko. 33 cartas, de 03 de dezembro 1958 a 23 de janeiro de 1972.

Cartas de José Kurylo para Edmundo Gardolinski. 5 cartas, de 23 de outubro de 1962 a 04 de fevereiro de 1969.

Outras:

Ceslau Mario Biezanko. Carta para União dos Funcionários Municipais do Rio Grande do Sul. 25 Fev. 1969.

Ceslau Mario Biezanko. Carta para Tadeu Hamerski. 1976.

Edmundo Gardolinski. Carta para Humberto Lazzardi. 01 Ago. 1957.

Edmundo Gardolinski. Carta para José Kurylo. 28 Jul. 1966.

Edmundo Gardolinski. Carta para José Kurylo. 22 Set. 1969.

José Corodeletti. Carta para Ceslau Biezanko. 04 Fev. 1969.

PERIÓDICOS:

Português

A Serra, s/l, 1959.

Revista Chácaras e Quintais. São Paulo (1963).

Revista Agricultura & Cooperativismo. Porto Alegre (1976).

Diário Popular. Pelotas (várias datas, década de 1950 a 1980).

Diário de Notícias. Porto Alegre (várias datas).

Correio Do Povo. Porto Alegre. (13 mai. 1928. 7 jul.1971).

Zero Hora. Porto Alegre (05 mai. 1984).

Folha da Produção. s/l (16 mai. 1984).

Revista Cotrifatos, Santo Ângelo (1978).

Revista do Globo. Porto Alegre (1948).

A Visão. São Paulo, (1957).

Estado do Paraná. Curitiba (1977).

Polonês

Acervo Edmundo Gardolinski

Kalendarz Rio-Grandenski (Calendário Rio-Grandense). Porto Alegre (1930-1932).

Zarzewie (Cinzas). Varsóvia (1973).

Wiadomości (Mensagens). Wrocław (1976).

Dziennik Polski (Diário polonês). s/l, s/d.

Dziennik Zolnierze (Diário do Soldado). Londres (1967).

Słowo Ludu (Palavra do Povo). Kielce (1967, 1973).

Odrodzenie-Rolnik (Renascimento-Agricultor). Porto Alegre (1932, 1933, 1934).

Przemiany (Transformações). Kielce (1973).

Tygodnik Morski (Semanal Marítimo). Gdansk (1974).

Przekrój (Seção). Cracóvia (1973).

Panorama Polska (Panorama Polônia). Varsóvia (1973).

Orędownik (O Procurador). Posadas (1931, 1932, 1933, 1934).

Nasza Praca (Nosso Trabalho). Curitiba (1932, 1933, 1934).

Codzienny Niezależny Kurjer Polski w Argentynie (Diário Independente Correio Polonês na Argentina). Buenos Aires (1933).

Kurier Lubelski (Correio “Lublinense”). Lubin (1976).

Głos Nauczyciela (A voz do professor). Porto Alegre (1931, 1932).

Gazeta Zachodnia (Gazeta Ocidental). Poznan (1979).

Dziennik Bałtycki (Diário do Báltico). Gdansk, (1976).

Arquivo dos Padres Vicentinos

Lud (Povo). Curitiba (1931-1935 e várias datas).

Kalendarz Ludu (Calendário do Povo). Curitiba (1935, 1948, 1953, 1958, 1971).

HOMENAGENS E TÍTULOS:

Título de membro da Comissão Geográfica. Cracóvia (1924).

Título de Sócio Correspondente do Museu de Ciências Naturais. Viena (1960).

Poema de Hugo Diniz em homenagem a Biezanko (1963).

Poema de Vilmar Person: *Guarani das Missões, quem te viu e te vê*.

Título de Professor Ad Honorem. Faculdade de Humanidades y ciencias da Universidad de la Republica Oriental del Uruguay.

Título de Membro Honorário da Estación Experimental de Apicultura de Zaragoza. (1958).

Diploma de Sócio Titular da Academia Sul-Brasileira de Letras. Pelotas (1970).

Flamula de Mérito Concedida a Celsau Biezanko pelo Instituto Paranaense de Botânica. (1958).

Diploma em Português da Universidade de Poznan de Formação em Agro e Silvicultura. (1923).

Título de Cidadão Pelotense (1971).

Lista de Títulos de Ceslau Biezanko. Datilografadas por Gardlinski, s/l, s/d.

Livro “O emprego de substâncias químicas no combate às pragas constitui perigo digno de atenção” De Milton De Souza Guerra. Dedicado a Biezanko.

PRODUÇÃO INTELECTUAL:

BIEZANKO, Ceslau Mario. *Odrowaz Czeslaw* (Nota Histórica). Pelotas, 1966.

_____. *Michal Mutnianski*. Varsóvia, 1936.

_____. *Marceli Godlewski*, s/l, s/d.

_____. *Bronisław Wieliczko*. Curitiba, 1972.

_____. *Francesco Stancaro* (Nota Histórica). Curitiba: Gráfica Vicentina, 1963.

_____. *De onde os Italianos na Polônia*. s/l, s/d.

_____. O Saneamento das cidades e a fabricação de adubos de materiais fecais. Porto Alegre: *Egatea*, 1934.

_____. *Dois meses de caça Lepidopterológica nos arredores de Porto União e União da Vitória, em outubro e novembro de 1932*. Pelotas: Livraria do Globo, 1938.

_____. *Apontamentos sobre as migrações e invasões de Lepidópteros observados no Brasil (Rio Grande Do Sul) e Uruguay (1930-1950)*. Pelotas: Livraria do Globo, 1950.

_____. *A Cebola*, Rio Grande, 1935.

_____. *Cebula i jej Uprawa*, Curitiba: Oświata, 1935.

_____. Observações sobre as Caldas Cupricas. *Egatea*, Porto Alegre, 1934.

_____. *Relação de plantas exóticas e indígenas cultivadas em Guarani Das Missões (1930-1934) e em Pelotas (1934-1949) (Rio Grande Do Sul)*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1964.

_____. *Conservação da Madeira*, Porto Alegre: Egatea, s/d.

_____. *Breves apontamentos sobre alguns lepidópteros encontrados nos arredores de Itaiópolis*. Pelotas: Escola Agrícola Eliseu Maciel, 1941.

_____. *Algumas noções sobre a Soja*. Pelotas, 1958.

_____. *Stancaro Francesco Vittorio*. Curitiba: Gráfica Vicentina, s/d.

Lista de Publicações de Biezanko. 1945. s/l, s/d.

Bibliografia com Referências a Biezanko. Feita por Gardolinski. s/l, s/d.

Lista em polonês de instituições com coleções de Biezanko. Feita por Gardolinski. s/l, s/d.

Lista de congressos científicos que participou Ceslau Biezanko. Feita por Gardolinski. s/l, s/d.

Curriculum Vitae em Polonês, 1931.

Curriculum Vitae em Português, 1931.

Artigo em polonês sobre contatos científicos de Ceslau Biezanko com cientistas e especialistas. s/ass, s/l, s/d.

Coluna em Periódico, s/ass, s/l, s/d. “Już niewyszwy Czas!”, 1928.

Publicações diversas sobre entomologia (1954-1965).

DOCUMENTOS DE BIEZANKO

Carteiras de Identidade de Loja Maçonica do RS (1946 e 1950).

Carteira de Identidade para estrangeiros da França (1930).

Carteira do Ministério da Agricultura (1941).

Carteira Profissional (1948).

Carteira do Clube Comercial de Pelotas (1948).

4 Passaportes. Alemão (1917); Polonês (1931 e 1980); Brasileiro (1978).

Certificado de Registro Provisório de Professor (1941).

Carteira da Sociedade Colombófila (1943).

Nomeação de Professor Catedrático (1946).

Decreto de Naturalização (1944).

Diploma da Universidade de Poznan (1923).

Ksiazeczka Wojskowa (Caderneta Militar) (1914 e 1923).

Lei 5671/71 Concede Pensão Especial a Ceslau Biezanko (02 jul. 1971).

Diploma da Academia Sul-Brasileira de Letras (1983).

Ata da Concessão do Título de Cidadão Pelotense (1971).

Ata da 24ª sessão da Assembleia Legislativa do RS. Porto Alegre (1948). Fala de Celeste Gobato sobre Biezanko.

DOCUMENTOS OFICIAIS

Relatório da Secretaria de Obras Públicas. Diretoria de Terras e Colonização (1923, 1928).

Relatório da Secretaria de Obras Públicas. Diretoria de Agricultura, Indústria e Comércio (1930, 1931, 1934, 1937, 1938).

Registro de Imigrantes enviados para a Colônia Guarani (1901) e Núcleo Comandahy. (1909).

Relatório da Repartição de Estatística (1921).

Programa da *Liga Morska i Kolonialna* (1930 e 1931).

Decreto n. 19.448 (3 de dezembro de 1930).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Biblioteca do IBGE na internet* (portal). Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/>.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio - Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brazil - População. Vol. 4, 1ª parte. Typ. da Estatística, Rio de Janeiro: 1926

BIOGRAFIAS SOBRE BIEZANKO

Polonês

BORATYNSKI, Kajetan. Londres, 1959.

RIEDL, Tadeusz, KANIA, Czeslaw. Wroclaw, 1962.

WÓJCIK, Jan. Curitiba, 1958.

_____. “O Nosso Professor”, Paris, s/d. [texto]

Português

RIOS, Eliézer de Carvalho. Rio Grande, 1954.

GARDOLINSKI, Edmundo. Curitiba, 1965.

COUTINHO, Afrânio. Rio de Janeiro, 1961.

Espanhol

PÉREZ, Jesus Garcia. Madrid, 1964.

FAMÍLIA

Comprovante de Residência de Zofia Biezanko. Pelotas (1978).

Atestado de Óbito de Jonna Biezanko. Pelotas (1968).

Livro “Le Petit Paroissien” prestado para Biezanko por sua mãe. s/l, s/d.

Carta da Prefeitura de Balieu-Sur-Mére atestando casamento de Biezanko e Joanna (1936).

Documentos de Seguro de Vida de Jonna Biezanko.

Cartas e Despesas Médicas de Jonna Biezanko. Porto Alegre (1968 e 1969).

Convites para Recitais de Jonna Biezanko (1965).

Necrológicos: *Lud e Diário Popular* (1968).

Fotos Diversas e com várias datas.

FONTES ORAIS:

Zélia Lidwina Hamerski Kaminski (agricultora aposentada, 72 anos);
Gisela Ester Kaminski (funcionária pública, 41 anos);
Eduardo Warpechowski (dentista aposentado, 78 anos);
Afonso Adrzejewski (agricultor aposentado, 62 anos);
Cláudia Borkoski Andrzejewski (agricultora aposentada, +- 60 anos);
Paulo Tomaz Marmilicz (professor da rede pública, 49 anos);
Vilmar Person (funcionário público, 55 anos);
Wilhelm Lapp (caminhoneiro aposentado, 94 anos);
Maria Warpechowski Lacerda (dona de casa aposentada, 78 anos);
Ceslau Warpechowski (comerciante aposentado, 80 anos);
Erni Hintcher (curtidor aposentado, 87 anos);
Osmar Luiz Giovelli (empresário, s/idade);
Paulo Giovelli (empresário, s/idade);
Clara Beidacki Hintcher (dona de casa aposentada, 78 anos);
José Kaczerski (agricultor aposentado, 80 anos);
Aldona Wisniewski Kaczerski (agricultora aposentada, 75 anos);
Lúcia Ossowski (bancária aposentada, s/idade);
Edmundo Gardolinski Jr. (administrador de empresas aposentado, 68 anos);
Augusto Wastowski (supervisor de produção aposentado, 64 anos);
Estácio Nievinski (fotógrafo, s/idade);
Lourenço Biernaski (padre, 85 anos).

SITES:

GUARANI DAS MISSÕES. *Site Oficial*. Disponível em <http://www.guaranidasmissoes.rs.cnm.org.br/portall/intro.asp?iIdMun=100143176>
Acessado em 23/01/2014

CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA NO BRASIL. Disponível em <http://www.consuladopoloniasp.org.br/publicar/> Acessado em 04/04/2012.

REVISTA POLONICUS: *Biblioteca.* Disponível em http://www.polonicus.com.br/site/biblioteca_interna.php?cod=29 Acessado em 04/06/2013

POWSTANIE 1863. *Wprowadzenie.* Disponível em <http://powstanie1863.zsi.kielce.pl/> acessado em 23/01/2014.

BUSCA PERSONAS. *Rovida, Francesco.* Disponível em <http://comunidad.dateas.com/francesco-rovida-1> Acessado em 10/01/2014.

JORNAL GAZETA DO POVO Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bahl2lgekeorxbgu> acessado em 03/05/2015.

ARQUIVO CORPORATIVO DO MUZEUM POLSKICH ZWIĄZKÓW AKADEMICKICH I POLSKIEJ INTELIGENCJI. K! Lechicja. <http://www.archiwumkorporacyjne.pl/index.php/muzeum-korporacyjne/warszawa/k-lechicja/> Acessado em 08/05/2015.

OUTROS:

Discurso Comemoração do Septuagésimo Aniversário de Ceslau Biezanko. Pelotas (1965).

Lista em Polonês de Colaboradores de Biezanko, s/l, s/d.

Lista de livros estrangeiros com dedicatórias a Biezanko. Pelotas, Várias datas.

Material pesquisado por José Oswaldo Rodolfi. Guarani das Missões (1996).

Mapa de Guarani das Missões com as ruas do núcleo urbano (2014).

Registro e guia explicativo referente ao busto de Ceslau Biezanko em Guarani das Missões (2012).

Escritos de Paulo Ossowski sobre condição educacional de Guarani das Missões. Guarani das Missões, “Histórico” s/d;

Atas diversas de eleições de diretoria; decisões de reuniões; grupo docente; dados econômicos; entrevistas e históricos da Escolha Nossa Senhora de Czestochowa 1906-1996.

Currículo de Isidoro Ossowski.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. Produção agrícola 1958, Porto Alegre (1959).

Pankiewiczowi "Księża", s/l, s/d, s/ass. [volante]

Relatório de Miguel Chmielewski a Borges de Medeiros. Descreve excursão aos núcleos de imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul com o objetivo de recrutar voluntários para o exército polonês organizado na França durante a Primeira Guerra Mundial. São Leopoldo, 30 mar. (1918).

1896- Os Poloneses de Porto Alegre na Glória do Jubileu de Diamante- 1973, (Anexo: lista com nomes de poloneses ilustres em Porto Alegre). s/ass, s.l. [1973]. (dat.). artigo, em polonês.

Krajowa Agencja Informacyjna. Varsóvia (1970).

“Nie ma Chyba” de Wiesława Skotnicka, s/l, s/d. e “Badacz Owadów”, Varsóvia (1977). [texto]

“Znawca Owadów Brazylii i Polski”, s/l, s/d. [livro]

“Ceslau Biezanko (Dedykacja)” de Barbara Wachowicz, Kielce (1974). [texto]

“Szunią Dęby na Iguassú” de Antoni Olcha, Varsóvia (1960). [texto]

GARDOLINSKI, Edmundo. Vila de Guarani das Missões. *Problemy Polonii Zagranicznej*, Varsóvia, 1966-1967.

“Brasil e Brasileiros de Hoje”, s/ass. Rio de Janeiro, 1961. [livro]

“Brasil=Polonia”, Rio de Janeiro, 1933. [volante]

“Materiały do Biografii Polonica Ameryki Łacińskiej”, s/ass. Buenos Aires, 1975. [livro]

Histórico empresa “Il Giovelli”, Guarani das Missões, s/d.

Arquivo das Atas Novas de Varsóvia, seção MAE, pasta n° 9639, pp. 155-189. Perspectivas do Desenvolvimento da Emigração Polonesa no Estado de São Paulo.

CYBULSKI, Teodor. *O futuro, as possibilidades e os métodos da colonização polonesa no Brasil*. s/l, 1936.

Registros de Batismo da Paróquia de Guarani das Missões (1931-1934).

História da tropicalização da soja, por Gerlado Hasse. Texto no Jornal Já disponível em <http://jornalja.com.br/historia-da-tropicalizacao-da-soja/> acessado em 23/03/2015.

GARDIBALDI, Nelson Luiz. Homenagens a Ceslau Maria Biezanko. Pelotas: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, 1988.

ARQUIVOS:

Núcleo de Pesquisa em História da Ufrgs (Acervo Edmundo Gardolinski), Porto Alegre.

Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

Casa de Cultura Helena Carolina de Guarani das Missões, Guarani das Missões.

Biblioteca da Unisinos, São Leopoldo.

Biblioteca da Pucrs, Porto Alegre.

Museu Carlos Ritter da Ufpel, Pelotas.

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Arquivo da Paróquia São Vicente de Paulo, Curitiba.

Arquivo da Paróquia Santa Tereza D'Ávila, Guarani das Missões.

Arquivo da Escola Guaramano, Guarani das Missões.

Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, Erechim.

Arquivo Privado de Gisela Kaminski, Guarani Das Missões.

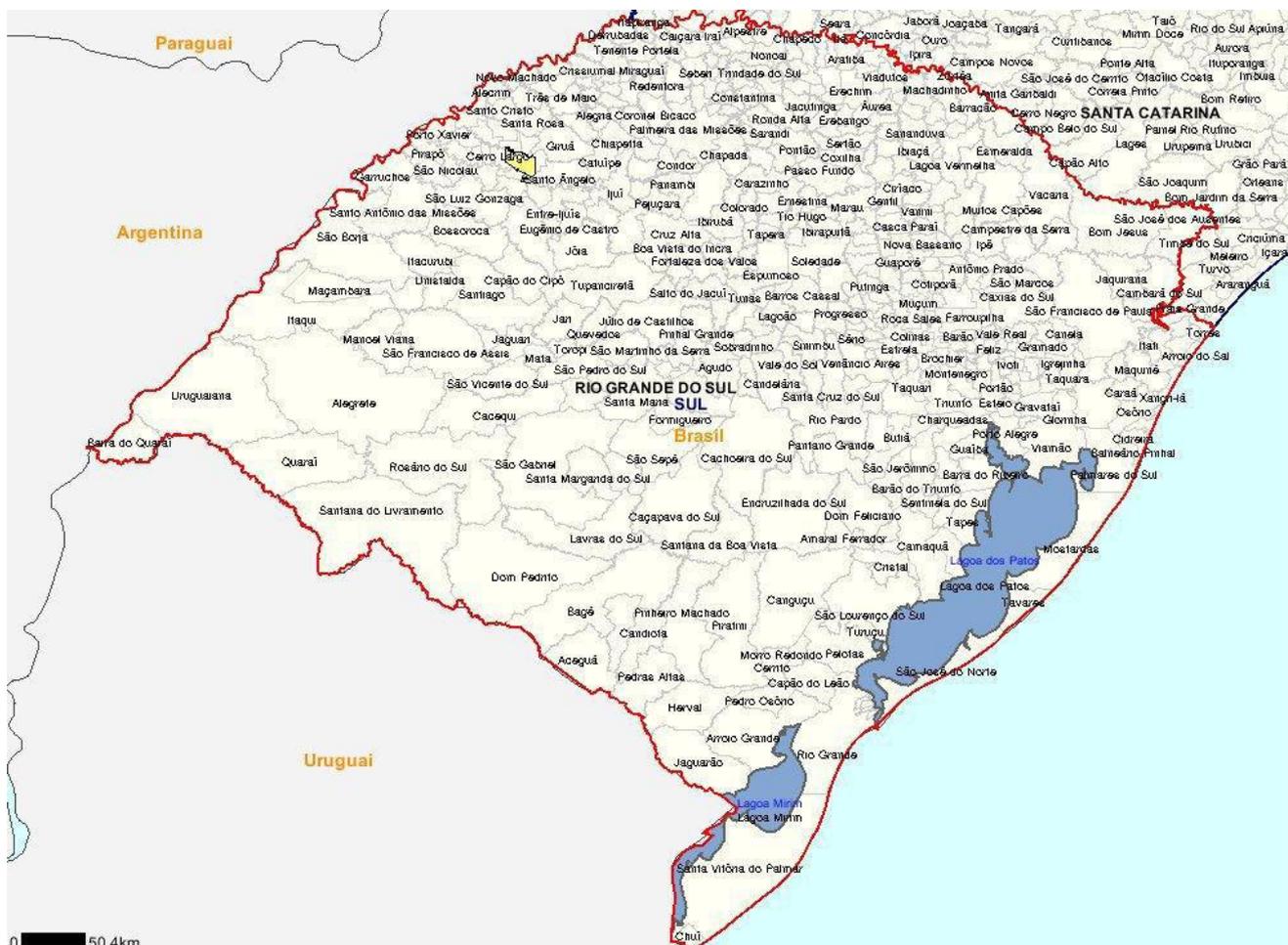
Arquivo Privado de Lúcia Ossowski, Guarani Das Missões.

Acervo Privado de Tiago Luís Gil, Porto Alegre.

Arquivo Privado de Rhuan Trindade, Porto Alegre.

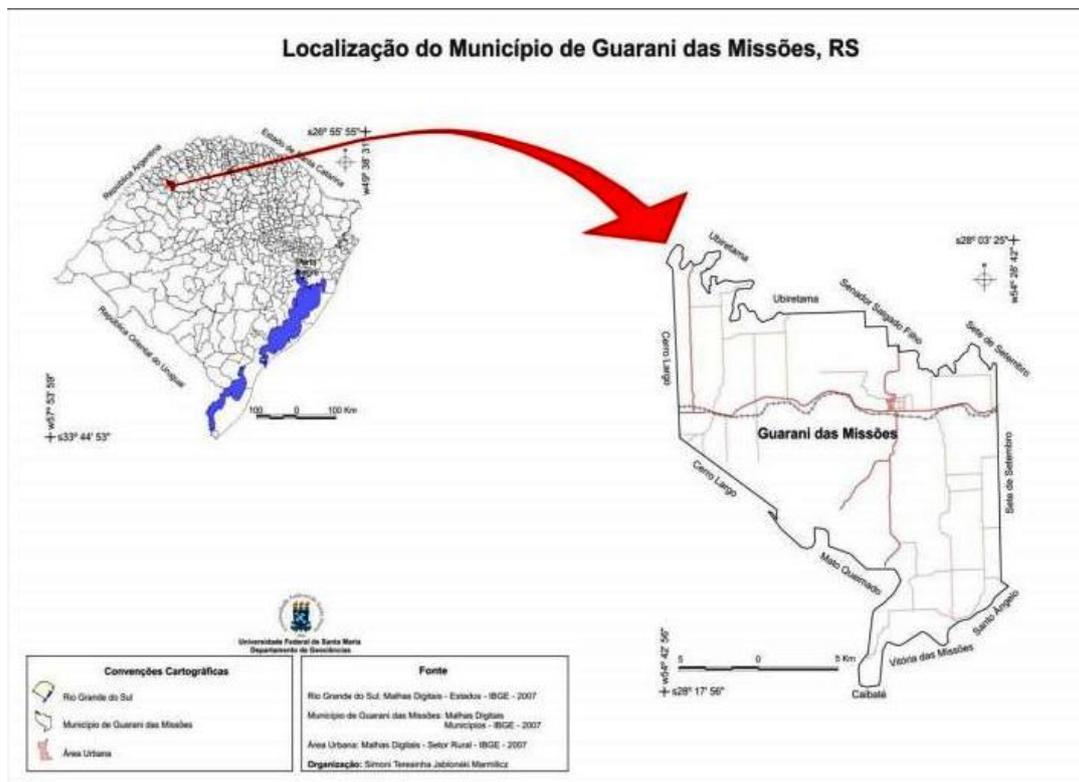
ANEXOS

ANEXO 1 - Localização atual do município de Guarani das Missões no Estado do Rio Grande do Sul



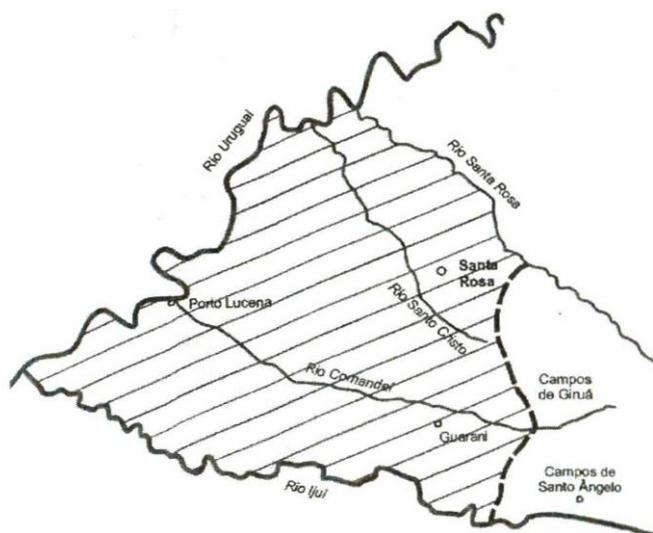
Fonte: www.ibge.gov.br/sidra

ANEXO 2 - Mapa de Guarani das Missões - 2015



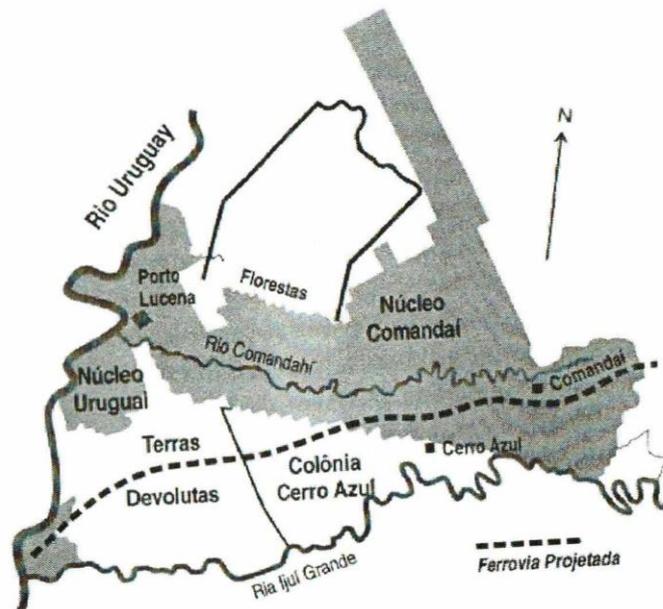
Fonte: IBGE-MARMILICZ,2013 (adaptado por Rhuan Trindade – 2015)

ANEXO 3 - Mapa da Colônia Guarany



Fonte: POLANCZYK (2010)

ANEXO 4 - Mapa da Colônia Guarany em 1912



Fonte: POLANCZYK (2010)

ANEXO 5 - Polônia em 1930



Fonte: http://cichecki.net/bebelno/grafika/bebelno_mapa_polski_1921-1939.gif acessado em 23/04/2014

ANEXO 4- Ceslau Biezanko em 1912. Kielce.



Fonte: Museu Carlos Ritter (UFPEL-Pelotas).

ANEXO 5 - Gabinete de Ceslau Biezanko, 1º assistente de química da Universidade de Poznan.



Fonte: Museu Carlos Ritter (UFPEL-Pelotas).

ANEXO 9 - Ceslau Biezanko, provavelmente em 1965.



Fonte: Acervo privado de Edmundo Gardolinski

APÊNCIDES

APÊNDICE 1- Síntese Cronológica da História da Soja no Brasil

- 1882 – Registro do primeiro plano Bahia.
- 1889 – primeiro artigo técnico do Instituto Agrônômico de Campinas, SP.
- 1900 – Plantios experimentais no Rio Grande do Sul.
- 1908 – Cultivo doméstico por imigrantes japoneses no interior paulista.
- 1914 – E.C. Craig ensina soja em Porto Alegre.
- 1921 – Pastor Albert Lehenbauer distribui sementes a colonos de Santa Rosa.
- 1923 – Henrique Lobbe inicia teste de variedades americanas em S. Simão, SP.
- 1930 – Czeslaw Bienzanko ensina o cultivo e o uso culinário no noroeste gaúcho.
- 1934 – Atriz Patricia Galvão traz sementes da China para o ministro Fernando Costa.
- 1935 – Neme Abdo Neme inicia experimentos no Agrônomo de Campinas.
- 1938 – Frederico Ortmann faz a primeira exportação do Rio Grande do Sul para a Alemanha.
- 1941 – A soja entra na estatística agrícola gaúcha.
- 1945 – A soja entra na estatística agrícola paulista
- 1948 – Swift incentiva o plantio no interior paulista para adicionar ao óleo vegetal Patroa, de algodão.
- 1950 – José Gomes da Silva inicia a Campanha da Soja no estado de São Paulo, introduzindo novas variedades americanas.
- 1951 – Francisco de Jesus Verneti começa a pesquisar soja no Ipeas, em Pelotas, RS; Incobrasa inaugura fábrica em Gravataí, RS, e lança óleo Santa Rosa, com tecnologia trazida por chineses fugitivos da revolução de Mao Tse Tung.
- 1952 – Sorol produz óleo de soja em Pelotas.
- 1955 – Chineses fundam Igol em Santa Rosa; soja é plantada para recuperar cafezais geados no Paraná.
- 1957 – Merlin lança óleo em lata em Porto Alegre.
- 1958 – Samrig inaugura fábrica em Esteio, RS, e lança óleo e margarina Primor, Shiro Miyasaka descobre no vale do Paraíba variedade de soja pouco sensível ao fotoperíodo; fundação da Federação das Cooperativas Triticolas do Sul (Fecotrigo).
- 1962 – Sadi Pilau monta fábrica em Giruá, RS.
- 1963 – Universidade Federal de Viçosa, MG, começa a estudar variedades para o cerrado.
- 1966 – É lançada na I Festa Nacional da Soja a primeira grande variedade brasileira, a Santa Rosa, fruto de cruzamento de linhagens americanas.
- 1967 – Banco do Brasil financia no interior gaúcho a Operação Tatu, marco inicial da dobradinha trigo-soja; I Festa da Soja em São Joaquim da Barra, SP.

Fonte: HASSE, Geraldo. O Brasil da Soja: abrindo fronteiras, semeando cidades. Porto Alegre: L &PM, 1996.

APÊNDICE 2 - Imagem da Rua Ceslau Biezanko em Guarani das Missões



Foto de Rhuan Trindade, 2014

APÊNDICE 3- Tabelas de plantas introduzidas por Biezanko em Guarani das Missões

Gênero	Gramineae	Araceae	Liliaceae	Amaryllidaceae	Cannaceae	Urticaceae	Polygonaceae	Ranunculaceae	Papaveraceae	Cruciferae
Espécies	<i>Brommus Mollis</i> L. <i>Dactylis multiflorum</i> Lam. <i>Triticum polonicum</i> L.	<i>Zantedeschia aethiopica</i> Spreng	<i>Allium porrum</i> L.	<i>Amaryllis belladonna</i> L.	<i>Canna Indica</i> L.	<i>Urtica dioica</i> L.	<i>Rumex acetosa</i> L.	<i>Delphinium ajacis</i> L. <i>Nigella damascena</i> L. <i>Nigella sativa</i> L.	<i>Chelidonium majus</i> L. <i>Fumaria officinalis</i> L. <i>Papaver rhoeas</i> L. <i>Papaver somniferum</i> L.	<i>Brassica nigra</i> Koch <i>Hesperis matronalis</i> L. <i>Nasturtium armoracia</i> L. <i>Matthiola bicornis</i> DC. <i>Sinapis alba</i> L.
Gênero	Leguminosae	Malvaceae	Ubelliferae			Labiatae	Solanaceae	Compositae		
Espécie	<i>Anthyllis vulneraria</i> L. <i>Glycine Max</i> Merrill (12 variedades) ⁴¹⁷ <i>Lupinus albus</i> L. <i>Lupinus angustifolius</i> L. <i>Lupinus luteus</i> L. <i>Melilotus albus</i> Desr. <i>Melilotus officinalis</i> Desr. <i>Trifolium hybridum</i> L. <i>Trifolium incarnatum</i> L.	<i>Althaea officinalis</i> L.	<i>Anethum graveolens</i> L. <i>Apium graveolens</i> L. <i>Archangelica officinalis</i> Hoffman <i>Carum carvi</i> L. <i>Foeniculum vulgare</i> Miller <i>Pimpinella anisum</i> L. <i>Pimpinella saxifraga</i> L.			<i>Majorana hortensis</i> Moench <i>Mentha piperita</i> L. <i>Mentha pulegium</i> L.	<i>Datura stramonium</i> L. <i>Nicotiana alata grandiflora</i> Comes <i>Physalis alkekengi</i> L.	<i>Achillea millefolium</i> L. <i>Centaurea cyanus</i> L. <i>Cichorium intybus</i> L. <i>Matricaria chamomilla</i> L. <i>Tanacetum vulgare</i> L.		

Fonte: *Relação de plantas exóticas e indígenas cultivadas em Guarani Das Missões (1930-1934) e em Pelotas (1934-1949) (Rio Grande Do Sul), 1964. Tabela criada por Rhuan Trindade.*

⁴¹⁷ Estas são as variedades de soja, as quais segundo o livro de Biezanko foram unicamente introduzidas em Guarani.